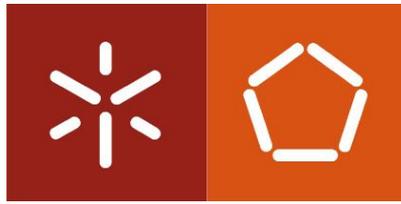


**Universidade do Minho**  
Escola de Engenharia

Rafael da Silva Azevedo

**Evolução dos Sistemas Fortificados: O  
Castelo e as Muralhas de Guimarães**

Julho de 2011



**Universidade do Minho**  
Escola de Engenharia

Rafael da Silva Azevedo

**Evolução dos Sistemas Fortificados: O  
Castelo e as Muralhas de Guimarães**

Dissertação de Mestrado

Mestrado Integrado em Engenharia Civil

Trabalho efectuado sob a orientação do(a)

Professor Doutor Paulo Lourenço

Professora Doutora Maria do Carmo Ribeiro

Julho de 2011

## **Agradecimentos**

A realização deste trabalho só foi possível devido a um conjunto de condições e meios postos à disposição, bem como à dedicação, empenho e vontade de várias pessoas, a quem gostaria de expressar os meus mais profundos e sinceros agradecimentos.

Desde já, queria principalmente agradecer aos meus orientadores, Professor Doutor Paulo Lourenço e Professora Doutora Maria do Carmo Ribeiro, por toda a colaboração, orientação e apoio tornando possível a realização deste trabalho. Agradeço ainda toda a disponibilidade prestada e todos os conhecimentos transmitidos ao longo desta dissertação.

À Sociedade Martins Sarmento pela disponibilização das suas instalações para pesquisa.

Ao presidente da Sociedade Martins Sarmento, Doutor Amaro das Neves, que gentilmente cedeu algumas fotografias e postais do castelo de Guimarães ajudando a completar este trabalho.

À Tânia que desde o início foi uma peça fundamental para a realização desta dissertação. Obrigado por todo o carinho, força e por tudo aquilo que tens feito por mim até hoje. Sem ti não era a mesma coisa.

Agradeço de forma especial os meus pais, por desde sempre disponibilizar todos os meios necessários para que fosse possível ter sucesso.

À minha família que de uma forma ou de outra apoiou e ajudou.

A todos os meus amigos que sempre estiveram do meu lado e me ajudaram. De todos agradeço em especial ao André Rodrigues, ao António Oliveira, à Paula Salgado, ao João Paulo Freitas, ao Filipe Mendes, à Ana Isabel Fernandes, à Patrícia Baptista, ao Rui Reis, ao Hélder da Costa, ao João Machado e ao Mário Cunha.



## Resumo

A construção de fortificações é uma actividade com milhares de anos que resulta, em última análise, da necessidade do Homem defender os seus bens e a própria vida. Por todo o mundo podem ser encontrados sistemas fortificados construídos de acordo com o local de implantação e as necessidades de defesa.

Em Portugal existem três tipos de estruturas fortificadas: os povoados fortificados, os acampamentos militares e os castelos. Os castelos dividem-se em quatro tipos de acordo com a sua forma de construção e características defensivas: o castelo roqueiro, o castelo condal, o castelo românico e o castelo gótico. Mais tarde, no fim da Idade Média surge a fortaleza abaluartada face ao aparecimento de armas de fogo. Os portugueses, na era dos descobrimentos, construíram nos seus territórios ultramarinos um vasto património de sistemas fortificados.

O Castelo de Guimarães, mandado construir nos finais do século X, pela Condessa Mumadona Dias, constitui um bom exemplo de castelo condal. Da estrutura inicial ainda não foram encontrados vestígios. Contudo, as várias alterações que sofreu, entre os séculos XI e XIV, encontram-se documentadas historicamente e arqueologicamente. Sabe-se, igualmente, que, entre o século XV e XVI, foi construído no interior do castelo um paço para residência do alcaide do castelo. A partir de então, o castelo serviu de prisão até ser abandonado e chegar a um estado iminente de ruína, nos finais do século XIX.

No ano 1937, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais realizou obras de restauro e conservação, evitando o seu colapso.

Actualmente, o Castelo de Guimarães sofre de algumas anomalias que exigem reparação. Principalmente os madeiramentos das coberturas das torres encontram-se em elevado estado de degradação sendo necessário proceder-se ao tratamento/substituição das peças de madeira. Foi também possível verificar na parede da alcáçova a existência de vazios, sendo por isso necessário proceder-se à consolidação da mesma.

Salienta-se ainda que existiam muralhas que protegiam todo o burgo de Guimarães e que foram construídas em duas fases. A primeira fase, no século XIII, e a segunda fase no século XIV, dividindo-se a vila em dois núcleos urbanos mais tarde unidos. O desaparecimento da maior parte da muralha deu-se a partir do final do século XVIII com a venda e roubo da pedra, sendo hoje apenas possível encontrar alguns dos seus troços, na sua maior parte integrados nas construções actuais da cidade.

**Palavras-chave:** Castelos; Fortes; Muralhas; Guimarães; Restauro



## **Abstract**

The fortification construction is an activity with thousands of years that results, ultimately, from the Men's need to defend his property and this own life. All over the world can be found fortified systems built according to the local constraints and needs of defense.

There are three types of fortified structures in Portugal: fortified settlements, military camps and castles. Castles are divided in four types according to their construction form and defensive characteristics: rocker, condal, romanic and gothic castle. Later, in the late Middle Ages the fortress with bastions given the emergence of firearms. In discoveries era, Portuguese built in their overseas territories a large heritage of fortified systems.

The Guimarães Castle, built in the late tenth century by the Countess Mumadona Dias is a good example of the condal castle. Traces from the initial structure have not been found. However, the several changes suffered between the eleventh and fourteenth centuries are documented historically and archaeologically. It is also known that between the fifteenth and sixteenth century, a court was built inside the castle for the mayor of the castle. Since then, the castle was used as a prison before being abandoned and reaching a state of imminent collapse in the late nineteenth century.

In 1937, the General Direction of National Buildings and Monuments performed restoration and conservation works in order to prevent their collapse.

Nowadays, the Guimarães Castle suffers some deficiencies that require repair. Especially the woodwork of the towers roof is in an advanced state of degradation being necessary to repair or replace them. It was also possible to check in the wall of the castle the existence of voids, so it is necessary to proceed to its consolidation.

It is also important to accentuate the fact that there walls the protected the entire town of Guimarães, which were built in two phases. The first phase, in the thirteenth century, and the second phase in the fourteenth century, dividing the village in two urban centers later attached. The disappearance of most of the wall took place since the eighteenth century with the sale and theft of the stone, being today only possible to find some of his pieces, mostly integrated into the current buildings of the city.

**Keywords:** Castles; Fortresses, Walls; Guimarães; Restoration



## Índice

1.	Introdução .....	1
1.1	Considerações Gerais .....	1
1.2	Objectivos .....	2
1.3	Organização da Dissertação.....	2
2.	Evolução dos Sistemas Fortificados .....	5
2.1	Período anterior ao século V a.C. ....	6
2.2	Período entre o século V a.C. e o IV d.C. ....	8
2.3	Período entre os séculos V e XII.....	11
2.4	Período entre os séculos XIII e XV.....	16
2.5	Período entre os séculos XVI e XVIII.....	21
3.	Evolução dos sistemas fortificados portugueses .....	23
3.1	Os Povoados Fortificados .....	23
3.2	Acampamentos Militares.....	26
3.3	Os Castelos .....	28
3.3.1	O Castelo Roqueiro e Condal.....	29
3.3.2	O Castelo Românico e Gótico .....	31
3.4	O Sistema Abaluartado.....	36
3.5	Mapa dos Castelos e Fortes em Portugal Continental.....	38
3.6	Fortificações Coloniais.....	39
3.6.1	África .....	39
3.6.2	Ásia e Oceânia.....	41
3.6.3	América do Sul.....	43
3.6.4	Mapa das Fortificações Coloniais .....	45
4.	Castelo e Muralhas de Guimarães .....	47
4.1	Fontes Disponíveis Sobre o Castelo e Muralhas de Guimarães .....	47
4.1.1	Fontes Escritas.....	47

4.1.2	Fontes Cartográficas e Icnográficas.....	49
4.1.3	Fontes Materiais .....	50
4.2	Introdução Histórica .....	51
4.3	O Monumento Actual.....	53
4.4	Evolução da Fortaleza .....	56
4.4.1	O Castelo.....	56
4.4.2	As Muralhas da Vila .....	63
4.5	Intervenções Realizadas no Castelo .....	72
5.	Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.....	77
5.1	Inspecção Realizada no Castelo.....	77
5.2	Proposta de Intervenção.....	81
6.	Conclusão .....	85
7.	Referências Bibliográficas .....	87
<b>Anexo I</b> – Castelos e Fortes de Portugal continental		
<b>Anexo II</b> – Mapas dos Castelos e Fortes de Portugal continental		
<b>Anexo III</b> – Fortificações Coloniais		
<b>Anexo IV</b> – Fotografias do castelo de Guimarães antes e depois da intervenção da D.G.E.M.N. em 1937		
<b>Anexo V</b> – Imagens virtuais da evolução do castelo de Guimarães (Google Sketch Up)		
<b>Anexo VI</b> – Fotografias, postais e notícias antigas relacionadas com o castelo e muralhas de Guimarães		

## Índice de Figuras

FIGURA 1 – PLANTA DA ACRÓPOLE DE MICENAS.	7
FIGURA 2 – POSSÍVEL RECONSTITUIÇÃO DA ACRÓPOLE DE MICENAS.	7
FIGURA 3 – PORTAS DE UM ACAMPAMENTO MILITAR ROMANO.	10
FIGURA 4 – PLANTA DE UM ACAMPAMENTO MILITAR ROMANO.	10
FIGURA 5 – VISTA DO ACAMPAMENTO MILITAR ROMANO.	10
FIGURA 6 – GRANDE MURALHA DA CHINA.	11
FIGURA 7 – PLANO DAS MURALHAS DA CONSTANTINOPLA.	12
FIGURA 8 – CORTE LONGITUDINAL DA MURALHA.	13
FIGURA 9 – MOTTE E BAILEY.	14
FIGURA 10 – QASR AL-HAYR AL SHARQI.	16
FIGURA 11 – PLANTA DA FORTIFICAÇÃO	16
FIGURA 12 – AMEIAS E ADARVE DE UM CASTELO.	17
FIGURA 13 – CASTELO DE MELGAÇO.	17
FIGURA 14 – CIDADELA DE JERUSALÉM. ADARVES ABOBADADOS.	18
FIGURA 15 – BALESTREIRO.	19
FIGURA 16 – TORRE COM CONTORNO ARREDONDADO.	19
FIGURA 17 – MURALHA DE SACSAYHUAMÁN.	20
FIGURA 18 – FORTE DE ST. ELMO	20
FIGURA 19 – ELEMENTOS QUE CONSTITUEM UMA FORTALEZA ABALUARTADA (EM PLANTA).	21
FIGURA 20 – PLANTA DO FORTE DE ELVAS.	22
FIGURA 21 – CITÂNIA DE SANFINS.	25
FIGURA 22 – ACAMPAMENTO ROMANO.	27
FIGURA 23 – CASTELO DA LOUSA.	27
FIGURA 24 – CASTELO DE ALGOSO.	30
FIGURA 25 – TORRE DO CASTELO DE TRANCOSO.	31
FIGURA 26 – ALAMBOR. CASTELO DE TOMAR.	33
FIGURA 27 – ORIFÍCIOS PARA A FIXAÇÃO DO HURDÍCIO. CASTELO DE LONGROIVA.	33
FIGURA 28 – PLANTA QUADRANGULAR VS. PLANTA CIRCULAR.	34
FIGURA 29 – PLANTA DO SÉCULO XVI DO CASTELO DE CASTRO LABOREIRO.	34
FIGURA 30 – TORRE DE MENAGEM ADOSSADA À MURALHA. CASTELO DE LANHOSO.	35
FIGURA 31 – MATACÃES. CASTELO DE PINHEL.	35
FIGURA 32 – TORRE DE MENAGEM. CASTELO DE BRAGANÇA.	36
FIGURA 33 – FORTALEZA DA PÓVOA DE VARZIM.	37
FIGURA 34 – FORTE DE SANTA LUZIA EM ELVAS.	37
FIGURA 35 – CASTELOS E FORTES DE PORTUGAL CONTINENTAL.	38
FIGURA 36 – CASTELO DO MAR, SALIR, MARROCOS.	40
FIGURA 37 – CIDADELA E FORTALEZA DE MAZAGÃO, EL JADIDA, MARROCOS.	40
FIGURA 38 – FORTALEZA DE SÃO MIGUEL, LUANDA, ANGOLA.	40
FIGURA 39 – FORTALEZA DE DAMÃO, DAMÃO, ÍNDIA.	41

FIGURA 40 – BALUARTE DO MAR, DIU, ÍNDIA.	41
FIGURA 41 – TORRE DE ARNALA, ARNALA, ÍNDIA.	41
FIGURA 42 – FORTE DA AGUADA, AGUADA, ÍNDIA.	42
FIGURA 43 – FORTE DE CORUJEM, CORUJEM, ÍNDIA.	42
FIGURA 44 – PERÍMETRO DE FORTALEZA PORTUGUESA, MALLACA, MALÁSIA.	42
FIGURA 45 – FORTE DE MONSERRATE, SALVADOR, BRASIL.	43
FIGURA 46 – FORTE DE SANTO ANTÓNIO DA BARRA, SALVADOR, BRASIL.	43
FIGURA 47 – FORTE DO MAR, SALVADOR, BRASIL.	43
FIGURA 48 – FORTE DE NOVA COIMBRA, CORUMBÁ, BRASIL.	44
FIGURA 49 – FORTALEZA DO PRÍNCIPE DA BEIRA, COSTA MARQUES, BRASIL.	44
FIGURA 50 – FORTE DO PRESÉPIO, BELÉM, BRASIL.	44
FIGURA 51 – FORTE DE SÃO JOSÉ DO MACAPÁ, MACAPÁ, BRASIL.	44
FIGURA 52 – MAPA-MUNDO POLITICO.	45
FIGURA 53 – JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 13 DE AGOSTO DE 1885.	48
FIGURA 54 – FOTOGRAFIA DO CASTELO DE GUIMARÃES ANTERIOR A 1863.	50
FIGURA 55 – TORRE DA ALFÂNDEGA.	51
FIGURA 56 – MUMADONA DIAS.	51
FIGURA 57 – CONDE D. HENRIQUE.	52
FIGURA 58 – D. TERESA.	52
FIGURA 59 – D. AFONSO HENRIQUES.	52
FIGURA 60 – PLANTA DO CASTELO DE GUIMARÃES.	53
FIGURA 61 – TORRE DE MENAGEM.	54
FIGURA 62 – ESCADAS DE ACESSO AO ADARVE.	55
FIGURA 63 – PATAMAR JUNTO À TORRE DA “FORÇA”.	55
FIGURA 64 – SILHARES SIGLADOS.	57
FIGURA 65 – SIGLAS DO CASTELO.	57
FIGURA 66 – CASTELO DE GUIMARÃES COM PAÇO DO ALCAIDE.	58
FIGURA 67 – CASTELO DE GUIMARÃES SEM PAÇO DO ALCAIDE E COM HURDÍCIO.	58
FIGURA 68 – ADARVE PRIMITIVO.	59
FIGURA 69 – SAPATA JUNTO PORTA DA TRAIÇÃO.	59
FIGURA 70 – VESTÍGIOS DA MURALHA VOLTADA A POENTE.	60
FIGURA 71 – VESTÍGIOS DO ÂNGULO NOROESTE.	60
FIGURA 72 – PLANTA DO CASTELO DE GUIMARÃES.	60
FIGURA 73 – CONJECTURÁVEL CASTELO DE GUIMARÃES DO SÉCULO XI E XII.	61
FIGURA 74 – PAÇO DO ALCAIDE DO CASTELO DE GUIMARÃES.	62
FIGURA 75 – CERCA VELHA.	64
FIGURA 76 – MURALHAS DE GUIMARÃES.	65
FIGURA 77 – CONJECTURÁVEIS MURALHAS DE GUIMARÃES.	66
FIGURA 78 – VESTÍGIOS DA MURALHA NA RUA EGAS MONIZ.	69
FIGURA 79 – TROÇOS DA MURALHA PARCIALMENTE/TOTALMENTE DEMOLIDOS.	70

FIGURA 80 – TROÇOS DA MURALHA PARCIALMENTE/TOTALMENTE DEMOLIDOS.	71
FIGURA 81 – MAPA DAS PRINCIPAIS INTERVENÇÕES REALIZADAS NO CASTELO DE GUIMARÃES EM 1937.	73
FIGURA 82 – ANTES DO RESTAURO.	74
FIGURA 83 – DEPOIS DO RESTAURO.	74
FIGURA 84 – CASTELO DE GUIMARÃES ANTES DA INTERVENÇÃO DA DGEMN	75
FIGURA 85 – LOGÓTIPO HUMANO GUIMARÃES 2012.	77
FIGURA 86 – MAPA DE DANOS RELATIVO À FISSURAÇÃO EM ALVENARIA DE PEDRA.	78
FIGURA 87 – LOCALIZAÇÃO DOS VÁRIOS ENSAIOS REALIZADOS NO CASTELO.	79
FIGURA 88 – COBERTURA DA TORRE NE.	80
FIGURA 89 – COBERTURA DA TORRE DE MENAGEM.	80
FIGURA 90 – ZONA DE ENSAIO NO PAÇO DO ALCAIDE.	81
FIGURA 91 – MAPA DAS INTERVENÇÕES A REALIZAR NO CASTELO DE GUIMARÃES.	83
FIGURA 92 – MAPA B CASTELOS E FORTES DE PORTUGAL CONTINENTAL.	107
FIGURA 93 – MAPA C: CASTELOS E FORTES DE PORTUGAL CONTINENTAL.	108
FIGURA 94 – MAPA D: CASTELOS E FORTES DE PORTUGAL CONTINENTAL.	109
FIGURA 95 – MURALHA JUNTO DA TORRE SUL ANTES DO RESTAURO.	121
FIGURA 96 – MURALHA JUNTO DA TORRE SUL DEPOIS DO RESTAURO.	121
FIGURA 97 – CAPELA E PAIOL JUNTO DA MURALHA NASCENTE ANTES DO RESTAURO.	122
FIGURA 98 – MURALHA NASCENTE DEPOIS DO RESTAURO.	122
FIGURA 99 – TORRE NORTE ANTES DO RESTAURO.	123
FIGURA 100 – TORRE NORTE DEPOIS DO RESTAURO.	123
FIGURA 101 –MURALHA DA VILA JUNTO DA TORRE NORTE ANTES DO RESTAURO.	124
FIGURA 102 –MURALHA DA VILA JUNTO DA TORRE NORTE DEPOIS DO RESTAURO.	124
FIGURA 103 – ESCADA JUSTAPOSTA À PORTA PRINCIPAL ANTES DO RESTAURO.	125
FIGURA 104 – ACESSO À PORTA PRINCIPAL DEPOIS DO RESTAURO.	125
FIGURA 105 – PORTA SOB A TORRE SUL ANTES DO RESTAURO.	126
FIGURA 106 – PORTA SOB A TORRE SUL DEPOIS DO RESTAURO.	126
FIGURA 107 – VISTA DO INTERIOR DO CASTELO ANTES DO RESTAURO.	127
FIGURA 108 – VISTA DO INTERIOR DO CASTELO DEPOIS DO RESTAURO.	127
FIGURA 109 – INTERIOR DA TORRE DE MENAGEM ANTES DO RESTAURO.	128
FIGURA 110 – INTERIOR DA TORRE DE MENAGEM DEPOIS DO RESTAURO.	128
FIGURA 111 – VISTA DA PRAÇA DE ARMAS ANTES DO RESTAURO.	129
FIGURA 112 – VISTA DA PRAÇA DE ARMAS DEPOIS DO RESTAURO.	129
FIGURA 113 – PORTA DA TRAIÇÃO ANTES DO RESTAURO.	130
FIGURA 114 – PORTA DA TRAIÇÃO DEPOIS DO RESTAURO.	130
FIGURA 115 – ÂNGULO NOROESTE ANTES DO RESTAURO.	131
FIGURA 116 – ÂNGULO NOROESTE DEPOIS DO RESTAURO.	131
FIGURA 117 – VISTA DA ALCÁÇOVA E DA TORRE NORDESTE ANTES DO RESTAURO.	132
FIGURA 118 – VISTA DA ALCÁÇOVA E DA TORRE NORDESTE DEPOIS DO RESTAURO.	132

FIGURA 119 – VISTA DO LADO POENTE DO ACTUAL CASTELO DE GUIMARÃES.	135
FIGURA 120 - VISTA DO LADO NASCENTE DO ACTUAL CASTELO DE GUIMARÃES.	136
FIGURA 121 – VISTA DO LADO NORTE DO ACTUAL CASTELO DE GUIMARÃES.	136
FIGURA 122 – VISTA DO ÂNGULO NOROESTE DO ACTUAL CASTELO DE GUIMARÃES.	137
FIGURA 123 – VISTA DO LADO POENTE DO CASTELO DE GUIMARÃES ANTES DO RESTAURO DA D.G.E.M.N.	137
FIGURA 124 – VISTA DO ÂNGULO SUL DO CASTELO DE GUIMARÃES ANTES DO RESTAURO DA D.G.E.M.N.	138
FIGURA 125 – VISTA DO LADO NASCENTE DO CASTELO DE GUIMARÃES ANTES DO RESTAURO DA DGEMN	138
FIGURA 126 – VISTA DO LADO NORTE DO CASTELO DE GUIMARÃES ANTES DO RESTAURO DA DGEMN	139
FIGURA 127 – VISTA DO ÂNGULO NE DO CASTELO DE GUIMARÃES ANTES DO RESTAURO DA DGEM	139
FIGURA 128 – CASTELO DE GUIMARÃES CONTEMPORÂNEO AO REI D. DINIS	140
FIGURA 129 – CASTELO DE GUIMARÃES COM HURDÍCIO CONTEMPORÂNEO AO REI D. DINIS	140
FIGURA 130 – VISTA DO LADO POENTE DO CASTELO DE GUIMARÃES CONTEMPORÂNEO AO D. AFONSO III	141
FIGURA 131 – VISTA DO ÂNGULO SUL DO CASTELO DE GUIMARÃES CONTEMPORÂNEO AO D. AFONSO III	141
FIGURA 132 – VISTA DO LADO NASCENTE DO CASTELO DE GUIMARÃES CONTEMPORÂNEO AO D. AFONSO III	141
FIGURA 133 – VISTA DO LADO NORTE DO CASTELO DE GUIMARÃES CONTEMPORÂNEO AO D. AFONSO III	142
FIGURA 134 – VISTA DO ÂNGULO NO DO CASTELO DE GUIMARÃES CONTEMPORÂNEO AO D. AFONSO III	142
FIGURA 135 – VISTA DO LADO POENTE DO CASTELO DE GUIMARÃES CONTEMPORÂNEO AO D. HENRIQUE	143
FIGURA 136 – VISTA DO ÂNGULO NO DO CASTELO DE GUIMARÃES CONTEMPORÂNEO AO D. HENRIQUE	143
FIGURA 137 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	147
FIGURA 138 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	147
FIGURA 139 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	148
FIGURA 140 – FOTOGRAFIA ANTIGA DO CASTELO DE GUIMARÃES	148
FIGURA 141 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	149
FIGURA 142 – FOTOGRAFIA ANTIGA DO CASTELO DE GUIMARÃES	149
FIGURA 143 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	150
FIGURA 144 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	150
FIGURA 145 – FOTOGRAFIA ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	151
FIGURA 146 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	151

FIGURA 147 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	152
FIGURA 148 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	152
FIGURA 149 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	153
FIGURA 150 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	153
FIGURA 151 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	153
FIGURA 152 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	154
FIGURA 153 – POSTAL ANTIGO DO CASTELO DE GUIMARÃES	154
FIGURA 154 – JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 26 DE JULHO DE 1907	155
FIGURA 155 - JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 7 DE MAIO DE 1926	156
FIGURA 156 – JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 30 DE SETEMBRO DE 1927	157
FIGURA 157 – JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 7 DE OUTUBRO DE 1927	158
FIGURA 158 – JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 14 DE OUTUBRO DE 1927	159
FIGURA 159 – JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 6 DE AGOSTO DE 1935	160
FIGURA 160 – JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 11 DE NOVEMBRO DE 1938	161
FIGURA 161 – JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 22 DE MARÇO DE 1940	162
FIGURA 162 – JORNAL “O COMÉRCIO DE GUIMARÃES”. EDIÇÃO DE 6 DE DEZEMBRO DE 1940	163



## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1 Considerações Gerais**

A arte de construir fortificações é uma actividade que existe desde os primórdios dos nossos tempos e que constitui o reflexo da necessidade das populações se protegerem, na tentativa de preservar os seus bens e mesmo a própria vida. A evolução das fortificações fez-se conforme os avanços no poder de ataque dos sitiados. Os primeiros sistemas defensivos terão surgido com as civilizações primitivas do Próximo Oriente, por volta do 3º milénio a.C. e o seu término deu-se no século XIX quando o poder de alcance e de destruição das armas de fogo tornou dispensável a construção de fortificações para defesa das populações.

Em Portugal encontram-se documentadas quatro tipos de estruturas militares que por antiguidade são: os povoados fortificados, os acampamentos militares, e os castelos. Os castelos, tal como nós os conhecemos, terão surgido no nosso país por volta do século X, com o alargamento do território cristão, e constituíam uma estrutura erguida no alto de um monte, destinada ao refúgio temporário, tendo desaparecido no fim da Idade Média para dar lugar à fortaleza moderna. Os portugueses construíram fortificações em Portugal Continental mas também ao longo do seu extenso império ultramarino, deixando um vasto património destas construções espalhadas por diferentes continentes.

O Castelo de Guimarães, construído a mando da Condessa Mumadona Dias, no século X, surgiu em consequência da necessidade de protecção dos religiosos do mosteiro de Santa Maria de Guimarães. Dessa primeira estrutura defensiva não foram encontrados vestígios. A fortaleza que hoje podemos visitar sofreu várias alterações ao longo dos séculos. A última grande alteração terá ocorrido no século XIV com a privatização de parte do castelo.

As muralhas que defendiam a vila, e das quais pouco resta, foram edificadas em duas fases. Primeiramente, no século XIII, foi construído um circuito amuralhado que apenas cercava a parte alta da vila. Mais tarde viria a ser edificado o circuito que envolveria a parte baixa da vila, que foi finalizado no século XIV.

O castelo, devido à sua inutilidade militar, chegou a um estado de iminente ruína, e durante o ano de 1937, sofreu obras de restauro levadas a cabo pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (D.G.E.M.N.) que procurou retribuir ao castelo o seu valor para a nação e principalmente para o povo de Guimarães. Agora, devido principalmente ao evento Guimarães 2012, o castelo vai sofrer obras de conservação, com vista a correcção de anomalias, de modo a que continue a ser um monumento emblemático e seguro para os milhares de pessoas que todos os anos o visitam.

## **1.2 Objectivos**

O objectivo geral da presente dissertação é contribuir para o estudo da evolução do Castelo de Guimarães e das suas muralhas tendo em conta as transformações arquitectónicas que conheceu ao longo da história, e se encontram documentadas, mas também, as principais obras de reabilitação.

Com a finalidade de proceder ao enquadramento do caso de estudo, realizou-se primeiramente, numa perspectiva, e numa forma generalista, uma abordagem à evolução dos sistemas fortificados que se desenvolveram pelos diferentes continentes e, posteriormente, de forma particular, à evolução dos sistemas fortificados de origem portuguesa.

Por conseguinte, o trabalho desenvolvido procurou dar resposta aos seguintes objectivos específicos:

- Proceder a uma abordagem acerca da evolução e tipologias dos sistemas fortificados ao longo dos tempos, discutindo as suas plantas e formas de defesa;
- Analisar a evolução dos sistemas fortificados em Portugal continental e nas colónias portuguesas, apresentando uma listagem das principais fortificações existentes e um mapa com a sua localização;
- Realizar o estudo da evolução do Castelo e das Muralhas de Guimarães, desde a sua implantação até à actualidade, incluindo as intervenções de restauro mais importantes;
- Criar modelos tridimensionais utilizando o software “Google Sketch Up” recriando a evolução do castelo e das muralhas da vila;
- Apresentar o estado actual do castelo e uma proposta de intervenção de restauro no âmbito do evento Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura

## **1.3 Organização da Dissertação**

De acordo com os objectivos enunciados, o presente trabalho encontra-se organizado da forma que a seguir se descreve. No capítulo 2 serão abordadas as técnicas de construção, a evolução e as tipologias dos sistemas fortificados, utilizando principalmente uma pesquisa descritiva das suas plantas e das formas de defesa ao longo dos séculos.

No capítulo 3, utilizando uma pesquisa descritiva e qualitativa, analisaremos os sistemas fortificados de origem portuguesa, tanto no território de Portugal Continental como nos antigos territórios, tendo em consideração a sua evolução. São também apresentados mapas e listas das fortificações portuguesas.

O capítulo 4 será reservado ao caso de estudo: o castelo e muralhas de Guimarães. Nele serão inicialmente abordadas as fontes de informação disponíveis, consideradas mais importantes e credíveis para o estudo do castelo e muralhas de Guimarães. Posteriormente, procede-se à descrição da evolução do castelo, desde a sua primeira forma, mandada erguer pela Condessa Mumadona, até à actualidade, bem como das muralhas da vila, e das intervenções realizadas no castelo.

No capítulo 5 é descrito o estado actual do Castelo de Guimarães e apresentada a proposta de intervenção no âmbito do evento Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.

No capítulo 6, expõem-se as conclusões da dissertação, bem como as sugestões para os trabalhos a desenvolver no futuro.

Finalmente, em anexo é apresentado um conjunto de informação importante com o intuito de complementar a dissertação. Os anexos estão divididos em seis partes: castelos e fortes de Portugal continental (Anexo I); mapas dos castelos e fortes de Portugal continental (Anexo II); fortificações coloniais (Anexo III); fotografias do castelo de Guimarães antes e depois da intervenção da D.G.E.M.N. em 1937 (Anexo IV); imagens virtuais da evolução do Castelo de Guimarães (Google Sketch Up) (Anexo V); fotografias, postais e notícias antigas relacionadas com o castelo e muralha de Guimarães (Anexo VI).



## 2. EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS FORTIFICADOS

Os sistemas de fortificação são, predominantemente, a expressão materializada do medo humano de ser atacado, de perder a vida, a liberdade ou as suas propriedades. Sempre que era exigida protecção construía-se fortificações.

Desde o Neolítico que a construção de cercas foi utilizada para proteger os núcleos pré-urbanos. Contudo, é sobretudo com as exigências defensivas dos primeiros grandes aglomerados urbanos que, desde muito cedo, a arte da poliorcética alcança um importante desenvolvimento com a construção de complexos recintos de muralhas. Na verdade, a arte de fortificar consiste na habilidade e no engenho em combinar o terreno com os materiais e as técnicas disponíveis para formar defesas (Fields, 2004).

A construção de fortificações é uma prática recorrente desde as primeiras civilizações. As escavações arqueológicas realizadas nas antigas cidades da Suméria permitiram documentar as primeiras muralhas existentes, que remontam ao 3º milénio a.C.. Desde então, as muralhas parecem ser uma característica intrínseca ao fenómeno urbano. Desde as famosas muralhas da antiga Babilónia, na Mesopotâmia, até às das cidades da Ásia Menor e da Grécia, são inúmeros os restos dos primeiros sistemas defensivos da humanidade.

A arte de fortificar (de construir fortificações), atingiu, desde cedo, um elevado estado de desenvolvimento. Existem registos de obras militares poderosas, datadas de períodos remotos, encontradas por exemplo, na Ásia Menor, na Grécia, e no Nilo, construídas por civilizações que no decorrer dos séculos, foram desenvolvendo este tipo de arte. Os conflitos entre estas civilizações e mais tarde, os conflitos com as legiões da Civilização Romana, permitiram desenvolver e adoptar novos métodos de ataque e defesa, tornando as obras militares cada vez mais sofisticadas, mas também, muito semelhantes entre si (Toy, 1984).

Com a crescente expansão da civilização romana, o desenvolvimento das fortificações recebeu um novo impulso. O processo de ampliação e consolidação das conquistas romanas levou à construção de fortificações, criadas por militares com formação, com a finalidade de conquistar e administrar o vasto território que constituía o Império Romano. Sobre a forma de acampamento militar, fortes ou muralhas, os romanos dominaram um vasto território.

No urbanismo romano, as muralhas satisfazem as necessidades de defesa e segurança, mas também, de controlo de quem e do que entra e sai da cidade. Paralelamente, as muralhas desempenham, igualmente, um papel simbólico, separando, o campo da cidade, os cidadãos e os peregrinos e o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Dentro dos recintos amuralhados romanos não eram permitidos enterramentos (Ribeiro 2008).

Com o fim do Império Romano, muitas cidades provinciais tiveram continuidade ocupacional durante os séculos seguintes, algumas inclusivamente até à actualidade. Muitas delas acabaram por conhecer novos perímetros amuralhados na Idade Média e até mesmo nos períodos seguintes.

A partir do século XI assistimos a uma nova fase na história política, económica e social da Europa, e com ela surgem novos desenvolvimentos nas questões de ataque e defesa com vista à formação e consolidação das raízes do mapa político da actual Europa.

Deste modo, existem actualmente cidades com sucessivos recintos defensivos, construídos em diferentes momentos e, obviamente, relacionados com as mudanças na arte militar, na poliorcética, bem como com os aspectos tecnológicos, económicos, sociais e políticos do momento da sua construção. A título de exemplo, refira-se, a cidade de Paris que conheceu 5 recintos amuralhados desde a sua primeira forma urbana galaico romana, então denominada de Lutécia.

A história da evolução dos sistemas de fortificação é extremamente densa e complexa. Tal como já referido, a construção de sistemas defensivos acompanha praticamente toda a história das civilizações. Por conseguinte, iremos proceder neste capítulo a uma abordagem geral, focando apenas as principais transformações ocorridas desde as primeiras formas até aos sistemas construídos na Idade Moderna.

## **2.1 Período anterior ao século V a.C.**

As primeiras cidades e palácios da História eram cercados por uma ou mais muralhas, podendo às vezes chegar a possuir três linhas consecutivas de muralhas. Na generalidade, estas tinham uma enorme espessura e altura. As portas de entrada dos sistemas defensivos eram usualmente também de grande largura e altura chegando a existir portas triplas em algumas cidades (Toy, 1984).

Entre as fortificações mais antigas, datadas entre 1350-1200 a.C., encontram-se os sistemas de defesa construídos pelos Micénicos (1600 a.C. e 1050 a.C.), no continente grego. As muralhas Micénicas eram construídas em torno de uma colina, aproveitando a topografia do local, para que o circuito da muralha beneficiasse dos contornos naturais do lugar, criando um obstáculo ainda mais difícil para os atacantes. Estes sistemas defensivos eram construídos com enormes blocos de pedra que chegavam a pesar várias toneladas. Os blocos eram bem ajustados sem a utilização de argamassa, cimento ou argila sendo os intervalos preenchidos com pedra miúda, razão pela qual são denominadas de muralhas ciclópicas. As paredes

tinham um aspecto irregular porque as pedras não eram perfeitamente aparelhadas e, desta forma, a sua colocação formava um padrão poligonal. A construção das muralhas podia ser sobre a rocha íngreme, aproveitando a defesa natural proporcionada por ela, ou podia ser sobre uma base nivelada. Em todo o caso, as muralhas eram geralmente fundadas em aberturas ou fossos escavados na rocha (Fields, 2004).

As muralhas eram constituídas por dois panos paralelos preenchidos no interior com enchimento de terra. Este método de construção permitia formar fortes baluartes que podiam atingir os 8 metros de espessura ou mais. A parte superior era suficiente para formar uma passagem estreita com um parapeito de protecção que permitisse o passo de guardas. Como exemplo, apresenta-se a acrópole de Micenas, na Grécia (ver Figura 1 e Figura 2).

Micenas foi uma antiga cidade grega situada a cerca de 90 km a sudoeste de Atenas, no nordeste do Peloponeso. Tratava-se de uma cidade extremamente fortificada, muito embora tenha sido destruída em 463 a.C. Os vestígios da sua existência foram recuperados pela arqueologia.

A acrópole de Micenas situa-se no extremo de uma planície agreste contra as montanhas. A cidade é cercada por uma muralha em alvenaria, com um circuito de 900m seguindo os contornos da rocha e abrange uma área de cerca de 3 hectares. As muralhas variam correntemente entre 4,5 e 10,5 metros de altura, atingindo 12 metros do lado sudoeste. A espessura varia em geral entre os 3 e os 7 metros, mas as muralhas situadas a norte e a sudeste têm entre os 10 e os 14 metros de largura (Fields, 2004). As muralhas possuem duas portas, nomeadamente a porta da traição situada a nordeste e que se encontra com um caminho que liga à zona aberta da cidade, e a Porta do Leão no ângulo noroeste da muralha.

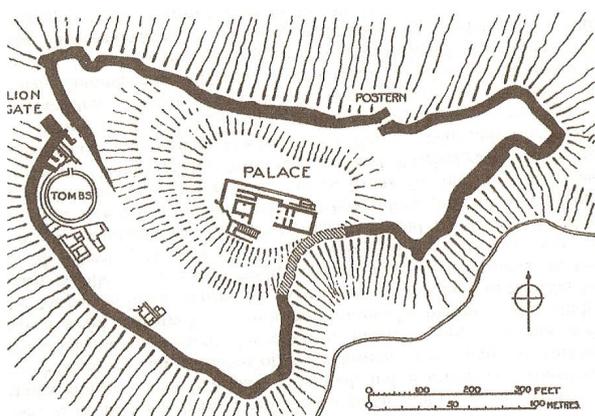


Figura 1 – Planta da Acrópole de Micenas (Toy, 1984)

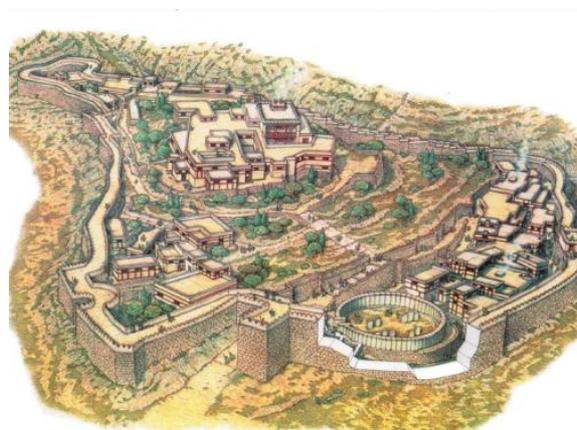


Figura 2 – Possível reconstituição da acrópole de Micenas (Fields, 2004)

## 2.2 Período entre o século V a.C. e o IV d.C.

Por volta do século III a.C. as práticas de guerra tiveram uma grande evolução, com novos métodos e armas de ataque mais poderosas, acompanhados, conseqüentemente, por diferentes sistemas defensivos.

Por essa altura, Arquimedes (287 a.C. - 212 a.C.), matemático e engenheiro grego, foi um grande impulsionador da construção de mecanismos de defesa e ataque, contribuindo, assim, para a referida evolução. Arquimedes, para além de ter ordenado a construção de mecanismos de arremesso de pedras, ordenou também a construção de paredes inteiramente novas em todas as zonas das muralhas que se encontravam danificadas. O facto de existirem cada vez mais guerras e os povos terem necessidade de se defender levou a que a construção militar se tenha tornado uma ciência especial, bem como à produção de tratados sobre como deveriam ser as obras militares (Toy, 1984).

Philo de Byzantium, engenheiro grego que viveu no século III a.C., escreveu, nas secções militares das obras (*Belopoeica* e *Polioretica*), que, para a construção de qualquer fortaleza, devia ser tido em conta o local que a mesma iria ocupar, pois a inclinação e curvas das muralhas são determinadas pela natureza do local em que estas serão construídas. As muralhas deviam ser construídas com blocos de pedra bem ligados, devendo ter 4,5 metros de espessura e 9 metros de altura, de forma a prevenir a escalada dos atacantes. Além disso, os locais das muralhas mais expostas a ataques deviam ser reforçados pela construção de duas paredes espaçadas entre 3,5 a 5,5 metros e unidas por uma cobertura em abóbada ou vigas de madeira. As muralhas deviam estar a 28 metros das casas da cidade, de modo a criar um caminho que facilite o transporte dos mecanismos de defesa e a passagem dos soldados ao longo da muralha, mas também para, em caso de necessidade, se poder escavar um fortalecimento interno na muralha. As torres deviam ser adequadas à posição que ocupavam da muralha, não devendo ser construídas com a parede da muralha porque, devido à diferença de altura e peso, podiam provocar o aparecimento de fissuras na ligação, colocando em causa a sua estabilidade. As torres deviam ainda ser protegidas por um baluarte de modo a evitar o acesso dos sapadores. As paredes e torres deviam estar sobre fundações fortes. As zonas sujeitas a maiores ataques deviam ser reforçadas com pedras resistentes, bem ligadas ao corpo da muralha. Barrotes de madeira de carvalho deviam ser inseridos nas paredes de ambos os paramentos das muralhas e nas torres ao longo de todo o desenvolvimento, formando cadeias horizontais em intervalos verticais de 2 metros. A presença da madeira facilitava a reparação de qualquer parte da muralha que se encontrasse danificada (Toy, 1984).

As portas da traição deveriam ser construídas, sobre os lados da muralha virados para o exterior, de modo a que os soldados se deslocassem de forma imperceptível para o inimigo. Algumas portas da traição eram dissimuladas obliquamente na muralha, sendo certo que todas eram construídas de forma a estar fora do alcance das catapultas e ocultadas da vista exterior.

Por fim, refira-se a grande atenção dada por Philo aos trabalhos de defesa executados no exterior das fortalezas. Segundo ele, devia existir uma parede avançada e pelo menos três linhas de fossos. Os espaços entre as valas eram protegidos com estacas. Na frente das paredes exteriores eram enterrados jarros de barro vazios, colocados em posição vertical, com as bocas para cima, cobertos com ervas e com terra de modo a se tornarem imperceptíveis. Desta forma, as forças inimigas conseguiam passar pelos jarros sem dificuldade, mas os equipamentos de cerco e mecanismo de ataque afundar-se-iam e não passariam com a mesma facilidade (Toy, 1984).

No século I a.C., o arquitecto romano Vitrúvio, estabelece no seu *Tratado de Arquitectura* uma série de considerações sobre as características construtivas das muralhas romanas, designadamente: o plano de uma fortificação não deveria ser quadrado ou ter ângulos agudos; a fortificação deveria ser poligonal, de modo a que os movimentos do inimigo não pudessem ser obscurecidos pelos cantos salientes; as fortificações deveriam ser cercadas por terrenos irregulares para que a abordagem à fortaleza fosse difícil e os caminhos que conduziam até aos portões deveriam ser sinuosos; as fundações deveriam ter maior espessura do que as paredes, e a largura da muralha devia ser suficiente para permitir que dois homens armados andassem livremente sobre ela (caminho de ronda); a parede que permite circular em cima de um troço da muralha para o outro deveria atravessar o interior da torre apenas por uma ponte de madeira. Desta forma, se uma secção da muralha fosse destruída poderia ser isolada através da remoção da ponte (Maciel, 2009).

Vitrúvio concorda com Philo quando refere que as paredes deveriam ser reforçadas com uma estrutura interna de madeira, e recomenda a utilização de madeira de oliveira, que segundo ele é um material imperecível e que permanecerá intacto quando enterrada em terra ou imerso em água (Toy, 1984).

Os romanos construíram muralhas um pouco por todo o seu Império, particularmente na Europa Ocidental, durante os séculos III a.C.. Todavia, grande parte dessas muralhas já não existem tendo sido destruídas ou incorporadas nas cidades actuais. Pontualmente, alguns dos seus tramos sobreviveram ou foram recuperados pela arqueologia, como aconteceu com a de Conímbriga, no centro de Portugal, mas também como as muralhas romanas da cidade espanhola de Lugo, integradas no tecido urbano da cidade actual.

Para além das muralhas para defesa dos aglomerados urbanos, os romanos estabeleciam as suas legiões em acampamentos militares de modo a permitir o controlo de vastas regiões do Império. Estes acampamentos eram implantados de forma muito racional, segundo o modelo ortogonal, semelhante ao das cidades. Possuíam forma rectangular e geralmente eram protegidos por um sistema de valas e defendidos por uma muralha. Os acampamentos romanos tinham normalmente quatro entradas principais: a *Porta Principalis Sinistra* (porta esquerda), *Porta Praetoria* (porta principal), *Porta Principalis Sinistra* (porta esquerda) e a *Porta Decumana* (porta traseira), sendo cada uma das portas colocada ao centro de cada lado do campo (ver Figura 3) (Campbell, 2009).

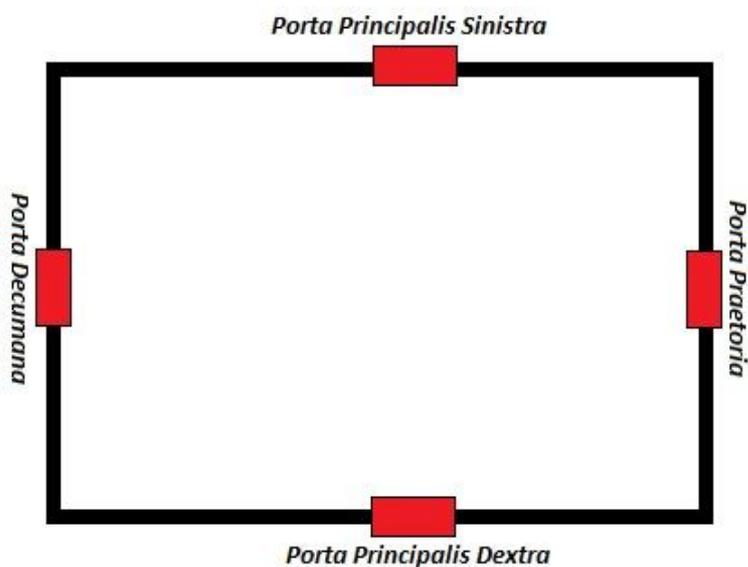


Figura 3 – Portas de um acampamento militar Romano

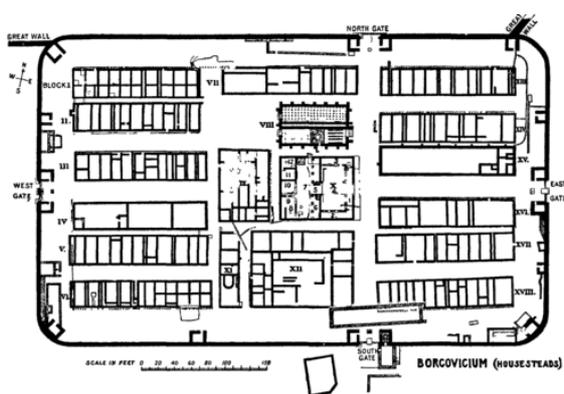


Figura 4 – Planta de um acampamento militar Romano. Retirada do site [1]



Figura 5 – Vista do acampamento militar Romano. Retirada do site [2]

As ruínas de um exemplo deste tipo de fortificações encontram-se ainda parcialmente preservadas em Housesteads, no Reino Unido onde é possível observar uma área rectangular com cerca 170 metros por 110 metros, cercada por uma muralha de pedra com torres quadradas em cada canto e ao longo de cada lado. Refira-se, igualmente, a existência de quatro portas em cada lado da muralha. (ver Figura 4 e Figura 5).

Para além das estruturas defensivas construídas um pouco por toda a Europa durante a dominação romana, encontramos outros inúmeros exemplos de fortificações um pouco por todo o mundo, que não poderemos analisar num trabalho desta natureza. Refira-se, apenas um dos exemplos mais paradigmáticos, a grande muralha da China.

Por volta do século III a.C., já existiam na China, regras para a construção de cidades fortificadas, que estabeleciam o tamanho das paredes, o número de portas, a posição geográfica, etc., sendo este planeamento respeitado através de várias dinastias. As cidades chinesas fortificadas não só utilizavam imponentes muralhas para sua protecção mas também recorriam à construção de fossos com água, abastecidos pelos rios existentes nas proximidades. A Grande Muralha da China (ver Figura 6) é a fortificações mais famosas do Oriente, e começou a ser construída em 221 a.C., para se defenderem dos nómadas. A muralha não é uma estrutura única mas sim um conjunto de diversas muralhas construídas ao longo de várias dinastias em de cerca de dois milénios (Turnbull, 2007).



Figura 6 – Grande Muralha da China. Retirada do site [3]

### **2.3 Período entre os séculos V e XII**

Devido a diversos factores de ordem social, económica, política e designadamente às invasões bárbaras, assiste-se no século V à queda do Império Romano do Ocidente, tendo apenas subsistido o Império Romano do Oriente, com capital em Bizâncio (Constantinopla).

Estes acontecimentos levaram à emergência de outras realidades políticas, mas também ao surgimento de diferentes necessidades de defesa e novos estilos de construções defensivas (Gibbon, 1995)

O Império Bizantino para assegurar a protecção das suas cidades construiu e reabilitou muitas fortificações já existentes, que se encontravam inadequadas à conjuntura instável de então. As cidades foram protegidas com poderosos sistemas defensivos que incluíam várias linhas de muralha, acompanhados de várias torres de grande envergadura, espaçadas em intervalos regulares. Os muros eram construídos com grandes blocos de pedra ligados com argamassa. Entre as duas linhas de muralha era criado um passadiço que permitia as tropas atacarem as forças inimigas ao longo da muralha. Em certos casos as muralhas eram aumentadas criando uma galeria por cima do passadiço, formando mais uma linha de ataque para o exterior. Nas fortalezas bizantinas, para além de existir uma torre de grande porte, denominada por torre de vigia, existia também uma torre mais alta e mais forte que as outras, que servia de residência e refúgio para a realeza, em caso de as forças inimigas se conseguirem infiltrar (Toy, 1984).

Para além de existirem cidades fortificadas com a função de postos militares e de refúgio para a população em alturas de ataque inimigo, eram ainda construídas fortificações isoladas que ocupavam pontos estratégicos com boa visibilidade, comandando a defesa da periferia das cidades ou controlando as passagens de acesso às mesmas.



Figura 7 – Plano das Muralhas da Constantinopla (Turnbull, 2004)

Constantinopla, capital da Turquia, e com designação actual de Istambul, é um exemplo das construções Bizantinas da época e representava a maior e mais rica cidade da Europa (ver Figura 7) (Turnbull, 2004).

Os materiais correntes usados na construção da muralha de Constantinopla foram pedra aparelhada, tijolo e argamassa de cal. A cidade possuía duas linhas de muralha. A interior era a mais resistente, estando a um nível mais elevado que a muralha exterior, possuindo maior espessura e altura e sendo acompanhada por torres mais fortes. A muralha interna tinha cerca de 9,5 metros de altura e a espessura variava entre os 4,5 metros na base e os 4 metros no topo. Era suportada por cerca de 96 torres espaçadas entre 50 e 55 metros, com uma altura entre os 17 e os 18 metros, projectando-se entre os 5 e os 10 metros para o exterior da planta. A separar a duas linhas de muralha, a exterior da interior, existia uma área livre com cerca de 15 a 20 metros de largura, chamada de *peribolo*, destinada a receber os soldados que defendiam a muralha exterior. A muralha exterior tinha 1 a 6 metros de largura e 3 metros de altura, acima do *peribolo*, e 8,5 metros acima da área livre que separa a parede externa do fosso. As torres da muralha exterior são de menor dimensão que as da parede interior, têm 9 a 10 metros de altura e uma projecção de cerca de 5 metros além da parede, e são espaçadas de modo a alternar com as torres da parede interna. Existe ainda uma área livre entre o fosso e a parede exterior, *parateichion*, que tinha como função aumentar a distância entre os sitiantes e os sitiados. O fosso tem mais que 18 metros de largura e mais que 6 metros de profundidade (ver Figura 8) (Turnbull, 2004).

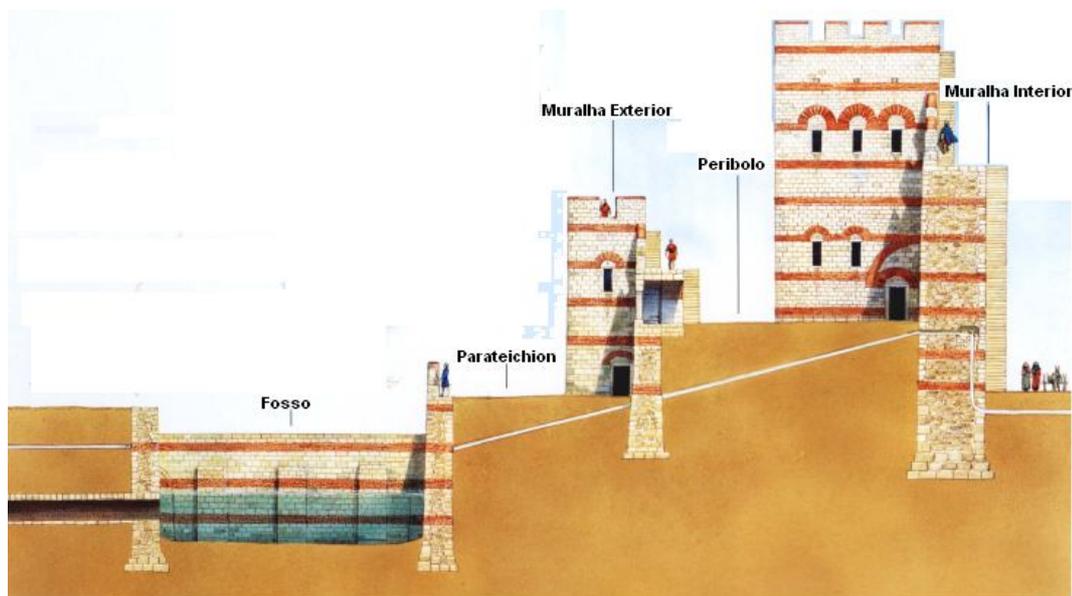


Figura 8 – Corte Longitudinal da Muralha. Adaptada de (Turnbull, 2004)

Na Europa Ocidental, alguns países como Espanha, Itália, França, Alemanha e Inglaterra, lutavam fortemente pela conquista de territórios e contra a onda de invasões bárbaras. Desde o século V até século X, a construção militar desses países consistiu largamente no reparo de fortificações romanas existentes ou na construção de outras do mesmo género (Toy, 1984).

A partir do século X começaram a ser criadas um pouco por toda a Europa autênticas cidades fortificadas cercadas por paredes de pedra e torres. No Reino Unido, por volta dos meados de século XI, foi desenvolvida uma forma especial de fortificação, chamada de *motte e bailey*. Tal como o nome indica, existem duas partes, o *motte* e o *bailey*. O *motte* é a parte que se ergue sobre uma montanha, onde é construída uma larga torre de madeira e que funciona como um refúgio de último recurso em caso de um ataque. As alturas dos *mottes* variam entre 3 a 30 metros e os diâmetros na base, entre 30 a 90 metros. Os *mottes* eram construídos normalmente em colinas naturais, muito embora em alguns casos tivessem sido criadas colinas artificiais para o efeito. As colinas eram cobertas com uma camada externa de barro ou pedra de forma a aumentar a durabilidade. O *bailey* é a zona cercada, plana e inferior ao *motte*, onde se poderiam abrigar diversos edifícios e formar uma pequena aldeia (ver Figura 9).



Figura 9 – Motte e Bailey. Adaptada do site [4]

Esta configuração especial de fortificação terá sido a primeira forma de castelos, tal como nós os conhecemos hoje. Eram construídas em madeira mas quando as condições eram favoráveis, poderiam ser em pedra. As perecíveis características da madeira e a tendência para as fortificações serem destruídas pelo fogo tornaram este material inadequado para a sua construção. Outro inconveniente no uso de madeira, era a sua vulnerabilidade, contra os ataques inimigos com armas de arremesso, comparativamente com as construções em pedra. As torres existentes no *motte*, devido ao uso da pedra tomaram forma circular, transformando-se nas primeiras torres de menagem. Este tipo de fortificação é encontrado em maior número na Normandia e no Norte de Inglaterra, encontrando-se também na Dinamarca, na Alemanha e na Itália (Toy, 1984).

No Médio Oriente e na Ásia central, durante os séculos VII e VIII, surgem importantes fortificações devido às conquistas arábico-islâmicas. Durante os primeiros anos da expansão islâmica, as forças muçulmanas usaram e mantiveram fortificações que já existiam nos seus recém-conquistados territórios aos romanos. Os Omíadas, a primeira dinastia imperial da história islâmica, consideravam os fortes romanos como o plano normal para organizar as residências principescas. Eram utilizadas torres maciças sacrificando as câmaras internas limitando o ataque ao inimigo a partir do interior, mas, por outro lado, as fortalezas tornavam-se mais resistentes contra o inimigo. No entanto, muitas das fortalezas Omíadas dão impressão de que eram mais para exibição de poder do que para uso militar. Os portões da maioria destas estruturas fortificadas tinham normalmente alguma função simbólica, sendo o local mais óbvio para demonstrar força, riqueza e fidelidade por parte daqueles que os construíram. As primeiras fortificações islâmicas apresentavam portas de acesso directo, eram defendidas por torres e muitas vezes por balestreiros do qual se disparavam as bestas, pedras e matérias inflamáveis sobre os sitiados (Nicolle, 2008).

Uma das fortificações deixadas pelos Omíadas é o Qasr al-Hayr al Sharqi (ver Figura 10).

Este palácio é composto por duas estruturas quadradas (ver Figura 11), uma com 300 metros de lado com áreas para residências e para fins administrativos e outra com 100 metros de lado reservada principalmente para fins agrícolas. Este alcácer possui torres de vigia nas entradas, ao longo das muralhas, e balestreiros. Estas fortificações não foram concebidas para enfrentar os exércitos equipados com máquinas de arremesso, uma vez que as paredes de ambos os recintos têm uma espessura relativamente fina e as torres sólidas do recinto menor não eram maiores que as paredes da muralha. Admite-se a possibilidade de nem ter existido ameias (Grabar et al, 1978).



Figura 10 – Qasr al-Hayr al Sharqi. Retirada do site [5]

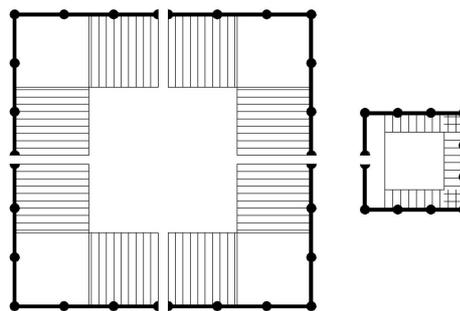


Figura 11 – Planta da Fortificação

## 2.4 Período entre os séculos XIII e XV

Um pouco por toda a Europa cristã, por volta do século XII, as paliçadas começaram a ser substituídas por muros de pedra, dando origem a importantes muralhas. Por sua vez, nos castelos as torres de menagem passaram a ser construídas de forma rectangular. Este tipo de estrutura central dos sistemas fortificados desta época era construído normalmente em terreno firme ou em pontos estratégicos cercados pelas novas muralhas mais resistentes. Estas torres de menagem eram construídas com paredes de elevada espessura geralmente reforçadas com contrafortes e possuíam entre dois a quatro andares de altura, sendo cada andar dividido em dois ou mais espaços através de paredes divisórias. A porta de acesso à torre era normalmente no segundo piso e alcançada por uma escada. A escada era protegida e facilmente removível impedindo o acesso ao interior da torre através desta (Toy, 1984).

Em redor dos castelos, como primeira linha de defesa era comum serem construídas valas ou fossos preenchidos com água. Embora muitos fossos estivessem secos devido à dificuldade de desviar a água de um rio ou de um córrego, estes eram também encharcados naturalmente com água da chuva, o que resultava, em vários casos, num fundo pantanoso com

capacidade para retardar os atacantes que o tentassem cruzar. Algumas das valas existentes eram ainda revestidas em madeira ou mesmo em pedra de modo a tornar as valas lisas e difíceis de escalar (Gravett, 2009).

As muralhas que limitavam o acesso ao interior do castelo eram construídas do lado interior das valas, aumentando as dificuldades a vencer pelos atacantes. Estas eram coroadas por uma plataforma de combate (adarve), e possuíam um parapeito com ameias (ver Figura 12) permitindo os defensores visar o inimigo, ter alguma protecção adicional e atacar através das mesmas.



Figura 12 – Ameias e Adarve de um Castelo. Adaptada do site [6]



Figura 13 – Castelo de Melgaço. Retirada do site [7]

Este tipo de construção medieval é comum em Portugal e em outros países europeus. Um exemplo desta tipologia de fortificação em Portugal é o castelo de Melgaço, no distrito de Viana do Castelo. A sua torre de menagem, isolada no interior das muralhas, tem planta rectangular (ver Figura 13) e encontra-se dividida em três pisos. Pode-se aceder ao interior a partir do segundo piso através de uma escada exterior. As muralhas são de espessura considerável, permitindo a circulação no topo da sua superfície, onde existe um parapeito com ameias.

As fortificações no mundo islâmico medieval, tal como na Europa cristã, consistiam em três elementos principais: as muralhas, as torres e as portas. A muralha era chamada de *sur*, as torres de *burj* e as portas de *bab*.

Durante a segunda metade do século XIII, houve um grande esforço para se reabilitar e reforçar as fortalezas dos cruzados capturados, sendo também acompanhado pelo desejo de aumentar as fortificações como forma de intimidação. Uma área em que houve uma melhoria significativa na concepção das fortificações islâmicas foi na construção das muralhas. Nomeadamente, a circulação foi reforçada através da edificação de adarves abobadados pelo interior destas defesas, que também conduzia a um aumento de resistência (ver Figura 14).



Figura 14 – Cidadela de Jerusalém. Adarves Abobadados. Adaptada do site [8]

Uma outra melhoria da construção islâmica foi a utilização de galerias abobadadas nas ameias de ambas as torres e muralhas de forma a permitir atacar o inimigo através dos balestreiros contínuos (ver Figura 15). A concepção das torres manteve-se praticamente inalterada, com planos rectangulares, excepto quando a natureza do terreno obrigava a um contorno arredondado (ver Figura 16).



Figura 15 – Balestreiro. Retirada do site [9]



Figura 16 – Torre com contorno arredondado.  
Retirada do site [10]

Igualmente, dignas de destaque são as obras militares construídas pelas civilizações da América, designadamente dos Incas. Esta civilização existiu na América do Sul, desde o ano 1200 até à invasão dos conquistadores espanhóis e até à execução do imperador Atahualpa, em 1533. O Império Inca abrangeu três grandes regiões: a planície costeira árida com alguns dos mais inóspitos desertos do planeta, a Cordilheira dos Andes com planaltos e picos atingindo mais de 6,600 metros de altitude e a floresta intensa no lado oriental dos Andes (Kaufmann e Kaufmann, 2006).

Na construção das obras militares desta civilização era usada uma variedade de materiais de construção, dependendo dos recursos naturais disponíveis na região. Na costa, onde a chuva era escassa e os afloramentos rochosos estavam distantes, o material escolhido para construção eram tijolos de adobe (terra misturada com água, areia e palha de forma a reduzir a retracção e aumentar a resistência, evitando o aparecimento de fissuras). Em zonas de elevada altitude, devido à abundância de rochas e às suas características resistentes e duradouras, este era o material de construção preferido.

A civilização Inca utilizava diversas técnicas para construir as paredes das muralhas. No litoral, os tijolos de adobe utilizados eram erguidos frequentemente sobre fundações de pedra. Os muros eram mais espessos na base e gradualmente iam-se tornando mais reduzidos em direcção ao topo. Nos planaltos, usavam a técnica da parede de junta seca para construir muros de retenção para os seus terraços agrícolas, os terraços *Pukara* e estradas. Por vezes, também utilizavam esta técnica para construir as suas casas. Usavam, igualmente, uma técnica chamada *pirca*, que consistia em revestir o terreno rochoso com uma argamassa à base de argila misturada com seixos. Tal como as paredes de adobe, as paredes em pedra eram mais largas na base e as pedras eram ligeiramente inclinadas para o interior da parede, o que lhes

dava estabilidade, uma característica fundamental para uma zona atormentada por sismos. As portas e janelas trapezoidais, característica dos Incas, eram uma outra forma de melhorar a estabilidade da estrutura (Kaufmann e Kaufmann, 2006).

Sacsayhuamán, no Perú, foi umas das maiores e mais prestigiadas fortalezas dos Incas. Embora o que resta desta fortaleza seja impressionante, as suas ruínas não dão uma ideia exacta de todos os métodos construtivos utilizados no auge da sua existência, por volta do ano de 1534. Esta circunstância fica a dever-se ao facto dos espanhóis, durante 300 anos de domínio colonial, terem desmantelado grande parte da fortaleza para construírem os seus palácios e igrejas. É possível verificar que do lado da cidade é uma encosta íngreme, não havendo mais que uma parede. Do outro lado, menos íngreme, existem três paredes, uma maior que outra, sendo a interior a maior de todas. Um facto interessante é que os muros são construídos com pedras tão grandes que é difícil perceber como poderiam ser colocados, chegando estas a ter 6 metros de largura e altura (ver Figura 17).

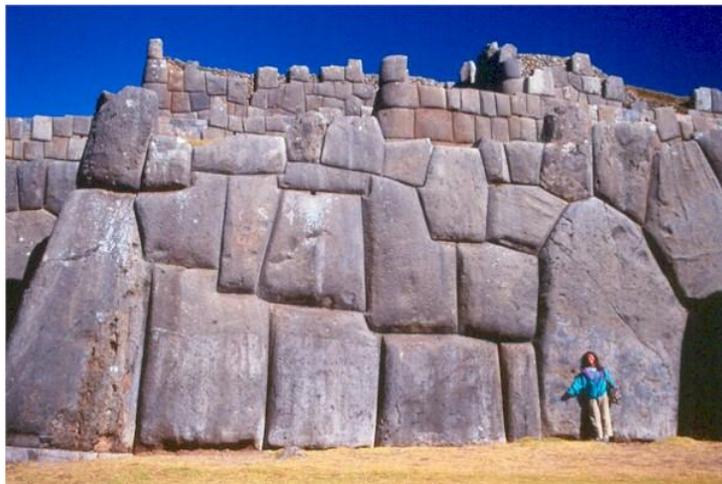


Figura 17 – Muralha de Sacsayhuamán. Retirada do site [11]

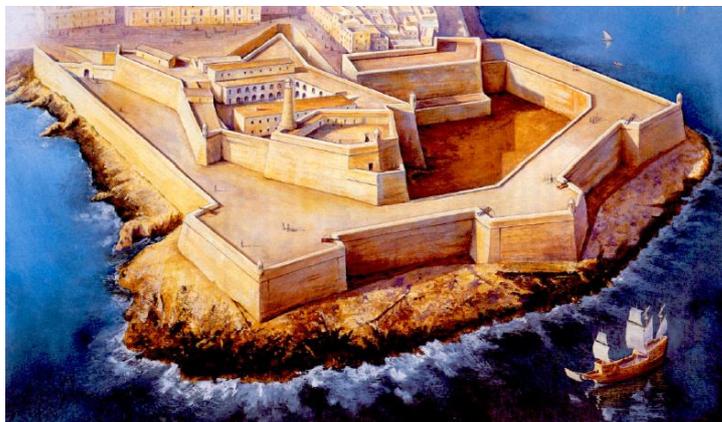


Figura 18 – Forte de St. Elmo (Stephenson, 2004)

Por volta do século XVI, a artilharia tornou-se suficientemente forte para destruir as muralhas a uma distância considerável, razão pela qual foi necessário reduzir a sua altura, trazendo a linha de defesa para mais perto do solo (ver Figura 18) (Toy, 1984). As fortificações do período em que a artilharia era uma das armas principais de ataque e conquista serão discutidas na secção seguinte.

## 2.5 Período entre os séculos XVI e XVIII

Na passagem da Idade Média (século V a XV) para a Idade Moderna (século XVI a XVIII), registaram-se novos progressos na construção militar, principalmente devido à introdução da artilharia nos campos de batalha. Nesta época, à medida que o poder de fogo e precisão de tiro se aperfeiçoavam, as altas muralhas perpendiculares foram sendo substituídas por muralhas mais baixas e inclinadas, criando fortalezas abaluartadas melhor adaptadas aos projecteis da artilharia. Estas fortalezas abaluartadas tinham uma planta em forma de “estrela”. Analisando uma obra deste tipo é possível identificar os seguintes elementos: baluartes, meios baluartes, cortinas, revelins, tenalhas, coroadas, hornaveques e fossos (ver Figura 19).

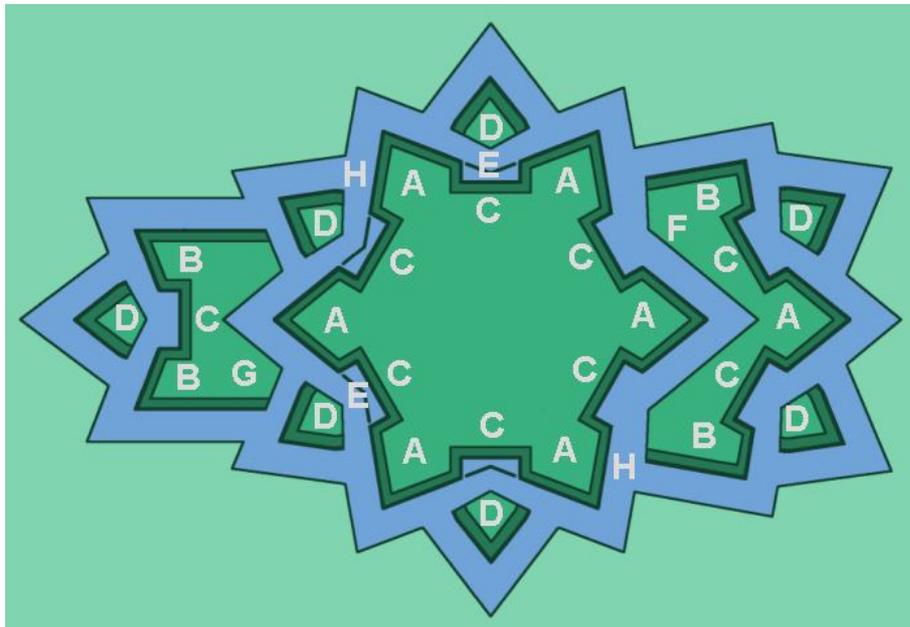


Figura 19 – Elementos que constituem uma fortaleza abaluartada (em planta): A) Baluarte; B) Meio-Baluarte; C) Cortina; D) Revelim; E) Tenalha; F) Coroada; G) Hornaveque; H) Fosso. Retirada do site [12]

O baluarte era construído em contacto com estrutura principal, avançando em relação à mesma, situando-se nas esquinas e sendo utilizado como plataforma de artilharia. Entre os

baluartes existem as cortinas, protegidas por tenalhas construídas no fosso, que funcionam como defesa avançada. Diante das tenalhas, eram frequentemente construídos revelins que tal como os baluartes serviam de plataforma de artilharia. Eram também construídos hornaveques (dois meio-baluartes unidos por uma cortina) ou coroadas (baluarte central ladeado por dois meio-baluartes, interligados entre si por cortinas) construídas como plataformas de defesa avançada para a artilharia. Tal como na maioria das obras militares, o fosso era construído para dificultar o acesso dos sitiantes à estrutura principal (Nunes, 2006).

Portugal é detentor da maior cidade fortificada da Europa, Elvas, possuindo um dos maiores conjuntos de fortificações abaluartadas do mundo (ver Figura 20). Analisando a planta é possível verificar que tem formato poligonal estrelado, característico deste tipo de fortificações, possuindo cortinas entre baluartes e meios-baluartes.



Figura 20 – Planta do Forte de Elvas. Adaptada do Google Earth

### **3. EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS FORTIFICADOS PORTUGUESES**

As comunidades humanas adoptaram, por diversas vezes e, quando ameaçadas, por habitats fortificados. A Península Ibérica, em particular Portugal, é um território rico em sistemas militares defensivos. Estes, ainda hoje marcam o contorno de muitas cidades e, em particular, do espaço urbano de Guimarães.

No território nacional registam-se, essencialmente, quatro tipos de estruturas militares defensivas. Por ordem cronológica do aparecimento encontramos: os povoados fortificados, os acampamentos militares e os castelos. Mais tarde, no final da Idade Média, surge uma outra estrutura defensiva - a fortaleza moderna (Barroca, 2003).

#### **3.1 Os Povoados Fortificados**

Os povoados fortificados, são um tipo de habitat concentrado, circunscrito e delimitado fisicamente por uma muralha, que surgem em períodos muito recuados da nossa história.

As características geográficas do Noroeste Peninsular, onde o relevo desempenha um papel predominante, vão potenciar o aparecimento de povoados fortificados em posições elevadas, vulgarmente conhecidos pelo nome de castros, dando nome à designação tradicional de cultura castreja. Com maior evidência a partir do final da Idade do Bronze, os castros posicionam-se em zonas elevadas que obedeciam principalmente a critérios estratégicos de defesa. Contudo, outros factores terão contribuído para selecção do local a habitar. As estações castrejas registam uma maior densidade em colinas de altitude média, entre os 200 e os 500 metros, nas proximidades da costa atlântica e ao longo das bacias dos rios, evidenciando um certo ordenamento geral da ocupação do espaço, em meios favoráveis à prática de actividades ligadas à agricultura e pesca, revelando que a selecção dos locais para o seu estabelecimento estava inteiramente relacionada com a economia de subsistência de cada povoado. É igualmente notória a relação de algumas comunidades com a exploração mineira. Do mesmo modo, os cursos de água funcionavam como um elemento decisivo do sistema estratégico de defesa do território e das vias comerciais que eles próprios constituíam. De facto, os rios evidenciavam-se como elementos de defesa de alguns povoados traçando-lhes assim um fosso natural, manifestando bem a importância estrutural da rede hidrográfica.

Para além destes factores, também as razões de ordem política ou religiosa, devem ser consideradas na hora de estudar a preferência para a escolha de determinado lugar a ocupar pelos povoados fortificados (Silva, 1983-84).

Nos primeiros tempos, uma variedade de funções, de carácter residencial, defensiva, político-administrativa, económica ou ritual, eram dispersas por cada pequeno castro, sendo que, já sob os estímulos e por motivo da romanização, todas as funções possíveis eram concentradas num só povoado ao qual anda normalmente associado o topónimo de Citânia (Silva, 1983-84).

A construção artificial dos sistemas defensivos, levada a cabo pela insuficiência das condições naturais de defesa, foi realizada de acordo com a morfologia do terreno, das necessidades e possibilidades das populações. Essa construção poderia ser isolada ou combinada, sendo que combinada era mais frequente em grandes povoados, onde as muralhas representavam o principal elemento do sistema defensivo. Estas muralhas, por vezes reforçadas com fossos, estão normalmente dispostas concetricamente e encontram-se presentes em todos os castros conhecidos (Silva, 1983-84).

Segundo Armando da Silva (1983), existem quatro tipos fundamentais de construção de muralhas:

- Alinhamentos de pedras de aparelho muito rudimentar (por exemplo Castro de Baiões, São Pedro do Sul);
- Larga construção constituída por dois muros paralelos de faces verticais, geralmente de grandes blocos dispostos em aparelho irregular, com intervalo totalmente preenchido de terra (por exemplo Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim);
- Sólida construção de pedra com muros de reforço adossados, frequentemente em posição oblíqua e com largos troços de aparelho poligonal e helicoidal (por exemplo Castro de Sabroso, Guimarães);
- Muralhas simples com largura média de 1,50 metros, normalmente formado por dois paramentos paralelos e com aparelho irregular internamente preenchidos com pedra miúda (por exemplo Citânia de Briteiros, Guimarães).

A Citânia de Sanfins (ver Figura 21) é uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do Noroeste peninsular e da Proto-história europeia, envolvendo uma área superior a 15 hectares. A quase totalidade da sua superfície situa-se na freguesia de Sanfins de Ferreira, no concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto. A parte restante, a sudoeste, localiza-se na freguesia de Eiriz, do mesmo concelho. A Citânia de Sanfins, com 570 metros de altitude máxima, ocupa uma colina com uma extensa plataforma

central, de declives acentuados apenas do lado este. Tudo indica que este povoado terá sido escolhido para capital dos povos Calaicos, dos Brácaros, situados na margem direita do Douro, na sequência da campanha militar de Décimo Júnio Bruto (138-136 a.C.) até à ocupação romana do Noroeste (29-19 a.C.).

Não estando implantada num local de fácil defesa natural, a Citânia de Sanfins apresenta um forte sistema defensivo com várias ordens de muralhas, uma apreciável planta de estrutura regular com seis arruamentos e cerca de 160 construções de planta circular e quadrangular, merecendo especial interesse a instalação destinada a banhos públicos.

A citânia é defendida por três linhas de muralhas e é reforçada de Oeste a Este por uma muralha exterior. A espessura das muralhas varia, em média, de 1 metro a 1,3 metro, chegando a atingir, junto às portas na linha de defesa interna 3,5 metros. As muralhas empregam normalmente uma técnica construtiva que consiste na utilização de dois paramentos externos de pedra aparelhada preenchidos com pedras pequenas no interior, podendo ainda ser encontrados troços de muralhas constituídas por grandes e toscas pedras (Citânia de Sanfins, s.d.).



Figura 21 – Citânia de Sanfins. Retirada do site [13]

Em Guimarães, mais propriamente em Briteiros, existe um grande povoado fortificado (Citânia de Briteiros), abraçado por três linhas de muralhas. As muralhas, em média, têm 2 metros de largura e a sua altura não deveria exceder os 5 metros. O traçado aproximadamente oval das muralhas não era regular variando a distância entre cada cintura de muralhas. Os muros são construídos maioritariamente com pequenos blocos embora se possa ver o uso de blocos de maiores dimensões. Além das três muralhas referidas, existe a norte, uma muralha perpendicular à muralha exterior, que era destinada a reforçar a defesa deste ponto (Cardozo, 1990).

Com a romanização de Portugal alguns dos povoados fortificados existentes terão continuidade ocupacional durante o período romano, dando origem ao *castella* romanos. No entanto, vários outros povoados foram abandonados.

### 3.2 Acampamentos Militares

A política expansionista romana assentou numa planificação estratégica de conquista e controlo territorial, através da construção, entre outros, de acampamentos militares. Cada legião era responsável pela construção da sua própria fortaleza.

Os acampamentos militares (ver Figura 22), contrariamente aos povoados fortificados, obedeciam ao princípio de permanência e requeriam a existência de exército profissionalizado. Estes acampamentos surgiram durante o império romano desaparecendo após a sua queda.

Devido à sua função defensiva, estes acampamentos eram, sempre que possível, implantados em terrenos aplanados, junto dos rios e nos cruzamentos de vias naturais, sendo o seu traçado estabelecido segundo um modelo ortogonal, dentro de um perímetro defensivo rectilíneo predefinido, de forma quadrangular, apenas quebrado por portas (Campbell, 2009). Os acampamentos possuíam, normalmente, estruturas de defesa simples, constituídas por fossos, muralhas e paliçadas. Grande parte do seu interior era ocupada com as instalações próprias do exército, alojamento para os soldados e oficiais e edifícios administrativos. Os acampamentos romanos também possuíam outros edifícios como oficinas, hospital, celeiros e balneários.

Tal como já referido anteriormente, estes acampamentos militares tinham quatro portas principais, uma em cada lado. A porta principal (*porta praetoria*) e o portão traseiro (*porta decumana*) estavam localizados nos lados mais curtos da muralha. Os portões laterais (*porta principalis*) estavam ligados pela estrada principal, chamada de *via principalis*, porque esta percorria o campo passando em frente à *principia*. A posição central da *principia* interrompia a estrada que atravessava longitudinalmente o acampamento dividindo-a em duas extensões, a *via praetoria* que ligava a *porta praetoria* à frente da sede e a *via decumana* que ligava a parte de trás da fortaleza às traseiras da *principia*. Finalmente, havia uma estrada que corria o perímetro lateral interior da fortaleza chamada de *intervallum*, cujo objectivo era facilitar o agrupamento rápido das tropas se necessário. O acampamento era cercado por um fosso com 1 a 3 metros de profundidade e 1 a 4 metros de largura, dependendo da permanência do acampamento e tempo disponível. A terra retirada do fosso servia para criar

uma vala coroada com uma paliçada entre a muralha que delimitava o interior da fortificação e o fosso (Campbell, 2006).

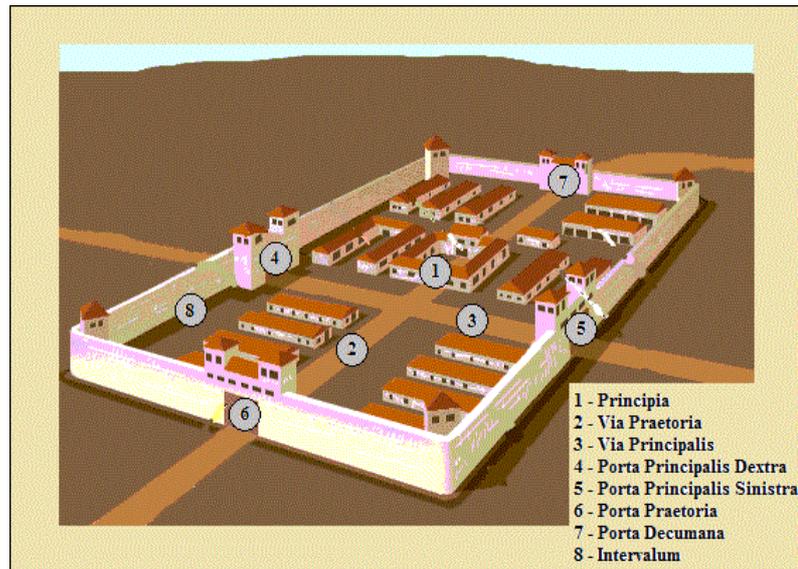


Figura 22 – Acampamento Romano. Adaptada do site [14]

Este tipo de fortificação não é muito frequente em Portugal, mas na Herdade do Montinho, na freguesia de Nossa Senhora da Luz, concelho de Mourão, distrito de Évora, existe um edifício de pequenas dimensões com planta rectangular (ver Figura 23) (Nunes e Branco, 1994), construído com paredes em alvenaria de lajes de xisto e terra, de junta seca. O acampamento exhibe diferentes estruturas distribuídas ao longo de várias plataformas, uma das quais destinadas à construção do edifício principal e outros dezanove compartimentos destinados a alojamento pessoal e armazenamento de bens. Actualmente, e na sequência da criação da barragem do Alqueva, a fortificação encontra-se integralmente submersa (IGESPAR, s.d.).

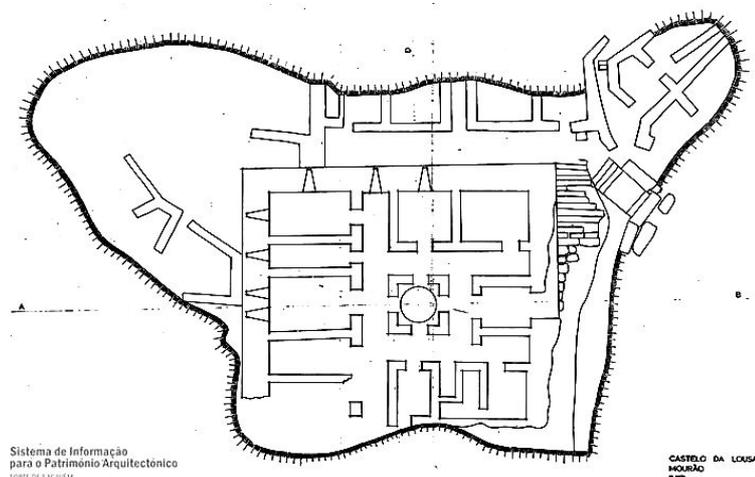


Figura 23 – Castelo da Lousa. Retirada do site [15]

Refira-se, ainda que alguns destes acampamentos deram origem a cidades devido, por um lado à diminuição da necessidade de força defensiva e, por outro lado, ao crescimento demográfico, sobretudo aquele que se registou na sua periferia.

### **3.3 Os Castelos**

Os castelos, situados em zonas altaneiras ou em planícies, contribuíram para a definição do território de Portugal e para o crescimento das cidades e das populações. Para muitos centros urbanos, os castelos são um símbolo de identidade, assim como o são para a própria nacionalidade. Os castelos portugueses apresentam características arquitectónicas que se distinguem criando uma imagem particular de castelo (Correia, 2010).

Ao contrário de outros países Europeus, Portugal possui uma característica especial no que concerne à relação dos castelos com o poder régio. No reino português, a construção de castelos é uma política da casa régia, dando o monarca grande importância ao estabelecimento destas estruturas militares, que se constituem no garante da sua soberania (Grzybowski, s.d.).

Sendo impossível fortificar todas as povoações garantindo a segurança parcial do território e das populações dispersas por extensos vales com função agrícola, o castelo surgiu como uma solução defensiva servindo vários núcleos. No princípio apenas se tratava de um espaço de uso temporário, sem carácter habitacional, destinado a uma utilização casuística, onde as populações se poderiam acolher com o apoio de uma guarnição militar. Em tempo de acalmia, estas estruturas militares poderiam servir apenas de sistema de vigilância. (Correia, 2010).

As condições de relevo constituíam um factor importante para a implantação dos castelos, de forma a garantir uma boa visualização das passagens importantes em seu redor. Os afloramentos rochosos existentes eram ainda aproveitados para a construção de uma muralha simples que cercava e reforçava o castelo. O facto de os castelos serem de pequenas dimensões, o que facilitava a sua construção e a própria defesa, levou à sua dispersão. Um outro factor que levou à sua disseminação foi que a conquista de um espaço territorial passava pela conquista do próprio castelo (Correia, 2010).

Em meados do século IX, na Europa Ocidental surgem os primeiros castelos. No ano de 868, como resultado das conquistas de D. Afonso III das Astúrias e relacionado com a Reconquista Cristã, surgem em Portugal os primeiros castelos. Tal facto, permite-nos concluir que os conflitos internos da sociedade cristã, as incursões normandas e as razias muçulmanas traduziram-se em problemas de insegurança implicando a construção de castelos como

necessidade de protecção, por outro lado, a sua implantação está fortemente relacionada com a instabilidade da linha de fronteira.

Naturalmente, a evolução destas estruturas militares ocorreu em função do conjunto de técnicas de defesa e ataque das fortalezas, procurando desde logo a solução defensiva mais adequada contra os sitiantes (Correia, 2010).

Os castelos portugueses eram construídos em regiões estratégicas para o domínio e controlo do reino. Apesar de esta estratégia aparecer desde o século XII, tornou-se mais evidente a partir do reinado de D. Dinis (1279 – 1325). Ao que tudo indica, só a mando de D. Dinis foram construídas ou reconstruídas cerca de 56 fortificações podendo este número chegar a 86 de acordo com novos estudos. No reinado de D. Fernando (1367 – 1383), a rede de fortificações em Portugal já era elevada, sendo por este monarca e pelo seu sucessor, D. João I (1385 – 1433) incrementada, através de novas políticas de amuralhamentos (Grzybowski, s.d.).

De facto, a partir do século XIV assistimos a uma importante alteração do local onde se faz a guerra. Se até a esta data o palco da guerra era essencialmente os castelos, a partir de então passam a ser as cidades e as vilas. Por esse motivo, a partir de meados do século XIV, D. Afonso IV e D. Pedro investem sobretudo na construção e ampliação de muralhas urbanas. Apenas os castelos que conservam valor estratégico permanecem activos, como é o caso daqueles que se localizam na zona de fronteira e foram documentadas por Duarte de Armas (Barroca, 2003).

Na segunda metade do século XIV, Portugal já é detentor de 173 castelos, edificados estrategicamente em determinadas regiões, destacando-se Trás-os-Montes e Alto Douro com 27 fortalezas, e o Alto Alentejo com 36, sendo a região com maior número destas estruturas militares (Grzybowski, s.d.).

### **3.3.1 O Castelo Roqueiro e Condal**

Alguns castelos portugueses têm origem nos antigos castros romanos. É no Douro Litoral e no Entre-Douro-e-Minho onde se encontram as estruturas mais antigas devido a estas terem sido zonas de conflito eminente. A zona de Entre-Douro-e-Minho possuía nos finais do século X e no século XI uma rede bastante densa de castelos, construídos, na sua maioria, por iniciativa das populações locais (Barroca, 1991), que asseguravam a edificação e a vigilância do castelo. Esta situação verificava-se numa região que se estendia desde a área noroeste do país até às margens do rio Douro, espaço de fronteira fundamental até meados do século XI, prolongando-se mesmo a algumas zonas a Sul deste rio (Correia, 2010).

A estrutura original da maioria dos primeiros castelos, edificados nos finais do século X e no século XI, é extremamente difícil de reconstituir, tendo dela apenas sobrevivido poucos vestígios. Desses vestígios é possível concluir que os castelos seriam estruturas rudimentares de espaços reduzidos, implantadas em locais altaneiros usufruindo da morfologia do terreno para a defesa, cujas muralhas se aproveitavam da presença dos batólitos graníticos de forma a facilitar o esforço de construção, facilitar a defesa do reduto e diminuir os custos de construção. Estes tipos de castelos são designados por castelos roqueiros (Barroca, 1991).



Figura 24 – Castelo de Algosó. Retirada do site [16]

O Castelo de Algosó (ver Figura 24), na freguesia de Algosó, concelho de Vimioso, distrito de Bragança, apesar de ter sido alvo de diversas reestruturações, conserva algumas configurações características do castelo roqueiro. Entre elas saliente-se, o facto de estar situado numa escarpa maciça rochosa de 690 metros de altitude, dos troços das muralhas aproveitarem a presença dos maciços rochosos para sua fixação e a circunstância do recinto que está intramuros ser de reduzidas dimensões. A presença da Torre de Menagem representa uma característica que surge mais tarde com o aparecimento do castelo românico (Jana, 1994; Costa, 2001).

Os castelos roqueiros deram origem a um outro tipo de estrutura, o castelo condal. Esta estrutura militar, era detentora de soluções arquitectónicas diferentes e mais elaboradas em relação aos castelos roqueiros e como o nome indica era mandada construir por iniciativa de um conde. A principal diferença consiste, desde logo, na segurança do espaço, realizada igualmente a partir da construção de um castelo, mas com a ajuda de outras construções, designadamente das torres (Correia, 2010). Um exemplo deste tipo de torres existente no bem conservado castelo da vila de Trancoso, no distrito da Guarda, referenciado pela primeira vez no pergaminho de 960, no qual D. Flamula doa vários castelos ao Mosteiro de Guimarães.

Apesar das características românicas do Castelo de Trancoso, este terá sido construído por iniciativa condal. Desta época, conserva-se uma torre (ver Figura 25), adaptada a Torre de Menagem pelos construtores do castelo românico, na segunda metade do século XII. O perfil da torre, tronco-piramidal, não é típico das construções românicas denunciando a sua antiguidade. Igualmente, a porta de acesso, que se encontra no primeiro piso, apresenta um arco em ferradura ultrapassado, tipicamente moçárabe, que pelas características permite enquadrar a construção no século X. Tudo isto, torna compatível esta estrutura com a data do diploma referido anteriormente. Desta estrutura apenas terá sido aproveitada a zona inferior, pelo que a torre original deveria possuir uma maior altura (Barroca, 1991).



Figura 25 – Torre do Castelo de Trancoso. Retirada do site [17]

Com o aparecimento desta nova estrutura houve também uma reestruturação do espaço originando as *civitates* que eram controladas a partir de um local central. Apesar de controladas por um castelo governado por um nobre, as *civitates* incluíam no seu interior outras construções militares destacando-se os castelos roqueiros que eram edificadas por iniciativa local (Correia, 2010)

### 3.3.2 O Castelo Românico e Gótico

Face a novos condicionalismos geoestratégicos, nomeadamente devido às campanhas de Fernando I de Castela com a expansão da Reconquista, a partir do século XI, a organização do território em *civitates* revelou-se inadequada. As principais *civitates* tornaram-se de menor dimensão facilitando o seu controlo e deixaram de estar localizadas nas zonas de fronteira. Esta nova transformação implementou uma nova forma de organizar o território denominada por *terras*. Entre meados do século XI e XII ocorreu uma transformação de *civitates* em *terras*

sendo que essa alteração decorreu de forma adaptativa indo de encontro com necessidade locais que iam surgindo (Barroca, 1991)

Como símbolo representativo de poder e ordem do território, cada terra possuía um castelo ao qual era atribuído o nome de castelo cabeça de terra. Os castelos cabeça de terra eram frequentemente situados em áreas de referência no terreno e originaram um ordenamento dos castelos roqueiro, onde uns desapareceram e outros ganharam importância devido ao factor referido, mas também porque se viabilizou economicamente as reformas *românicas* nos castelos. Dito isto, surgem os castelos românicos, localizados de forma mais concentrada no interior de Portugal em locais com maior índice populacional devido à existência dos principais centros produtivos e vias de acesso. Estes castelos, tal como os anteriormente descritos, eram preferencialmente localizados em zonas elevadas de difícil acesso permitindo o fácil controlo do território (Correia, 2010).

O castelo românico foi concebido para uma defesa passiva. Estes castelos dispunham de construções pouco agressivas uma vez que o principal objectivo era resistir a longos cercos pelo que dependiam em grande parte da espessura e da altura das suas muralhas. O castelo românico, sempre que possível, era implantado de forma a aproveitar as condições de relevo para sua própria defesa, reflectindo-se deste modo em construções com configurações em planta irregulares. Estas fortificações compreendiam, principalmente, a existência de: muralhas altas e espessas construídas recorrendo a silhares de pedra; um adarve protegido por um parapeito coroadado com ameias de forma pentagonal ou rectangular de largura igual às aberturas; um pequeno pátio amuralhado formado pelas muralhas com capacidade para acolher um pequeno grupo de forças militares (guarnição); duas portas que faziam a comunicação com o exterior (porta principal e porta da traição); o alambor (estrutura rampeada, construída na base das torres e das muralhas para aumentar a estabilidade construtiva e dificultar a aproximação dos mecanismos de guerra e das torres de assalto) (ver Figura 26); o hurdício (armação de madeira que se encaixava por fora das paredes constituindo uma galeria que permitia o tiro vertical sobre as bases dos muros) (ver Figura 27); pequenas aberturas nas muralhas e ameias denominadas por seteiras que funcionavam como dispositivos auxiliares de tiro para o exterior; torreões de planta rectangular adossadas às muralhas com o objectivo de reforçar e proteger os locais mais susceptíveis de ataque; cercas junto das muralhas do castelo com intuito de proteger as populações em caso de cerco (Barroca, 1991).



Figura 26 – Alambor. Castelo de Tomar. Retirada do site [18]



Figura 27 – Orifícios para a fixação do hurdício. Castelo de Longroiva. Adaptada do site [19]

A inovação mais relevante deste tipo de castelo, já referida precedentemente, foi a Torre de Menagem, o último reduto de resistência. A Torre de Menagem era implantada no ponto de cota mais elevada ao centro do recinto amuralhado do castelo atingindo altura suficiente para permitir o tiro directo para além das muralhas. Tal como as muralhas, estas estruturas assentavam, sempre que possível, sobre afloramentos rochosos, assegurando desta forma melhores condições de defesa. A sua planta era quadrangular ou rectangular e a sua altura variava normalmente entre os 10 e os 20 metros podendo em alguns casos atingir uma cota mais elevada. O andar térreo da estrutura referida não tinha aberturas, podendo servir como prisão, sendo o seu acesso feito normalmente no primeiro andar uma cota superior através de uma escada de madeira móvel, que em caso de perigo poderia ser recolhida, isolando a Torre no interior do próprio recinto (Barroca, 1991).

Em Portugal são raros os casos em que a Torre de Menagem tem um tipo de planta diferente da rectangular. Curiosamente, apesar do frequente uso, a planta quadrangular devido à presença dos ângulos rectos, oferecia deficiente resistência ao uso de aríetes, mas, por outro lado, o facto de os silhares serem paralelepípedicos, com as faces paralelas, facilitava a sua extracção. Contrariamente, nas construção de planta circular, os silhares têm as faces laterais convergentes, comportando-se como uma aduela quando sujeitos a tensões exercidas a partir do exterior o que originava a que quando maior fosse a força exercida pelo exterior, maior seria a coesão das paredes. Finalmente, comparando duas torres de  $36\text{m}^2$  de área útil, uma com planta quadrangular e outra com planta circular, verificamos que a primeira torre necessitaria de 26 metros de superfície interna das paredes, enquanto que a torre circular necessitaria apenas de 21,3 metros. Desta forma, supondo que as paredes têm 1 metro de espessura, a área ocupada pelos silhares da parede numa construção quadrangular seria de

28m<sup>2</sup>, enquanto numa torre de planta circular seria de 24,4m<sup>2</sup> (ver Figura 28), concluindo que a construção de planta circular conduz a um menor dispêndio de material.

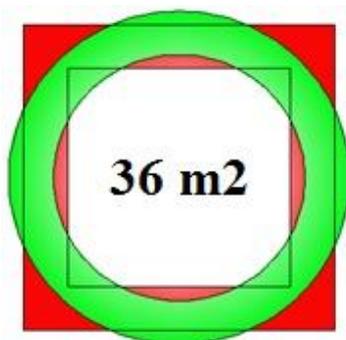


Figura 28 – Planta quadrangular vs. planta circular

O Castelo de Castro Laboreiro (ver Figura 29) pode ser considerado um bom exemplo de castelo românico, uma vez que, de acordo com os desenhos de Duarte D’Armas no *Livro das Fortalezas*, nos inícios do século XVI, embora hoje o castelo se encontre em ruínas, as muralhas da fortaleza eram reforçadas com cinco torres quadrangulares envolvendo a torre de menagem central. Duas portas faziam ligação com o exterior da fortaleza e junto às muralhas existia uma cerca para abrigar a população e os animais.

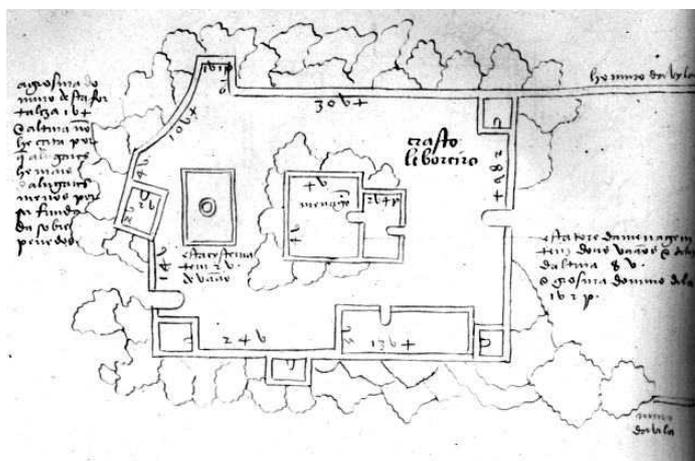


Figura 29 – Planta do século XVI do Castelo de Castro Laboreiro (Armas, 2006)

Com a assinatura do Tratado de Alcanizes (1297), foi definida a linha de fronteira entre o Reino Português e Espanhol, sendo que a partir deste momento a coroa portuguesa se encarregaria da manutenção e reforma dos castelos raianos (castelos situados perto da fronteira com Espanha), apoiando-se nestes para a defesa e segurança do reino. Devido a esta estabilização da linha de fronteira, deparamo-nos com o aparecimento das primeiras soluções de defesa, apelada de “defesa activa”, surgindo desde então o castelo gótico. Um outro facto

que não deve ser isolado deste contexto, é que as *terras* entraram em decadência e a maior parte dos castelos que compunham a rede militar do interior do reino começaram a entrar em declínio, chegando mesmo alguns ao estado de ruína. No entanto, este processo de decadência de *terras* não ocorria de forma linear, e durante as Guerras Fernandinas (1383 – 1385), as fortalezas situadas sobre as principais vias de circulação, onde seria de esperar a passagem de exércitos inimigos, tiveram a fortuna de receberem as reformas góticas escapando à ruína. (Barroca, 1991)

Neste tipo de castelos o número de torres adossadas aos panos de muralhas aumenta facilitando a defesa directa da base dos muros e a manutenção dos sitiados à distância. O espaço entre cada torre era calculado em função do alcance de tiro do arco ou da besta para que de um torreão fosse possível atingir a base do outro. O caminho de ronda no topo dos muros (adarve) torna-se mais largo resultando numa maior espessura das muralhas e facilitando a movimentação das forças militares em caso de ataque inimigo. As escadas de acesso ao adarve passam a constituir um maciço pétreo adossado às muralhas deixando de ser erguidas na espessura dos muros. Os muros passaram a ser coroados por ameias mais largas e baixas, e ao meio do seu maciço pétreo cavavam-se seteiras adaptadas ao tiro de arco e besta. As portas que servem de acesso principal começam a estar protegidas por balcões munidos de matacães (ver Figura 31) que permitiam o tiro vertical. Contrariamente aos castelos românicos, as Torres de Menagem deixam de estar isoladas no centro do pátio e passam a surgir muitas vezes adossadas às muralhas (ver Figura 30) em locais estratégicos protegendo as zonas mais delicadas através de tiro directo a partir do seu nível superior e, nos finais do século XIV, e no decorrer do século seguinte, a Torre de Menagem tende a alargar-se passando a dispor de espaços interiores amplos, bem iluminados e arejados destinadas à habitação (ver Figura 32).

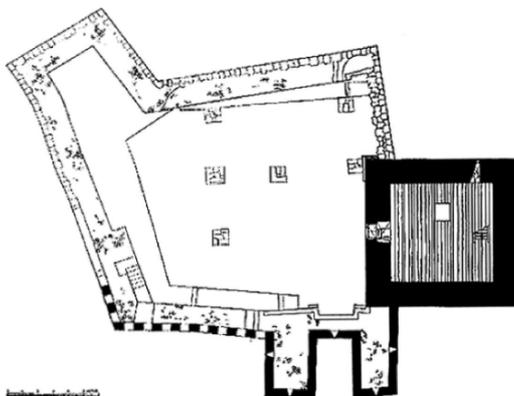


Figura 30 – Torre de Menagem adossada à muralha.  
Castelo de Lanhoso. Retirada do site [20]



Figura 31 – Matacães. Castelo de Pinhel. Retirada do site [21]



Figura 32 – Torre de Menagem. Castelo de Bragança. Retirada do site [22]

### 3.4 O Sistema Abaluartado

A partir do século XV devido à utilização generalizada de novas armas de fogo, estabeleceu-se uma nova relação entre os meios ofensivos e defensivos. Tal como na transição do castelo românico para o gótico, o sistema abaluartado herdou algumas características do castelo gótico, principalmente nas fortificações que foram alvo de reestruturação. Inicialmente, as fortificações medievais foram adaptadas de modo a usufruir de armas de fogo, mas, como estas intervenções apenas consistiam na introdução de aberturas chamadas *torneiras* para a introdução das armas de fogo, os castelos continuavam a ser uma construção medieval. Quando as armas de fogo já se faziam capazes de afectar as estruturas amuralhadas, na segunda metade do século XV, os portugueses tiveram de aplicar profundas reformas nas fortificações adaptando-as ao poder de impacto dos projecteis. Os castelos passavam a ser de planta quadrangular com barbacãs; as ameias foram abandonadas e substituídas por um parapeito dotado de torneiras; passam a existir grandes bastiões posicionados nos ângulos com canhoiras de grande dimensão para tiro flanqueado. Nos inícios do século XVI assiste-se a uma mudança da planta das fortificações. A planta poligonal da Torre de Belém representa o início da fortificação abaluartada em Portugal. Finalmente, por volta de meados do século XVI, os portugueses aprendem a fortificar com baluartes angulosos, tal como os italianos (Barroca, 2003). A principal alteração que ocorreu em relação aos castelos foi a redução da altura dos panos de muralha e o aumento da sua espessura que tornavam as fortificações perante a artilharia inimiga um alvo menor e com maior resistência contra os projecteis (Correia, 2010). Porém, estes fortes, para além das suas muralhas de menor altura e da sua planta geralmente poligonal, possuíam normalmente, baluartes, meios-baluartes, cortinas, revelins, tenalhas, coroadas, hornaveques e fossos (Nunes, 2006). Portugal possui

vários exemplos deste tipo de estrutura principalmente junto da costa (ver Figura 33) e da fronteira (ver Figura 34). A Fortaleza da Póvoa de Varzim apresenta planta poligonal e é formada por quatro baluartes dos quais dois estão voltados para terra e outros dois para o mar. As suas cortinas (paredes entre os baluartes em que se converteram as muralhas) são inclinadas e robustas em aparelho de granito, rematadas por um friso arredondado e parapeito recto. O Forte de Santa Luzia, em Elvas, é constituído por quatro baluartes inscritos em polígonos rectangulares, cortinas com parapeito protegidas por revelins e por um fosso.



Figura 33 – Fortaleza da Póvoa de Varzim. Retirada do site [23]



Figura 34 – Forte de Santa Luzia em Elvas. Retirada do site [24]

No subcapítulo seguinte, é ilustrado um mapa feito a partir do Google Earth (ver Figura 35), com todos os castelos e fortes existentes em Portugal Continental, encontrados no S.I.P.A. (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico). As cores representam diferentes épocas de construção podendo essas épocas ser consultadas na legenda da imagem. Em anexo, pode ainda ser consultado as listagens com as fortificações de Portugal Continental (Anexo I) e mapas ilustrativos da contínua construção destas estruturas defensivas com o passar dos séculos (Anexo II).

### 3.5 Mapa dos Castelos e Fortes em Portugal Continental

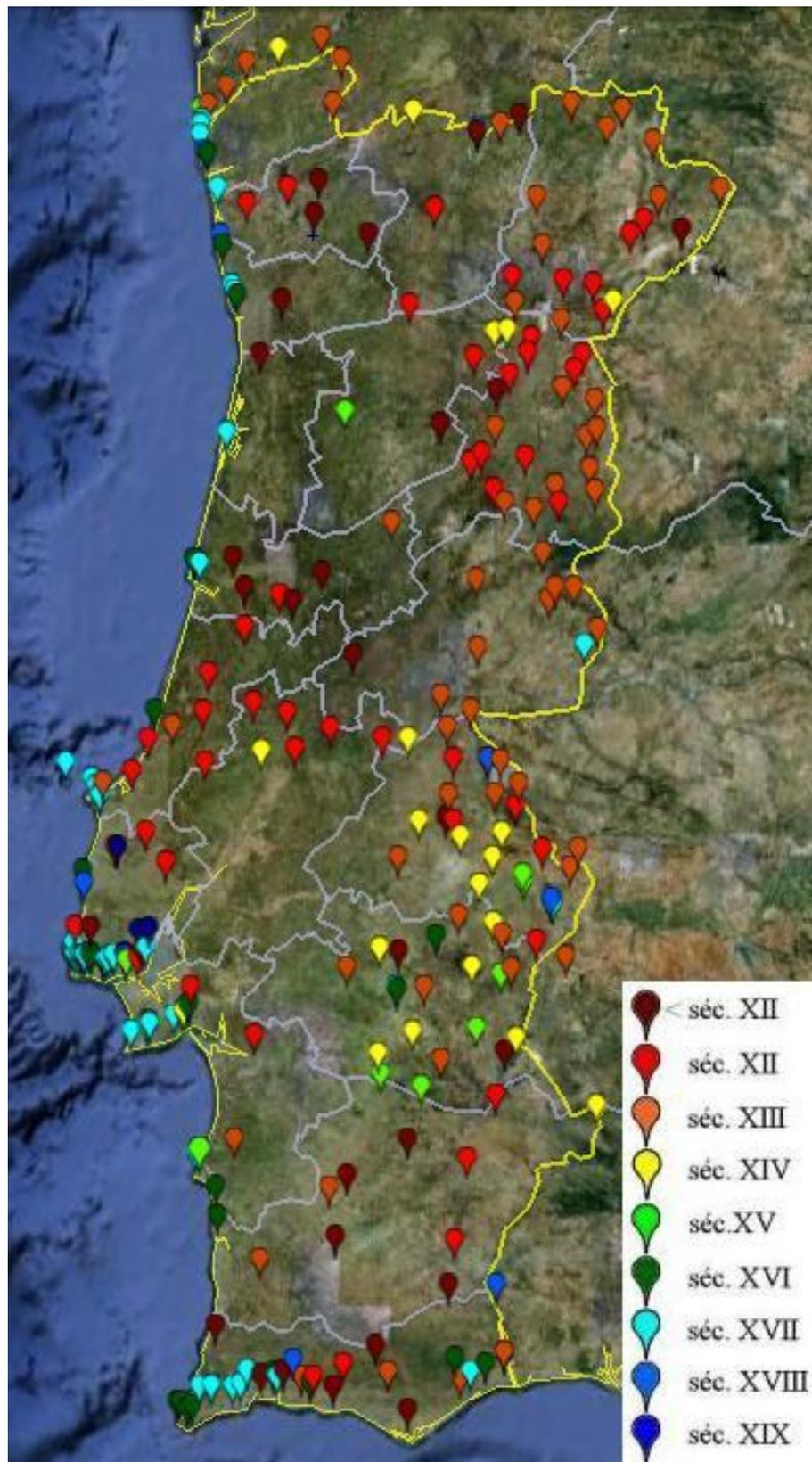


Figura 35 – Castelos e Fortes de Portugal Continental

### **3.6 Fortificações Coloniais**

Portugal iniciou no século XV um conjunto de viagens e expedições marítimas com vista ao alargamento do seu território que se traduziram na conquista e dominação de um vasto império. A grandeza da expansão portuguesa além mares fez com que o Império Português fosse o primeiro e o mais duradouro dos impérios coloniais da era dos descobrimentos. As conquistas tiveram início em território africano, no ano de 1415. Em 1999, Portugal entregaria o seu último território ultramarino à República Popular da China, neste caso Macau.

Iniciada a expansão territorial com a tomada de Ceuta, seguiram-se as ilhas da Madeira e Açores, territórios com papel de bases de colonização e exploração agropecuária. Mais praças foram conquistadas, em Marrocos, servindo de apoio logístico e material à navegação portuguesa possibilitando o apoio a navegadores como Bartolomeu Dias na exploração da costa africana. Aproveitando os caminhos marítimos já conhecidos, Vasco da Gama estabelece a rota marítima para a Índia e pouco tempo depois Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil. Agora as embarcações portuguesas exploram o oceano Índico, descobrindo novas terras, conquistando pontos-chave no Golfo Pérsico, na África Oriental, para além de terras asiáticas e na Oceânia, e estabelecendo importantes rotas comerciais.

Uma vez que Portugal ficou detentor de territórios ricos em especiarias, metais preciosos, sedas, madeiras, diamantes, etc., estas terras tornaram-se desejadas por outros impérios o que levou à construção de uma rede de fortalezas que viria a tornar-se importante não só na conquista dos territórios mas também na defesa dos mesmos (Boxer, 2001).

#### **3.6.1 África**

A partir de 1415, prolongando a tradição instaurada na costa marroquina, a região subsariana que se desenvolvia desde a Mauritânia para sul e ao longo do Golfo da Guiné, seguiu o modelo do castelo tardo-medieval (ver Figura 36), o qual se prolongou pelas primeiras décadas de 1500, atingindo então a costa oriental africana. Este modelo era de uma concepção anterior ao aparecimento da pirobalística. Os muros desta fortificação eram verticais e na sua versão mais simples definiam uma planta quadrada de dimensão moderada. A referida fortificação era protegida por quatro torreões de planta circular. Por vezes, isolada no seu interior, era construída uma torre interna mais alta.



Figura 36 – Castelo do Mar, Safi, Marrocos. Retirado do Google Earth

Na época da pirobalística, as fortificações correspondem a um modelo quase oposto ao anterior, com um sistema formal, técnico e de espaço muito diferente. Este novo modelo de fortificações era construído com muralhas baixas e com pano exterior inclinado, possuindo baluartes em ângulo, provido de orelhões para proteger a resposta de fogo dos sitiante. Ao longo da segunda metade do século XVI, e até 1600, este modelo foi-se tornando gradualmente mais complexo, propagando-se a todas as fortificações em África. Esta circunstância, obrigou, naturalmente, à reconstrução e/ou adaptação das mais antigas fortalezas, bem como inspirou outras, que de raiz obedeciam às novas regras defensivas. Na África Subsariana portuguesa, ao contrário do verificado em Marrocos, não se constroem fortificações com muralhas contínuas, abaluartadas, envolvendo a totalidade do núcleo urbano (ver Figura 37 e Figura 38) (Freudenthal et al, 2010).



Figura 37 – Cidadela e Fortaleza de Mazagão, El Jadida, Marrocos. Adaptada do Google Earth



Figura 38 – Fortaleza de São Miguel, Luanda, Angola. Retirada do Google Earth

### 3.6.2 Ásia e Oceânia

Em 20 de Maio de 1498, a frota de Vasco da Gama alcançou Kappakadavu, próximo de Calecute, no actual estado indiano de Kerala, ficando estabelecida a rota do cabo e aberto o caminho marítimo dos europeus para a Índia.

A construção de sistemas defensivos foi iniciada nas primeiras décadas, após a chegada das frotas portuguesas enviadas por Manuel I de Portugal, pelo pessoal que integrava as armadas. Primeiramente foram edificadas estruturas precárias, em madeira, que, logo que possível, passaram a alvenaria. Os fortes e as casas fortificadas eram construídos como últimos redutos. À sua volta eram erigidas paliçadas e tranqueiras onde era utilizado todo tipo de material vegetal e de entulho. Mais tarde, algumas tranqueiras foram transformadas em perímetros de muralha, já com técnica especializada. Embora desaparecidas, as tranqueiras tiveram um papel extremamente importante e decisivo na afirmação portuguesa no oriente.

Depois desta fase arcaica, que manifestava fracos resultados sempre que a força de ataque era balística (armas de fogo), a coroa portuguesa, em 1541, impulsionou uma mudança de paradigma, no sentido da adopção do sistema abaluartado, ainda em fase de desenvolvimento no sul da Europa. Nos anos seguintes, assistiu-se a uma renovação dos sistemas defensivos existentes nos locais e territórios sobre domínio português.

O sistema defensivo da província do Norte da Índia pode ser agrupado em três grupos de estruturas militares, de acordo com as características arquitectónicas que apresentam: o primeiro grupo, inclui fortificações urbanas com, pelo menos, três baluartes artilhados, unidos por um perímetro amuralhado consistente e com parapeitos (ver Figura 39); o segundo grupo, engloba as estruturas secundárias constituídas por sistemas de, no mínimo, um baluarte ou reduto artilhado e um perímetro defensivo suficiente para acolher uma guarnição permanente e com uma certa autonomia (ver Figura 40); o terceiro grupo, reúne as fortificações complementares, sendo constituído por torres ou redutos isolados e ainda casas senhoriais, incorporando posições ou dispositivos próprios para a sua defesa, como fossos, guaritas, espingardeiros, etc. (ver Figura 41).



Figura 39 – Fortaleza de Damão, Damão, Índia. Adaptada do Google Earth



Figura 40 – Baluarte do Mar, Diu, Índia. Retirada do Google Earth



Figura 41 – Torre de Arnala, Arnala, Índia. Retirada do Google Earth

Em Goa, o sistema fortificado português pode ser agrupado, basicamente, em duas zonas: uma primeira, correspondente ao perímetro amuralhado da cidade e à fortaleza local (ver Figura 42); a segunda, pertence às muralhas e baluartes que procuravam defender as incursões das forças inimigas (ver Figura 43). Com a entrada dos holandeses no oceano Índico, os principais perigos deixaram de vir de terra firme mas sim do oceano. Esta circunstância obrigou os portugueses a repensarem os seus sistemas defensivos, e a optar pela construção de raiz e/ou remodelação dos sistemas abaluartados para assegurar a defesa das barras. Mais tarde, através da edificação de estruturas abaluartadas, a defesa de quase toda a costa foi consolidada devido ao ataque de reinos islâmicos.



Figura 42 – Forte da Aguada, Aguada, Índia.  
Adaptada do Google Earth



Figura 43 – Forte de Corujem, Corujem, Índia.  
Adaptada do Google Earth

Na zona da Índia Meridional/Sri Lanka, os portugueses construíram igualmente, fortes e tranqueiras de forma a proteger o território conquistado dos ataques marítimos e terrestres. Finalmente, na região de Bengala, no sudeste asiático e nas Molucas, os portugueses apesar de não terem uma dominação formal na maior parte dos sítios, com exceção de locais como Malaca e Timor, construíram pontualmente fortes abaluartados junto à costa que funcionavam como pontos de vigia e núcleos amuralhados em certas localidades (ver Figura 44) (Rossa et al, 2010).



Figura 44 – Perímetro de Fortaleza Portuguesa, Malaca, Malásia. Adaptada do Google Earth

### 3.6.3 América do Sul

A costa atlântica da América do Sul constitui a primeira descoberta dos portugueses quando estes chegaram ao Brasil. As primeiras edificações portuguesas na costa atlântica da América do Sul teriam sido feitorias. Todavia, face aos problemas com que se depararam na defesa do Brasil, as suas primeiras construções terão sido de carácter militar.

Primeiramente, em virtude dos inimigos em causa serem sobretudo os índios, os portugueses construíram defesas primárias, com estacas e muros provisórios que, em princípio, conseguiam conter as armas de arremesso dos nativos. Estas primeiras instalações foram ultrapassadas com o desenvolvimento das cidades. Como é natural, a defesa perante os inimigos externos era vista como uma grande ameaça e preocupação, mas os fortificadores depararam-se com impedimento tecnológico, devido à dimensão das baías. Estas ampliavam de tal modo a escala da defesa das cidades que tornavam impossível pensar em sistemas que envolvessem todo o núcleo urbano. Este factor, levou a que as cidades fossem defendidas por mais que uma fortaleza. Inicialmente, foram adoptados fortins sem baluartes e com torres (ver Figura 45), que mais tarde adquiriram a forma de um polígono estrelado (ver Figura 46) e também formato circular (ver Figura 47).



Figura 45 – Forte de Monserrate, Salvador, Brasil. Retirada do Google Earth



Figura 46 – Forte de Santo António da Barra, Salvador, Brasil. Retirada do Google Earth



Figura 47 – Forte do Mar, Salvador, Brasil. Retirada do Google Earth

No decorrer do século XVII o processo de definição da linha de fronteira entre as terras dos reis de Espanha e de Portugal ia ganhando a sua forma final. A materialização da fronteira fez-se balizada pelos rios, onde, repetindo o processo utilizado na costa, se construíram mais fortificações, garantindo a defesa das povoações que se estabeleceram nestes locais. As fortalezas do interior do Brasil, começaram por ser pequenos redutos que mais tarde se converteram em fortificações abaluartadas (ver Figura 49) e em fortificações irregulares (ver Figura 48), quando assim o terreno o exigia.



Figura 48 – Forte de Nova Coimbra, Corumbá, Brasil. Retirada do Google Earth



Figura 49 – Fortaleza do Príncipe da Beira, Costa Marques, Brasil. Retirada do Google Earth

No interior da selva Amazónia, o processo de colonização fez-se através de missionários. Todavia, esta região foi marcada por um elevado índice de violência originando que as primeiras construções fossem sistemas de defesa. Nesta província, não fugindo ao normal da época, encontram-se fortes com planta circular (ver Figura 50) e fortes abaluartados (ver Figura 51) (Araújo et al, 2010).



Figura 50 – Forte do Presépio, Belém, Brasil. Adaptada do Google Earth



Figura 51 – Forte de São José do Macapá, Macapá, Brasil. Adaptada do Google Earth

No subcapítulo seguinte é apresentado um mapa-mundo político onde estão representados a vermelho os países onde os portugueses construíram estruturas fortificadas (ver Figura 52). No Anexo III podem ser consultadas as listas com as fortificações coloniais portuguesas encontradas nos livros da Fundação Calouste Gulbenkian, *Património de Origem Portuguesa no Mundo*, e no S.I.P.A.

3.6.4 Mapa das Fortificações Coloniais

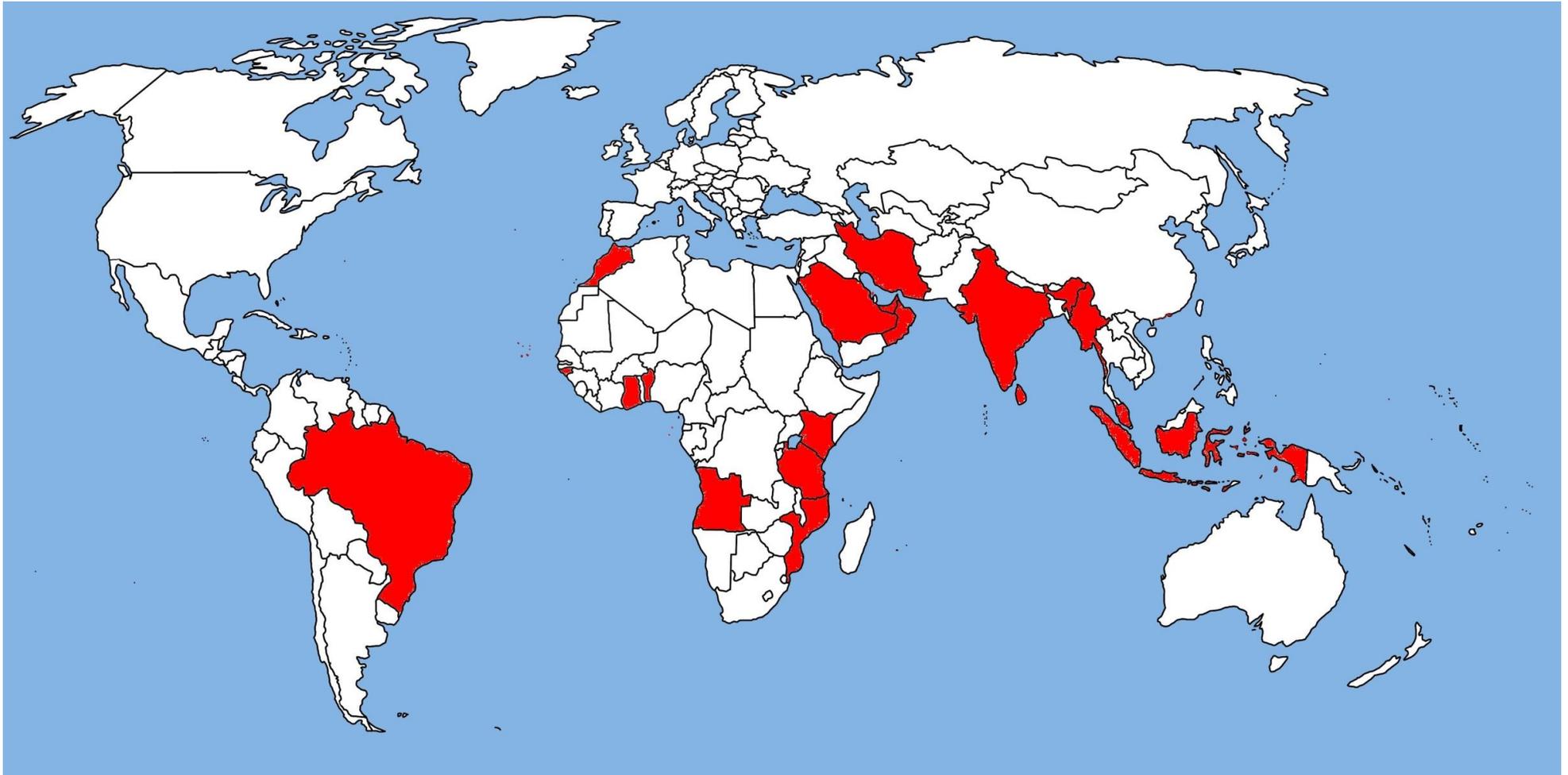


Figura 52 – Mapa-mundo político. Adaptada do site [25]



## **4. CASTELO E MURALHAS DE GUIMARÃES**

O capítulo sobre o castelo e as muralhas de Guimarães encontra-se estruturado em 4 pontos. No primeiro procedemos à apresentação e análise das fontes de informação mais significativas para o estudo da evolução do castelo e das muralhas de Guimarães, utilizadas neste trabalho.

No segundo ponto realizámos uma introdução histórica ao nosso objecto de estudo e no ponto três situámos a nossa temática, procedendo a uma abordagem acerca do actual do monumento. No ponto quatro traçamos as linhas gerais da evolução do castelo e das muralhas da vila. Por fim, no ponto cinco analisámos as intervenções realizadas no castelo.

### **4.1 Fontes Disponíveis Sobre o Castelo e Muralhas de Guimarães**

As fontes disponíveis para o estudo da evolução do castelo e das muralhas de Guimarães são diversas e de natureza distinta. Referimo-nos, às fontes escritas, às fontes cartográficas e iconográficas, mas também às fontes materiais. Iremos de seguida, proceder à descrição das fontes encontradas e apresentar a informação recolhida, de forma a sintetizar os dados mais importantes referentes ao castelo e muralhas de Guimarães. Após breve descrição de cada tipo fonte, são enumerados os principais exemplos encontrados relativos, podendo ainda ser encontrada informação complementar no anexo VI.

#### **4.1.1 Fontes Escritas**

As fontes escritas utilizadas neste trabalho, referem-se à documentação encontrada em arquivos, nomeadamente jornais e revistas com conteúdo histórico pertinente, que se encontram disponíveis para consulta na Sociedade Martins Sarmiento. Contudo, também pode ser encontrada informação importante em livros e artigos disponibilizados em bibliotecas, com destaque na Biblioteca Municipal Raul Brandão, em Guimarães, e também na internet. A pesquisa de jornais e revistas foi feita nas publicações regionais da cidade de Guimarães, sendo a principal fonte o jornal “O Comércio de Guimarães” e a “Revista de Guimarães”. Foram pesquisados cerca de 1700 edições do jornal “O Comércio de Guimarães” e todas as edições da “Revista de Guimarães”. As edições pesquisadas de “O Comércio de Guimarães” foram a primeira edição (1884) até ao ano 1891, os anos 1907, 1910, 1916, 1926 e 1927, e os anos entre 1933 e 1940. Estes anos foram seleccionados de acordo com o tempo disponível para a realização do trabalho, mas também tendo em vista a antiguidade e as datas de realização de obras conhecidas no castelo e/ou nas muralhas. Em seguida apresentamos as

edições com notícias relacionadas com o Castelo ou com as Muralhas de Guimarães. Algumas notícias podem ser consultadas no Anexo VI. Assim as edições são:

- 13 de Agosto de 1885 (Comércio de Guimarães) (ver Figura 53)
- 26 de Julho de 1907 (Comércio de Guimarães)
- 07 de Maio de 1926 (Comércio de Guimarães)
- 30 de Setembro de 1927 (Comércio de Guimarães)
- 07 de Outubro de 1927 (Comércio de Guimarães)
- 14 de Outubro de 1927 (Comércio de Guimarães)
- 24 de Novembro de 1933 (Comércio de Guimarães)
- 23 de Março de 1934 (Comércio de Guimarães)
- 19 de Outubro de 1934 (Comércio de Guimarães)
- 09 de Agosto de 1935 (Comércio de Guimarães)
- 31 de Dezembro de 1937 (Comércio de Guimarães)
- 11 de Novembro de 1938 (Comércio de Guimarães)
- 22 de Março de 1940 (Comércio de Guimarães)
- 19 de Abril de 1940 (Comércio de Guimarães)
- 04 de Junho de 1940 (Comércio de Guimarães)
- 06 de Dezembro de 1940 (Comércio de Guimarães)
- Edição de 1940 (Revista de Guimarães)
- Edição de 1957 (Revista de Guimarães)
- Edição de 1959 (Revista de Guimarães)



Figura 53 – Jornal “O Comércio de Guimarães”. Edição de 13 de Agosto de 1885

Refira-se, igualmente, a existência de outras publicações periódicas que noticiam alguns acontecimentos relacionados com o castelo e/ou as muralhas, como o jornal “Notícias

de Guimarães”, “Jornal de Guimarães” e o “O Vimaranesense”, entre outras, que podem ser consultadas, igualmente, na Sociedade Martins Sarmiento.

Paralelamente a este conjunto de dados publicados periodicamente que relatam os acontecimentos contemporâneos que foram ocorrendo no castelo e nas muralhas, existe igualmente, um conjunto importante de estudos actualistas que, com base em diferentes fontes de informação, designadamente as arqueológicas e as manuscritas, constituem a bibliografia mais importante relativa à história do castelo e das muralhas de Guimarães. Em particular destacam-se as obras do arqueólogo Mário Barroca, designadamente “O Castelo de Guimarães” (Barroca 1996), de Luiz de Pina “O Castelo de Guimarães (Pina 1933) e “O Castelo de S. Mamede e Igreja de S. Miguel do Castelo (Pina 1928), de Barroso da Fonte “O Castelo de Guimarães (Fonte 1992), de Fernando José Teixeira “O Castelo e as Muralhas de Guimarães” (Teixeira 2001). Refira-se, ainda, a edição de 1937 do Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais relativa ao Castelo de Guimarães. Por fim, merece particular destaque a obra da historiadora Maria da Conceição Falcão Ferreira “Duas vilas um só povo” (Ferreira 2010) que analisa exaustivamente a História da cidade de Guimarães na Idade Média com base em manuscritos medievais.

Na internet pode ser encontrada informação sobre o Castelo de Guimarães e suas muralhas, designadamente, no *site* do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (<http://www.monumentos.pt>), do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (<http://www.igespar.pt>), do Paço dos Duques de Bragança de Guimarães (<http://pduques.imc-ip.pt>) e em alguns blogues como <http://araduca.blogspot.com/> e <http://guimaraes-apontamentos-historia.blogspot.com/>.

#### **4.1.2 Fontes Cartográficas e Icnográficas**

O estudo do castelo de Guimarães beneficia, igualmente, de um importante acervo de fontes iconográficas e cartografias.

Das fontes iconográficas fazem parte um conjunto denso de imagens, postais e fotografias antigas, entre outras. Algumas delas integram a bibliografia acima referida, outras designadamente fotografias e postais encontram-se depositadas na Sociedade Martins Sarmiento e foram-nos gentilmente cedidas pelo seu presidente, António Augusto Amaro das Neves. Com exemplo das imagens apresentamos a Figura 54, contudo a quase totalidade é apresentada no anexo VI. Referir, por fim que as fontes iconográficas são particularmente relevantes dada a possibilidade de observação e percepção visual da transformação do castelo e das muralhas.



Figura 54 – Fotografia do Castelo de Guimarães anterior a 1863

No que diz respeito às fontes cartográficas, estas podem ser encontradas principalmente no site da IGESPAR (<http://geo.igespar.pt/website/guimaraes>), na Câmara Municipal de Guimarães e na obra “Guimarães do Passado e do Presente” (Pacheco et al, 2009).

#### **4.1.3 Fontes Materiais**

As fontes materiais utilizadas neste trabalho para o estudo do castelo e das muralhas de Guimarães são constituídas pelo conjunto de vestígios materiais que sobreviveram até aos dias de hoje e que servem de suporte à história do burgo de Guimarães. Delas fazem parte algumas estruturas bem visíveis, como é o caso do castelo e, junto a este, o início das muralhas que davam a volta ao burgo de Guimarães e que arrancam na torre norte do castelo e na torre do ângulo sul. Ainda é possível observar um extenso troço de muralha na actual Avenida Alberto Sampaio e o que resta da Torre da Alfândega (ver Figura 55) em frente ao Largo 25 de Abril. Menos visível, são os troços de muralha que se podem encontrar entre as casas que foram construídas dos dois lados da muralha. Estes pequenos troços visíveis podem ser encontrados por exemplo no interior da cervejaria “Vira-Bar” e no rés-do-chão de algumas casas do Toural.



Figura 55 – Torre da Alfândega. Retirada do site [26]

#### 4.2 Introdução Histórica

Ainda o nome de Portugal não era reconhecido no quadro onomástico das nações ibéricas e o século X há pouco se iniciara, quando a viúva do conde de Tui, uma dama galega chamada de Condessa Mumadona Dias (ver Figura 56), cruzou o Minho descendo além do vale do Cávado instalando-se em Vimaranes. Mumadona utilizou parte dos seus bens, procurando cumprir os desejos do finado Conde, deixados em testamento, para fundar na sua herdade um mosteiro. Foi em torno deste mosteiro, onde a terra era bastante fértil e aprazível, cingida pelo rio Ave e rio Vizela, que aos poucos se formou o primitivo povoado vimaranense (D.G.E.M.N., 1937).



Figura 56 – Mumadona Dias. Retirada do site [27]

Naquele tempo, as invasões dos muçulmanos repetiam-se com frequência. Ponderando a gravidade dos ataques dos infiéis contra os soberanos de Leão, Mumadona reconheceu que não bastava edificar um mosteiro com firmes alicerces e sólidas paredes para protecção dos monges e dos povos que por ali procuravam amparo espiritual. Nesse sentido ordenou a construção de um castelo, onde todos, religiosos e seculares, se pudessem acolher quando os exércitos sarracenos por ali passassem. Para a edificação da sua obra defensiva, a condessa galega elegeu um outeiro apelidado de Monte Latito, que dominava o lugar onde o mosteiro se encontrava. Neste cabeço, terá sido onde se levantaram os primeiros muros do primitivo castelo (D.G.E.M.N., 1937).

Já no século XI, o Conde D. Henrique (ver Figura 57) e sua esposa D. Teresa (ver Figura 58), estabeleceram-se em Guimarães, remodelando e ampliando, para sua habitação, a fortificação que a Condessa Mumadona mandou edificar. Aqui terá nascido D. Afonso Henriques (ver Figura 59), que travou a batalha de São Mamede, em 1128, e derrotou as tropas de sua mãe e do conde galego Fernão Peres de Trava, que tentavam apoderar-se do governo do Condado Portucalense. D. Afonso Henriques conquistou a independência e tornou-se o primeiro rei de Portugal.



Figura 57 – Conde D. Henrique. Retirada do site [28]



Figura 58 – D. Teresa. Retirada do site [29]



Figura 59 – D. Afonso Henriques. Retirada do site [30]

Mais tarde, entre o século XII e XIV, o castelo de Guimarães sofreu novas reformas. No reinado de D. Afonso III (1248-1279) o castelo foi objecto de uma profunda reforma melhorando a sua defesa, mais tarde continuada pelo seu filho D. Dinis e concluída durante a diligência de D. Fernando. Posteriormente, decorridos poucos anos, o Mestre de Avis (D. João I) estabeleceu a última homenagem que os reis portugueses prestaram ao Castelo de Guimarães. Desta forma, enquanto Portugal ia em busca de novas fronteiras além dos mares

conhecidos, o velho castelo passava entre o século XV e XVI a servir de residência para o alcaide da cidade. Envelhecido e saudoso do seu glorioso passado militar, o castelo durante longos tempos de abandono, sofreu injúrias do tempo e dos homens, que o transformaram num estabelecimento penal, acabando mais tarde como caserna nas mãos dos soldados que não o souberam respeitar, chegando mesmo a haver uma proposta de demolição do castelo (Teixeira, 2001).

### 4.3 O Monumento Actual

O actual Castelo de Guimarães apresenta planta regular, pentagonal, em forma de escudo. A sua praça de armas é delimitada por uma cintura de muralhas reforçada com oito torreões e ao centro desta fica implantada a torre de menagem (ver Figura 60). O castelo está situado no topo de um pequeno monte, sobre afloramentos graníticos, rodeado por um parque arborizado e relvado com diversos caminhos pedestres. As suas paredes são autoportantes em cantaria de granito (Serenio e Dordio, 1994; Gonçalves, 2003).

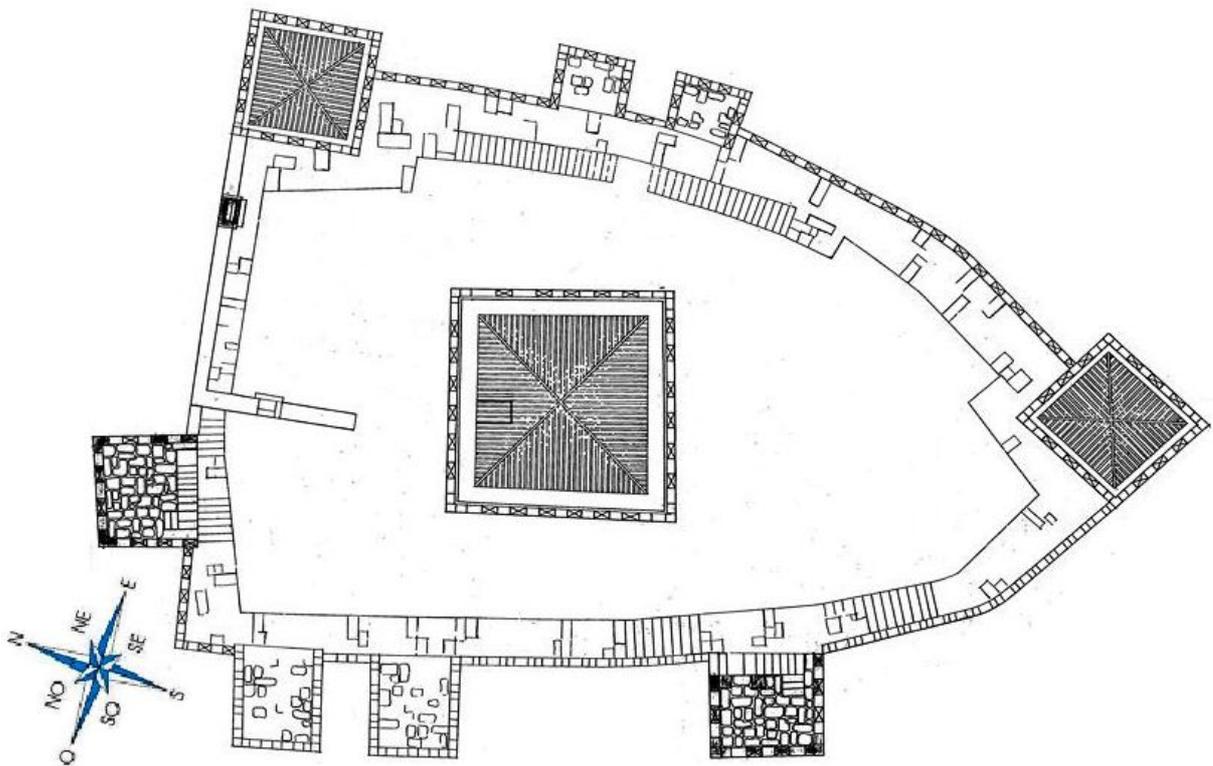


Figura 60 – Planta do Castelo de Guimarães. Adaptada do site [31]

Relativamente à torre de menagem, (ver Figura 61) esta apresenta planta quadrangular, de aparelho forte e bem esquadrinado com as paredes ao nível do solo mais reforçadas. As

faces não têm as mesmas dimensões, na base a espessura das paredes ronda os 2 metros e no último andar 1,80 metros e a largura varia entre os 12,12 metros e os 12,95 metros. A torre é acessível através de uma única porta ao nível do adarve, através de um estreito passadiço de madeira, com 6,25 metros de comprimento. No interior da torre, a iluminação é feita através de estreitas seteiras, duas na face voltada a poente e três nas restantes faces. A torre divide-se em quatro andares, incluindo a cobertura acessível, com escadaria em madeira para a comunicação. Os pavimentos, também em madeira, estão assentes num pilar central de secção quadrangular que se adelgaça conforme ganha altura, formando ressaltos fortes onde os soalhos dos andares estão assentes. O topo da torre fica a 27 metros de altura e a circulação é feita através de um adarve com 1 metro de largura. O telhado desta torre, assim como da torre do canto sul e nordeste, são em telha canudo de quatro águas.

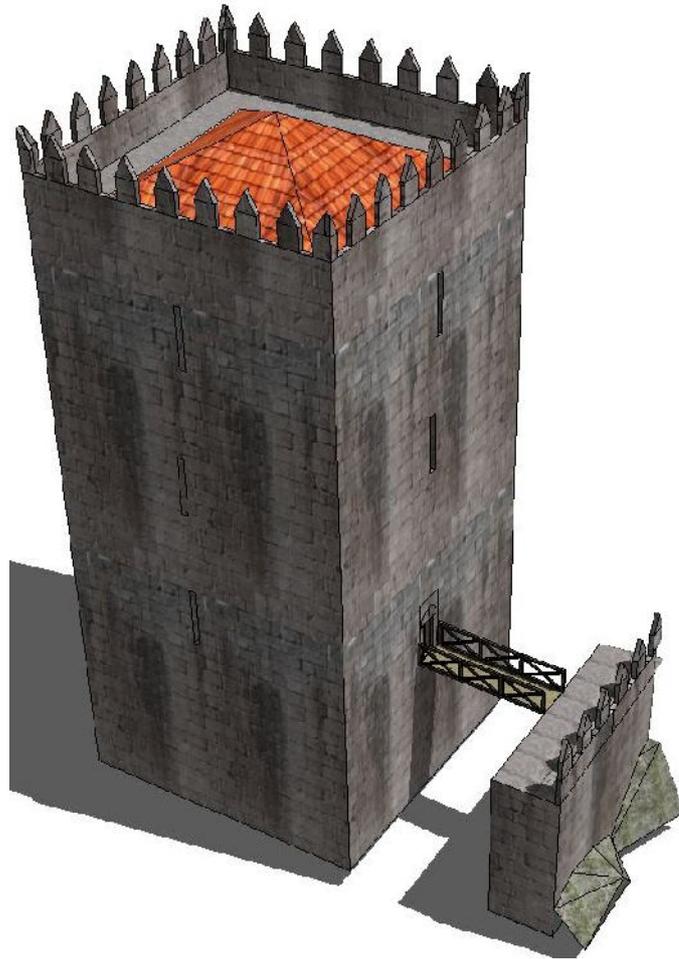


Figura 61 – Torre de Menagem

Os muros do castelo são percorridos interiormente pelo caminho de ronda, acessível através de duas escadarias divergentes adossadas à muralha junto da porta da traição (ver Figura 62). Junto à torre da “forca” e à torre norte, o adarve adota maior altura em relação ao

restante caminho de patrulha, de forma a facilitar o acesso a estas torres (ver Figura 63). Suprimindo a largura das torres, a muralha voltada a poente, a norte e para o campo de S. Mamede, tem de comprimento 34,3 metros, 24 metros e 34,5 metros, respectivamente. Do adarve ao solo, pelo interior, contam-se em média 6 metros, à excepção dos locais da torre norte e da “forca” que até ao solo vão 8 metros. Pelo lado exterior do castelo, as muralhas variam muito de altura uma vez que estas estão assentes sobre grandes afloramentos graníticos. Adossado à muralha norte, pelo lado interior, encontram-se os vestígios da antiga alcáçova vendo-se as paredes rasgadas por janelas e duas chaminés.

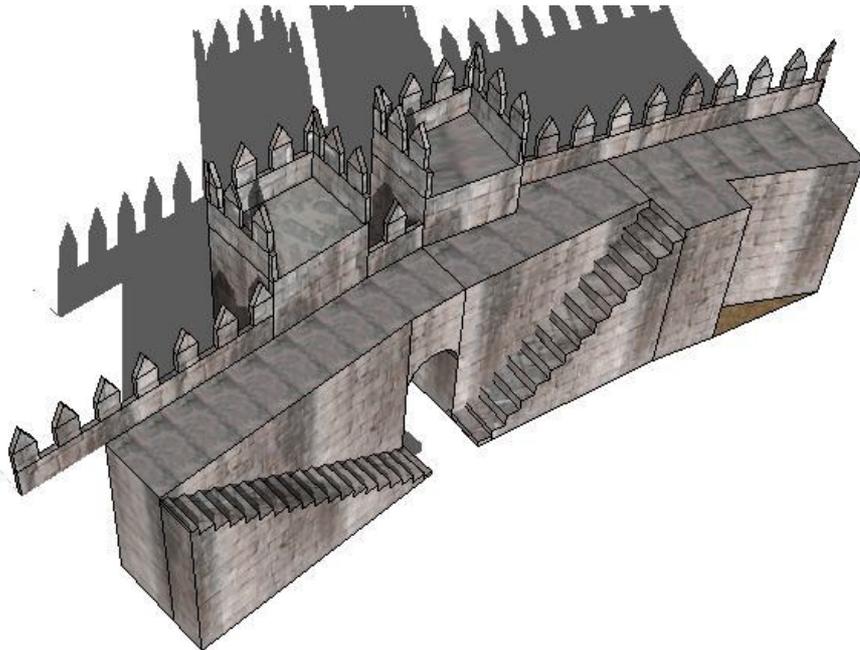


Figura 62 – Escadas de acesso ao Adarve

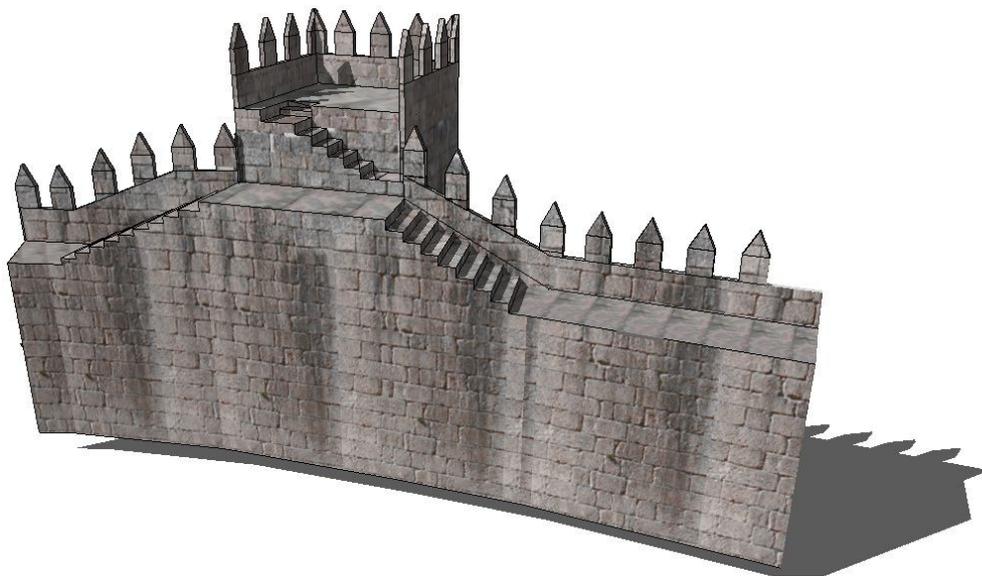


Figura 63 – Patamar junto à Torre da “Forca”

Passaremos agora à descrição dos oito torreões que defendem o castelo: a porta principal é defendida por duas torres rectangulares com quase 20m<sup>2</sup> de área entre as suas paredes. A torre mais próxima do ângulo noroeste tem cerca de 15 metros de altura e a sua vizinha 12 metros; a torre da “forca”, que se encontra a meio percurso da muralha poente, tal como a anterior e as seguintes torres descritas, tem planta rectangular. A largura das suas paredes é de cerca de 6 metros e do seu bordo ao solo medem-se 18,2 metros; a torre do ângulo sul do castelo possui três aberturas estreitas, uma em cada face voltada para o exterior, sendo que a voltada para a torre de menagem foi transformada numa janela. Dos 17 metros de altura desta torre, 7 a 8 metros elevam-se a partir do adarve e as suas paredes têm à volta de 7 metros de largura. Esta torre está sobre uma porta entaipada que permitia a ligação entre o interior e o exterior do burgo; as torres que flanqueiam a porta da traição têm cerca de 12 metros de altura. A área entre as duas torres varia ligeiramente sendo que o torreão direito, para quem entra, é o que tem maior recinto; a torre do ângulo nordeste é em tudo semelhante à torre do ângulo sul, possui apenas mais 1m de largura em cada parede e tem 15 metros de altura, sendo que 5 a 6 metros são acima do nível do adarve; a torre norte (idêntica à torre da “forca”), situada perto da porta principal, é a torre com maior altura, com cerca de 20 metros desde o parapeito ao solo exterior.

Todo o Castelo de Guimarães é coroado com ameias pontiagudas, à excepção da parede norte onde se encontra a alcáçova do alcaide. Analisando as ameias existentes no castelo é possível encontrar vários tipos de ameias: ameias simples, ameias duplas, ameias de canto e ameias cravadas com seteiras. A altura das mesmas é da ordem dos 1,50 metros e a sua espessura varia entre os 38 e os 40 centímetros (Pina, 1933).

#### **4.4 Evolução da Fortaleza**

##### **4.4.1 O Castelo**

É possível verificar na parte superior das muralhas uma inovação ao nível do aparelho construtivo correspondente aos reinados de D. Afonso III (1248-1279) ou de D. Dinis (1279-1325). Esta inovação está relacionada com a utilização de silhares amplamente siglados (ver Figura 64 e Figura 65) (Barroca, 1996).



Figura 64 – Silhares Siglados

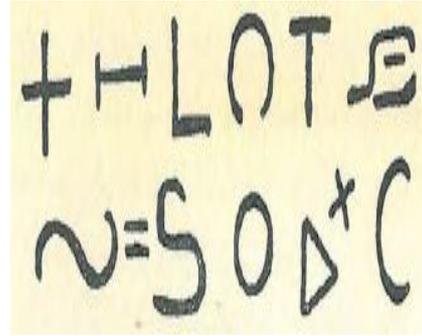


Figura 65 – Siglas do Castelo (Pina, 1933)

A construção dos oito torreões será correspondente a esta fase, uma vez que os mesmos apresentam desde os alicerces um aparelho de construção com siglas. Os torreões foram construídos nas zonas mais sensíveis do castelo, isto é, nos ângulos dos panos da muralha (Sul, Nordeste e Noroeste), nas portas (cada uma ladeada por duas torres) e sensivelmente a meio da muralha voltada para a cidade. A grande inovação desta fase foi a construção da Torre de Menagem ao centro do pátio, que possivelmente obrigou à demolição de diversas estruturas que teriam sido ali erguidas. A Torre de Menagem como nós a conhecemos e como foi descrita previamente, não terá obtido a sua forma final quando construída. Esta ideia é confirmada pelos vestígios de uns pequenos orifícios quadrangulares distribuídos com regularidade no lado exterior da torre, cerca de 4 metros abaixo das ameias. Estes orifícios tiveram serventia para encaixes de vigas, que neste caso indicam a existência de um hurdício de madeira ou plataforma (Barroca, 1996). A comunicação entre o interior da torre e a plataforma seria feita através da porta entaipada, que se encontra ainda hoje visível, no interior da Torre de Menagem, no último piso. O nível da dita porta corresponde ao chão da plataforma em causa (Pina, 1933). O acréscimo dos 4 metros de silhares e ameias seria fruto de uma intervenção realizada quando se removeu o hurdício e se optou por outros mecanismos de defesa. O piso superior da torre era servido por um adarve que teria uma largura média de 1 metro. Assim, com esta fase, o Castelo de Guimarães apresentaria o mesmo aspecto que hoje é possível ver, excepcionando o Paço do Alcaide do Castelo que, como já foi dito, viria a ser erguido entre o século XV e XVI, na zona norte do pátio (ver Figura 66 e Figura 67) (Barroca, 1996).

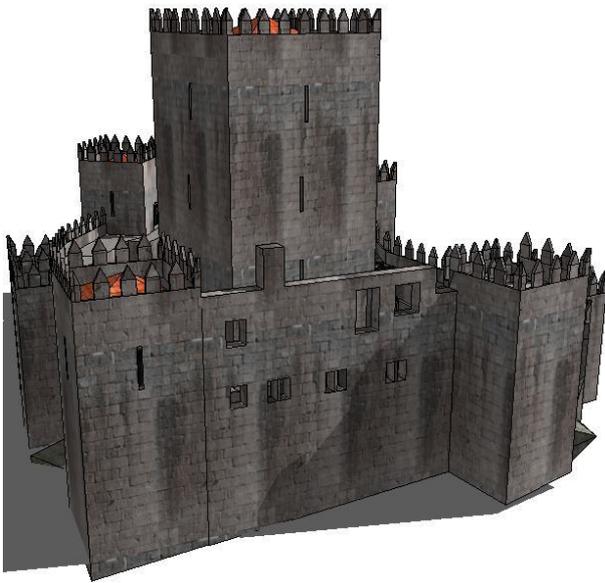


Figura 66 – Castelo de Guimarães com Paço do Alcaide (século XIV)

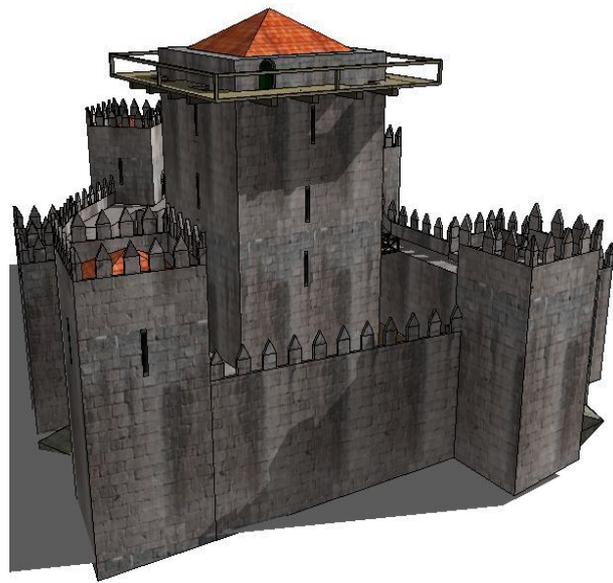


Figura 67 – Castelo de Guimarães sem Paço do Alcaide e com Hurdício (século XIV)

Continuando a observar o castelo, é possível detectar uma fase intermédia onde a utilização de silhares siglados é ainda sistematicamente ignorada. A técnica de construção desta fase é plenamente românica, onde os silhares são esquadriados e organizados para que os silhares de dentro de cada fiada respeitassem a mesma altura, apesar de haver pequenas diferenças de altura entre as diversas fiadas. Desta forma, é possível enquadrar esta fase do castelo no século XII e concluir que a fortificação, nesta altura, seria desprovida de qualquer torre, inclusive a torre de menagem, devido ao facto de estas serem amplamente sigladas (Barroca, 1996). Visto pelo interior, nota-se nitidamente abaixo do adarve da muralha voltada para a cidade, uma fiada de pedras salientes que pertenceram, em tempos, ao primitivo adarve das muralhas (ver Figura 68), levando a crer que nesta época, estas seriam mais baixas (Pina, 1933). No entanto, o Castelo de Guimarães já ostentava a planta que possui actualmente, descrevendo um espaço sub-triangular, em forma de escudo, com a parede Norte recta e as muralhas Oeste e Este arqueadas, rematadas em ângulo no lado Sul (Barroca, 1996). A muralha Este terá sofrido uma reestruturação completa no reinado de D.Dinis (plausível uma vez que este era o flanco exterior à vila sendo mais sujeito a ataques), uma vez que, no seu lado interior, encostada à muralha, notam-se vestígios de uma muralha primitiva que definiria o mesmo traçado arqueado, rematando igualmente em ângulo a Sul, deixando livre a porta que servia para o trânsito entre o interior e o exterior do burgo. A porta entaipada que hoje podemos ver ficou sem utilidade devido à construção da torre sul sobre a mesma (Pina, 1933).



Figura 68 – Adarve Primitivo

Todavia, no castelo de Guimarães, podem ainda ser detectáveis alguns vestígios pertencentes a uma fase mais antiga às anteriormente descritas. Entrando no castelo pela porta da traição, é possível verificar, ao longo de quase toda a fachada nascente do castelo, ao nível dos alicerces e das cinco primeiras fiadas de silhares, uma fracção de muro que retrata uma técnica de construção diferente das que foram referidas até agora (ver Figura 72). É também notório a opção por uma planta distinta daquela que hoje podemos presenciar. Estes testemunhos surgem nos primeiros afloramentos, a norte da referida fachada, excluindo o torreão a nordeste, e é possível aqui encontrar um encaixe talhado na pedra, que poderá estar relacionada com a fortificação de D. Henrique. Seguindo a fachada em direcção a sul, junto da porta da traição, vê-se uma larga sapata com planta arqueada escalonada (ver Figura 69). À medida que se dirige para sul, esta sapata recua, acompanhando de perto a prumada dos muros actuais, mantendo-se afastada deles até que são absorvidos pela presente muralha, ainda antes de se chegar ao torreão sul.



Figura 69 – Sapata junto à Porta da Traição

Os vestígios desta fase antiga não se cingem apenas à zona do castelo comentada anteriormente. Na muralha voltada para a cidade, entre a torre da “forca” e o torreão sul, encontra-se uma pequena porção de muro com uma extensão de 14 metros com características semelhantes às retratadas anteriormente (ver Figura 70 e Figura 72). Finalmente, entre a porta principal e a torre da fachada norte (ver Figura 71 e Figura 72), volta-se a encontrar o mesmo aparelho construtivo, colocado a grandes alturas, uma vez que neste local os batólitos graníticos são de elevadas dimensões. Com estas três zonas é possível concluir que o castelo teria um perímetro idêntico ao de hoje, no entanto, o ângulo sul e noroeste seriam evitados, rematando numa zona um pouco mais recuada e provavelmente arredondada, resultando numa planta ovóide (ver Figura 73) (Barroca, 1996).



Figura 70 – Vestígios da Muralha Voltada a Poente

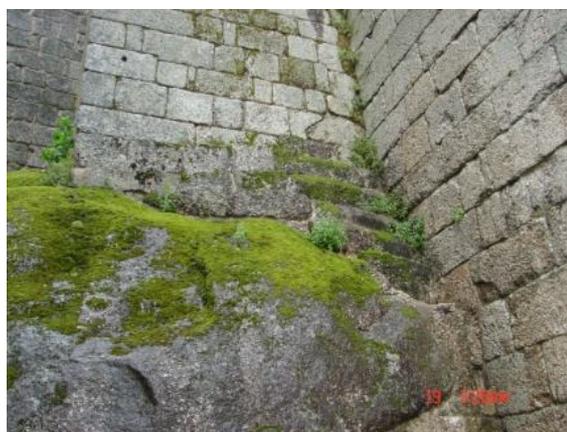


Figura 71 – Vestígios do Ângulo Noroeste

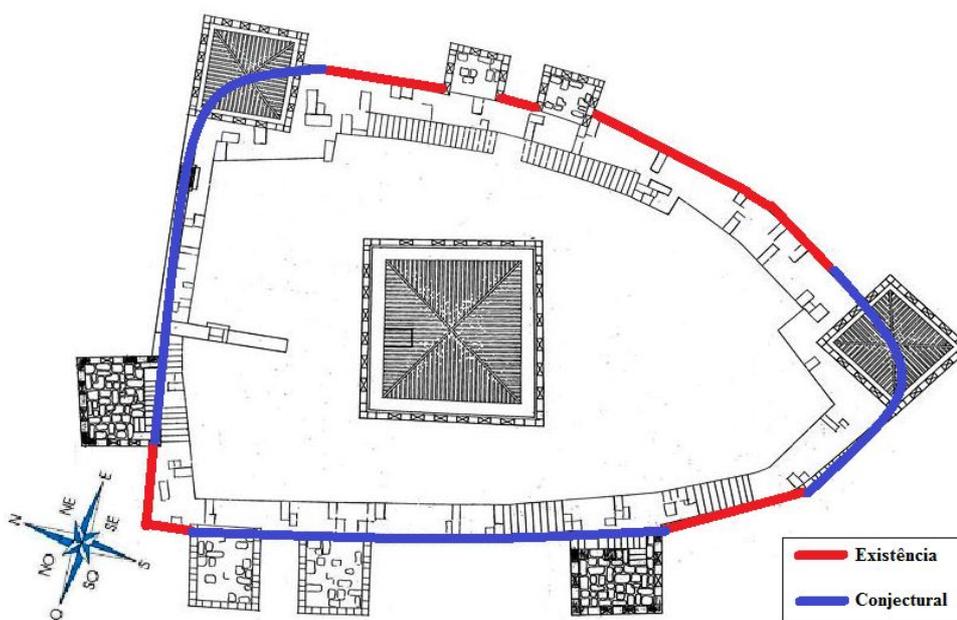


Figura 72 – Planta do castelo de Guimarães. Adaptada do site [31]

Uma vez que o aparelho construtivo identificado se caracteriza pelo uso de silhares de maiores dimensões que os da fase subsequente e com juntas quase esquadrinadas, mas ainda com desvios, é possível concluir que a técnica de construção utilizada é Proto-Românica, logo, como já foi referido, esta estrutura castelar poderá ser a que albergou o Conde D. Henrique, a sua esposa e ainda D. Afonso Henriques (Barroca, 1996).

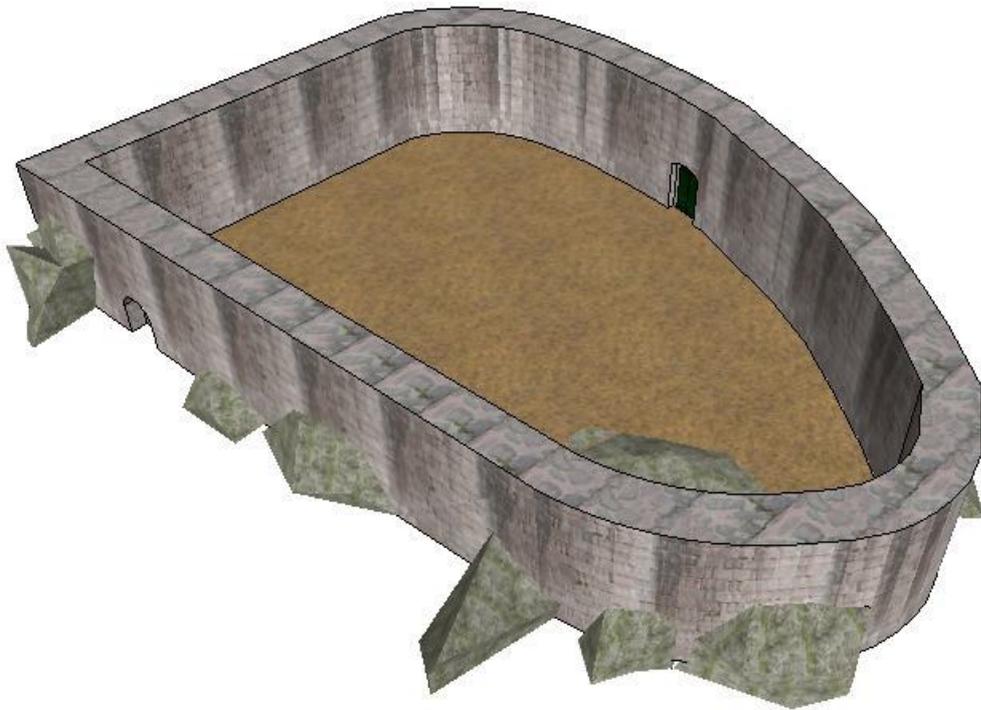


Figura 73 – Conjecturável Castelo de Guimarães do Século XI e XII

Falta ainda discutir o castelo da Condessa Mumadona Dias. O castelo fundado pela condessa no Monte Latito terá sido um dos primeiros castelos edificado para protecção de uma instituição monástica e construído por iniciativa condal, levando a crer que o castelo fundado por Mumadona terá sido análogo a um castelo condal. Do castelo construído a mando da Condessa Mumadona Dias nada resta, embora analisando o castelo de Guimarães, seja possível verificar que a construção existente ostenta vestígios da estrutura que viria a ser reestruturada inevitavelmente pelas reformas românicas (Barroca 1990-91). O castelo de Mumadona Dias seria muito distinto da estrutura que hoje é possível visitar. Grande parte dos trabalhos realizados para a construção da fortaleza da Condessa, segundo documentos deixados pela mesma, poderia ter passado por desaterros e movimentações de terra, com o objectivo de alterar a cota do terreno, usufruindo e aperfeiçoando as condições naturais de defesa que o terreno e os diversos afloramentos rochosos existentes ofereciam, integrando-a

no circuito amuralhado e minimizando desta forma, o esforço construtivo. É também possível, que a estrutura ligada a esses longínquos anos, não fosse uma estrutura pétreo, sendo natural o uso de materiais de construção diferentes, sobretudo a madeira. Tendo em conta que estamos situados na segunda metade do século X, o referido castelo não possuía Torre de Menagem, como já referido anteriormente. Esta inovação foi introduzida na construção militar portuguesa no século XII, e também, provavelmente, não deveriam existir torreões. As muralhas existentes na altura deveriam adaptar-se ao relevo, evitando ângulos e inflexões bruscas de itinerário, resultando talvez num circuito muralhado com uma planta de traçado ovalado. O pátio definido pela muralha seria de dimensões exíguas e sobre a existência, ou não, de estruturas construídas no seu interior nada se sabe. Nada mais poderá ser dito sobre esta estrutura na referida época, nem quanto ao período de tempo que o dito castelo sobreviveu, sendo que sobre estes tempos a documentação existente é incompleta (Barroca, 1996).

Analisemos agora o paço senhorial destinado ao alcaide do castelo, construído entre o século XV e XVI. A estrutura residencial existente no topo Noroeste do Castelo (ver Figura 74) desenvolvia-se em quatro pisos, dois dos quais apoiados no adarve do castelo, onde ainda é possível ver diversas janelas e algumas portas. O Paço teria uma área construída de cerca de 16 metros de comprimento, por 7 metros de largura. A sua construção cortou a continuidade de circulação no caminho de ronda, prejudicando as funcionalidades militares do Castelo, o que poderá ser um indício de que a valia militar e estratégica do castelo estava a acabar. A Torre Nordeste do Castelo viria a ficar incluída dentro da área do Paço, tendo desta forma sofrido remodelações, nomeadamente ao nível da porta Ocidental do Paço, rasgada no adarve. Seria por esta Torre que se estabelecia comunicação entre os dois andares superiores do Paço.



Figura 74 – Paço do Alcaide do Castelo de Guimarães

Como já foi referenciado, o Paço do Alcaide apresentava quatro andares. Os dois primeiros pisos aproveitaram a muralha do castelo para se adossarem, o que levava a terem aberturas para o pátio do Castelo de forma a usufruírem de iluminação. Estes compartimentos de rés-do-chão deviam estar destinados ao armazenamento de bens e armas. Os dois pisos superiores, ao contrário dos pisos inferiores, apresentavam lareiras e janelas para o exterior do castelo. O piso implantado à cota do adarve apresentava chão em madeira, uma vez que no recanto Norte ainda é possível encontrar os encaixes para as traves em que o chão se apoiava. Este compartimento apresenta três janelas amplamente rasgadas e uma pequena janela quadrada à direita destas. Este piso daria lugar a um compartimento onde o Alcaide recebia pessoas e provavelmente tomava as suas refeições. Do lado direito da lareira deste piso, que foi reconstruída pela D.G.E.M.N., encontra-se uma das portas do Paço, dando saída directa para o adarve. O quarto andar deveria representar a zona mais privada e recatada do Paço, correspondendo aos aposentos particulares. Este compartimento era de dimensões reduzidas e iluminado apenas por uma janela idêntica à do piso inferior. As duas janelas à esquerda desta, uma janela rectangular e uma quadrada, correspondem a uma ampliação do andar nos inícios do século XVI que veio atribuir um espaço idêntico ao do piso inferior. Esta terá sido a última intervenção no Castelo de Guimarães já que, a partir deste momento, o castelo perdeu as suas funções militares e residenciais acabando por ser abandonado, vindo a ser utilizado como cárcere e posteriormente como caserna militar, tal como já referido. Com a recuperação do seu valor emblemático nas primeiras décadas do século XX, foram efectuadas obras de restauro pela D.G.E.M.N. em 1937, conferindo ao Castelo o aspecto que ele hoje apresenta (Barroca 1996).

#### **4.4.2 As Muralhas da Vila**

Guimarães, nos seus primórdios, era isenta de muralhas que protegessem a vila e os seus moradores. Devido ao crescimento da população da vila, o castelo deixou de ter capacidade para acolher por longos períodos de tempo muita gente tornando a segurança da fortaleza limitada. Desta forma, durante o reinado de D. Afonso III, deu-se início ao alargamento do sistema defensivo do Castelo de Guimarães tornando a vila de Guimarães amuralhada.

A construção das muralhas ter-se-á desenvolvido em duas fases: na primeira fase, foi construída de forma rápida uma muralha robusta, ainda que tosca, mais pequena do que a muralha da fase seguinte e sem merlões. Esta muralha limitava-se à parte alta da vila com intenção desta funcionar como último reduto. Esta cerca limitar-se-ia a contornar o cume da

colina do castelo partindo da torre norte e encerrando o seu circuito na torre sudeste (ver Figura 75). Uma cerca com estas dimensões e com propósitos defensivos limitados deveria possuir um número de portas reduzido por razões de segurança. Assim, para fazer a comunicação com o burgo bastaria uma porta e para se aceder à vizinhança do castelo seriam necessárias duas ladeando este. Destas duas portas, uma seria a porta denominada de Santa Bárbara, visível hoje ao pé do torreão norte devido à reconstrução levado a cabo pela D.G.E.M.N.. A outra porta, no lado oposto, seria a porta que hoje se encontra entaipada na torre sul e que foi sacrificada devido à construção desta. O acesso à vila de baixo seria feito pela porta de Dona Urraca Nunes que estaria situada perto do local onde hoje podemos ver a estátua de D. Afonso Henriques (Teixeira, 2001).

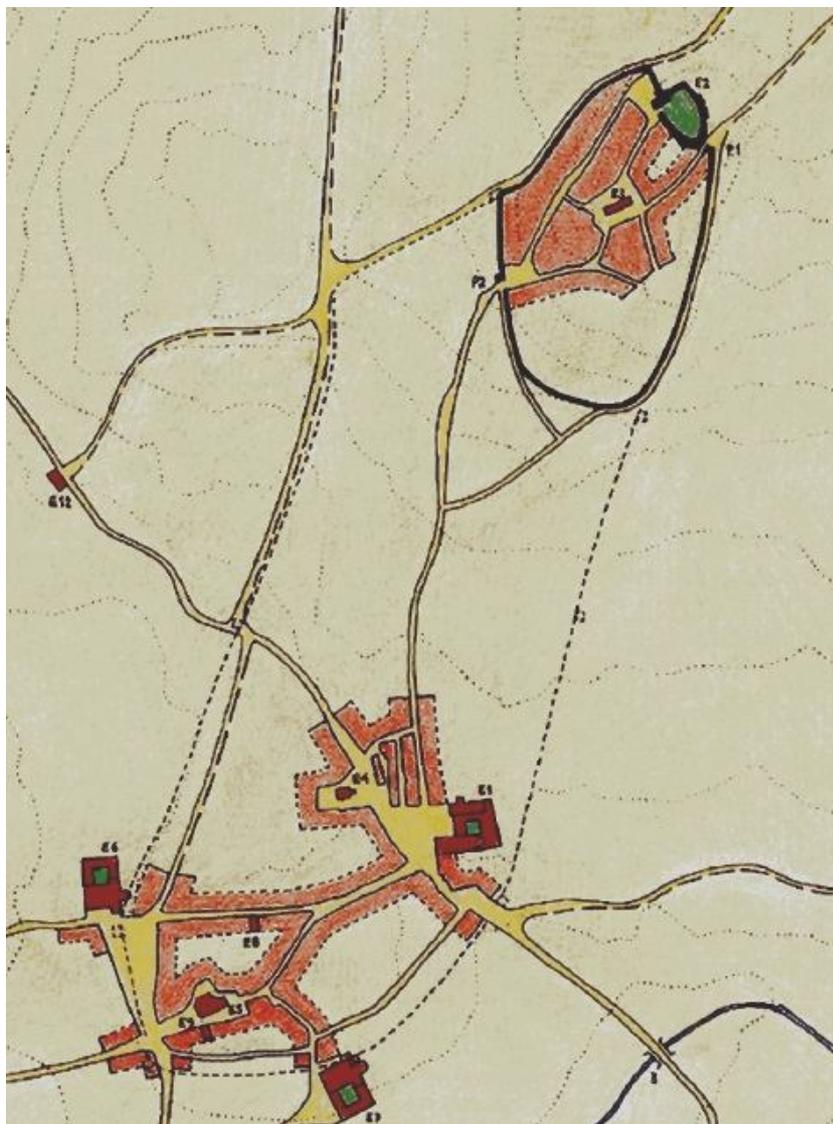


Figura 75 – Cerca Velha. Retirada do site [32]

Ainda no reinado de D. Afonso III (1210 - 1279), de forma mais tranquila, deu-se início à segunda fase de amuralhamento, que consistiu na ampliação da zona amuralhada de forma a abranger a parte baixa da cidade (ver Figura 76). Esta cerca nova teria o mesmo aspecto que a cerca velha, mas D. Dinis, que a finalizou ainda na primeira metade do século XIV, mandou reconstruí-la e robustecê-la usando pedras lavradas. Iniciando o percurso no ângulo sul do castelo, a muralha descia até à Torre de Freiria onde se dava início a um lanço de muralha em linha recta, coroado com ameias até à porta da Senhora da Guia. Daqui, prolongava-se até à Torre Velha, um novo troço de muralha que continuava depois até à porta de S. Domingos, formando assim o lado oriental do Toural, onde mais tarde foi aberta a porta de S. Paio. Depois da porta de S. Domingos, a muralha seguia pela actual rua de S. António subindo até à porta de Santa Luzia e à porta da Garrida, onde se dava a união da cerca nova com a cerca velha. Avançando pelo velho circuito, a muralha seguia então até à torre norte do castelo, onde quase encostada se encontra a porta de Santa Bárbara (Teixeira, 2001).

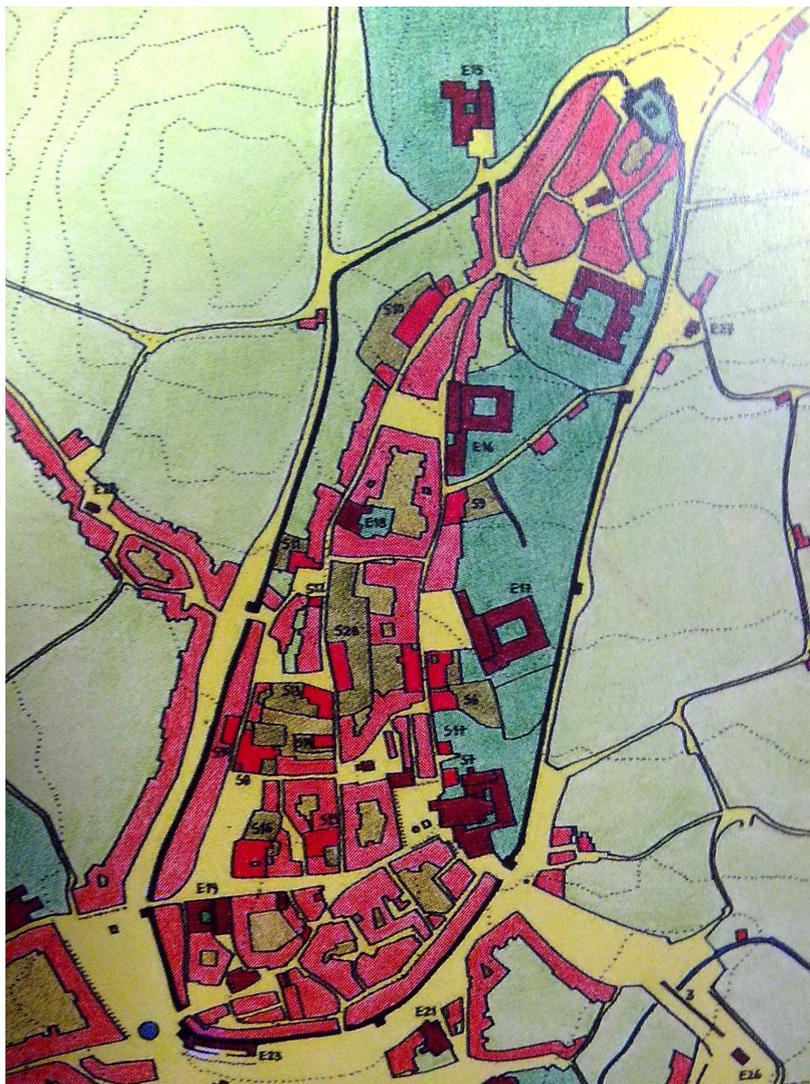


Figura 76 – Muralhas de Guimarães (Pacheco et al, 2009)

Evolução dos Sistemas Fortificados: O Castelo e as Muralhas de Guimarães

---



Figura 77 – Conjecturáveis Muralhas de Guimarães

No reinado de D. João I, durante o século XIV, foi ordenado o reforço das muralhas do burgo vimaranense com adarves e torres. O rei cognominado “O de Boa Memória”, também mandou demolir a cerca velha que separava os dois núcleos urbanos existentes (a vila do castelo, que ficava na parte alta da vila, e a vila de Vimaranes que ficava na parte baixa). Na Figura 77 é possível ver tridimensionalmente o que poderia ser o traçado muralhas de Guimarães e o respectivo castelo no topo da colina. Nesta figura é ainda possível ver a localização de todas as torres e nitidamente uma das portas de acesso ao interior do burgo. A torre ao centro da figura é a torre com a citação “Aqui Nasceu Portugal”.

Embora as muralhas com o passar dos tempos perdessem o interesse militar, as portas e as torres acabavam por manter a sua função de vigilância para defesa dos moradores. Como já foi referido, a construção das torres da muralha, nas zonas mais vulneráveis do castelo, deve-se D. João I – o Mestre de Avis. Seguindo a muralha do burgo a partir do torreão sul, encontrava-se a Torre e a Porta da Freiria. A dita torre apresentaria uma altura não superior à altura dos seus muros adjacentes o que a tornava a porta vulnerável chegando mesmo a haver ordem no século XVII para a mesma ser tapada à largura dos muros. Em 1789, a câmara de Guimarães mandou demolir a torre vendendo a pedra para a construção de uma capela. A cerca de 400 metros a sul da Torre de Freiria encontrava-se a Torre de Cães, que era uma das duas torres que não foi construída com o propósito de proteger qualquer porta do burgo. Continuando o trajecto da muralha, encontrava-se a Torre da Senhora da Guia e adjacente a esta, uma porta, ou postigo devido as suas dimensões, com o mesmo nome. Por volta de 1790, esta torre foi demolida servindo a sua pedra para a construção de outros edifícios. Depois do Postigo da Guia, erguia-se a Torre Velha e a sua porta adjacente. Esta torre já existiria mesmo antes da construção das muralhas, por isso o nome “velha”, e tinha como é natural, funções defensivas. O acesso à Torre Velha era feito a um nível superior, tal como a Torre de Menagem do Castelo, para que o proprietário da torre nela se pudesse acolher em caso de emergência. Esta torre terá sido apeada entre 1814 e 1815 não sendo possível datar o ano exacto. Em frente ao actual Largo 25 de Abril, existia uma torre denominada por Torre da Alfândega. Tal como a Torre dos Cães, esta não servia de protecção a qualquer porta de acesso ao interior do burgo. Embora a pedra desta torre tenha sido vendida na primeira metade do século XIX, hoje ainda é possível ver uma parte da torre onde é possível ler “Aqui Nasceu Portugal”. Entre a Torre da Alfândega e a Torre de S. Domingos, abria-se a Porta Nova de S. Paio, mas, a construção desta, só ocorreu em data posterior à construção das muralhas. A Porta e Torre de S. Domingos situavam-se em frente ao convento de S. Domingos. A porta de acesso ao burgo, conhecida por Porta da Vila, era a porta mais

importante de todas por se encontrar no prolongamento dos arruamentos mais importantes. A torre que vigiava esta entrada foi demolida devido à sua estabilidade ter sido afectada nos finais do século XVIII com a destruição da muralha do Toural. Na presente Rua de Santo António, abria-se a Porta de Santa Luzia. A porta era defendida pela torre com o mesmo nome ou Senhora da Graça. Nos finais da primeira metade do século XIX, a torre foi derrubada. Onde a cerca nova se adossava com a cerca velha, abria-se uma porta e erguia-se uma torre com o nome de Garrida. Esta porta, por motivos de segurança e estratégicos, foi mandada entaipar nos finais do século XVI. Finalmente, junto à muralha norte do castelo encontrava-se (ainda actualmente) a Porta de Santa Bárbara. Esta porta chegou a ser entaipada na mesma época que a Porta da Freiria sendo posteriormente aberta. Nos anos 40 do século XX, o que restou desta porta, permitiu que fosse reconstruída podendo hoje ser observada (Teixeira, 2001).

A decadência das muralhas de Guimarães iniciou-se principalmente com a venda da pedra dos muros, a partir dos finais do século XVIII, para, com parte do dinheiro, efectuar obras no Paço dos Duques de Bragança, que se encontrava em estado de ruína. De acordo com Teixeira (2001), os diferentes troços da muralha foram destruídos em anos diferentes e ainda hoje se podem encontrar diversos vestígios. Numa breve cronografia:

- Entre 1801 e 1803, foram vendidas as pedras da muralha que ficava entre a Porta da Freiria e a Torre dos Cães (ver Figura 79 e Figura 80, troço vermelho);
- Em 1889, foi demolido o troço mais a norte da muralha, entre a Torre dos Cães e a Porta da Senhora da Guia, quando foi construída a actual Avenida Serpa Pinto. Uma parte considerável desta muralha ainda se conserva hoje em dia (ver Figura 79 e Figura 80, troço amarelo);
- Entre 1814 e 1821, o troço de muralha que vai desde o Postigo da Senhora da Guia à Porta da Torre Velha foi substancialmente demolida. Embora não sejam visíveis facilmente, existem restos de muralha entre os prédios que foram construídos adossados dos dois lados das muralhas (ver Figura 79 e Figura 80, troço verde escuro);
- No caso do troço de muralha que vai desde a Porta da Torre Velha à Porta Nova de S. Paio, embora houvesse permissão para a venda da pedra dos muros em 1819, o facto de as casas estarem adossadas dos dois lados da muralha conservou a mesma, podendo ainda hoje serem visíveis alguns vestígios (ver Figura 78) (ver Figura 79 e Figura 80, troço azul claro);

- Em 1789, iniciou-se a destruição da muralha do Toural. Hoje, ainda podem ver vistos restos da muralha no rés-do-chão de várias casas do Toural que servem como parede da fachada superior (ver Figura 79 e Figura 80, troço castanho).
- Da Porta da Vila até à Porta da Santa Luzia, a pedra da muralha foi vendida desde o ano de 1780 até 1805. Deste muro, devido às casas aproveitarem o mesmo quando foram construídas, apenas foram demolidas as fiadas que ficavam acima das casas. Alguns fragmentos da muralha ainda se encontram entre as casas, mas, nos inícios do século XX, a extremidade do muro no topo da actual Rua de Santo António foi sacrificado para a construção do edifício dos Correios (ver Figura 79 e Figura 80, troço verde claro);
- Tal como em casos já descritos, entre 1803 e 1805, a muralha que vai desde a Porta da Santa Luzia até à Porta Garrida, ficou desprovida das fiadas de pedra da parte alta dos muros acima das casas que se encontravam juntas às muralhas. Embora em 1940 existissem restos desta muralha, a mesma foi demolida devido ao derrube dos casebres ali existentes para a urbanizar a zona (ver Figura 79 e Figura 80, troço roxo).



Figura 78 – Vestígios da Muralha na Rua Egas Moniz



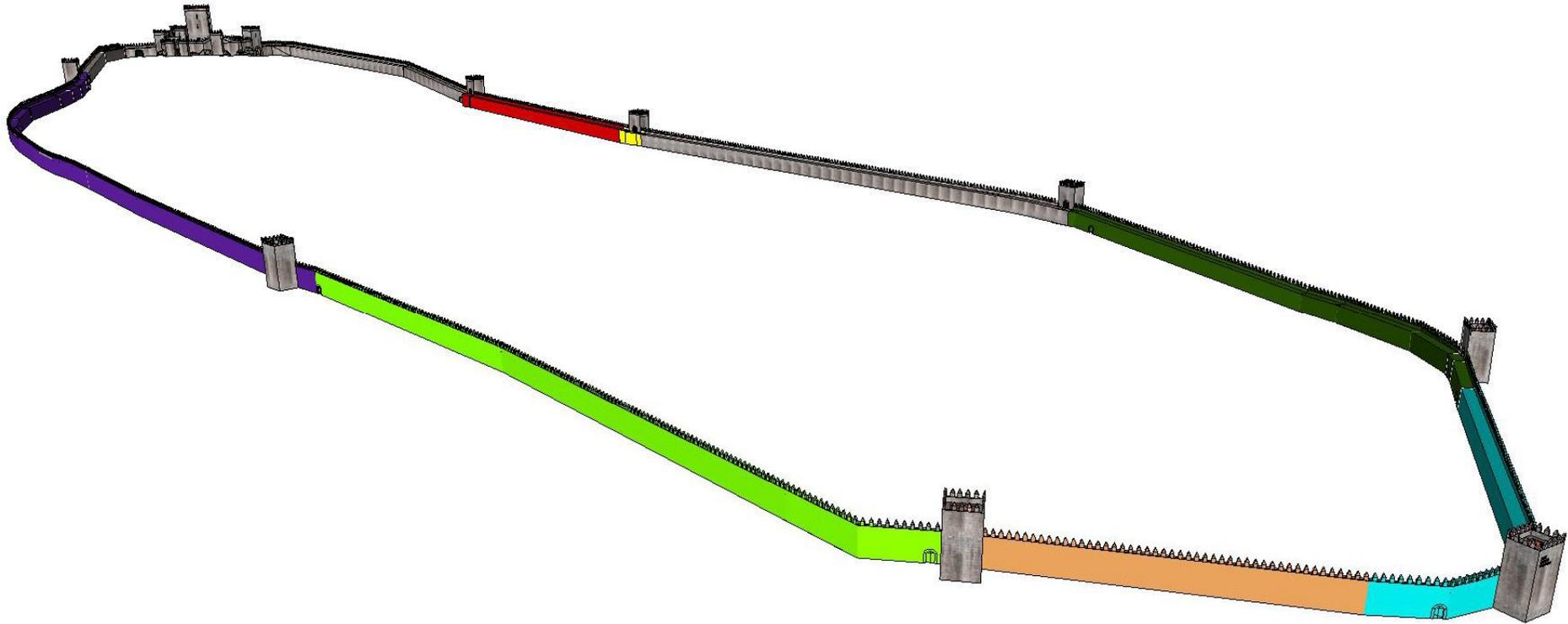


Figura 80 – Troços da muralha parcialmente/totalmente demolidos

#### **4.5 Intervenções Realizadas no Castelo**

Como já foi dito anteriormente, em 1937, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (D.G.E.M.N.) realizou obras de restauro no Castelo de Guimarães, de forma a restituir o seu vigor, sem prejudicar a sua ancestralidade e características, tal como à época era entendido. A D.G.E.M.N. realizou os seguintes trabalhos: recalçamento e consolidação da muralha do ângulo sul; restauro da porta primitiva entaipada sob a torre sul, substituindo um grande número de cantarias existentes que se encontravam salitradas e esmagadas pela torre; demolição da escada com largo patamar que dava acesso à primitiva escada principal; demolição completa de dois anexos de pedra, utilizados em tempos como instalações sanitárias, edificados sobre as torres da porta da traição; demolição de uma capela e de um paiol que se encontravam encostados à muralha nascente; rebaixamento até ao nível primitivo do pavimento térreo da praça de armas e da torre de menagem; demolição de um anexo adossado à torre do ângulo noroeste que obstruía a porta de acesso à mesma torre; demolição dos pavimentos e escadas interiores da torre de menagem; demolição das videiras e das suas ramadas de ferro, que encobriam uma grande área da praça de armas; demolição de várias paredes de alvenaria existentes na praça de armas, que encobriam os alicerces da antiga alcáçova; reconstituição das escadas de acesso à porta principal e à porta da traição; recomposição e normalização do caminho de ronda e das respectivas escadas com cantaria rusticada; reconstrução e consolidação do adarve, do parapeito e das ameias correspondentes ao troço de muralha do ângulo noroeste; reestruturação e consolidação da torre nordeste inclusivamente a armação e cobertura do telhado, do adarve, do parapeito e das ameias; reconstrução dos parapeitos, ameias e seteiras das torres de defesa da porta da traição; consolidação e reconstrução de parte do pavimento, parapeitos e merlões da torre da muralha norte e reconstituição da sua escada de acesso; apeamento e reconstrução de alguns panos da muralha, que estavam degradados; reconstrução da parte da cerca que ligava ao castelo na torre Norte e que circundava a cidade; consolidação e limpeza dos restos da primitiva muralha, existentes no interior do castelo junto da muralha nascente; reedificação completa de todos os soalhos e escadas de madeira da torre de menagem, substituição total da armação do telhado e consolidação do respectivo adarve através de uma cinta de betão armado; limpeza geral e tomada de juntas, com argamassa hidráulica, em todos os panos da muralha (interior e exterior) (ver Figura 82 e Figura 83); recolocação de um elevado número de merlões nas muralhas e torres; instalação de novas portas de madeira de carvalho nos acessos ao interior do castelo, na torre de menagem e na torre nordeste e sudeste; consolidação de uma das

paredes do paço do alcaide e reconstrução parcial da respectiva chaminé (ver Figura 81) (D.G.E.M.N., 1937). Na Figura 84 pode ser vista a reconstrução tridimensional do que seria o castelo antes da intervenção da D.G.E.M.N. e no Anexo IV podem ser encontradas várias imagens relativas a esta intervenção.

Mais tarde, em 1958 deu-se a reparação de um adarve e a colocação da ponte de ligação da muralha à porta da torre de menagem. Quatro anos mais tarde com a colaboração da autarquia local instalou-se a iluminação exterior do castelo. Em 1971 reparam-se os madeiramentos, restaurou-se a porta principal, colocaram-se os vitrais na torre do ângulo norte, aplicaram-se caixilhos de rede na torre de menagem, e reconstruíram-se os soalhos desta e a escada de acesso à mesma (Serenio e Dordio, 1994; Gonçalves, 2003). Em 2009, a torre norte do castelo foi estabilizada uma vez apresentava sinais patológicos como aberturas/esgaçamentos preocupantes (Fonseca e Cruz, 2010).

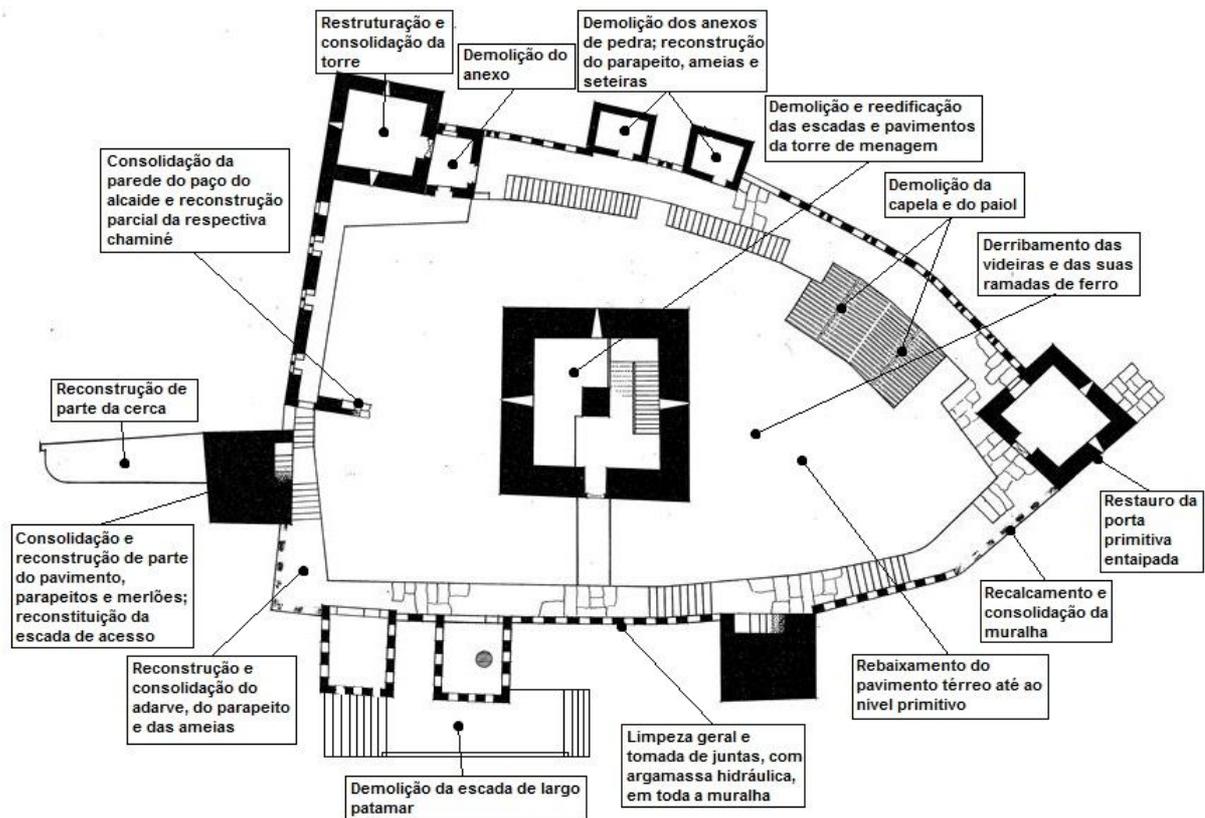


Figura 81 – Mapa das principais intervenções realizadas no Castelo de Guimarães em 1937. Adaptada do site [31]

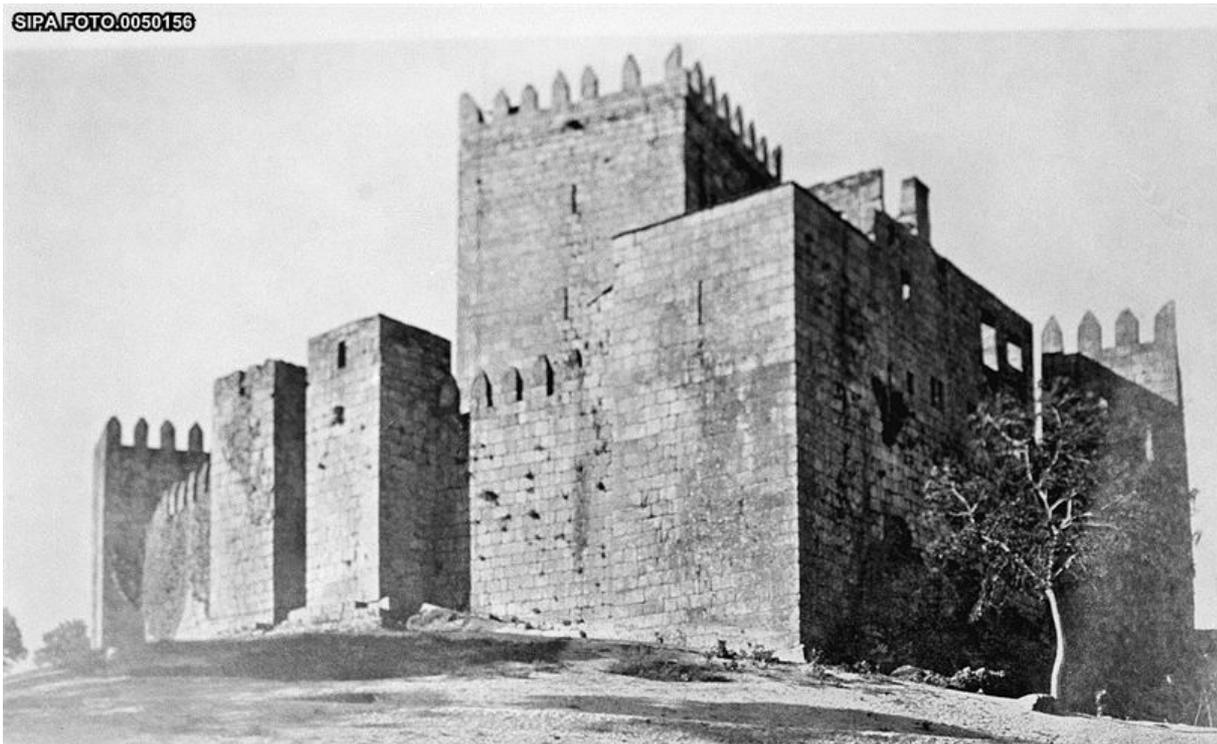


Figura 82 – Castelo de Guimarães antes do restauro. Retirada site [33]



Figura 83 – Castelo de Guimarães depois do restauro. Retirada do site [33]

Na Figura 84 é possível ver virtualmente o Castelo de Guimarães antes da intervenção da D.G.E.M.N.. É facilmente visível na figura os anexos de pedra nas torres de vigia da porta

da traição, a capela e o paiol junto da muralha nascente, os danos na muralha junto da torre do ângulo sul, a falta das ameias na torre nordeste e o anexo que impede a visualização da sua porta. Ainda é possível verificar a inexistência de merlões em certos pontos do castelo bem como o estado de ruína do início da muralha que dava a volta ao burgo de Guimarães não sendo ainda visível a porta de Santa Bárbara.



Figura 84 – Castelo de Guimarães antes da intervenção da D.G.E.M.N.



## 5. GUIMARÃES 2012 CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

No âmbito do evento Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura (ver Figura 85), serão efectuados no Castelo de Guimarães um conjunto de benefícios para que possa ser dada uma resposta mais adequada ao usufruto do monumento, pelos milhares de visitantes que actualmente o procuram. Serão desenvolvidas medidas ao nível da conservação, acessibilidade e comunicação, permitindo uma maior dignificação do castelo e segurança para aqueles que o visitam.



Figura 85 – Logótipo Humano Guimarães 2012. Retirada do site [34]

### 5.1 Inspeção Realizada no Castelo

Em 2008 e antes da última intervenção de consolidação estrutural no Castelo de Guimarães, a F.E.U.P. (Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto), realizou um estudo de levantamento e diagnóstico do castelo onde referiram as seguintes anomalias:

- Fendilhação vertical, com maior predominância na torre norte, nas torres de vigia da porta principal e na torre da forca (ver Figura 86);
- Instabilidade de alguns elementos com destaque para o empeno da parede do Paço do Alcaide;
- Degradação dos elementos de madeira no interior das torres;
- Insegurança da ponte que une a torre de menagem à muralha devido à deterioração das madeiras e das folgas das guardas laterais;

- Infiltração de água pelas coberturas e pelas caixilharias dos vãos envidraçados da torre nordeste, do ângulo sul e da torre de menagem encontrando-se grandes manchas de humidade e musgo;
- A presença de uma gárgula danificada na torre de menagem, permitindo o escoamento das águas pluviais pela superfície de um cunhal, originando a lavagem da argamassa das juntas e formação de colónias biológicas;
- Inexistência de sistemas de escoamento de águas pluviais nos pavimentos exteriores das torres sem cobertura, que evitem a infiltração de água no interior das paredes e a consequente lavagem do material de enchimento das paredes, que a longo prazo, poderá por em causa a estabilidade das mesmas;
- A existência de um cedro numa das torres de vigia da porta virada para a cidade poderá provocar danos na torre devido ao crescimento das suas raízes. De referir que este cedro já há muitas décadas que se encontra plantado no castelo.

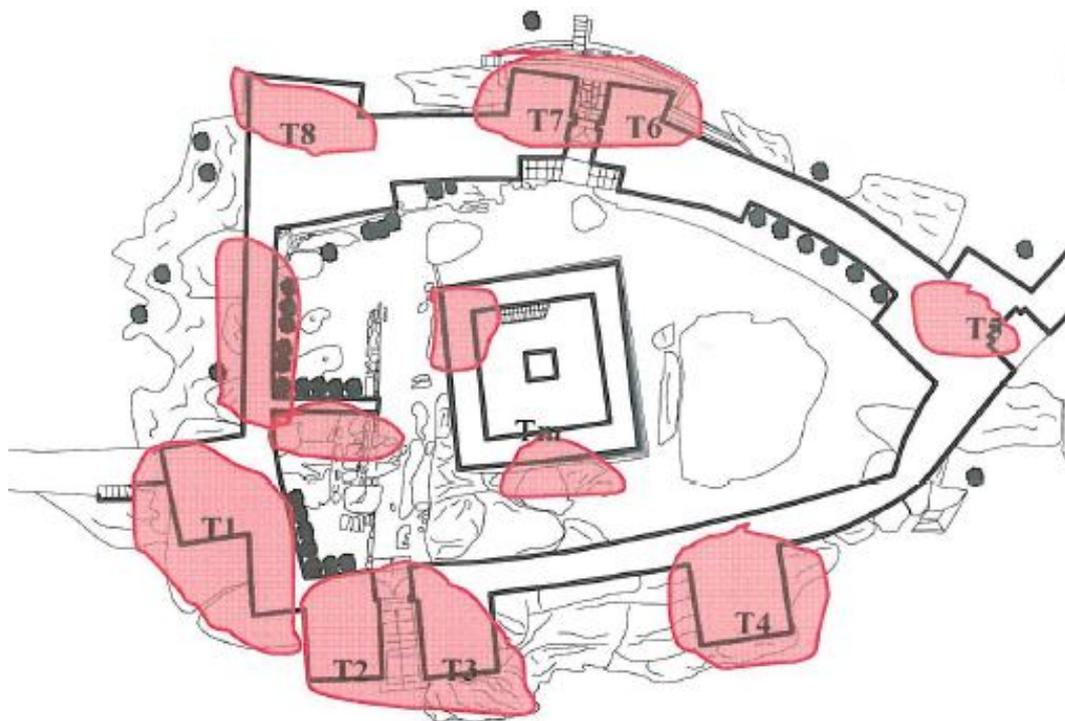


Figura 86 – Mapa de danos relativo à fissuração em alvenaria de pedra (F.E.U.P., 2008)

A Tecminho, a pedido do ICM (Instituto dos Museus e da Conservação), realizou recentemente no Castelo de Guimarães um conjunto de ensaios não-destrutivos complementares aqueles realizados pela F.E.U.P. no ano de 2008, de forma a avaliar se as anomalias existentes no castelo criam problemas estruturais que ponham em causa a integridade da edificação. Os ensaios não-destrutivos foram realizados nas coberturas de

madeira das torres (torre nordeste, torre sul e torre de menagem) e na parede do Paço do Alcaide, dado que visualmente mostravam necessidade de se conhecer de forma pormenorizada a integridade estrutural destes elementos. Nas coberturas de madeira das torres foram realizados ensaios com um higrómetro, com o Pilodyn e com o Resistógrafo, enquanto na parede da Alcáçova foi feita uma inspecção com uma câmara boroscópica, bem como ensaios sónicos e dinâmicos (ver Figura 87).

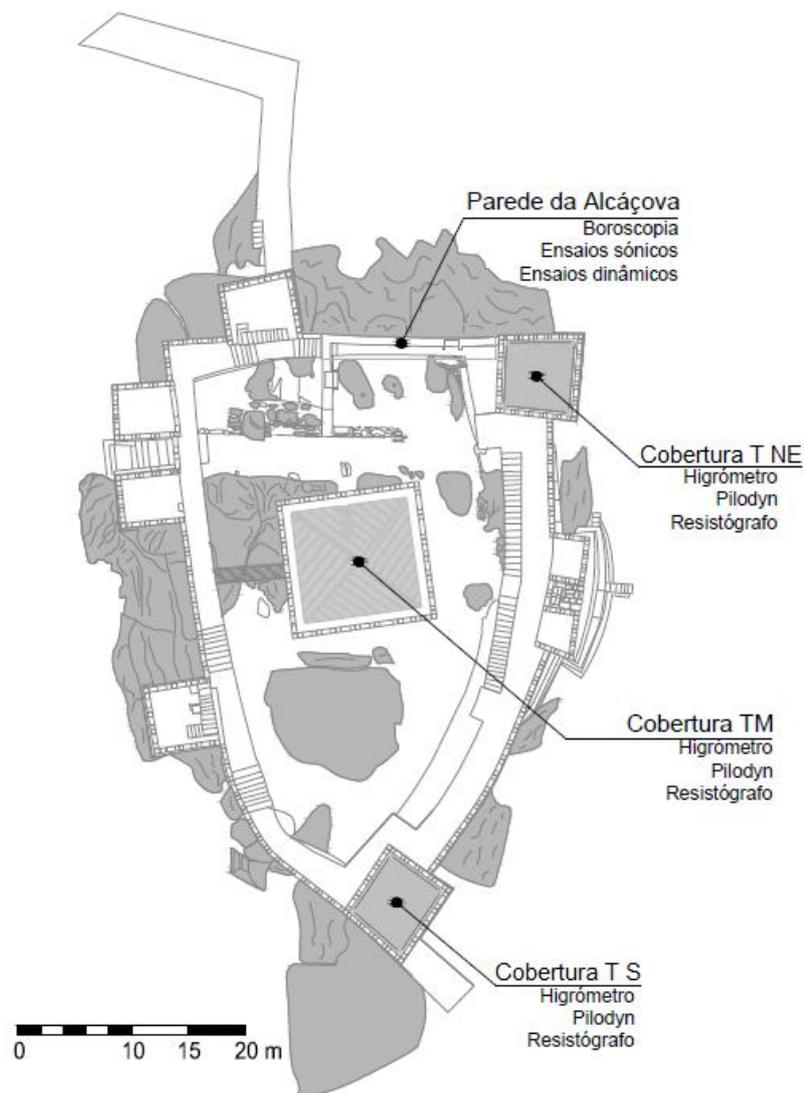


Figura 87 – Localização dos vários ensaios realizados no castelo (Moreira, 2010)

Os elementos de madeira, estruturais e não estruturais, de forma geral, apresentavam um avançado estado de deterioração e as patologias observadas são comuns às coberturas das três torres vistoriadas (ver Figura 88 e Figura 89). A maior parte das patologias detectadas através da inspecção visual, resultam provavelmente das variações higrotérmicas e das infiltrações de água a partir do exterior das coberturas uma vez que, por exemplo da torre

nordeste, as caleiras se encontram obstruídas e algumas telhas estavam partidas. Efectuada a inspeção visual e os ensaios não-destrutivos, foi possível confirmar que os elementos estruturais de madeira que constituem a cobertura das torres, se encontravam em elevado estado de degradação. As infiltrações de água e as variações higtórmicas, são a principal causa da presença de manchas de humidade, deformação excessiva, fungos de podridão, fendas de secagem e caruncho nos elementos de madeira das coberturas. Desta forma, será necessário impermeabilizar as coberturas, substituir os algerozes, caleiras e gárgulas de forma a impedir as sucessivas infiltrações de água e proceder-se ao tratamento dos elementos de madeira sendo substituídos aqueles que comprometem a integridade estrutural da cobertura.



Figura 88 – Cobertura da Torre NE (Moreira, 2010)



Figura 89 – Cobertura da Torre de Menagem (Moreira, 2010)

A inspeção visual com a câmara boroscópica, permitiu verificar que a parede do Paço do Alcaide (ver Figura 90) é de três panos. Os panos exteriores têm uma espessura que varia entre os 30 e os 40 centímetros em pedra aparelhada de granito, enquanto o interior é composto por bugalhada e/ou saibro, com a existência de vazios. Através desta inspeção foi possível identificar também vários tipos de argamassa de assentamento e água no interior das paredes. Os ensaios sónicos, permitiram concluir, tal como anteriormente, a existência de vazios no interior da parede que permite que esta seja consolidada através da técnica de injeção de caldas. Os ensaios dinâmicos possibilitaram verificar que a estrutura apresenta frequências naturais um pouco elevadas, em consequência de algum travamento da parede do Paço, proporcionado pelas construções adjacentes (Moreira, 2010).



Figura 90 – Zona de ensaio no Paço do Alcaide (Moreira, 2010)

## 5.2 Proposta de Intervenção

Face às anomalias observadas, considera-se importante aplicar um conjunto de medidas com o objectivo de melhorar a segurança tanto para a do Castelo de Guimarães como para os seus visitantes. Também deve ser tido em conta os problemas com o escoamento e infiltração de águas que criem a médio ou longo prazo anomalias significativas na estrutura do castelo. Desta forma, de acordo com o Projecto de Consolidação Estrutural do Castelo de Guimarães é proposto (ver Figura 91):

- Parede da Alcáçova – Refechamento das juntas, realização de injeções de caldas nas paredes e execução de pregagens;
- Torre Nordeste – Colocação de isolamento térmico e subtelha onduline na cobertura; correcção das telhas partidas; substituição das caleiras e algerozes; tratamento dos elementos de madeira, com eventual substituição; substituição das caixilharias das janelas, de forma a garantir a estanqueidade da água; limpeza das pedras das paredes e pavimentos interiores; restauro da porta;
- Torres de Vigia da Porta da Traição – Regularização do pavimento tendo em conta as pendentes; colocação de gárgulas em aço inox de pequena dimensão; remoção de pedras soltas;
- Torre de Menagem – Reposição das gárgulas partidas; restauro dos pavimentos e coberturas em madeira; limpeza das paredes de alvenaria exteriores; colocação de isolamento térmico na cobertura; substituição de caixilharias; restauro da porta de entrada;

- Torre Sul – Colocação de isolamento térmico e subtelha onduline na cobertura; correcção das telhas partidas; substituição das caleiras e algerozes; tratamento dos elementos de madeira, com eventual substituição; substituição das caixilharias das janelas, de forma a garantir a estanqueidade da água; limpeza das pedras das paredes e pavimentos interiores; restauro da porta;
- Muralhas exteriores – Remoção da vegetação;
- Torre da Forca – Regularização do pavimento tendo em conta as pendentes; colocação de gárgulas inox de pequenas dimensões; remoção de pedras soltas;
- Ponte de Madeira – Substituição da ponte por uma nova estrutura com guardas seguras;
- Torre de vigia direita da Porta Principal – Colocação de uma caixa para o confinamento das raízes do cedro; regularização do pavimento; colocação de gárgulas inox de pequenas dimensões;
- Torre de vigia esquerda da Porta Principal e Torre Norte – Regularização do pavimento tendo em conta as pendentes; colocação de gárgulas inox de pequenas dimensões; remoção de pedras soltas;
- Muralha junto à Torre Norte – Refechamento das juntas das paredes e colocação de um material de recobrimento para drenagem das águas pluviais.

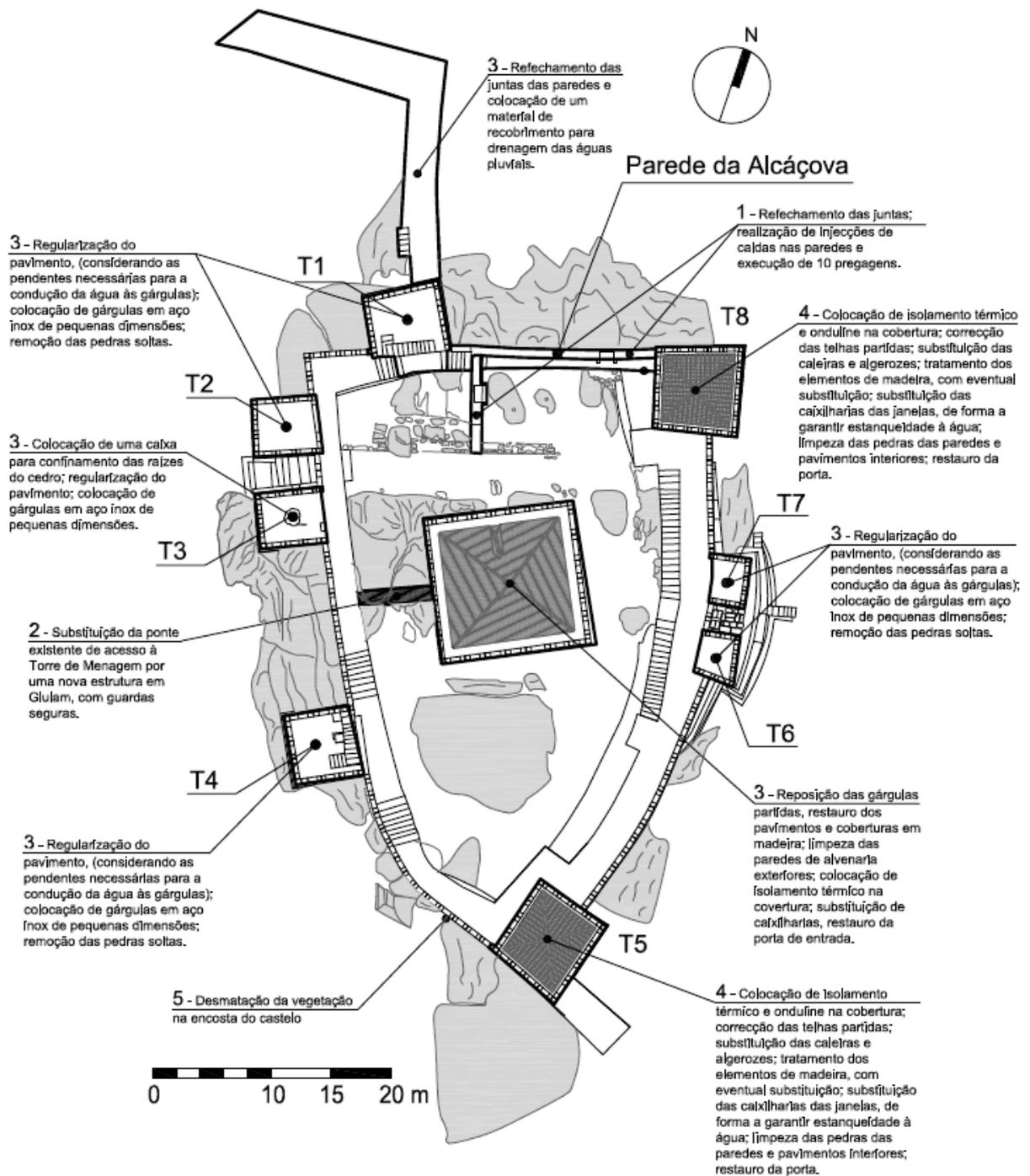


Figura 91 – Mapa das intervenções a realizar no Castelo de Guimarães



## 6. CONCLUSÃO

O estudo de sistemas de defesa é um tema bastante complexo.

As primeiras estruturas de defesa surgiram no Próximo Oriente por volta do terceiro milénio a.C.. Contudo, em distintas regiões do planeta sobreviveram vestígios de sistemas defensivos que o homem construiu desde tempos recuados, pela necessidade de defender os seus bens e a sua vida.

Para garantir a defesa dos povos, tornou-se tão crucial a construção de fortificações como a sua própria evolução e adaptação às inovações do ataque. De facto, a evolução dos sistemas defensivos sendo paralela ao desenvolvimento dos métodos de ataque, procurando cumprir o melhor possível os objectivos para que foram construídas - a defesa eficaz. O desenvolvimento das armas de fogo, mas também a conjuntura política do século XIX tornam os sistemas fortificados ineficazes.

O território de Portugal Continental possui um grande número e uma elevada diversidade de estruturas fortificadas, desde povoados fortificados até fortes abaluartados. Os portugueses deixaram, igualmente, um vasto legado de estruturas defensivas, construídas na época dos descobrimentos, em diferentes áreas geográficas, sendo o Brasil e o Continente Asiático, aqueles que se destacam com maior número de fortalezas erguidas por portugueses.

Entre os castelos existentes no território continental que sobreviveram até à actualidade encontra-se o Castelo de Guimarães, um dos primeiros a ser erguidos no nosso país.

Com o passar dos séculos e devido às novas necessidades, este castelo sofreu várias alterações até ao século XIV, tentando responder às necessidades daqueles que o utilizavam. Apesar disso, e de todas as reformas efectuadas, o castelo perdeu a sua eficácia militar e, entre o século XV e XVI, passou a possuir um paço para a residência do alcaide.

Tal como o castelo, também a muralha da vila de Guimarães sofreu diferentes reestruturações conforme as necessidades de defesa. Com o passar dos tempos, as muralhas tornaram-se desnecessárias militarmente. Grande parte da pedra que as constituía foi vendida e/ou roubada. No entanto, nos dias de hoje, ainda são visíveis vestígios da muralha da cidade.

Actualmente, o Castelo de Guimarães apresenta algumas anomalias nos madeiramentos das coberturas e na parede norte onde se encontra a alcáçova, que poderão pôr em causa a integridade estrutural do castelo e a segurança dos turistas.

Considerando o actual estado do castelo, constatando os seus problemas estruturais e outras anomalias e tendo em conta que no ano 2012 Guimarães será capital europeia da

cultura, vai ser iniciada a correcção dos referidos problemas, de forma a garantir ao castelo uma maior segurança, não só para a estrutura em si, mas também para os milhares de visitantes que lá passam e passarão todos os anos.

Gostaríamos, por fim, de referir que, de acordo com os objectivos enunciados para este trabalho, pensamos ter contribuído para a elaboração de um enquadramento teórico sobre a evolução dos sistemas defensivos fortificados, designadamente de como e de que forma é que estes surgiram e qual a sua evolução ao longo dos tempos, dando resposta às necessidades do Homem, que fizemos acompanhar com bibliografia e imagens.

Procedemos, de igual modo, a uma análise sobre a evolução dos sistemas fortificados em Portugal continental e nas colónias, sendo apresentado em anexo uma listagem de todas as principais fortificações existentes incluindo um mapa com a sua localização, oferecendo um levantamento importante e elucidativo das diferentes estratégias defensivas geográficas desde os inícios da nacionalidade.

O estudo da evolução das muralhas e do castelo de Guimarães realizado neste trabalho contemplou a descrição mas também a reconstituição das referidas estruturas, em modelos tridimensionais, recriando as diferentes formas que tanto o castelo como as muralhas foram assumindo ao longo dos tempos. Para além da informação produzida foi igualmente importante a recolha dos dados compilados e apresentados em anexo. Pensamos desta forma ter produzido, igualmente, um acervo extremamente importante para futuros trabalhos sobre o castelo e as muralhas de Guimarães

Finalizando, sugerimos que para um futuro trabalho sobre o Castelo de Guimarães, seja aprofundada a pesquisa de notícias sobre o castelo e as muralhas na imprensa vimaranense. Por outro lado, as imagens virtuais podem ser melhoradas através da associação de dados com maior pormenor topográfico. Consideramos igualmente importante que se realizasse um trabalho, onde fossem descritas e pormenorizadas, todas as intervenções que se vão realizar no castelo tal como o resultado final das intervenções.

Pensamos com este trabalho ter contribuído para obter uma história completa, detalhada e mais rica relativamente ao castelo de Guimarães.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, R. M. et al (2010). *Património de Origem Portuguesa no Mundo: América do Sul*. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian.
- Armas, D. (2006). *Livro das Fortalezas*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo
- Barroca, M. J. (1990-91). "Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)", *Portvgalia*, Nova série (Vols. XI-XII). Porto: FLUP, pp. 89-137.
- Barroca, M. J. (1996). "O Castelo de Guimarães", *Patrimónia. Identidade. Ciências Sociais e Fruição Cultural – Out. nº1*, (pp. 17-28).
- Barroca, M. (2003). "Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1591)", *Portvgalia*, Nova série (Vol. XXIV). Porto: FLUP, pp. 95-112.
- Boxer, C. R. (2001). *O Império Marítimo Português 1415-1825*. Lisboa: Edições 70.
- Campbell, D. B. (2009). *Roman Auxiliary Forts 27 BC–AD 378*. Great Britain: Osprey Publishing.
- Cardozo, M. (1990). "Citânia de Briteiros e Castro Sabroso". Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, pp. 8-57.
- Castelo da Lousa (s.d.). Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (I.G.E.S.P.A.R.): in <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70526/> [Consultado em 29 de Março de 2011].
- Correia, L. M. (2010). *Castelos em Portugal: Retrato do seu perfil arquitectónico [1509-1949]*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- D.G.E.M.N. (Junho de 1937). *O Castelo de Guimarães*. Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Vol. VIII). Porto.
- Descrição da Citânia de Sanfins (s.d.). Citânia de Sanfins: in [http://www.citaniadesanfins.com/in00/downloads/citania\\_descricao.pdf](http://www.citaniadesanfins.com/in00/downloads/citania_descricao.pdf) [Consultado em 30 de Março de 2011].
- Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (2008). "Castelo de Guimarães: Diagnóstico Estrutural e Construtivo". Porto.
- Ferreira, M.C. (2010). *Guimarães, Duas Vilas Um Só Povo: Estudo de História Urbana (1250-1389)*. Braga: Universidade do Minho.

- Fields, N. (2004). *Mycenaean Citadels c. 1350-1200 BC*. Great Britain: Osprey Publishing.
- Fonseca, A.V. e Cruz, N. (2010). "Intervenções Geotécnicas em Patrimónios com Reforço de Fundações. Castelo de Guimarães" in Congresso PATRIMÓNIO, pp. 1-21.
- Fonte, B. (1992). *O Castelo de Guimarães*. Guimarães: Ed. Autor.
- Freudenthal, A. et al (2010). *Património de Origem Portuguesa no Mundo: África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gibbon, E. (1995). *Declínio e queda do Império Romano*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Grabar O. (1978). *A city in the Desert: Qasr al-Hayr East*. USA: Harvard Middle Eastern Monographs.
- Gravett, C. (2009). *English Castles 1200-1300*. Great Britain: Osprey Publishing.
- Grzybowski, L. G. (s.d.). *Os castelos medievais portugueses e os poder régio na Baixa Idade Média*. Rota do Românico do Vale de Sousa: in [http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/PerfilHistoriador/Os\\_Castelos\\_Medievais\\_Portugueses\\_e\\_o\\_Poder\\_Regio\\_na\\_Baixa\\_Idade\\_Media.pdf](http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/PerfilHistoriador/Os_Castelos_Medievais_Portugueses_e_o_Poder_Regio_na_Baixa_Idade_Media.pdf) [Consultado em 28 de Abril de 2011].
- Jana, E. (1994); Costa, M. (2001). *Castelo de Algosó*: in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1078](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1078) [Consultado em 29 de Março de 2011].
- Kaufmann, H. W. e Kaufmann, J. E. (2006). *Fortifications of the Incas: 1200-1531*. Great Britain: Osprey Publishing.
- Maciel M.J. (2009). *Vitrúvio: Tratado de Arquitectura*. Lisboa: IST Press.
- Moreira, S. (2010). "Relatório ensaios não-destrutivos no castelo de Guimarães", Tecminho. Guimarães: Universidade do Minho.
- Nicolle, D. (2008). *Saracen Strongholds AD 630-1050*. Great Britain: Osprey Publishing.
- Nunes, A. L. (2005). *Dicionário de Arquitectura Militar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Nunes, C. e Branco, M. (1994). *Castelo da Lousa*: in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1200](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1200) [Consultado em 29 de Março de 2011].
- Pacheco et al (2009). *Guimarães do passado e do presente: Guimarães past and present*. Guimarães: Graphic Tailors, Lda.
- Pina, L. (1928). *O Castelo de S. Mamede e a Igreja de S. Miguel do Castelo*. Porto.

- Pina, L. (1933). *O castelo de Guimarães*. Gaia: Pátria.
- Ribeiro, M.C. (2008). “Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana, Tese de Doutoramento em Arqueologia – Área de Conhecimento de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento. Braga: Universidade do Minho.
- Rossa, W. et al (2010). *Património de Origem Portuguesa no Mundo: Ásia e Oceania*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sereno, I. e Dordio, P. (1994); Gonçalves J. (2003). *Castelo de Guimarães*: in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1060](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1060) [Consultado em 18 de Maio de 2011]
- Silva, A. C. (1983-84). “A cultura castreja no noroeste de Portugal : habitat e cronologias”. Porto: FLUP.
- Teixeira, F.J. (2001). *O castelo e as muralhas de Guimarães: apontamentos para a sua história*. Guimarães: Editora Cidade Berço.
- Toy, S. (1984). *Castles : their construction and history*. New York: Dover Publications.
- Turnbull, S. (2004). *The Walls of Constantinople AD 324-1453*. Great Britain: Osprey Publishing.
- Turnbull, S. (2007). *The Great Wall of China 221 BC-1644 AD*. Great Britain: Osprey Publishing.

#### **Fontes Online:**

- [1] <http://chestofbooks.com/reference/Encyclopedia-Britannica-2/II-The-Province-of-Britain-and-its-Military-System.html> [Consultado em 9 de Janeiro de 2011].
- [2] <http://www.dickschmitt.com/travels/England/hadrianswall/> [Consultado em 9 de Janeiro de 2011].
- [3] <http://sonhodeturista.blogspot.com/2011/05/muralha-da-china.html> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [4] <http://steverigby.deviantart.com/art/Motte-and-bailey-castle-117995814> [Consultado em 11 de Janeiro de 2011].
- [5] <http://www.africanexplorations.com/middle-east/syria/qasr-al-hayr-al-sharqi> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [6] [http://eimpermedieval.blogspot.com/2009\\_10\\_01\\_archive.html](http://eimpermedieval.blogspot.com/2009_10_01_archive.html) [Consultado em 12 de Janeiro de 2011].

- [7] [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3554](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3554) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [8] <http://oldmapsexpeditionsandexplorations.devhub.com/blog/581332-citadel-of-jerusalem/> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [9] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Balestreiro> [Consultado em 12 de Janeiro de 2011].
- [10] <http://www.flickr.com/photos/31699059@N00/506732022> [Consultado em 12 de Janeiro de 2011].
- [11] <http://www.worldtourismplace.com/vacation-to-the-ancient-site-of-sacsayhuaman-near-cusco-peru/> [Consultado em 13 de Janeiro de 2011].
- [12] <http://shoguntotalwar.yuku.com/topic/42911/Star-Fort-and-Elite-Light-Infantry-Features?page=3> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [13] <http://artetempo.blogspot.com/2009/12/citania-de-sanfins-pacos-de-ferreira.html> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [14] <http://library.thinkquest.org/22866/English/Leger.html> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [15] [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1200](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1200) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [16] <http://www.aepga.pt/portal/PT/144/default.aspx> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [17] [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [18] <http://castelosportugal.blogspot.com/2009/03/castelo-de-tomar-santarem.html> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [19] <http://castelosportugal.blogspot.com/2008/12/castelo-de-longroiva-meda-guarda.html> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [20] [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=298](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=298) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [21] <http://www.g-sat.net/castelos-de-portugal-1150/castelo-de-pinhel-23615.html> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [22] <http://historia-e-arte.blogspot.com/2010/04/castelo-de-braganca.html> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [23] [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=217](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=217) [Consultado em 30 de Junho de 2011].

- [24] [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3244](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3244) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [25] [http://centros3.pntic.mec.es/cp.los.alumbres/mundo\\_politico\\_mudo.jpg](http://centros3.pntic.mec.es/cp.los.alumbres/mundo_politico_mudo.jpg) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [26] <http://araduca.blogspot.com/2011/02/torre-da-alfandega-devolvida-cidade.html> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [27] <http://www.rotadoromanico.com/vPT/ORomanico/PersonalidadesHistoricas/FichadePersonalidade/Paginas/MumadonaDias.aspx> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [28] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:0 - Conde D. Henrique de Borgonha - Pai D. Afonso Henriques3.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:0_-_Conde_D._Henrique_de_Borgonha_-_Pai_D._Afonso_Henriques3.jpg) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [29] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Theresa, Countess of Portugal.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Theresa,_Countess_of_Portugal.jpg) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [30] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:AfonsoI-P.jpg> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [31] [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1060](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1060) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [32] <http://www.manueljms.org/000193-02-CidadeGuimaraes950a1279.pdf> [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [33] [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=PT010308340011](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=PT010308340011) [Consultado em 30 de Junho de 2011].
- [34] [http://www.guimaraes2012.pt/index.php?cat=48&item=5416&keyword\\_cat=](http://www.guimaraes2012.pt/index.php?cat=48&item=5416&keyword_cat=) [Consultado em 30 de Junho de 2011].



# **Anexo I**

---

Castelos e Fortes de Portugal Continental



<b>Distrito de Aveiro:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo da Feira	Século XI	Santa Maria da Feira, Feira
Forte da Barra de Aveiro	Século XVII	Ílhavo, Gafanha da Nazaré

<b>Distrito de Beja:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo da Vidigueira	Século XV	Vidigueira, Vidigueira
Castelo de Aljustrel	Século VIII	Aljustrel, Aljustrel
Castelo de Alvito	Século XV	Alvito, Alvito
Castelo de Beja	Século III	Beja, Santiago Maior
Castelo de Cola	Idade Média	Ourique, Ourique
Castelo de Mértola	Século XII	Mértola, Mértola
Castelo de Messejana	Século XIII	Aljustrel, Messejana
Castelo de Moura	Século XII	Moura, São João Baptista
Castelo de Noudar	Século XIV	Barrancos, Barrancos
Castelo de Odemira	Século XIII	Odemira, Santa Maria
Castelo de Serpa	Século XII	Serpa, São Salvador
Forte de Milfontes	Século XVI	Odemira, Vila Nova de Milfontes

<b>Distrito de Braga:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo dos Mouros	Século XI	Celorico de Basto, Arnóia
Castelo de Braga	Século XII	Braga, São João do Couto
Castelo de Faria	Século XII	Barcelos, Pereira
Castelo de Guimarães	Século X	Guimarães, Oliveira do Castelo
Castelo de Lanhoso	Século X	Póvoa de Lanhoso, Nossa S <sup>a</sup> do Amparo
Forte de Esposende	Século XVII	Esposende, Marinhas

<b>Distrito de Bragança:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo de Algosos	Século XIII	Vimioso, Algosos
Castelo de Alva	Século XII	Freixo de Espada-à-Cinta, Poiães
Castelo de Carrazeda de Ansiães	Século XII	Carrazeda de Ansiães, Lavadeira
Castelo de Bragança	Século XIII	Bragança, Santa Maria
Castelo de Freixo de Espada à Cinta	Século XIV	Freixo de Espada-à-Cinta, Freixo de Espada-à-Cinta
Castelo de Miranda do Douro	Século XIII	Miranda do Douro
Castelo de Mirandela	Século XIII	Mirandela, Mirandela
Castelo de Mogadouro	Século XII	Mogadouro, Mogadouro
Castelo de Mós	Século XII	Torre de Moncorvo, Mós
Castelo de Oleiros	Século IX	Mogadouro, Urrós
Fortaleza do Outeiro	Século XIII	Bragança, Outeiro
Castelo de Penas Róias	Século XII	Mogadouro, Penas Róias
Castelo de Rebordãos	Século XIII	Bragança, Rebordãos
Castelo de Torre de Moncorvo	Século XII	Torre de Moncorvo, Torre de Moncorvo
Castelo de Vila Flor	Século XIII	Vila Flor, Vila Flor
Castelo de Vinhais	Século XIII	Vinhais, Vinhais

<b>Distrito de Castelo Branco:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo da Sertã	Século X	Sertã, Sertã
Castelo de Belmonte	Século XIII	Belmonte, Belmonte
Castelo de Castelo Branco	Século XIII	Castelo Branco, Castelo Branco
Castelo de Castelo Novo	Século XIII	Fundão, Castelo Novo
Castelo de Idanha-a-Velha	Século XIII	Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha
Castelo de Monsanto	Século XIII	Idanha-a-Nova, Monsanto
Castelo de Penamacor	Século XIII	Penamacor, Penamacor
Castelo de Penha Garcia	Século XIII	Idanha-a-Nova, Penha Garcia
Castelo de Rodão	Século XIII	Vila Velha de Rodão
Castelo de Salvaterra do Extremo	Século XIII	Idanha-a-Nova, Salvaterra do Extremo
Fortaleza de Segura	Século XVII	Idanha-a-Nova, Segura

<b>Distrito de Coimbra:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo da Lousã	Século XI	Lousã, Lousã
Castelo de Avô	Século XIII	Oliveira do Hospital, Avo
Castelo de Germanelo	Século XII	Penela, Rabaçal
Castelo de Montemor-o-Velho	Século XI	Montemor-o-Velho
Castelo de Penela	Século XI	Penela, São Miguel
Castelo de Soure	Século IX	Soure, Soure
Fortaleza de Buarcos	Século XVI	Figueira da Foz, Buarcos
Forte de Santa Catarina	Século XVII	Figueira da Foz, São Julião da Figueira da Foz
Castelo de Buarcos	Século XVI	Figueira da Foz, Buarcos

<b>Distrito de Évora:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo da Lousa	Século II A.C.	Mourão, Luz
Castelo da Vidigueira	Século XV	Reguengos de Monsaraz
Castelo de Arraiolos	Século XIV	Arraiolos, Arraiolos
Castelo de Borba	Século XIV	Borba, Matriz
Castelo de Estremoz	Século XIII	Estremoz, Santa Maria
Castelo de Évora Monte	Século XVI	Estremoz, Évora Monte (Santa Maria)
Castelo de Montemor-o-Novo	Século XIII	Montemor-o-Novo, Nossa S <sup>a</sup> da Vila
Castelo de Mourão	Século XIV	Mourão, Mourão
Castelo de Olivença	Século XIII	Olivença
Castelo de Portel	Século XIII	Portel, Portel
Castelo de Redondo	Século XIV	Redondo, Redondo
Castelo de Terena	Século XV	Alandroal, Terena (São Pedro)
Castelo de Valongo	Século XIII	Évora, Nossa S <sup>a</sup> de Machede
Castelo de Veiros	Século XIV	Estremoz, Veiros
Castelo de Viana do Alentejo	Século XIV	Viana do Alentejo, Viana do Alentejo
Castelo de Vila Viçosa	Século XIII	Vila Viçosa, Conceição
Castelo do Alandroal	Século XIII	Alandroal, Nossa S <sup>a</sup> da Conceição
Castelo do Mau Vizinho	Século I A.C.	Arraiolos, Igreja
Castelo Novo	Século XVI	Évora, Sé e São Pedro
Fortaleza de Juromenha	Século XII	Alandroal, Juromenha
Forte de Santo António	Século XVII	Évora, Sé e São Pedro
Castelo de Torre de Coelheiros	Século XIV	Évora, Torre dos Coelheiros

<b>Distrito de Faro:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Forte do Zavial	Século XVII	Vila do Bispo, Raposeira
Castelo da Senhora da Luz	Século XVII	Lagos, Luz
Castelo das Relíquias	Século IX	Alcoutim, Giões
Castelo de Albufeira	Século IX	Albufeira, Albufeira
Castelo de Alcantarilha	Século XII	Silves, Alcantarilha
Castelo Velho de Alcoutim	Século XVIII	Alcoutim, Alcoutim
Castelo de Aljezur	Século X	Aljezur, Aljezur
Castelo de Alvor	Século V	Portimão, Alvor
Castelo de Castro Marim	Século XIII	Castro Marim, Castro Marim
Castelo de Estômbar	Século XI	Lagoa, Estômbar
Castelo de Loulé	Século XIII	Loulé, São Clemente
Castelo de Paderne	Século XII	Albufeira, Paderne
Forte de Nossa S <sup>a</sup> da Rocha	Século XIII	Lagoa, Porches
Castelo de Salir	Século XI	Loulé, Salir
Castelo de Silves	Século XVIII	Silves, Silves
Castelo de Tavira	Século XIII	Tavira, Santiago
Fortaleza de Armação de Pêra	Século XVI	Silves, Armação de Pêra
Fortaleza de Belixe	Século XVI	Vila do Bispo, Sagres
Forte da Baleeira	Século XVI	Vila do Bispo, Sagres
Forte da Meia Praia	Século XVII	Lagos, Odiáxere
Forte da Ponta da Bandeira	Século XVII	Lagos, Santa Maria
Fortaleza de Cacela	Século XVI	V. Real de S. António, V.N. de Cacela
Fortaleza de Sagres	Século XVI	Vila do Bispo, Sagres
Fortaleza do Cabo de São Vicente	Século XVI	Vila do Bispo, Sagres
Forte de Santa Catarina	Século XVI	Portimão, Portimão
Forte do Rato	Século XVI	Tavira, Santa Maria
Forte de São João da Barra	Século XVII	Tavira, Conceição
Forte de São João do Arade	Século XVII	Lagoa, Ferragudo
Forte de São Sebastião	Século XVI	Castro Marim, Castro Marim
Forte de Vera Cruz	Século XVII	Vila do Bispo, Budens
Fortaleza de Faro	Século VII	Faro, Sé

<b>Distrito de Guarda:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo da Guarda	Século XII	Guarda, Sé
Castelo de Alfaiates	Século XIII	Sabugal, Alfaiates
Castelo de Castelo Bom	Século XIII	Almeida, Castelo Bom
Castelo de Castelo Melhor	Século XIII	Vila Nova de Foz Côa, Castelo Melhor
Castelo de Castelo Mendo	Século XIII	Almeida, Castelo Mendo
Castelo de Cristóvão de Moura	Século XII	Figueira de C. Rodrigo, Castelo Rodrigo
Castelo de Celorico da Beira	Século XIII	Celorico da Beira, Celorico (Santa Maria)
Castelo de Folgoso	Século XII	Gouveia, Folgoso
Castelo de Linhares	Século XII	Celorico da Beira, Linhares
Castelo de Longroiva	Século XII	Mêda, Longroiva
Castelo de Marialva	Século XII	Mêda, Marialva
Castelo de Monforte	Século XII	Figueira de C. Rodrigo, Colmeal
Castelo de Moreira de Rei	Século XII	Trancoso, Moreira de Rei
Castelo de Numão	Século XIII	Vila Nova de Foz Côa, Numão
Castelo de Pinhel	Século XIII	Pinhel, Pinhel
Castelo de Ranhados	Século XIV	Mêda, Ranhados
Castelo de Sortelha	Século XIII	Sabugal, Sortelha
Castelo de Trancoso	Século X	Trancoso, Santa Maria
Castelo de Valhelhas	Século XII	Guarda, Valhelhas
Castelo de Vila do Touro	Século XIII	Sabugal, Vila do Touro
Castelo de Vilar Maior	Século XIII	Sabugal, Vilar Maior
Castelo do Sabugal	Século XII	Sabugal, Sabugal
Fortaleza de Almeida	Século XIII	Almeida, Almeida

<b>Distrito de Lisboa:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo de Alenquer	Século XII	Alenquer, Santo Estêvão
Castelo de São Jorge	Século I	Lisboa, Castelo
Castelo dos Mouros	Século VIII	Sintra, São Pedro de Penaferrim
Castelo de Torres Vedras	Século XIII	Torres Vedras, Santa M <sup>a</sup> Castelo
Castelo de Vila Verde dos Francos	Século XII	Alenquer, Vila Verde dos Francos
Castelo Velho de Colares	Século XII	Sintra, Colares
Forte da Ameixoeira	Século XIX	Lisboa, Ameixoeira
Forte de Crismina	Século XVIII	Cascais, Cascais
Forte da Nossa Senhora da Conceição	Século XVII	Cascais, Cascais
Forte da Nossa Senhora da Guia	Século XVII	Cascais, Cascais
Fortaleza da Nossa Senhora da Luz	Século XV	Cascais, Cascais
Forte de Catalazete	Século XVIII	Oeiras, Oeiras e São Julião da Barra
Forte da Ericeira	Século XVIII	Mafra, Ericeira
Forte da Giribita	Século XVII	Oeiras, Paço de Arcos
Forte no Lugar de Paimogo	Século XVII	Lourinhã, Lourinhã
Forte do Canudo	Século XIX	Torres Vedras, São Pedro e São Tiago
Forte de Sacavém	Século XIX	Loures, Sacavém
Forte de Santa Apolónia	Século XVII	Lisboa, São João
Forte de Santa Marta	Século XVII	Cascais, Cascais
Forte do Areeiro	Século XVII	Oeiras, Oeiras e São Julião da Barra
Forte de Santo António	Século XVI	Cascais, Estoril
Forte de São Brás de Sanxete	Século XVI	Cascais, Cascais
Forte de São Bruno	Século XVII	Oeiras, Caxias
Forte de São João das Maias	Século XVII	Oeiras, Oeiras e São Julião da Barra
Forte de Oitavos	Século XVII	Cascais, Cascais
Forte de São Julião da Barra	Século XVI	Oeiras, Oeiras e São Julião da Barra
Forte de São Lourenço da Cabeça Seca	Século XVI	Oeiras, Oeiras e São Julião da Barra
Forte de Milreu	Século XVII	Mafra, Ericeira
Forte de São Pedro	Século XVII	Cascais, Estoril
Forte de São Teodósio	Século XVII	Cascais, Estoril
Forte de São Vicente	Século XII	Torres Vedras, São Pedro e São Tiago
Forte do Alto do Duque	Século XIX	Lisboa, Santa M <sup>a</sup> de Belém
Forte do Bom Sucesso	Século XVIII	Lisboa, Santa M <sup>a</sup> de Belém
Forte do Guincho	Século XVII	Cascais, Cascais
Forte Novo	Século XIX	Cascais, Cascais

<b>Distrito de Portalegre:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo de Alegrete	Século XII	Portalegre, Alegrete
Castelo de Alpalhão	Século XII	Nisa, Alpalhão
Castelo de Alter do Chão	Século X	Alter do Chão, Alter do Chão
Castelo de Alter Pedroso	Século XII	Alter do Chão, Alter do Chão
Castelo de Amieira	Século XIV	Nisa, Amieira do Tejo
Castelo de Arronches	Século XII	Arronches, Assunção
Castelo de Assumar	Século XIV	Monforte, Assumar
Castelo de Avis	Século XIII	Avis, Avis
Castelo de Barbacena	Século XV	Elvas, Barbacena
Castelo de Belver	Século XII	Gavião, Belver
Castelo de Cabeço de Vide	Século XIV	Fronteira, Cabeço de Vide
Castelo de Campo Maior	Século XIII	Campo Maior, São João Baptista
Castelo de Castelo de Vide	Século XIII	Castelo de Vide, Santa M <sup>a</sup> da Devesa
Castelo de Elvas	Século XIII	Elvas, Alcáçova
Castelo de Fontalva	Século XV	Elvas, Barbacena
Castelo de Marvão	Século XIII	Marvão, Santa M <sup>a</sup> de Marvão
Castelo de Montalvão	Século XIII	Nisa, Montalvão
Castelo de Nisa	Século XIII	Nisa, Nossa Senhora da Graça
Castelo da Ouguela	Século XIII	Campo Maior, São João Baptista
Castelo de Portalegre	Século XIII	Portalegre, Sé
Castelo de Seda	Século XIV	Alter do Chão, Seda
Castelo da Azinheira	Século XIII	Crato, Crato e Mártires
Forte de Nossa Senhora da Graça	Século XVIII	Elvas, Alcáçova
Forte de Santa Luzia	Século XVII	Elvas, Assunção
Forte de São Roque	Século XVIII	Castelo de Vide, Santa M <sup>a</sup> da Devesa
Fortaleza de Elvas	Século VIII	Elvas, Alcáçova
Castelo de Torrejão	Século XIII	Portalegre, São Julião
Castelo de Monforte	Século XIV	Monforte, Monforte

<b>Distrito de Porto:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo de Aguiar de Sousa	Século X	Paredes, Aguiar de Sousa
Fortaleza da Póvoa de Varzim	Século XVIII	Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim
Forte de São João Baptista	Século XVI	Vila do Conde, Vila do Conde
Forte de Leça da Palmeira	Século XVII	Matosinhos, Leça da Palmeira
Castelo do Queijo	Século XVII	Porto, Nevogilde
Forte de São João Baptista	Século XVI	Porto, Foz do Douro

<b>Distrito de Santarém:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo de Abrantes	Século XII	Abrantes, São Vicente
Castelo de Alcanede	Século XII	Santarém, Alcanede
Castelo de Almourol	Século XII	V.N. da Barquinha, Praia do Ribatejo
Castelo de Ourém	Século XII	Ourém, Nossa Senhora das Misericórdias
Castelo de Tomar	Século XII	Tomar, São João Baptista
Castelo de Torres Novas	Século XIV	Torres Novas, Santa Maria

<b>Distrito de Leiria:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo de Alcobaça	Século XIII	Alcobaça, Alcobaça
Castelo de Alfeizerão	Século XII	Alcobaça, Alfeizerão
Castelo da Vila de Atouguia da Baleia	Século XIII	Peniche, Atouguia da Baleia
Castelo de Leiria	Século XII	Leiria, Leiria
Castelo de Óbidos	Século XII	Óbidos, Santa Maria
Castelo de Pombal	Século XII	Pombal, Pombal
Castelo de Porto de Mós	Século XII	Porto de Mós, São Pedro
Forte da Berlenga	Século XVII	Peniche, São Pedro
Forte de São Miguel Arcanjo	Século XVI	Nazaré, Nazaré
Forte da Praia da Consolação	Século XVII	Peniche, Atouguia da Baleia
Fortaleza de Peniche	Século XVII	Peniche, São Pedro

<b>Distrito de Setúbal:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo de Alcácer do Sal	Século XII	Alcácer do Sal, Santa M <sup>a</sup> do Castelo
Castelo de Almada	Século XII	Almada, Almada
Castelo de Palmela	Século XII	Palmela, Palmela
Castelo de Santiago do Cacém	Século XIII	Santiago do Cacém, Santiago do Cacém
Castelo de Sesimbra	Século XIII	Sesimbra, Castelo
Castelo de Sines	Século XV	Sines, Sines
Forte de Albarquel	Século XVII	Setúbal, Nossa Senhora da Anunciada
Forte de Nossa Senhora das Salvas	Século XVII	Sines, Sines
Forte de Santa Maria da Arrábida	Século XVII	Setúbal, São Lourenço
Forte de Santiago	Século XVII	Sesimbra, Santiago
Forte Velho do Outão	Século XIV	Setúbal, Nossa Senhora da Anunciada
Castelo de São Filipe	Século XVI	Setúbal, Nossa Senhora da Anunciada
Forte de Santiago do Outão	Século XIV	Setúbal, Nossa Senhora da Anunciada
Fortaleza da Torre Velha	Século XV	Almada, Caparica
Forte do Cavalo	Século XVII	Sesimbra, Castelo
Forte do Pessegueiro	Século XVI	Sines, Porto Covo
Forte da Baralha	Século XVII	Sesimbra, Azóia

<b>Distrito de Viana do Castelo:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Fortaleza de Caminha	Século XIII	Caminha, Matriz
Castelo de Castro Laboreiro	Século XIII	Melgaço, Castro Laboreiro
Castelo de Lindoso	Século XIII	Ponte da Barca, Lindoso
Castelo de Melgaço	Século XIII	Melgaço, Vila
Castelo de Monção	Século XIV	Monção, Monção
Castelo de Valença do Minho	Século XIII	Valença, Valença
Castelo de Vila Nova de Cerveira	Século XIII	V.N. de Cerveira, V.N. de Cerveira
Forte da Ínsua	Século XV	Caminha, Moledo
Forte de Âncora	Século XVII	Caminha, Vila Praia de Âncora
Fortim de Montedor	Século XVII	Viana do Castelo, Carreço
Forte de Santiago	Século XVI	Viana do Castelo, Monserrate
Forte de Lovelhe	Século XVII	V.N. de Cerveira, Lovelhe
Forte do Cão	Século XVII	Caminha, Âncora
Fortim da Areosa	Século XVIII	Viana do Castelo, Areosa

<b>Distrito de Vila Real:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo de Chaves	Século IX	Chaves, Santa Maria Maior
Castelo de Monforte	Século XIII	Chaves, Águas Frias
Castelo de Montalegre	Século XIV	Montalegre, Montalegre
Castelo de Aguiar da Pena	Século XII	Vila Pouca de Aguiar, Telões
Castelo do Mau Vizinho	Idade Média	Chaves, Cimo de Vila da Castanheira
Forte de São Francisco	Século XVII	Chaves, Santa Maria Maior
Forte de São Neutel	Século XVII	Chaves, Santa Maria Maior

<b>Distrito de Viseu:</b>		
<b>Nome da Fortificação:</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>Localização (Concelho, Freguesia)</b>
Castelo de Lamego	Século XII	Lamego, Almacave
Castelo de Penedono	Século XIV	Penedono, Penedono
Castelo de Sernancelhe	Século XII	Sernancelhe, Sernancelhe
Castelo de Vilharigues	Século XV	Vouzela, Paços de Vilharigues
Castelo de Penalva	Século XI	Penalva do Castelo, Castelo de Penalva

# **Anexo II**

---

Mapas dos Castelos e Fortes de Portugal Continental



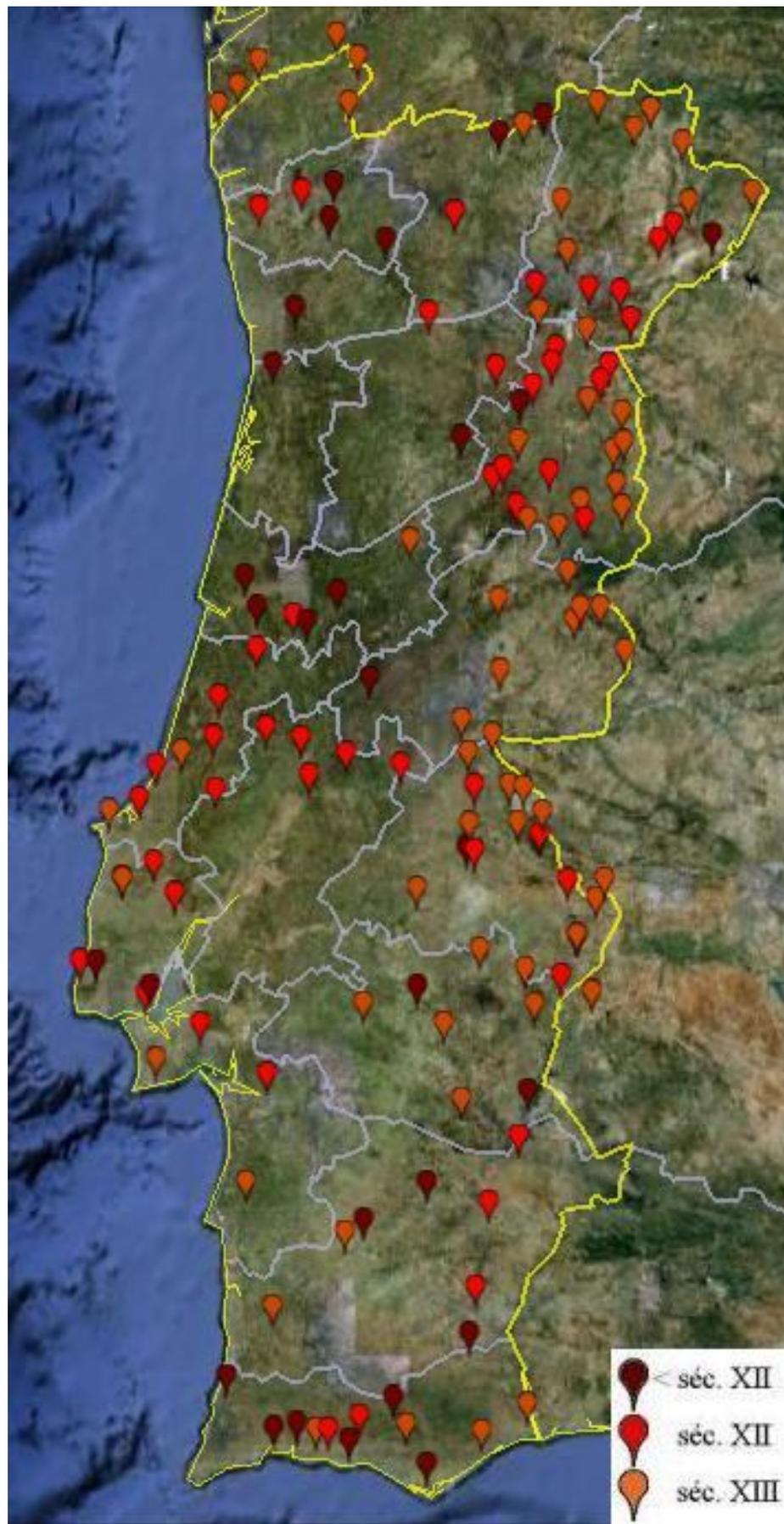


Figura 92 – Mapa B Castelos e Fortes de Portugal Continental



Figura 93 – Mapa C: Castelos e Fortes de Portugal Continental



Figura 94 – Mapa D: Castelos e Fortes de Portugal Continental



# **Anexo III**

---

Fortificações Coloniais



<b>África</b>		
<b>Nome da Fortificação</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>País</b>
Fortaleza de Arzila	Século XVI	Marrocos
Fortaleza de Mazagão	Século XVI	Marrocos
Fortaleza de Azamor	Século XVI	Marrocos
Fortaleza de Alcácer-Céguer	Século XV	Marrocos
Fortaleza de Tangêr	Século XV	Marrocos
Forte de Mogador	Século XVI	Marrocos
Castelo de Mar	Século XVI	Marrocos
Castelo de Aguz	Século XVI	Marrocos
Fortaleza de Safim	Século XVI	Marrocos
Fortaleza da Graciosa	Século XVI	Marrocos
Fortaleza de Santa Cruz do Cabo de Gué	Século XVI	Marrocos
Fortaleza de Santo António de Ratonés	Século XVIII	Cabo Verde
Fortaleza Real de São Filipe	Século XVI	Cabo Verde
Forte do Duque de Bragança	Século XIX	Cabo Verde
Forte d'el Rei	Século XIX	Cabo Verde
Forte de São José	Século XVIII	Cabo Verde
Forte do Príncipe Real	Século N.D.	Cabo Verde
Forte de São José de Amura	Século XVIII	Guiné-Bissau
Forte de Cacheu	Século XVIII	Guiné-Bissau
Fortaleza de São Jorge da Mina	Século XV	Gana
Forte de São João Baptista de Ajudá	Século XVIII	Benim
Forte de Santo António da Ponta da Mina	Século XVII	São Tomé e Príncipe
Forte de São Sebastião	Século XVI	São Tomé e Príncipe
Fortaleza de São Miguel de Luanda	Século XVI	Angola
Fortaleza de Cambambe	Século XVII	Angola
Fortaleza de Copangombe	Século XIX	Angola
Forte de São Pedro	Século XIX	Angola
Fortaleza de São Pedro da Barra	Século XVII	Angola
Fortaleza de Muxima	Século XVI	Angola
Forte de São José de Encoje	Século XVIII	Angola
Forte de Quibola	Século N.D.	Angola
Fortaleza de São Paulo de Luanda	Século XVI	Angola
Forte de Massangano	Século XVI	Angola
Forte Muene Vunongue	Século XIX	Angola
Forte de Quiloa	Século XVI	Tanzânia
Forte de Gereza	Século XVI	Tanzânia
Fortaleza de Jesus de	Século XVI	Quênia

Mombaça		
Fortaleza de São João Baptista	Século XVIII	Moçambique
Forte de São José	Século XVIII	Moçambique
Forte de Santo António	Século XIX	Moçambique
Forte de São Sebastião	Século XVI	Moçambique
Forte de Nossa Senhora da Conceição	Século XVIII	Moçambique
Fortaleza de Sena	Século XVI	Moçambique
Fortaleza de São Caetano	Século XVI	Moçambique
Fortaleza de São Tiago Maior	Século XVI	Moçambique

<b>América do Sul</b>		
<b>Nome da Fortificação</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>País</b>
Fortim de Nossa Senhora de Monserrate	Século XVI	Brasil
Forte de Santo António da Barra	Século XVI	Brasil
Forte do Mar	Século XVII	Brasil
Forte de São Lourenço	Século XVII	Brasil
Forte de Santa Cruz	Século XVII	Brasil
Forte de Santa Catarina do Cabedelo	Século XVI	Brasil
Forte dos Reis Magos	Século XVI	Brasil
Forte do Morro de São Paulo	Século XVII	Brasil
Forte da Nossa Senhora dos Remédios	Século XVIII	Brasil
Fortaleza da Nossa Senhora da Assunção	Século XIX	Brasil
Fortaleza de Santa Cruz de Itamaracá	Século XVII	Brasil
Forte de São Francisco	Século XVII	Brasil
Fortaleza de São Tiago dos Cinco Pontos	Século XVII	Brasil
Forte de São João Baptista do Brum	Século XVII	Brasil
Fortaleza da Nossa Senhora dos Prazeres do Pau Amarelo	Século XVIII	Brasil
Fortim de Santa Maria	Século XVII	Brasil
Fortim de São Diogo	Século XVII	Brasil
Fortim de Santo Alberto	Século XVI	Brasil
Fortim de Santo António Além-do Carmo	Século XVII	Brasil
Fortaleza do Barbalho	Século XVIII	Brasil
Fortaleza de São Pedro	Século XVIII	Brasil
Forte de São Mateus	Século XVII	Brasil
Forte de São Filipe	Século XVI	Brasil
Fortaleza da Barra Grande	Século XVI	Brasil
Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim	Século XVIII	Brasil
Fortaleza de São José da Ponta Grossa	Século XVIII	Brasil
Fortaleza de Santo António de Ratoes	Século XVIII	Brasil
Forte de Gragoatá	Século XVII	Brasil
Forte de São Luis	Século XVIII	Brasil
Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres	Século XVIII	Brasil
Forte Defensor Perpétuo	Século XVIII	Brasil

Fortaleza de São José	Século XVIII	Brasil
Fortaleza da Nossa Senhora da Conceição	Século XVIII	Brasil
Forte de São João	Século XVI	Brasil
Forte de São João da Bertoga	Século XVI	Brasil
Forte de Nova Coimbra	Século XVIII	Brasil
Forte do Príncipe da Barra	Século XVIII	Brasil
Forte do Presépio	Século XVII	Brasil
Forte de Santo António do Gurupá	Século XVII	Brasil
Fortaleza de São José de Macapá	Século XVII	Brasil
Forte de Óbidos	Século XVII	Brasil

<b>Ásia/Oceânia</b>		
<b>Nome da Fortificação</b>	<b>Época de Construção</b>	<b>País</b>
Forte de Arnala	Século XVI	Índia
Forte de Manora	Século XVI	Índia
Forte do Morro de Chaul	Século XVI	Índia
Fortaleza de Revdanda	Século XVIII	Índia
Fortaleza de Damão	Século XVI	Índia
Forte de São Jerónimo	Século XVII	Índia
Forte de Danu	Século XVII	Índia
Fortaleza de Diu	Século XVI	Índia
Fortim do Mar	Século N.D.	Índia
Forte da Nossa Senhora da Penha de Laranja	Século XVII	Índia
Forte de Mahim	Século XVIII	Índia
Forte de Sanjan	Século N.D.	Índia
Forte de Sirigão	Século XVII	Índia
Forte de Danu	Século XVII	Índia
Fortaleza de Baçaim	Século XVI	Índia
Forte de Thane	Século XVIII	Índia
Forte de São Sebastião	Século XVI	Índia
Forte de Tarapur	Século XVI	Índia
Forte do Meio	Século XVII	Índia
Forte de Aguada	Século XVII	Índia
Forte de Cabo de Rama	Século XVIII	Índia
Forte de Chaporá	Século XVIII	Índia
Forte de Corjuem	Século XVIII	Índia
Forte de Tiswadi	Século XVI	Índia
Forte de Mormugão	Século XVII	Índia
Fortaleza dos Reis Magos	Século XVI	Índia
Forte de Tiracol	Século XVII	Índia
Fortaleza de Cananor	Século XVI	Índia
Forte de São Tomé	Século XVI	Índia
Forte de Batticaloa	Século XVII	Sri Lanka
Forte de Galle	Século XVI	Sri Lanka
Forte de Kayts	Século XVI	Sri Lanka
Forte de Mannar	Século XVI	Sri Lanka
Forte de Negombo	Século XVI	Sri Lanka
Forte de Trincomalle	Século XVII	Sri Lanka
Fortaleza de Malaca	Século XVI	Malásia
Fortaleza de Sirião	Século XVII	Birmânia
Forte de Tafasoho	Século XVII	Indonésia
Forte de Seram	Século XVII	Indonésia
Forte dos Reis Magos de Tidore	Século XVI	Indonésia
Forte de São João Baptista	Século XVI	Indonésia

Forte de Solar	Século XVI	Indonésia
Forte de Nossa Senhora da Anunciada	Século XVI	Indonésia
Forte da Guia	Século XVII	China (Macau)
Forte de D. Maria II	Século XIX	China (Macau)
Forte de Mong-ha	Século XIX	China (Macau)
Forte do Monte	Século XVII	China (Macau)
Forte de São Tiago da Barra	Século XVII	China (Macau)
Forte da Taipa	Século XIX	China (Macau)
Forte de Comorão	Século XVI	Irão
Forte de Nossa Senhora da Conceição de Ormuz	Século XVI	Irão
Forte de Larak	Século XVI	Irão
Forte de Queixome	Século XVI	Irão
Forte de Libédia	Século XVII	Emirados Árabes Unidos
Forte de Doba	Século XVII	Emirados Árabes Unidos
Forte de Quelba	Século XVII	Emirados Árabes Unidos
Forte de Khawr Fakkar	Século XVII	Emirados Árabes Unidos
Forte de Borca	Século N.D.	Omã
Castelo de Khassab	Século XVI	Omã
Forte de Madhah	Século XVII	Omã
Fortaleza de Mascate	Século XVI	Omã
Forte de Cofração	Século XVII	Omã
Forte de Curiate	Século XVII	Omã
Forte de Matara	Século XVII	Omã
Forte de Soar	Século XVII	Omã
Forte do Bahrein	Século XVI	Barém
Forte de Arad	Século XVI	Barém
Forte de Abu Mahir	Século XVI	Barém
Forte de Tarut	Século XVI	Arábia Saudita

# **Anexo IV**

---

Fotografias do Castelo de Guimarães Antes e Depois da  
Intervenção da D.G.E.M.N. em 1937





Figura 95 – Muralha junto da torre Sul antes do restauro



Figura 96 – Muralha junto da torre sul depois do restauro



Figura 97 – Capela e Paiol junto da muralha nascente antes do restauro



Figura 98 – Muralha nascente depois do restauro



Figura 99 – Torre Norte antes do restauro



Figura 100 – Torre Norte depois do restauro



Figura 101 – Muralha da vila junto da torre Norte antes do restauro



Figura 102 – Muralha da vila junto da torre Norte depois do restauro

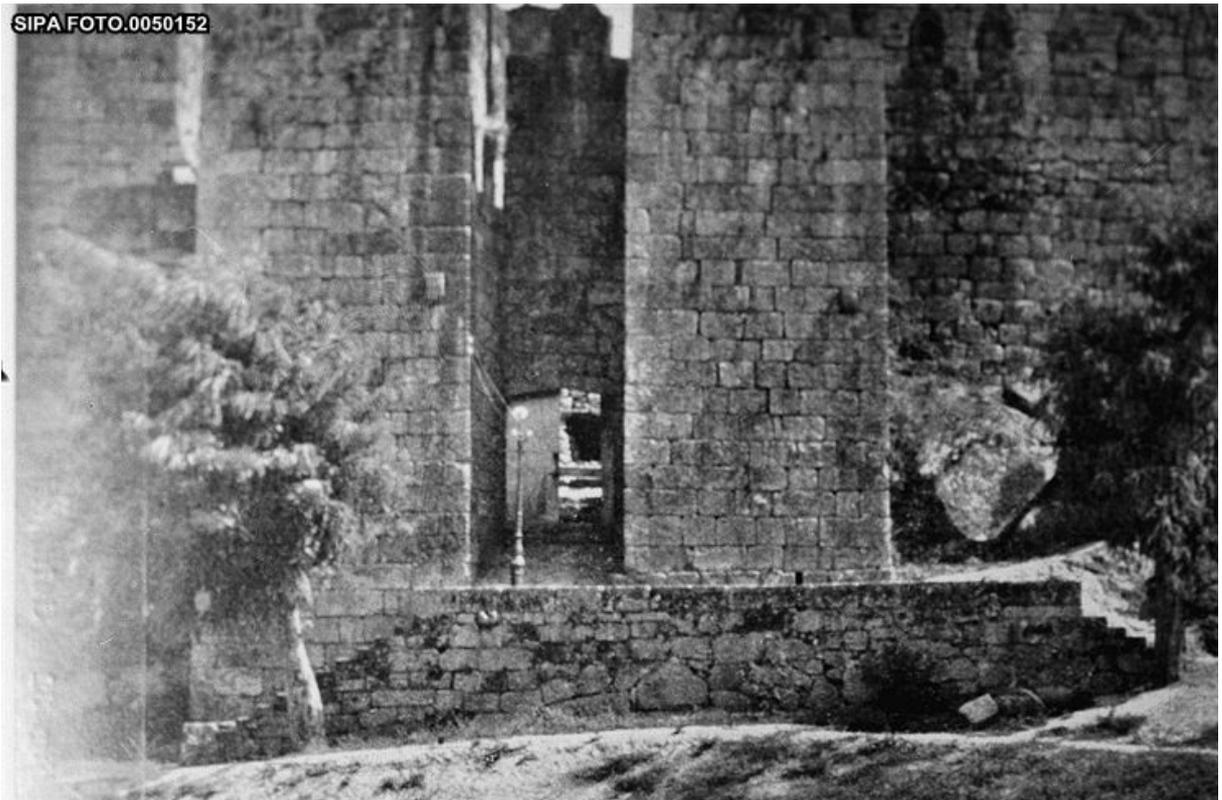


Figura 103 – Escada justaposta à porta principal antes do restauro



Figura 104 – Acesso à porta principal depois do restauro

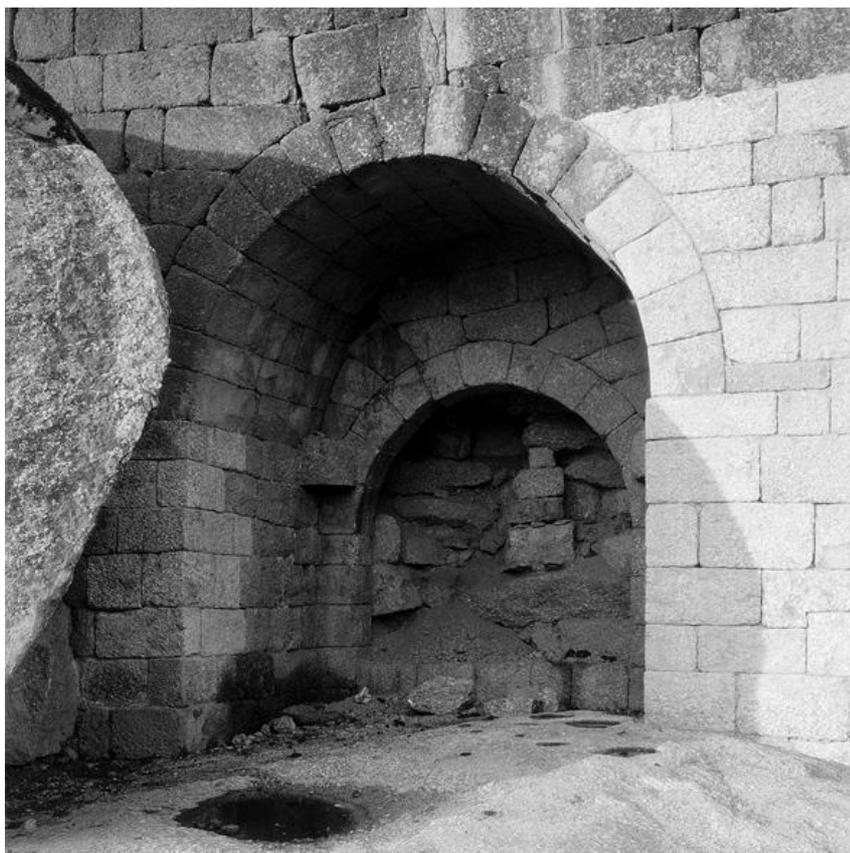


Figura 105 – Porta sob a torre Sul antes do restauro

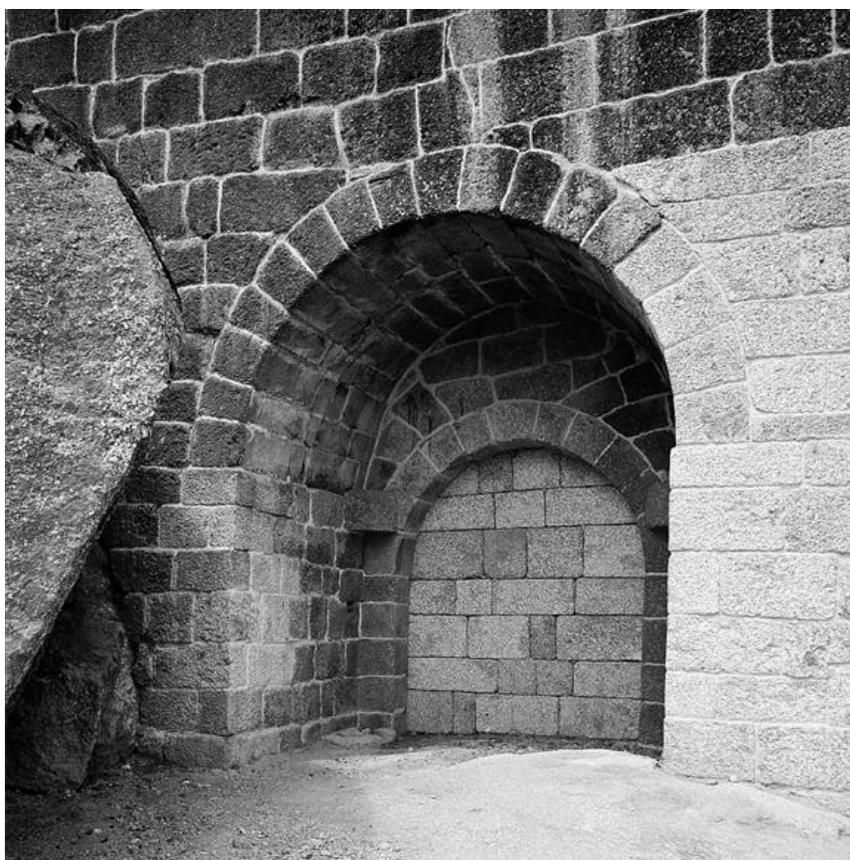


Figura 106 – Porta sob a torre Sul depois do restauro

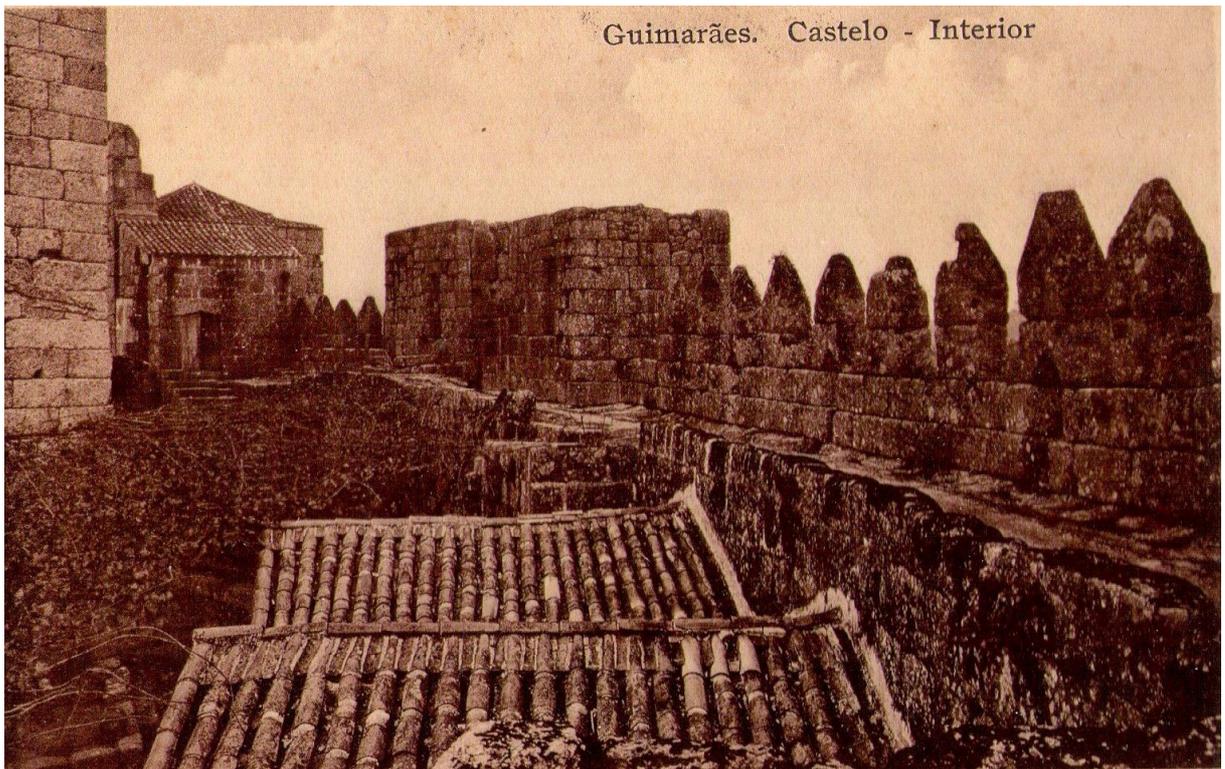


Figura 107 – Vista do interior do castelo antes do restauro



Figura 108 – Vista do interior do castelo depois do restauro



Figura 109 – Interior da Torre de Menagem antes do restauro



Figura 110 – Interior da Torre de Menagem depois do restauro



Figura 111 – Vista da Praça de Armas antes do restauro



Figura 112 – Vista da Praça de Armas depois do restauro



Figura 113 – Porta da Traição antes do restauro



Figura 114 – Porta da Traição depois do restauro



Figura 115 – Ângulo Noroeste antes do restauro



Figura 116 – Ângulo Noroeste depois do restauro



Figura 117 – Vista da Alcáçova e da torre Nordeste antes do restauro



Figura 118 – Vista da Alcáçova e da torre Nordeste depois do restauro

# **Anexo V**

---

Google Sketch Up





Figura 119 – Vista do lado Poente do actual Castelo de Guimarães

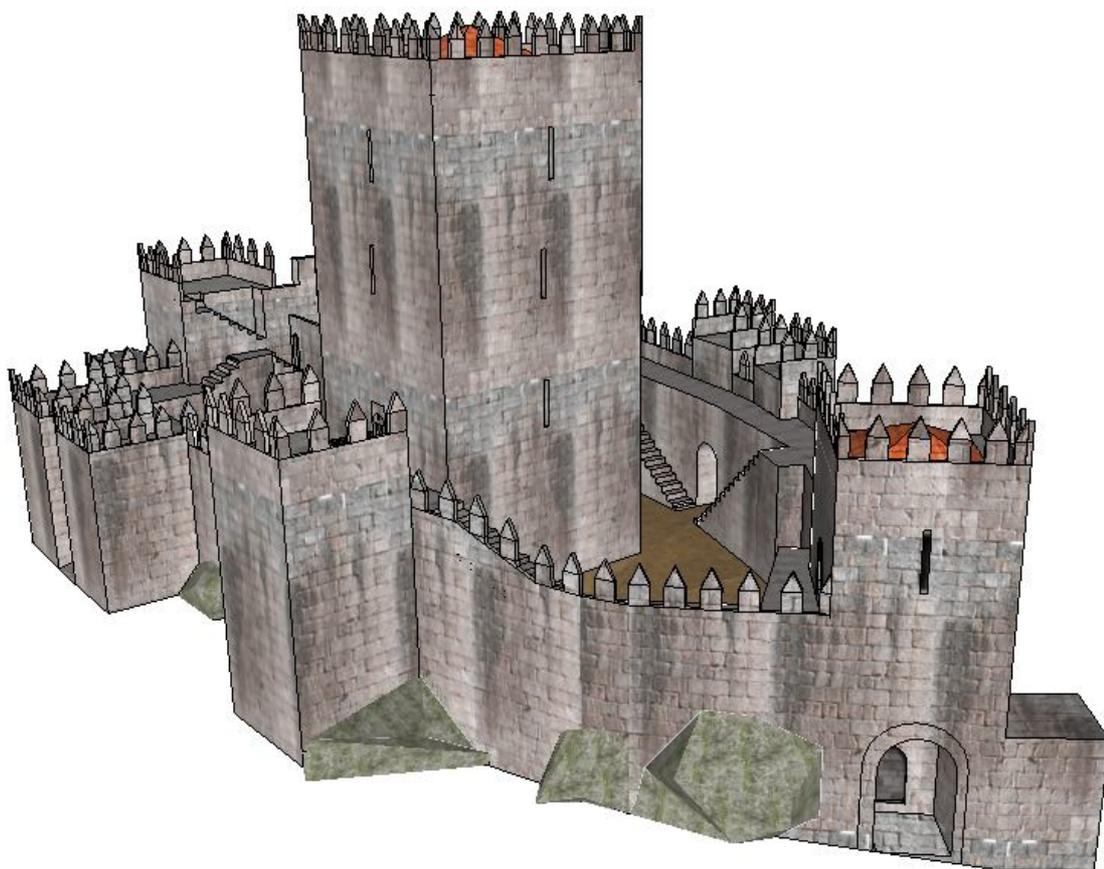


Figura IV.666 – Vista do ângulo Sul do actual Castelo de Guimarães

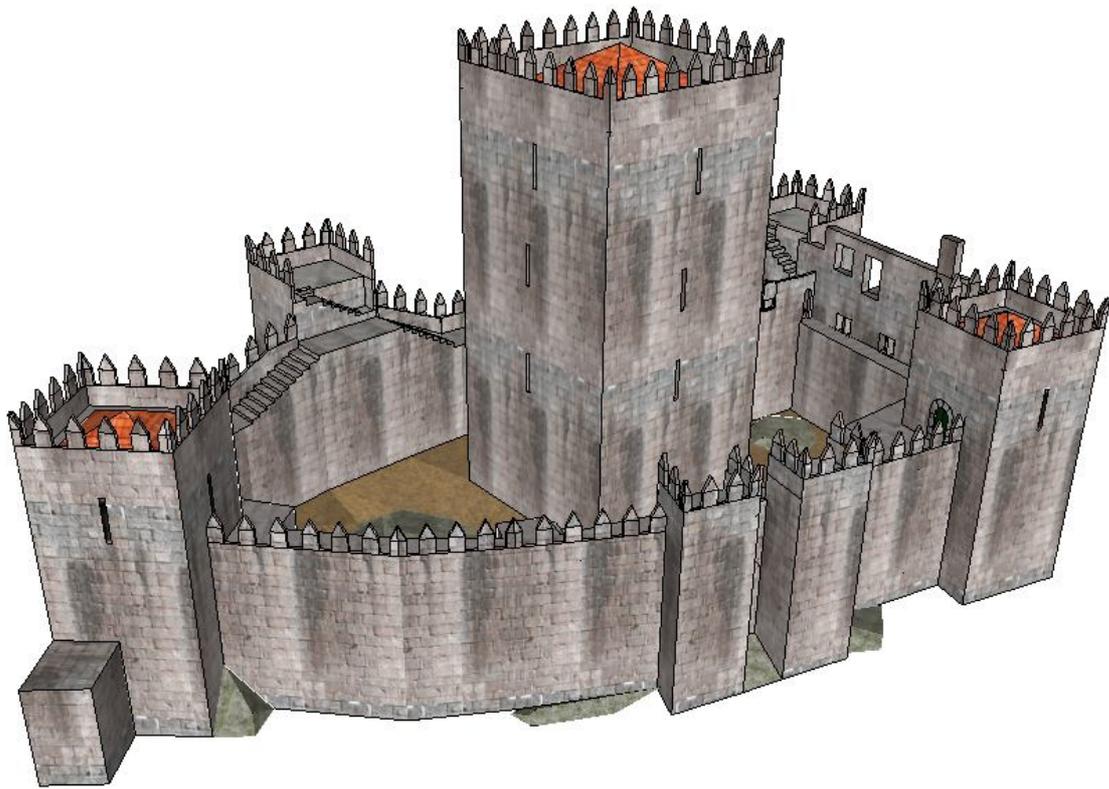


Figura 120 - Vista do lado Nascente do actual Castelo de Guimarães

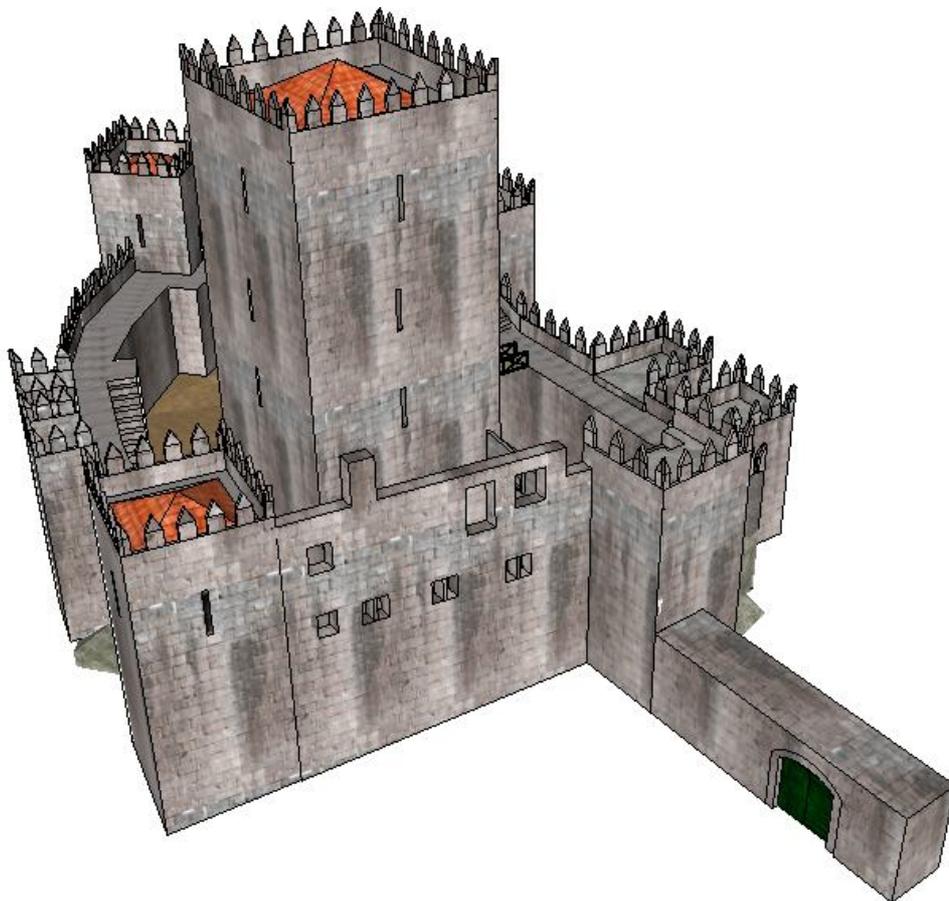


Figura 121 – Vista do lado Norte do actual Castelo de Guimarães

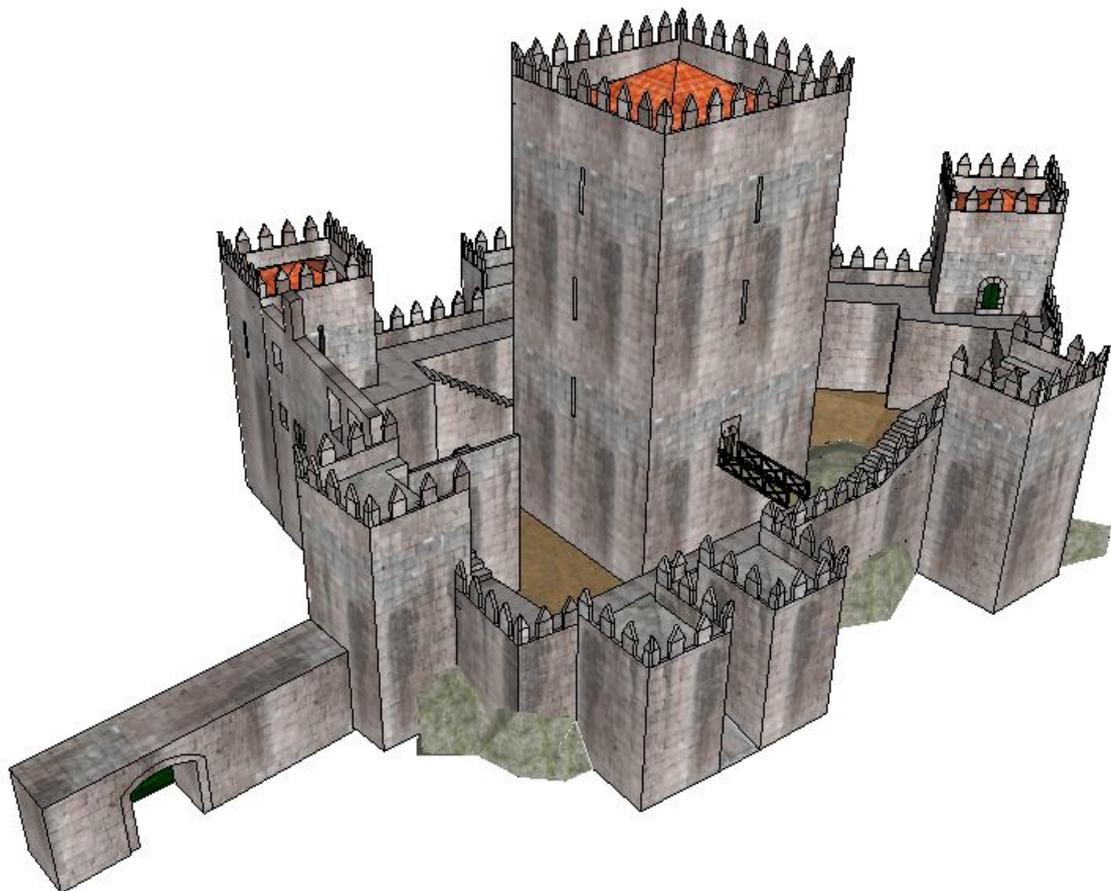


Figura 122 – Vista do ângulo Noroeste do actual Castelo de Guimarães

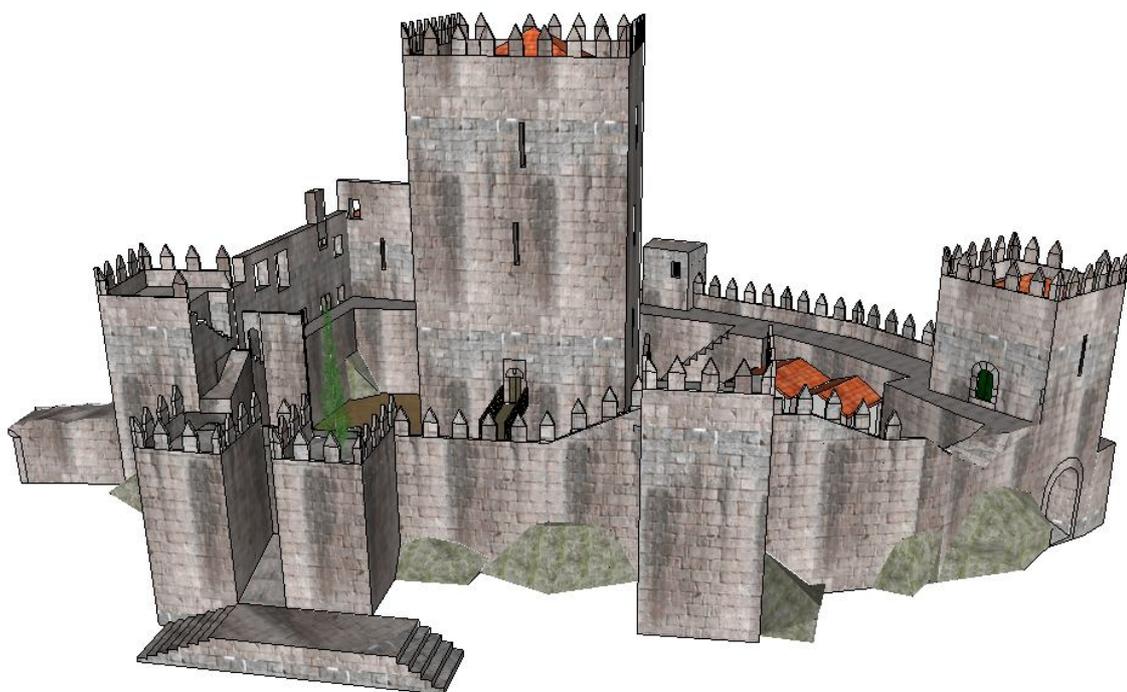


Figura 123 – Vista do lado Poente do Castelo de Guimarães antes do restauro da D.G.E.M.N.

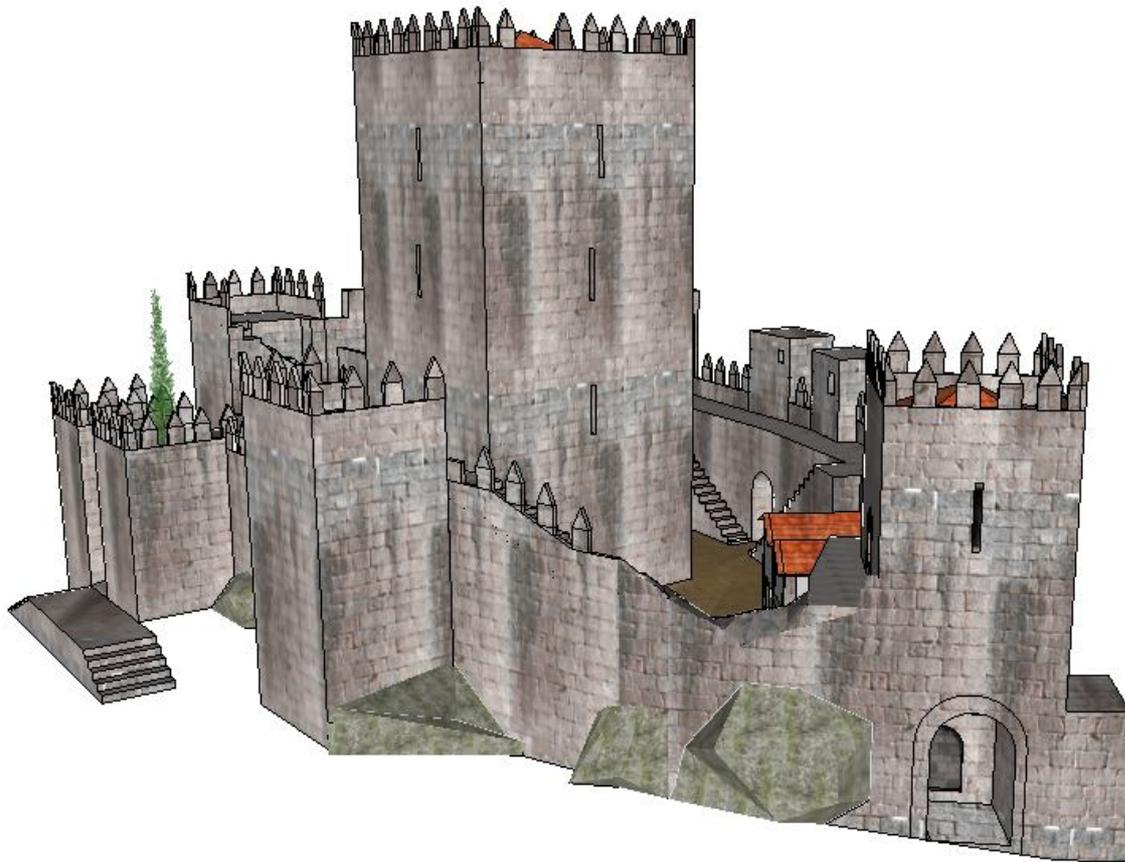


Figura 124 – Vista do ângulo Sul do Castelo de Guimarães antes do restauro da D.G.E.M.N.

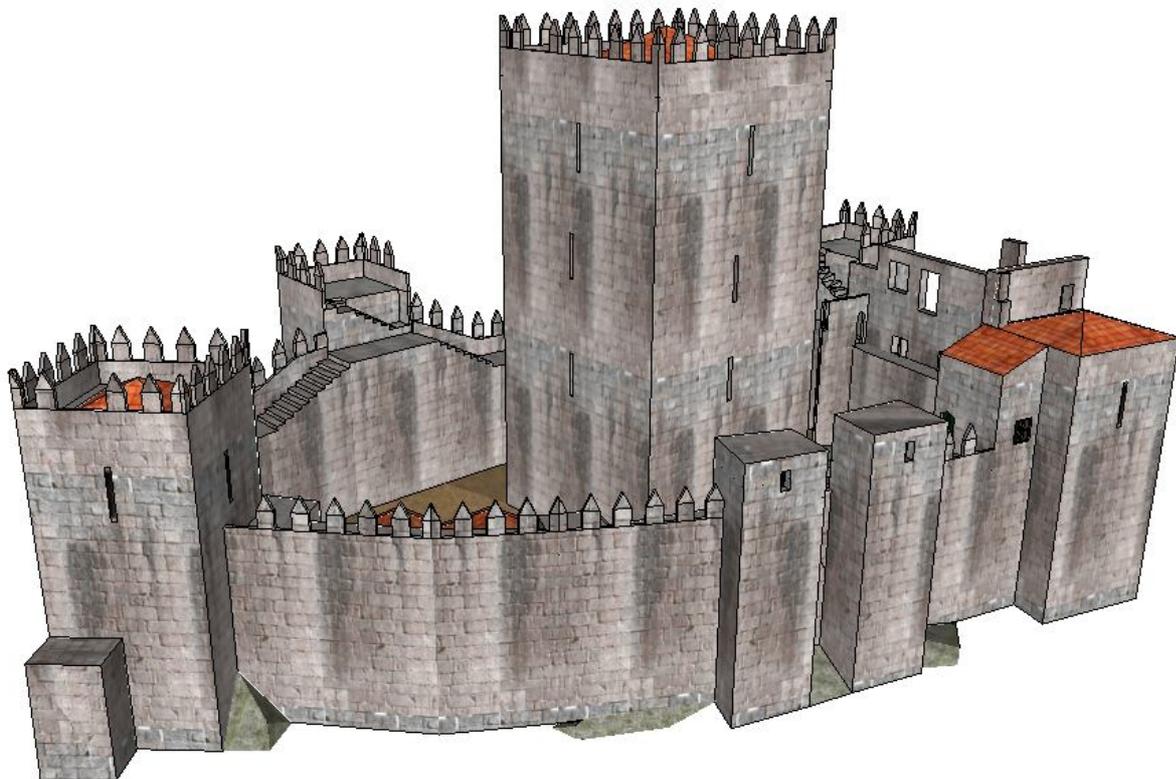


Figura 125 – Vista do lado Nascente do Castelo de Guimarães antes do restauro da D.G.E.M.N.

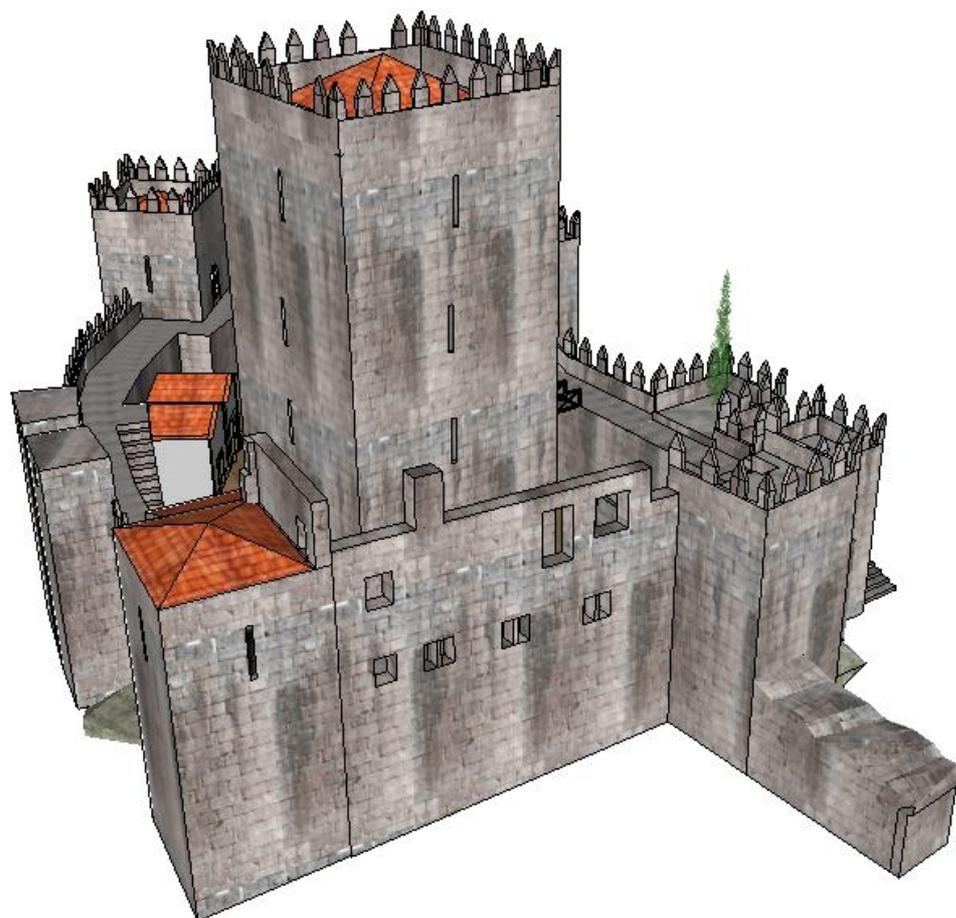


Figura 126 – Vista do lado Norte do Castelo de Guimarães antes do restauro da D.G.E.M.N.

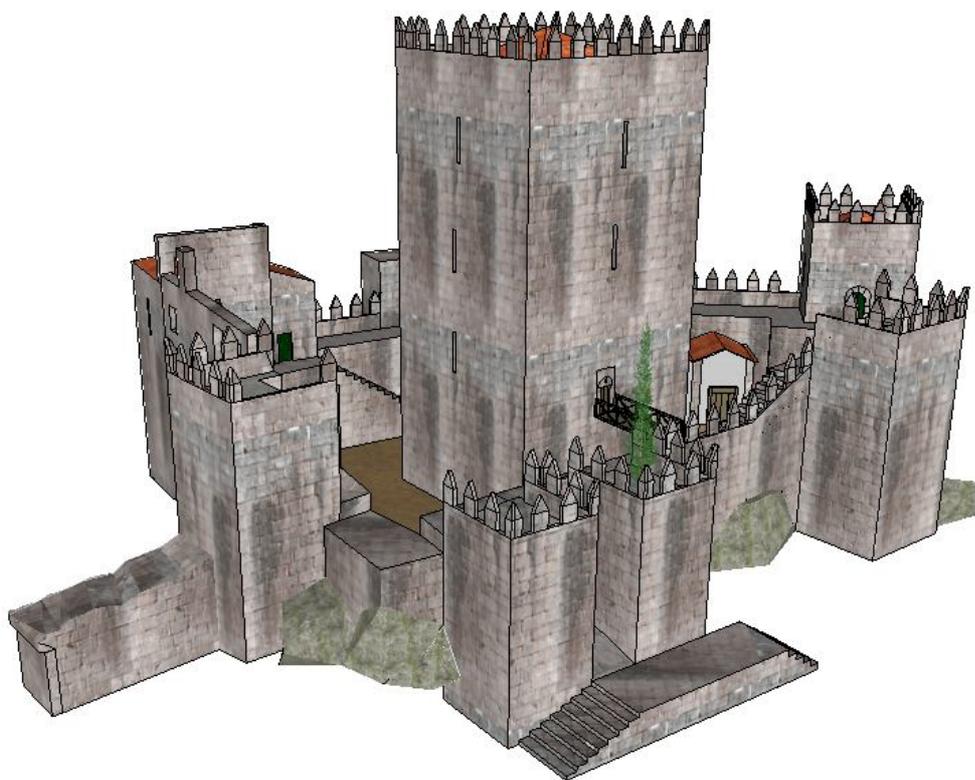


Figura 127 – Vista do ângulo noroeste do Castelo de Guimarães antes do restauro da D.G.E.M.N.

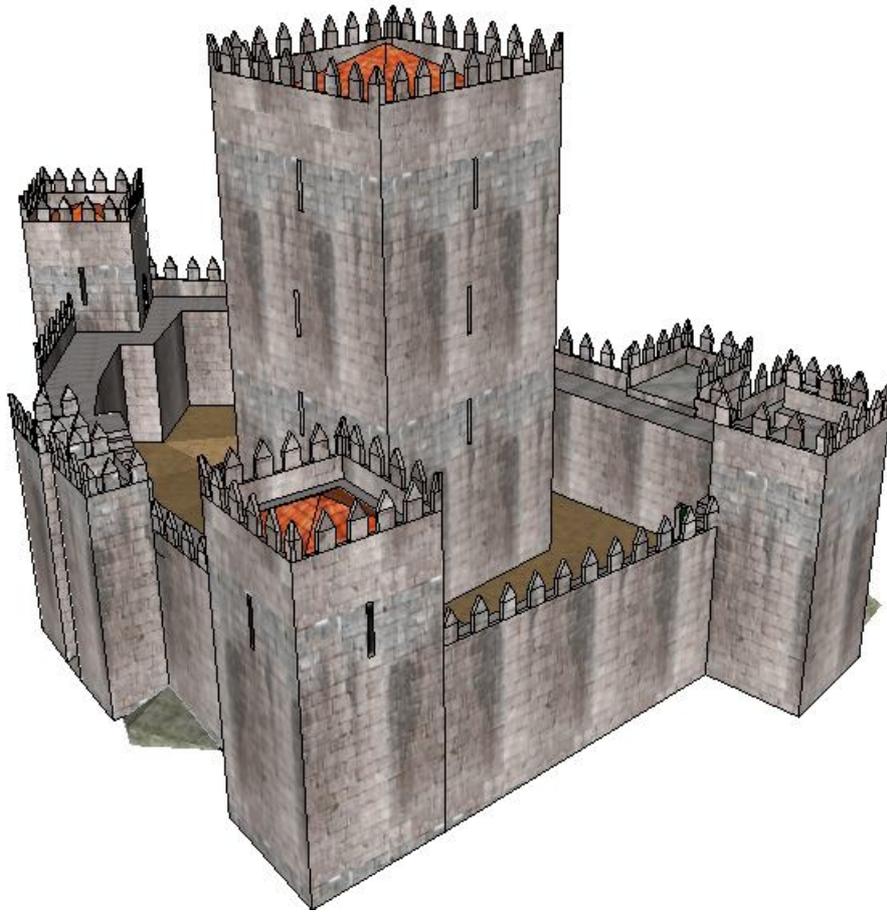


Figura 128 – Castelo de Guimarães contemporâneo ao rei D. Dinis

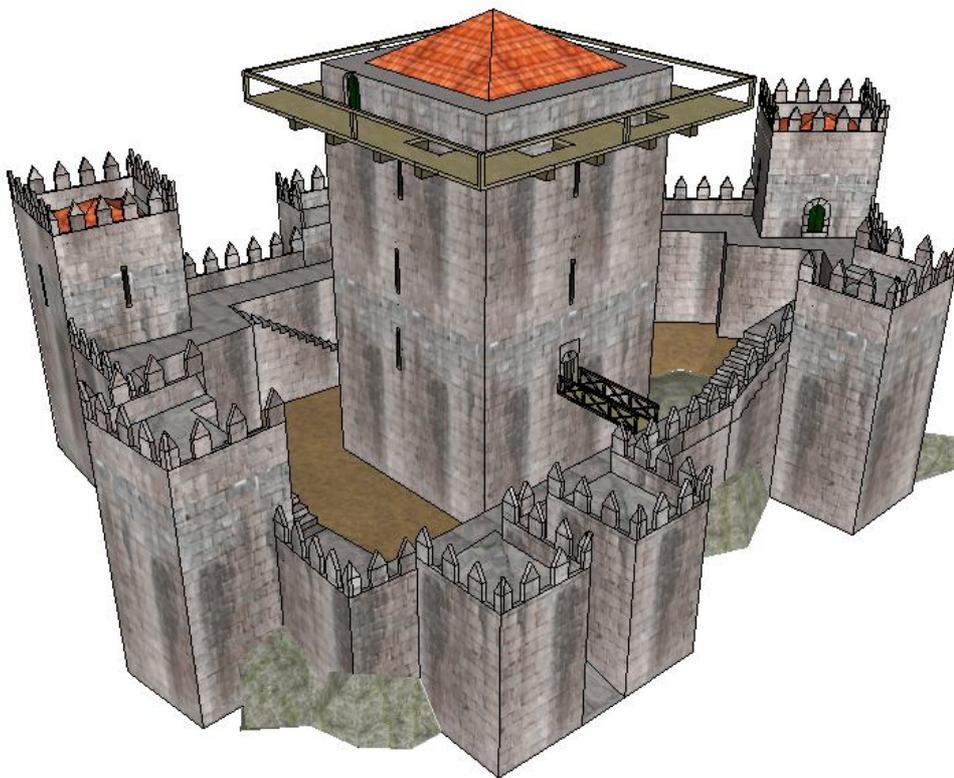


Figura 129 – Castelo de Guimarães com hurdício contemporâneo ao rei D. Dinis

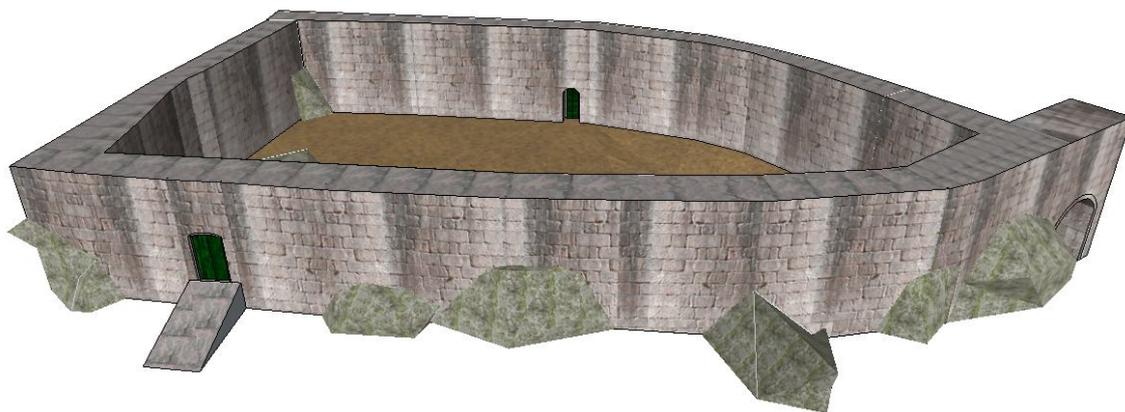


Figura 130 – Vista do lado Poente do Castelo de Guimarães contemporâneo ao D. Afonso III

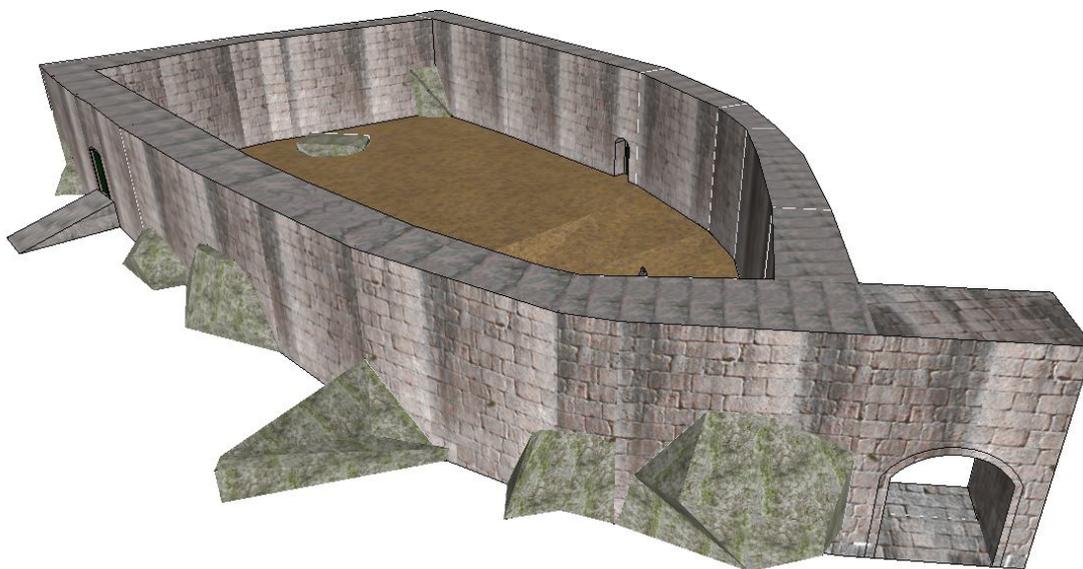


Figura 131 – Vista do ângulo Sul do Castelo de Guimarães contemporâneo ao D. Afonso III

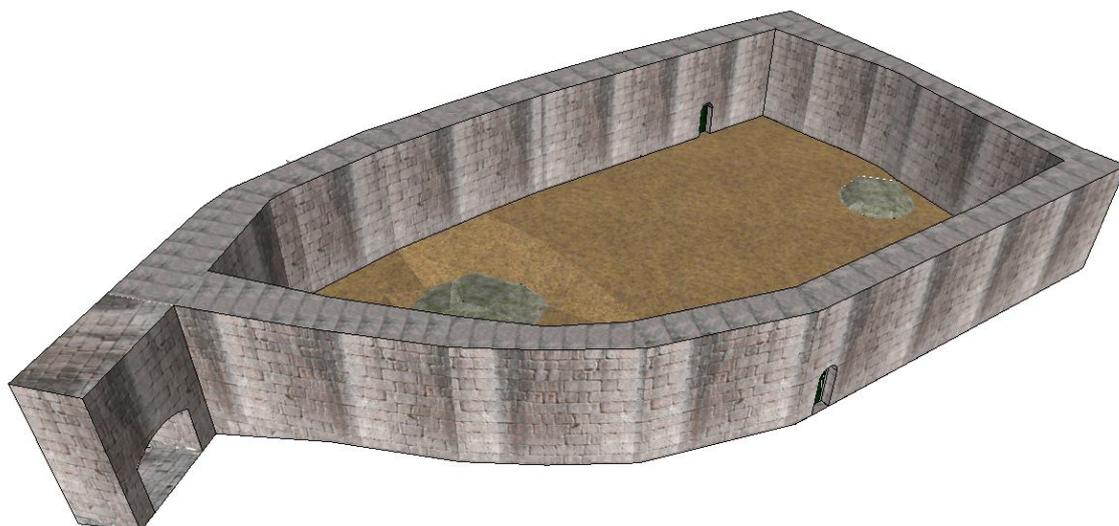


Figura 132 – Vista do lado Nascente do Castelo de Guimarães contemporâneo ao D. Afonso III

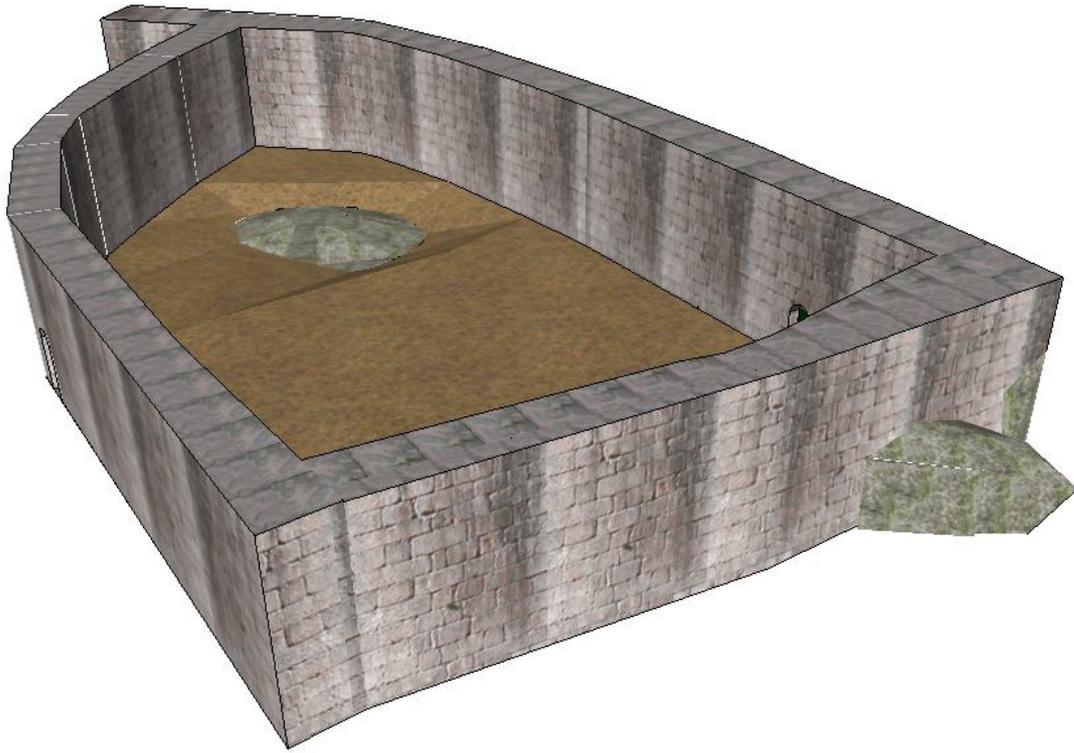


Figura 133 – Vista do lado Norte do Castelo de Guimarães contemporâneo ao D. Afonso III

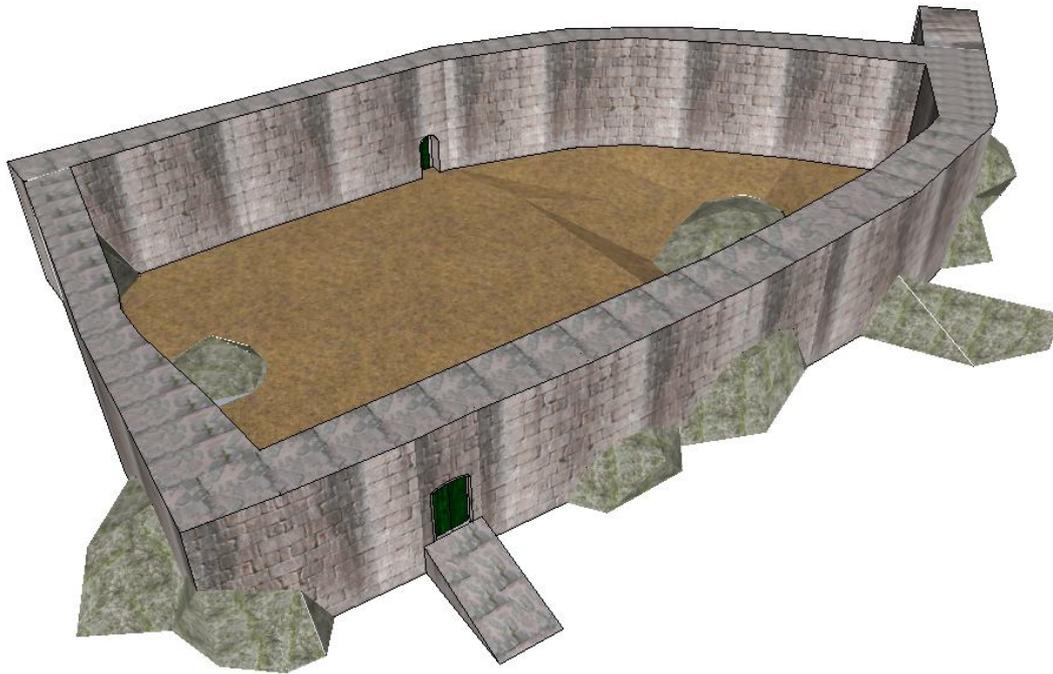


Figura 134 – Vista do ângulo Noroeste do Castelo de Guimarães contemporâneo ao D. Afonso III

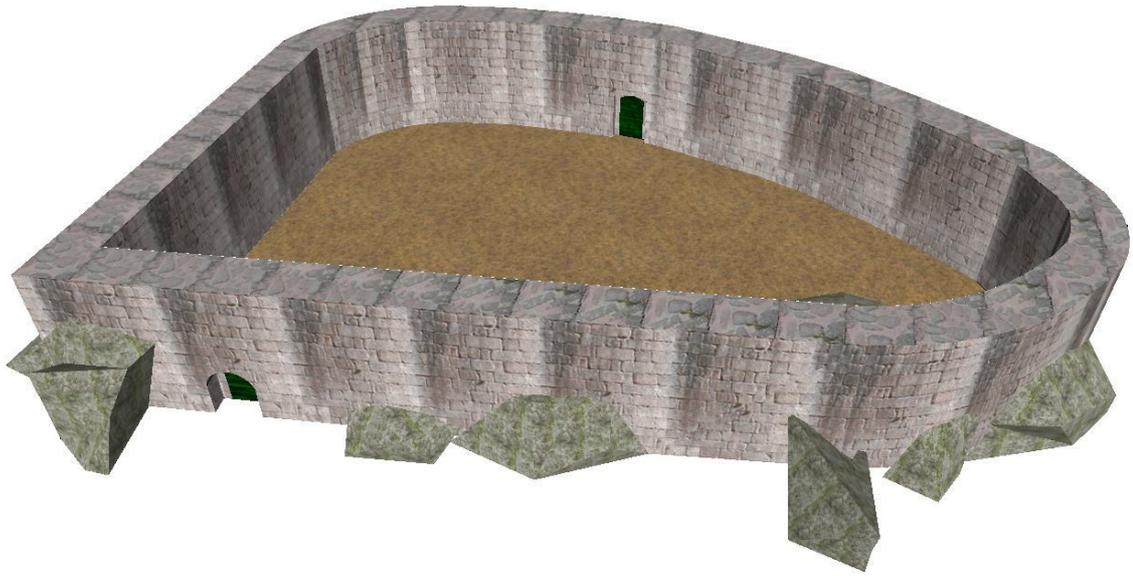


Figura 135 – Vista do lado Poente do Castelo de Guimarães contemporâneo ao Conde D. Henrique

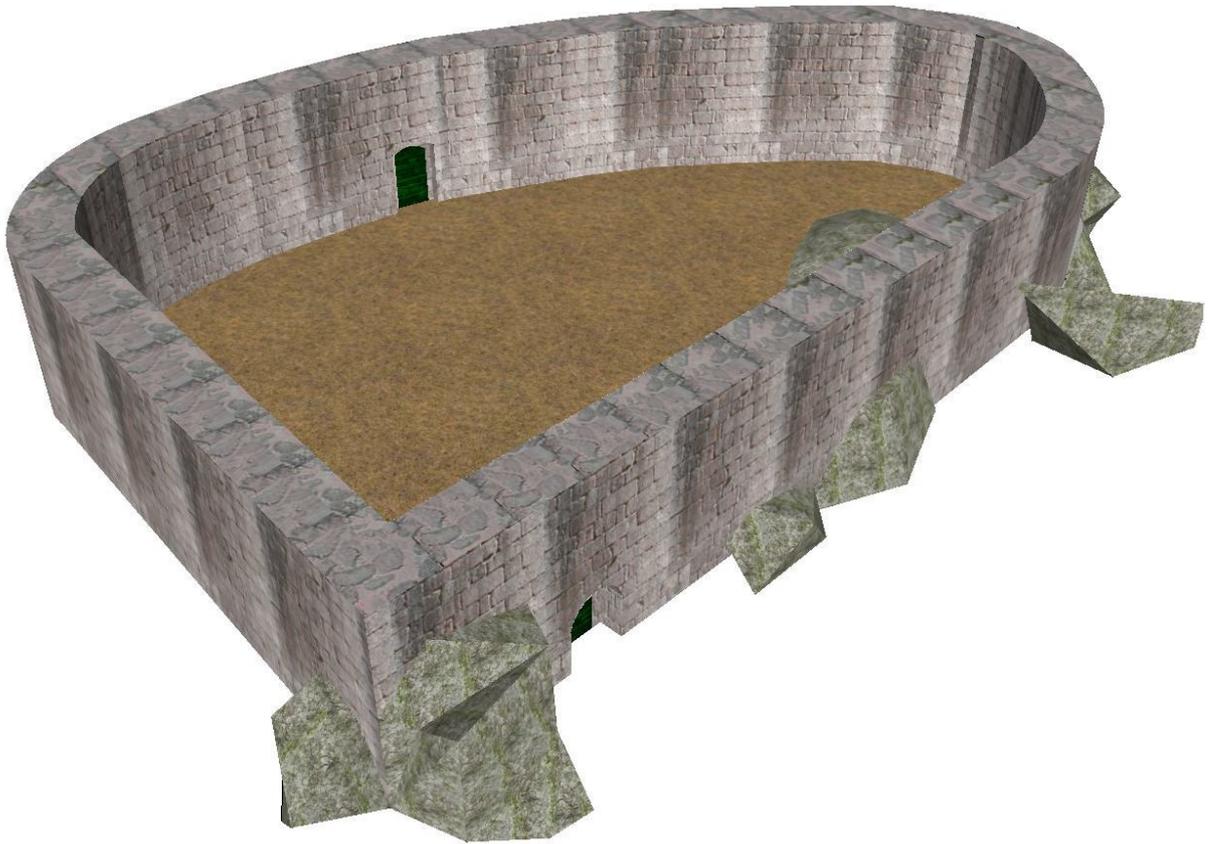


Figura 136 – Vista do ângulo Noroeste do Castelo de Guimarães contemporâneo ao Conde D. Henrique



# **Anexo VI**

---

Fotografias, Postais e Notícias Antigas relacionadas com o  
Castelo e Muralhas de Guimarães





Cartofilista

www.delcampe.net

Figura 137 – Postal antigo do Castelo de Guimarães



Onepenny

www.delcampe.net

Figura 138 – Postal antigo do Castelo de Guimarães



Pina1

www.delcampe.net

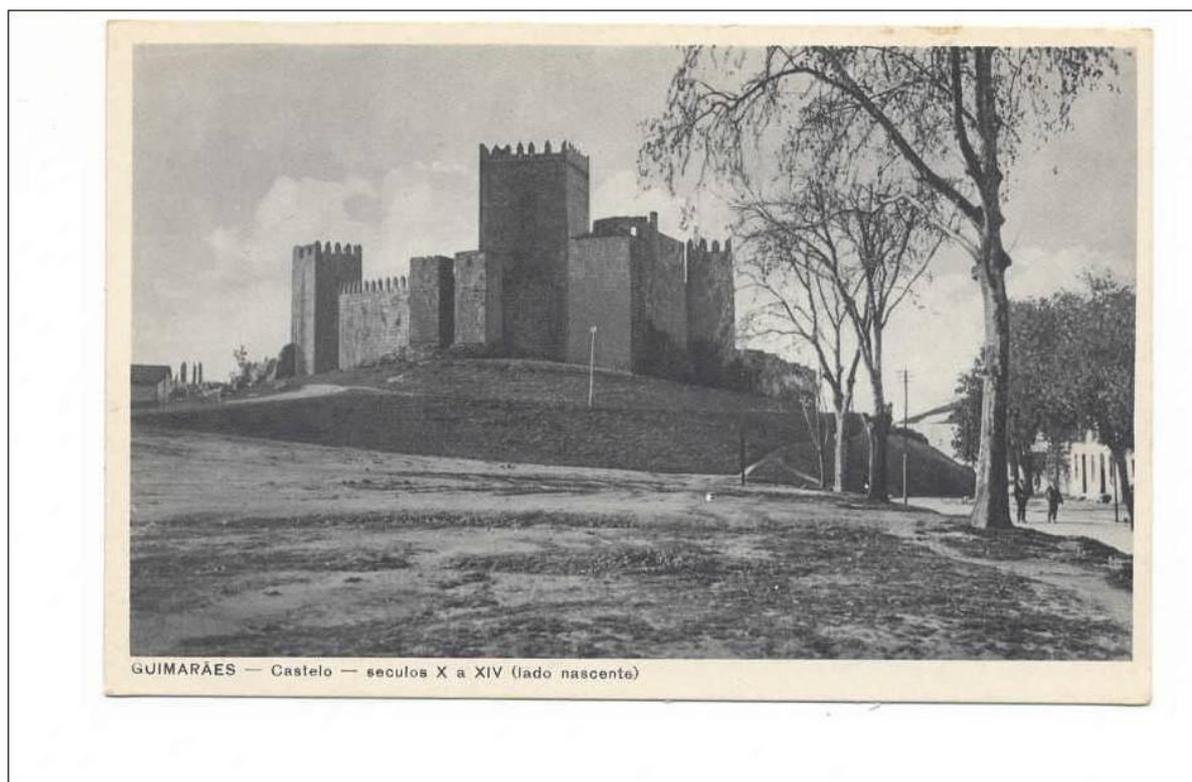
Figura 139 – Postal antigo do Castelo de Guimarães



Lusapens

www.delcampe.net

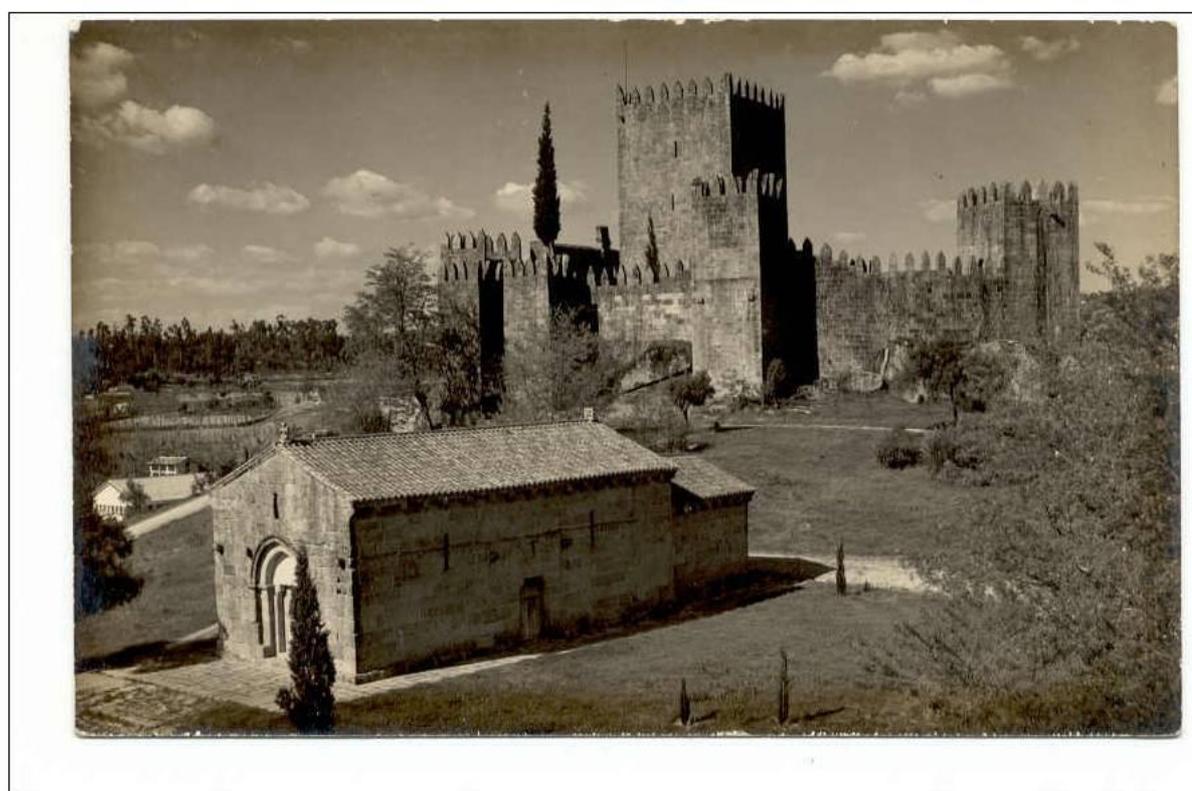
Figura 140 – Fotografia antiga do Castelo de Guimarães



Lusapens

www.delcampe.net

Figura 141 – Postal antigo do Castelo de Guimarães



Lusapens

www.delcampe.net

Figura 142 – Fotografia antiga do Castelo de Guimarães



Figura 143 – Postal antigo do Castelo de Guimarães

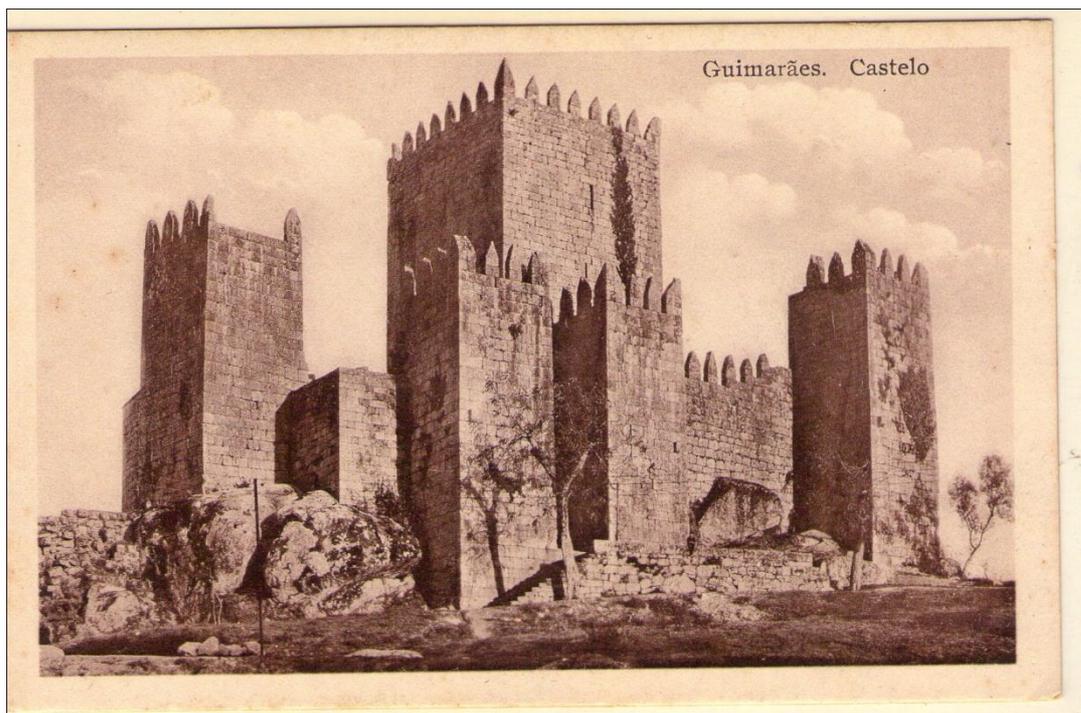


Figura 144 – Postal antigo do Castelo de Guimarães

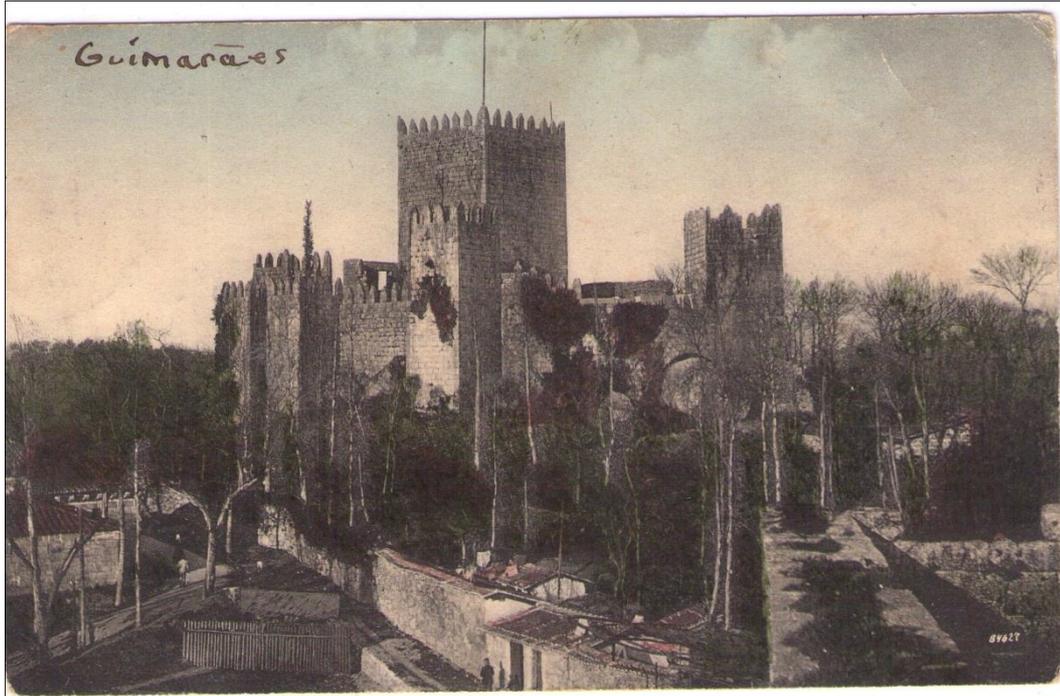


Figura 145 – Fotografia antigo do Castelo de Guimarães

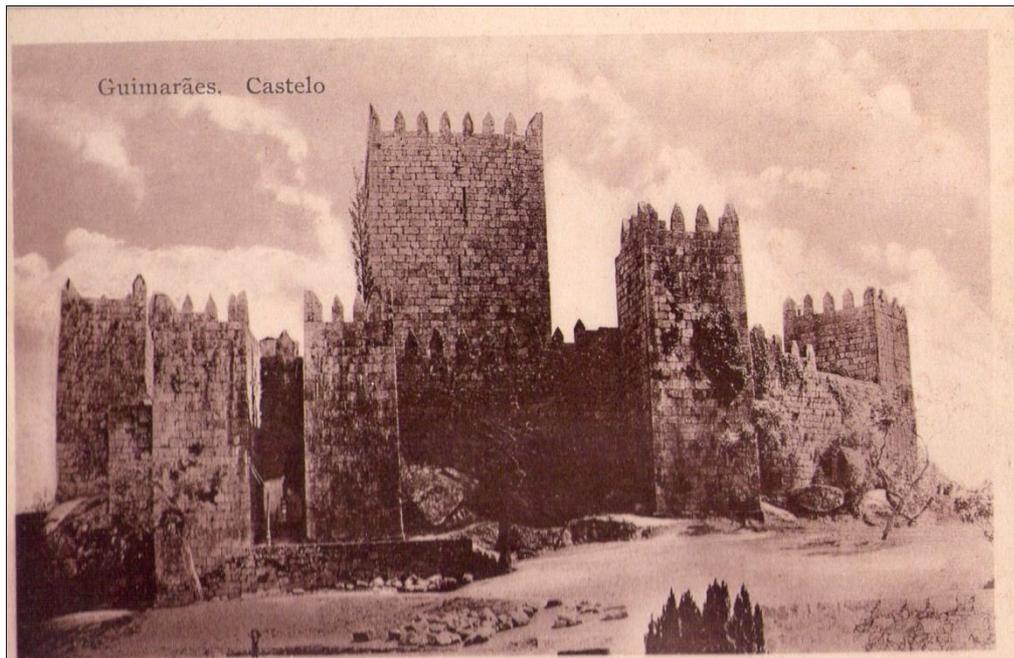


Figura 146 – Postal antigo do Castelo de Guimarães



Figura 147 – Postal antigo do Castelo de Guimarães

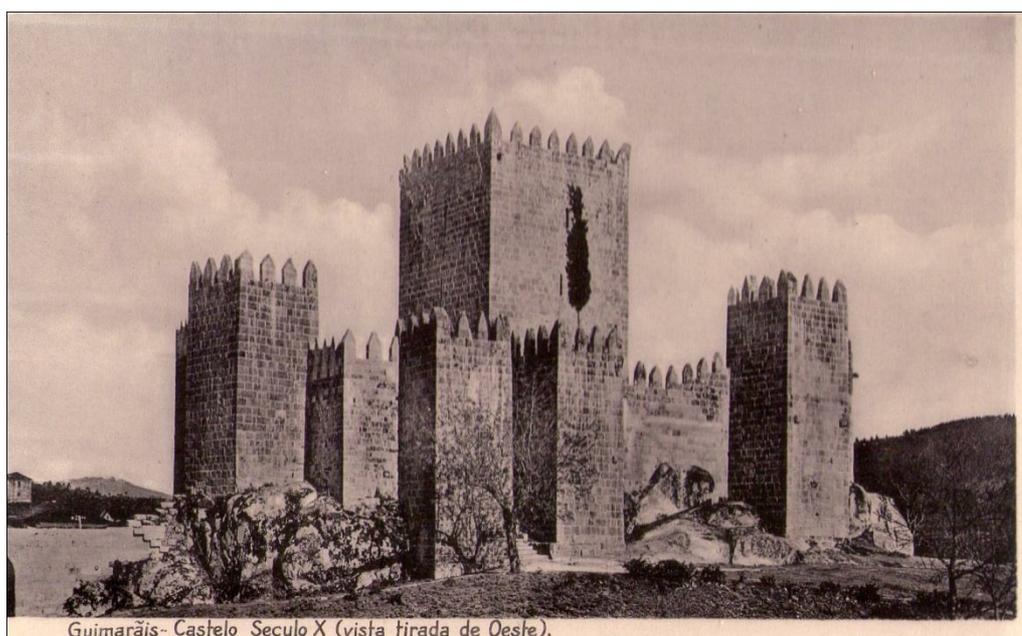


Figura 148 – Postal antigo do Castelo de Guimarães



Figura 149 – Postal antigo do Castelo de Guimarães



Figura 150 – Postal antigo do Castelo de Guimarães

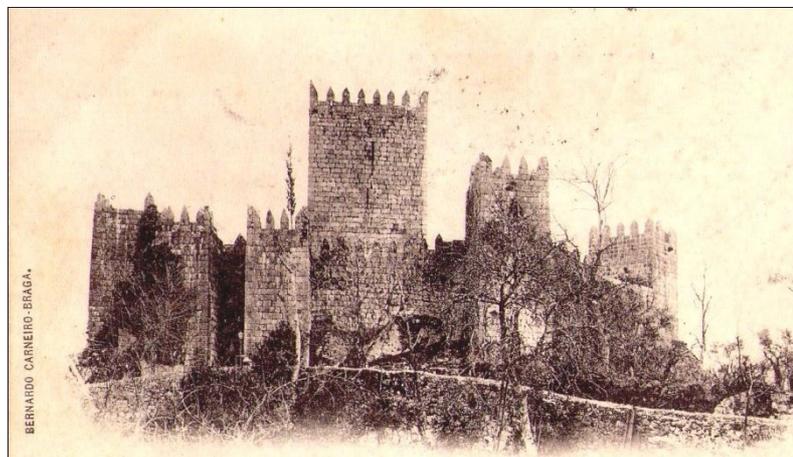


Figura 151 – Postal antigo do Castelo de Guimarães

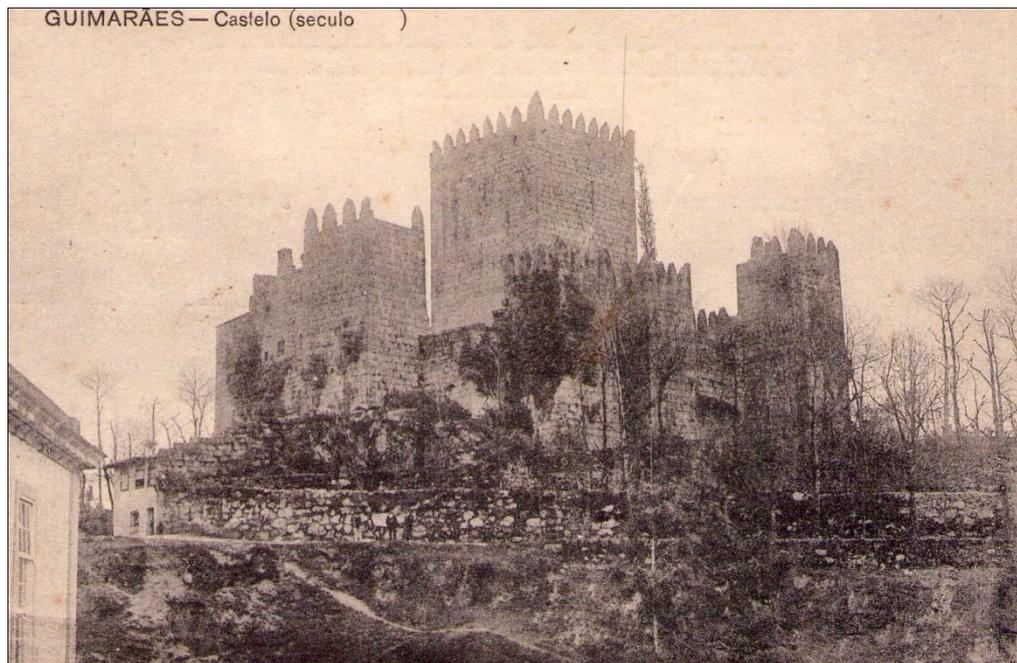


Figura 152 – Postal antigo do Castelo de Guimarães



Figura 153 – Postal antigo do Castelo de Guimarães

Guimarães, como acentua o verso d'este genero.  
com todos as localidades,  
aonde se levantou Santua- (Continua)

**Hymno particular em homenagem á nobre cidade  
de Guimarães por occasião da sua grande  
"Festa da cidade,"**

Canto

Guimarães, heis! Avante! A' gloria! A' gloria!  
Exaltando em feitos os teus braços,  
Que não só da tua facta a antiga historia,  
Não bastam só antigas tradições.

Côro

Haia pois nobre cidade!  
Prospera, aminha! A' vante!  
Que nova prosperidade  
Te não deixe um só instante.

Canto

Não basta seres berço idolatrado  
Do nobre rei Affonso, heros guaireiro;  
Mesmo de Gil Vicente considerado  
Dos nossos dramas o escriptor primeiro.

Côro

Viva a cidade festiva!  
Viva Guimarães em festa!  
Que no progredir activa  
Com brilho se manifesta!

Canto

Não é só por S. Damaso teus brillhos  
Ter feito erguer ao sólo d'alta gloria,  
Tambem hoje a envergadura dos teus filhos,  
De louros c'roará tua memoria.

Côro

Viva a cidade festiva!  
Viva do Minho a princeza!  
Que no progredir activa,  
Se revela com firmeza!

Canto

Não relembro memorias d'outras éras  
Para dar aos teus fóros mais valor,  
Que tu, em te elevares, não alteras  
A lucta d'alcançar novo esplendor.

Côro

Viva a cidade princeza  
Do Minho mimosa flor!  
A quem Deus por natureza  
Deu dos mimos o primor!

Canto

De longe te saudo e te bendigo,  
E te desejo eterna f'licidade;  
Este canto nascido em peito amigo,  
E' teu—Recebe-o pois nobre cidade.

Côro final

E seja sempre  
Este alma dia,  
P'ra Guimarães  
Todo alegria.

Lamogo.

SOUSA MACARIO.

**CORREIO**

Encontra-se em Vizella na sua casa do Prado o sr. Antonio da Silva Basto e ex.ª familia.

De Melgôa aonde estiveram no os dias suas aguas medicinas regressaram na quarta feira passada no automovel do nosso presado amigo sr. Alvaro Costa, os seus companheiros de viagem: srs. dr. Pedro Guimarães, João d'Oliveira Bastos e P.ª José André.

De visita a seu estremoso pie. egreja em Vizella o sr. dr. Alvaro da Silva Basto, lente das facultades da philosophia e mathematica.

**NOTICIARIO**

**Arcebispo Primaz**

Sua ex.ª e Revm.ª o Sr. Arcebispo Primaz, que continua em Vizella, foi a Braga conferir ordens sacras, regressando em seguida a estas themas, onde tem experimentado grandes melhoras na sua importante su da.

**As proximas festas  
Gualterianas**

**Nos dias 3, 4 e 5**

**PROGRAMMA**

Deslumbrante arral ao Campo da Feira com illuminações, 4 bandas de musica, fogo de artificio e aerostatos.

As illuminações d'esta noite no Campo da Feira devem produzir um bello effeito.

A's 9 horas *Retraite* pela brioza Companhia dos Bombeiros Voluntarios, que assim que assegurase a Festa da cidade, que se orgulha em passar mais das mais bellas organisadas companhias do paiz.

As musicas que acompanham a *Retraite* executarão a Marcha dos Bombeiros Voluntarios, o Hymno da Cidade, de Vasco Lobo, e a Marcha Gualteriana, inspirada composição do illustre maestro Julio Nonpartil, feita expressamente para as festas Gualterianas e que será cantada por um numeroso grupo durante as festas em lugares opportunamente designados.

**Dia 4**

Alvorada pelas diversas bandas de musica.

O Toural, Praça de D. Affonso Henriques, rua de S. Damaso, Campo da Feira, Senhora da Guia, largo da Oliveira e rua da Rainha apparecerão bellamente engalanados.

A's 11 horas—recepção festiva da excellente Banda da Guarda Municipal de Lisboa, dirigida-se da estação de Villa Flor ao edificio dos Paços do Concelho, onde será recebida pelo illustre senado guairanense.

A's 4 e meia horas da tarde TOURADA na nova praça da *Fejoeiro*, em que tomam parte os mais afamados artistas.

A' noite exercicio dos Bombeiros Voluntarios na Praça de D. Affonso Henriques.

Illuminações geras.  
Das 9 a meia noite, na Praça de

D. Affonso Henriques, Gynemtophographo publico.

MUSICAS—no Toural, Pracy de D. Affonso Henriques, S. Damaso, Campo da Feira, Oliveira e rua da Rainha.

Fogo de artificio pelos habeis pyrotechnicos—Devozas, do Porto; Castro, de Viana; e Baptista de Moreira de Rey.

Arvores de fogo e bonecos no Pracy de D. Affonso Henriques, onde tambem será cantada durante a noite a Marcha Gualteriana, de Nonpartil, sob a labil regencia do illustre artista sr. Eugenio Pastor.

A's 10 horas da noite principia o Concerto p-la Banda da Guarda Municipal de Lisboa que, no jardim publico, executarà o seguinte programma:

**1.ª CONCERTO**

**1.ª PARTE**

*Marcha triumphal*—dedicada á ex.ª Associação Commercial de Guimarães.—A. Taborda.

*Vienna*—Ouverture.—Wagner.

*El Trolol*—Zarzuela.—Valverde y Serrano.

*La Bavarde*—Polka para pistons.—Sallewick.

*Giocanda*—Selection. Panchielli.

**2.ª PARTE**

*Tosca*—Selection.—Puccini.

*Miragem*—Valsa de concerto.—A. Taborda.

*Hpavonia Hungora n.ª 2.*—Liszt.

*Cantos Populares do Porto*.—Morais.

*La Danation de Faust*—Marcha.—Berlioz.

**Desastres.—Morte**

Na segunda feira passada, pelas 6 horas da tarde deu-se no largo do Campo da Feira um grave desastre que ia causando a morte a um operario e matou instantaneamente uma creança.

No occasio em que o operario José Padrosinho, casado de 48 annos d'idade, da freguezia de Tagilde, desmontava os publieiros que serviram para retirar uns apostolos de pedra que n'aquelle local estavam collocados, o menor Virgilio d'Oliveira e mais dois pequenos pendurando-se a uma fogueira por tal forma os desequilibrou que cahindo rapidamente para o lado dos rapazes levou consigo o infeliz operario, que ficou muito mal tratado.

Uma das varas apanhou o Virgilio menor de 10 annos d'idade, filho de Manuel d'Oliveira, podendo os outros escapar-se.

O seu funeral foi feito a expensas da Camara Municipal.

O operario que ficou mal tratado deu entrada no hospital da Santa Casa, considerando-se livre de perigo.

No dia immediato, no mesmo local, um operario que andava a trabalhar nos alicerces d'um dos pedestres foi apanhado por uma grande pedra que lhe fez profundos ferimentos a uma perna, que felizmente não foi partida.

**Contribuições**

Termina no dia 31 do corrente o prazo do pagamento voluntario das contribuições do Estado,—2.º semestre de renda de casas e 3.º trimestre da predial e industrial.

**Camão de Ferro de Guimarães a Fafe**

Principiou na segunda feira passada a exploração d'este caminho de ferro partindo o primeiro comboio ás 3,5 da manhã e o segundo ás 2,55 da tarde, sendo o regresso ás 12,19 da tarde e ás 10,23 da noite ou ás 9,51 aos domingos.

Haverá brevemente um terceiro, com partida ás 8,55 da manhã e regresso ás 4,19 da tarde.

**S. Thyago**

Procedendo-se á eleição da nova meza do S. Thyago, ficou composta dos seguintes snrs.:

Juiz, D. Bernardina Rosa da Rocha.

Juiz, dr. Antonio José da Silva Basto Junior.

Secretario, Manuel Teixeira Guimarães.

Thesoureiro, Antonio José Pinheiro.

Procurador, José Gonçalves Barroso.

Vogaes; Francisco Ferreira Ruinos, José da Castro e Manuel José de Carvalho.

**O Castello de Guimarães**

Atendendo ás reclamações feitas contra o estado de abandono em que se encontra o historico Castello de Guimarães, vai o governo mandar o reparar convenientemente, tendo já dado ordem para que seja elaborado o projecto e apontada as despesas a fazer.

E' uma medida acertadissima de ha muito reclamada, pois é til o estado da subida pela torre de Menagum que nunguem pôde chegar ao sitio mais fornoso de toda aquella construção.

**Neerologia**

Falleceu na quarta feira passada, na idade de 62 annos, em casa de seu enlutado o sr. Manuel Luiz Carreira Guimarães, a sr.ª D. Gracilla Rosa Cardoso, tin dos snrs. Padre Manuel Luiz Carreira, digno e intelligente professor no acreditado collegio de S. José, do Porto, e José Carreira, activo empregado da importante casa commercial Bento dos Santos & C.ª.

Os seus funeraes realizaram-se hontem ás 11 e meia horas da manhã na capella de S. Domingos.

Foi tambem dado á sepultura na mesma occasio o cadaver do innocente Manuel, filho estrangeiro do nosso amigo sr. José Carreira, sobrinho da finada.

Sobre o feretro foi deposto um lindo bouquet de flores artificiaes, com a dedicatória:—«Um beijo de sens amigos—Luiza Gonçalves e João de Deus Pereira.»

Figura 154 – Jornal “O Comércio de Guimarães”. Edição de 26 de Julho de 1907

# O COMMERCIO DE GUIMARÃES

PROPRIETARIA—MARCISA DE J. F. MACHADO

PUBLICAÇÃO—A'S TERÇAS E SEXTAS

Director e Editor—EDUARDO D'AZEVEDO MACHADO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO

RUA DE D. JOÃO 1—59 E 61

## PELA NOSSA TERRA!

### AQUELE CASTELO!...

VIII

Pensemos nisto: Se há alguma coisa da velha Guimarães que ainda valha a pena ver-se é, sem contestação, —o Castelo.

O nosso Castelo vale, como escreveu José Caldas, por uma das mais formosas ruínas das instituições feudais do séc. XIII em Portugal e, portanto, é um dos mais completos exemplares do seu genero em toda a península.

Pois, não obstante tão alto patetico, essa reliquia de pedra, tostada pelo sol de tantos seculos, não é olhada com a veneração que merece, dando-se aos nossos visitantes a impressão de que aquilo, para nós, indigenas,—não vale nada!

Sim, eu pergunto o que tem feito a nossa geração para enriquecer, para dar vulto a esse formoso monumento cuja torre de menagem tem, segundo bons pareceres, dez seculos de existencia, um milenarismo de vida,—pois nem sequer, para o defender, lhe temos conseguido um bom pátra-rio, visto que aquella coisa que lá está—só por milagre de Santa Barbara lhe pode aproveitar!

Nada temos feito em prol desse Castelo do qual disse Alex. Herculano—que se differença «de todos os outros que cobriram quasi todas as eminencias das honras e prae-tamos de Portugal e da Galiza, por sua fortaleza, vastidão e elegancias. Nada temos feito, esta é a verdade, no sentido de emoldurar esse monumento, melhor dizendo, de lhe desafrontar o local onde assenta, tornando-o mais empolgante, fazendo-o mais avultar a sua magestade belica, o que tanto basta para isso descobri-lhe as varias facetas do seu todo, descongestionando-o do meio dos casebres e das hortas que o rodeiam, que o apagam, que o amesquinham, que o não deixam ver nem ser visto—como se fosse vergonha distinguil-o, distinguir esse monumento que, só por si, vale uma visita a Guimarães, pois é, sem duvida, o melhor monumento que possuímos e que, por vergonha nossa, para ali temos, senão desprezado, pelo menos desvalorizado!

Contudo, se o Castelo de S. Mamede; o Alcázar do Conde D. Henrique; a Capela de Santa Margarida e os Paços dos Duques de Bragança, esses monumentos que são a mais severa e culminante ca-

racterística da nossa historia local, não tivessem resistido á nossa boçal indiferença por eles; se da sua austera e vetusta fisionomia apenas existisse um montão disforme de pedras rememorando queixas e lamentos, ainda assim valia a pena chamar para elas a atenção dos que aqui viessem, pois que ainda seria—oh! certamente seria ainda sobre as ruínas do nosso passado glorioso que eles aprenderiam a conhecer a nossa historia, a nossa tradição, o nosso velho timbre de bons e leais portuguezes!

Mas não. Uma rajada de bom gosto e de bom senso ha-de varrer esse visionado e tetrico terramoto. Algumas boas iniciativas conhecemos que hão sido tomadas no sentido de valorizar esse interessante grupo de monumentos que se avizinham na parte alta da cidade.

Recordaremos que pertence á vereação de 1914 o primeiro serio estudo destinado a aformosear o local onde domina o citado grupo de monumentos. Simplesmente esse projecto, deve, por razões de ordem economica, ser modificado. Assim o discorreu a vereação de 1922, chegando a mandar ás estancias superiores um plano de expropriações que então foi orçado em algumas dezenas de escudos, atingindo nove mil metros quadrados.

Agora, porém, que o municipio anda envolvido num plano de obras, não é despropósito chamar a sua atenção para o nosso Castelo, para que, ao menos, se faça em nossos dias esta coisa simples e urgente—descobrir a face do Castelo que está voltada para o Campo do Salvador (feira do gado) terraplanando os hortegos e mandando as árvores por forma a que, de modo barato e ligeiro, se obtenha, desde já, um caminho de acesso para carro, não se encurralando os visitantes nas lôbregas e sórdidas vielas que são vias condutoras para ali. Punhamos em mente—e os édias municipais em acção imediata—estas palavras eloquentes de Joaquim Costa:

«... as cidades têm a sua vida permanente, que as renova sem cessar e que as transforma parcial não pode ser condenada quando é uma obra séria de intelligencia ou a expressão consciente do seu

interessante aperfeiçoamento.

Mas as antigas memorias não devem ser apenas queridas ás povoações, devem ser tambem veneradas.....»

Eis o que é preciso não esquecer.

Encher a boca com o nosso Castelo, sem igual e não ter pejo de o mostrar, assim desvalorizado e profanado como está, é patentear não só falta de gosto, mas falta absoluta de sensibilidade artistica e, direi mesmo,—de emoção patriótica.

A. L. DE CARVALHO

## Vida Sportiva

Realizou-se no passado domingo dia 2 de maio, no campo de jogos da Perdiz, um desafio de foot-ball entre as 1.ª e 2.ª categorias do Sporting Club Lixense e igueas categorias do Sport Club de Guimarães.

O jogo que decorreu com certo entusiasmo, e que teve por vezes algumas phases interessantes, foi caracterizado por uma absoluta correcção tanto por parte da assistencia como por parte dos jogadores em campo.

Aprez-nos registar este facto.

Se na primeira parte o dominio do jogo não pertenceu em absoluta a qualquer dos grupos, o mesmo não aconteceu na segunda parte em que os lixenses foram dominados, principalmente nos ultimos 20 minutos.

O primeiro tempo terminou com o resultado nulo a a). No segundo tempo o grupo local marcou quatro pontos.

Do grupo visitante agraduam-nos o Keeper, um dos dezetas e um extremo.

Do grupo local, individualmente diremos o seguinte: Angelo, (guarda redes) segundo as poucas defezas dificeis que foi obrigado a fazer, mostrou estar em boa forma.

Avelino (defeza direito), muito incerto, com fraca colocação, e com fraco pontapé; necessita treinar-se mais, se tiver vontade ha-de fazer ainda um bom logar. Benjamin (defeza esquerdo) bastante trabalhador, se não se avaidear, será para futuro um bom jogador.

Muta (half centro e capitão do grupo) muito trabalhador tambem agradou-nos mais neste desafio do que no anteriormente realisado com Famalicao. Constantino (half esquerdo) desarmando bem e distribuido com acerto. Pereira (half direito) agradou-nos muito mais no desafio com o Famalicense.

Quanto aos avançados: Herminio (avancado centro) embora jogando pela primeira vez nas 1.ª categorias, e apesar de não conhecer o jogo dos seus companheiros de equipe, tem uma boa colocação, é rapido em despachar, e passa bem o jogo; ha de fazer um bom logar.

A Costa (interior esquerdo) incansavel, tem o deficit de abandonar muito o ataque, pelo que joga na defeza. Cumilo (interior direito) regular. Albano (extremo esquerdo) muito moroso não nos agradou não parecia o mesmo que jogou com o Famalicense. Amadeu (extremo direito) o peor do team local, com pontapé fraquissimo, fez um pessimo logar. Necessita ser substituido, e treinar-se muito. Nem o 2.º goal que marcou o resgata.

A arbitragem do lixense sr. José Avilez imparcial. Os pontos do grupo local foram marcados: o 1.º por Costa, o 2.º por Amadeu, o 3.º e 4.º por Herminio.

Antes d'este desafio jogaram o 2.º team do Sport Club de Guimarães com o 1.º team do Infantil do mesmo club. Venceu este ultimo por 2 a 0.

E.

## GARNET

Tem passado algo encomodado o importante industrial e nosso amigo o sr. João Paulo da Silva. Desciamos-lhe rapidas melhoras.

## NÃO TARDES ANDORINHA...

A M. B.

Andorinha saudosa! Onde se esconde a tua fina graça juvenil? Emigraste? Fugiste? e para onde A' minha ánsia mürmura responde: —Que Te levou, se ainda floresce abri!

Acaso, de algum sonho venturoso, chamou-Te, ao longe, a luz dilienar? Que miragem de sol, que estranho gozo, Te fez romper o azul misterioso, deixando-me ficar??

Mereço-Te o abandono em que me deixas, meu doce e claro amor? Que mal Te fiz? Porque é então que o peito me enfexas em tanta dôr? Quais são as tuas queixas? Diz!...

Já as lágrimas de pranto nunca enxuto na alma fluem, brotam, uma a uma. Oh vem! Concede trêguas ao meu luto. Ave querida, vem! Vem dar-me o fruto do amor, para que a dor me não consuma!

Em vão, porém, Te chamo! No deserto ecoa a minha voz. Eu sou Caïn maldito do Senhor, que, mal desperto, pelo areal caminho, descoberto, interrogando, absorto, o azul sem fim!

E não, e não respondes! Há bem pouco teus dúcidos gorgeios escutava! Mas hoje, ao recordar, fiquei tão rouco de em vão chamar por Ti, que, pouco a pouco, a voz se me ausentava!

Silêncio, escuridão! O' minha amada! Onde estás? Que outro céu Te beija agora? Ai como a Tua ausência me é pesada! Regressa ao Teu beiral, Pomba encantada, que eu guarde a tôda a hora!

Não tardes mais um dia que a tristeza, ao coração aperta, a alma invade. Não me soltes nas garras da incerteza! Vem, minha amada, vem que por Ti reza, de joelhos, a Saudade!

21—VI—1926.

ARNALDO BEZERRA

Figura 155 - Jornal "O Comércio de Guimarães". Edição de 7 de Maio de 1926

# O COMMERCIO DE GUIMARÃES

BI-SEMANARIO MONARCHICO

PROPRIETARIA—NARCISA DE J. F. MACHADO

PUBLICAÇÃO—A'S TERÇAS E SEXTAS

Director e Editor—EDUARDO D'AZEVEDO MACHADO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

RUA DE D. JOÃO I—39 E 61

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Anvers, 20-9-1927

## IMPRESSÕES BREVES

Um dos assumptos que mais tem despertado a attenção da colonia portugueza é o convenio que recentemente o nosso governo concluiu com a Belgica, paiz amigo ao lado do qual e por quem combatemos, mas que nem porisso mesmo deixou de tratar de fazer suas boneas affaires com o seu companheiro d'armas.

Foi uma grande surpresa o que a conferencia de Louanda resultou para nós que bem esperavamos outra coisa que um espirito mais «malin» facilmente teria conseguido, se se considerer sobretudo que aquillo que a Belgica conseguiu era de ha muito o seu «desideratum».—Paciente como é, doctada de um espirito por vezes quasi germanico, ella parece ter-nos deixado adormecer, para finalmente se agarrar á preza, que, como tanto pouco volubrosa, é de um grande valor para este paiz e dentro de um grande «debouché» na sua unica colonia.—

A sua rica região mineira do Katanga terá, graças a esse convenio, em futuro proximo um «debouché» que em detrimento do nosso porto de Lobito a Belgica tratará de lhe crear, embora a primeira

ra vista pareça a intenção ter sido differente.—

Longe de qualquer paixão politica que felizmente nunca me dominou, insuspeito por consequencia, n'estas breves linhas deixo transparecer o emulhase que tal facto nos causou, de que a imprensa belga se vangloria realçando o alto objectivo que obteve nas concessões com que tão prodigamente o nosso Paiz a mimoseou.

Não duvido nem da sinceridade nem do alto valor dos nossos delegados que n'esse convenio tiveram intervenção; não duvido das suas boas e patrioticas intenções, mas quantas vezes a boa fé é traçoada.—

O longo convivio com o estrangeiro o convivio directo com todas as camadas sociais a essa conclusão nos leva, e nos deve servir de lição.—

De desejar é que com os nossos vizinhos em terras d'Africa vivamos em boa harmonia, mas que cada um guarde e desenvolva aquillo que é seu.

Lá bem diz o Ingles: «business is business».

B. S.

### A restauração do Castello de Guimarães

A cidade recebeu com justificada satisfação a noticia de que ia ser convenientemente restaurado o Castello de Guimarães, que nós consideramos o primeiro monumento portuguez.

Foi alli, a dentro dos seus muros, que o fundador da nossa nacionalidade, esse Grande Rei que conquistou a Nação, palmo a palmo, passou horas de expectativa, e quem sabe? ali architectou planos, poz em pratica defezas, que muito contribuíram para a victoria das guerras, que venceu.

O Castello de Guimarães, é, repetimos, o primeiro monumento nacional portuguez, porque cada uma das suas pedras devia ouvir as confidencias do primeiro Rei, do primeiro soldado e do primeiro portuguez.

É uma reliquia sagrada,

que vai ter a verdadeira consagração.

A Camara actual já muito fez para realçar o seu valor.

Graças ás obras alli emprendidas, não ha um só portuguez que alli vá, que não sinta orgulho do seu passado, e que, ao contemplar as ameias do Castello, não se sinta transportado ao tempo em que os portuguezes eram justamente apreciados em todo o mundo.

Agora está-se alli bem. O Castello de Guimarães ergue-se altaneiro e forte sobre um bem delineado parque, e attesta aos vindouros o valor aguerriado d'uma raça.

É bom no entanto que se recorde, que o plano que se está pondo em execução, pertence a uma Camara Monarchica, e que, se não estamos em erro, era presidida pelo nosso presadissimo amigo o ant. dr. Joaquim José de Meira.

Não podemos, como vi-maranenses, e sobretudo como portuguezes, deixar de louvar o sr. ministro da instrucção, pelo que vai fazer em prol d'aquella nossa reliquia, d'aquella monumento, tão nosso, que nos falla á alma e sensibilisa o coração.

Tem sido enviados muitos telegrammas a s. ex.ª entre os quees da Sociedade dos Architectos do Norte, Grupo de Amigos do Castello de Guimarães, Associação Commercial e Industrial, Sociedade de Martinis Sarmiento etc. etc.

Bem haja quem tão bem sabe comprehender a nossa historia, o nosso passado, que, tão bem alicerçado foi, que ainda hoje é a nossa razão de existir.

Seu Magestade a Rainha D. Amélia

No dia 28 passou o anniversario natalicio da Rainha tão querida dos portuguezes Senhora D. Amélia.

N'esse mesmo dia fazia annos o Rei Martyr D. Carlos.

Que Deus prolongue a vida d'aquella que em Portugal viveu e soffreu, o maximo que o coração d'uma Mulher pode soffrer, e que de novo a traga para o nosso lado, não os votos d'este seu humilde subdito.

DA NOSSA TERRA

A ROMARIA

O seu commercio, embora aqui alargasse a esfera de acção, não se restringia simplesmente ao acambaramento de cereais e de vinhos. Em gados, tambem logrou um razoável acrescimo ao seu pecúlio.

As madeiras serviram-lhe igualmente para agenciar, como o empréstimo de diuitos garantidos por hipoteca de propriedades. Por este ultimo processo, assenhoreava-se de campos e leiras dos miseraveis que lhe caíam sob as garras para socorrer um filho que a guerra lhes havia arrebatado, para acudir a uma doença, a uma infelicidade!

Um ano depois, tinha comprado a casa e quintal do brasileiro Arantes e não demorou muito que não despojsasse de todos os seus haveres, a tróco de uma insignificancia e de enganosos prometimentos, uma desventura-

da familia a quem a miséria invadira o lar. Sempre que se lhe offercia occasião de praticar idénticas proezas não se detinha diante do que quer que fosse.

Se algum sentimento de humanidade o coração lhe guardou um dia, esse mesmo embotou-se-lhe em face da insaciável cubiza que agora lhe devorava.

A avareza amesquinhalhe a alma e escravizara-lhe o corpo. Só para a servir trabalhava incansavelmente, sem desfalecimento, sem um queixume.

De uma vez, em negocio a que associara um amigo, experimentou um disabor terrivel. A mercaderia deteriorou-se por tal forma que, à sua parte, o prejuizo foi computado em oitenta contos!

Esta contingência, porém, não lhe quebrou os furoros da ganância, e o devoto servidor de Mercúrio, em breve se rehabilitou da tremenda sangria.

Quando a guerra terminou e já o negocio prosperava menos, elle, que em propriedades consumira uma avultada porção do seu capital, principiou a votar para a terra os seus melhores cuidados. Dela, ninguem sabia extrair melhor proveito. Nas suas mãos, e no mesmo espaço de terreno, a produção quintuplicava a dos outros. O que se dava com os productos directos da terra, dava-se, analogamente, na criação de aves e animais domésticos, que elle sabia valorizar pela escolha, renovação e aperfeiçoamento das castas.

Grandes eram os seus projectos de fomento agricola, filhos de laborioso e intelligente estudo em revistas de agronomia, agricultura e diversos tratados da especialidade.

«Se eu vivesse dez annos ainda, ouvi-lhe dizer pouco antes da sua morte, eu conseguiria nas mesmas terras que hoje tenho, um rendimento dez vezes superior.»

Um milagre, afirmar-se-há, num sorriso de incredulidade. Um milagre, sem dúvida mas um milagre humano, um milagre absolutamente praticavel.

Nesta afirmação assegurovolvo, não subsiste a mais pequenina sombra de exagero.

Verifiquei, por meus propios olhos, as maravilhas em que o solo se desentranhava, sob o influxo do seu carinho, e a super-visão dos seus calculos em materia de que, irrecusavelmente, me restre eximio.

(Continua).

ARNALDO BEZERRA

### Associação de Classe dos Contabilistas e Guarda-livros do Norte de Portugal

Uma commissão de contabilistas e guarda-livros, das principaes firmas do Porto, está organisando uma Associação de Classe, cuja falta se tem feito sentir grandemente.

É de esperar que todos os collegas a coadjuvem, a fim de que esta Collectividade tenha o desenvolvimento preciso para o desempenho completo dos seus fins, o que é util e necessario a todos.

A quem interesse, deve dirigir-se a: Antonio Martins da Fonseca, Rua da Alegria, 288, Porto.

### Necrologia

Falleceu no Fundão a sr.ª D. Maria Delfina da Fonseca da Rocha Salgueiro de Bettencourt Barcellos, esposa do funcionario de finanças sr. Ildro de Barcellos, e irmã do nosso estimado collaborador o sr. Jeronymo Salgueiro.

Deixa na orphandade 7 creancinhas.

A familia enlutada, nomeadamente a seu irmão, o nosso profundo pesar.

### Descargo das Pharmacias

No proximo domingo estará aberta a pharmacia Dias.

### Anjinho

Voou ao Céu a innocente Maria Manuela, filha da querida do sr. João Pedro Baptista, estimado empregado da casa bancaria dos Srs. Sousa Junior.

O feretrozinho foi conduzido ao Cemiterio da Athougia, em um carro fúnebre, sendo acompanhado por amigos da familia, e creancinhas, seus parentes, que conduziam lindos e formosos bouquets.

A seus paes os nossos cumprimentos.

Em vão procura abrigar-se contra as tempestades da vida, quem não tem em seu favor o abrigo de Deus.

Figura 156 – Jornal “O Comércio de Guimarães”. Edição de 30 de Setembro de 1927

# O COMMERCIO DE GUIMARÃES

BI-SEMANARIO MONARCHICO

PROPRIETARIA—NARCISA DE J. F. MACHADO

PUBLICAÇÃO—A'S TERÇAS E SEXTAS

Director e Editor—EDUARDO D'AZEVEDO MACHADO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

RUA DE D. JOÃO I—39 E. 61

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

## 05 DE OUTUBRO E SUA MAGESTADE

Há desesete anos que, pelas duas horas da madrugada de 4, S. M. El-Rei D. Manuel II ouviu, vindo das bandas do Tejo, o rugir de vinte e cinco tiros de peça que estremeceram o silêncio da noite.

Na tarde desse dia, quando do jantar oferecido pelo Marechal Hermes da Fonseca, tinha sido El-Rei informado dos boatos que circulavam, motivados pelo assassinato do deputado republicano dr. Miguel Bombarda; dizia-se que a morte do director do Hospital dos Alienados, que havia sido feita por um luco, ex-internado de Rilhafoles—não deixaria de, hábilmente explorada, servir de pretexto para uma tentativa de insurreição.

E certo que pouco ou nenhum credito se dava a esses boatos. Até se põem na boca do Comandante da Divisão de Lisboa, general Gorjão, ao ser-lhe comunicado contarse com revolução para essa noite, este comentario des preocupado e um pouco irónico: «Sempre hei-de ter tempo de tomar o meu café!...»

El-Rei estava, pois, tranquillo. Acreditava-se então de maneira no Exército. E, de marinha, também, dados os protestos de realismo dos officiaes, presumia-se fiel; pois estava-se muito longe de supôr que os marinheiros—os bravos da gloria, da sempre leal Marinha de Guerra portuguesa, a quem D. Luis I e D. Carlos tanto haviam querido—podessem profanar outras theorias que não fossem as da Disciplina e as do Dever.

Esses vinte e cinco tiros de peça vieram, porém, mostrar a El-Rei que enganado estava a respeito da disciplina das suas tropas: esses vinte e cinco tiros—réplica da insurreição republicana aos três tiros de peça mandados dar pelo governo como sinal já anteriormente conveniencioso, para a mobilisação das tropas e da occupação immediata dos postos estrategicos—seriam o inicio desse tormento amarissimo que dura há longos desesete anos e em que, S. Magestade se tem visto violentamente separado do seu povo e da Sua tão querida Pátria.

Ao ouvi-lo, nessa velada de angústia que foram esses momentos no Paço das Necessidades, El-Rei sentiu ainda estar-lhe nas veias o sangue ardoroso de Nun'Alva-

res, o Seu heroico e valoroso avoengo: o Seu primeiro movimento foi o de fardarse e sair pra a rua á frente dos seus Lacaios, que era o Regimento de Cavalaria 2. Não se lembrava, porém, El-Rei que era um Rei constitucional e que o seu papel devia limitar-se simplesmente ao de mero espectador dos acontecimentos. Via a Sua Pátria em perigo; via o Seu trôno tremor; via o Seu pavilhão real tombar, cortada a adriça que o sustinha por um projectil revolucionário; via o Seu povo gemer.

dos insurrectos?—El-Rei nada podia fazer porque a Constituição assim lh'o ordenava. Que tormento para Sua Magestade! Que Sacrificio para o Seu único valente! I que Supplicio I para o Seu coração nobilissimo! Tudo o tormento dessas horas de angústia, de ansiedade e nervosismo deixou-o S. Magestade transparecer quando o Seu Presidente do Conselho O avisou da conveniencia de se retirar do Paço das Necessidades: «Vão vocês se querem, — disse Ele para os que o acompanhavam—eu fico. Desde que a constituição me não muerca outro papel senão o de me deixar matar, cumpri-lo hei!»

Que drama pungentissimo, que impaciência dolorosa não encerram estas palavras!

Prouvera a Deus que todos os portugueses se conhecessem para podermos avaliar o Rei nobilissimo e valoroso que tam injusta e abruptamente lhe tiraram.

Faz hoje desesete anos, já!...

E, ao passar esta data angustiosa para todos os monarchicos portugueses, eu quero, mais uma vez, recordar as ultimas palavras que El-Rei dirigiu ao Paiz. Essas palavras confiadas por El-Rei ao Sr. Serrão Franco, quando do embarque na Fricheira, para serem entregues ao Sr. Teixeira d'Sousa, o seu ultimo Presidente do Conselho, eram do teor seguinte:

«Meu caro Teixeira de Sousa  
«Forçado pelas circunstâncias crejo-me obrigado a embarcar no yacht real «Amélia».  
«Sou português, e se lo hei sempre. Tenho a convicção de sempre cumpri-lo a meu dever e «fui em todas as circunstancias e «ade ter posto o meu coração e a «minha vida ao serviço do meu «Paiz. Espero que de, convicção dos

«mens direito e da minha dedicacão, o se heia reconhecer.  
«Viva Portugal!  
«Ah! a esta carta a publicação de que pulso.  
«Sempre muito affectuosamente,

(a) MANUEL.

Yacht real Amélia, 6 de Outubro de 1910.»

Senhor, Sim. O Povo estará e continuá, hoje mais do que nunca, a estar convicto dos direitos e da dedicacão de V. Magestade pelo Seu querido Reino. O povo, Senhor, hoje sempre, só na sacrosanta bandeira azul e branca e nos castelos e quinas dessa bandeira está habituado a lêr escrita a gloriosa historia de Portugal. E neste dia de amargura singelissima, de infinita tristeza e em que a saudade por V. Magestade mais se faz sentir no coração de todos os portugueses, o povo vem, meu Senhor, como eu venho, beijar humildemente as mãos de V. Magestade e apresentar-lhe, Senhor, com os protestos da nossa mais pura lealdade e da mais afervorada dedicacão, os mais ardentes votos para que prasa a Deus terminar bem breve um exilio a que todos os bons portugueses alvejam ver um fim, para bem desta tam linda, mas tam desventurada Pátria.

Porto, 5—X—1927.

ARMANDO DE MATTOS

### DA NOSSA TERRA

### A ROMARIA

II

Foi ainda o desejo de possuir riquezas incoñáveis que um dia o decidiu a abeirar-se do tálamo conjugal, para ser o terceiro marido de uma opulenta viuva fidalga, decrépita e gasta a quem elle imaginou sobreviver.

Neste ponto, os cálculos falharam lhe desastrosamente. Ao cabo de dois anos de tribulações e contrariedades a carreta dos bombeiros municipaes entregou-lhe o arcaboiço desmantelado aos sete palmos de terra do Campo Santo.

A chorá-lo, teve, pelo espaço de um mês, o coração e os olhos da santa velhinha que elle estremeceira. Trinta dias após, aos rullhos e matos tratos dos que ficaram e a máguia insondável do filho que a morte lhe arrebatára succumbiu.

João pôs luto, menos pela dôr que lhe causara o catastrophe, do que pelo receio de entrar nos bôcos do mundo. Intimamente rejubilara. Ficava á vontade. E supérfluo dizer que Marcelina comparticipava daquelle jubilo. Respiravam fundo o ar, que lhes ficava agora desanuviado.

A herança não era gorda porque afinal, o irmão, em vez de ir buscar a fortuna que sonhara trazer pelo casamento contribuiu, com a maior parte do que tinha, —conforme constava da escritura feita entre os cônjuges—para a dotacão da sobrevivente.

Desonerado dos direitos de transmissão, o que lhe tocara, não ultrapassava uma trintena de contos. Era o bastante, contudo, para viverem a coberto de vergonhas.

João sentia-se alguém e hoje a sua opinião, não era vilmente regeitada como nos tempos em que dependia de todos. Continuava a trabalhar no seu antigo officio de cesteiro, quando o grangeiro das terras o não impedisse de se dedicar a esse mister.

A venda, não obstante, ainda o contava no elenco dos seus mais assíduos frequentadores, e a sua decidida propensão para a maledicência não fôra grandemente atenuada nesse largo periodo de mais intimo convívio familiar. Com a mesma rudeza de outrora, não poupava ao venenoso escalpo da sua lingua quem quere que se pusesse ao alcance da terrível operacão. No entanto eram levadas, sem distincção de categoria, as reputações mais seguras. Se hontem o escutavam alguns com deleite, hoje ouviam-no todos com aplauso. Tal era o homem que os meus leitores foram encontrar no adro de S. Lourenço, ao monte de Ruiraz, discutindo o esplendor das festas realisadas no ano precedente com a vara de juiz na pessoa do abastado proprietario Joaquim Miguel.

É tempo de abandonarmos o incidente que nos afastou do rumo que tracei no primeiro capitulo deste trabalho.

Ele serviu, apenas para que os leitores ficassem conhecendo outro aspecto curioso da vida do povo, um episódio que, tendo muito de verdadeiro, não podia, por certo, deixar de interessar quem o lesse.

(Continua).

ARNALDO BEZERRA

### Descanço das Pharmacias

No proximo domingo estará aberta a pharmacia Normal.

### Dr. Carlos de Mello (Ficalho)

Trucidado pela corrente de um motor, nos minas da «Wolfram Limited», em Pinhel, deixou de existir o distincto engenheiro sr. Dr. Carlos de Mello Costa (Ficalho), nome querido e muito venerado de todos os monarchicos.

A morte do desditoso engenheiro e distincto fidalgo enluta a grande familia Monarchica, que se, n'p'ce o encontrou nos transees difficils da sua vida.

Nos carcerees, nos Tribunaes e no exilio, ouvia-se sempre a voz doce e animosa do eterno sacrificado, que occupava sempre a primeira, entre as primeiras, filas da frente.

Homens como o extinto fazem falta, não só a uma Causa, mas á Patria, que tanto idolatrava.

Não o mataram as agruras passadas, nem as balas dos seus patricios, tantas vezes a si dirigidas, mas morreu no santuario do trabalho, aonde as energias se retiveram e aonde os caracteres se conhecem.

Fidalgo de linhagem, procurou junto do trabalho esquecer a perda da esposa que idolatrava, dedicando-se entranhadamente á educacão dos filhos.

Que descanse em paz aquelle que só soube espalhar o bem.

### INTERESSES DE GUIMARÃES

#### A restauração do Castello

O nosso illustre collega o «Correio da Manhã» em o seu numero de hontem, e sob o titulo que nos serve de epigraphic, publicou o seguinte:

«A restauração do castello de Guimarães, a linda e caracteristica cidade de Afonso Henriques, deve merecer a attenção de todos os portugueses—quer como patriotas, quer como artistas.

Assim, é com prazer que transcrevemos do brilhante bi-semanario «O Commercio de Guimarães» as justas e oportunas palavras que seguem»

(Aqui o nosso illustre collega transcreve o que em o ultimo numero escrevimos sobre este assumpto.)

Agradecemos a transcripção feita, e regosijamo-nos por vêr que portuguezes illustres e considerados jornalistas sabem fazer justiça ao nosso primeiro monumento, á memoria do primeiro Rei portuguez.

Figura 157 – Jornal “O Comércio de Guimarães”. Edição de 7 de Outubro de 1927

# O COMMERCIO DE GUIMARÃES

BI-SEMANARIO MONARCHICO

PROPRIETARIA—NARCISA DR. J. F. MACHADO

PUBLICAÇÃO—A'S TERÇAS E SEXTAS

Director e Editor—EDUARDO D'AZEVEDO MACHADO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

RUA DE D. JOÃO I—39 E 61

Este numero foi visado pela Commissão de Censura

## O CASTELO DE GUIMARÃES

Os seus velhos Amigos de ha perto de um século

Principiam agora a dispensar ao Castelo de Guimarães muitas honras, honras de chamadouro no tocante ao registo ministerial, e se de alguma coisa estas crismas valem, que valham praticamente, tornando as honrarias protocolares no valimento de obras necessarias, a que de ha muito espera aquela reliquia, considerada Monumento Nacional nos livros velhos das repartições ligadas ao assumto monumentos.

Agora todos lhe querem e o querem, porque o vem decantando dos quinze séculos, tendo merecido honras de provelto e de valor no esforço votado, quasi que em silencio e modestamente, para desentolhar, num rasgado de nova sensação, tão majestoso Castelo, que nos aparece nas primitivas bases de dominio e pudorio.

Quem sabia lá como aquilo era!

E afinal assim por ali de roda devia ter sido o pedestal do Castelo dominador.

Fez bem a Câmara em ordenar aquela sua melhor obra, e muito se deve a José de Pina, que tem sabido olhar por ella e dela tem sido a alma, dispensando-lhe amor e saber, no arranjo da moldura para alindar ao getto tão grande maravilha, imponente nas torres que se levantaram no passado em mirantes de vigilia e de guerra.

Agora, que os que lhe deram as honrarias da nova incorporação ministerial, lhe completem a obra, para que o Castelo de Guimarães seja como deve e merece, o orgulho maior dos Portuguezes.

Na imprensa tentido ele, ultimamente, os melhores pugnadores, bons e persistentes pugnadores, tem sido incensado como merece, tem sido carinhosamente tratado de palavras, e de animo valoroso e enriste têm os pugnadores vigilantes, entusiasmado os homens do mando para que façam no Castelo as obras de que necessita.

Amigos, teve-os sempre. O interesse dos Vimaraneses por aquela reliquia, foi de todos os tempos.

E é bom que se saiba tudo isto, para satisfação nossa e para elogio dos nossos antepassados, que sempre pugna-

ram pela melhoria e conservação do Castelo de Guimarães.

Quem revolve papeis velhos topa sempre coisas interessantes, e interessante não deixa de ser a circular que um grupo de Vimaraneses espalhou ha 77 anos pela vila de Guimarães, em defeza do Castelo.

Dessa data em diante, uma vez o grito lançado, surgiram os primeiros amigos do Castelo.

E curioso o plano de melhoramentos de então, muito ao sabor desses tempos, que não se abriam em rasgos e larguezas de obras bem calculadas e bem ajustadas.

Mas louvemos-lhes a boa vontade.

Com os tempos, é bem certo, voltam outros homens e mudam muitas coisas.

Surgiram pois, em 1850, os primeiros amigos do Castelo, e deles nasceu o primeiro plano de obras.

Não queremos dizer que esta data seja a mais antiga defensora do Castelo. A mais antiga e conhecida até hoje, sim, é natural.

A circular diz:

«A Commissão composta dos Cidadãos abaixo mencionados, e installada debaixo dos auspícios da Ilm.<sup>a</sup> Câmara desta Villa de Guimarães, para o fim de explorar, reparar, reedificar, e embelezar o Castello desta mesma Villa tão notavel pela sua tracção e antiguidade, como bello e agradavel pela sua posição apresentando os melhores pontos de vista, convidando todos os Cidadãos desta mesma Villa para subcreverem com quaesquer quantias afim de ser levada a effecto uma tal empresa de reconhecido e geral interesse.

A Commissão tem em vista reparar os muros do Castello que se achão desmoronados, e em estado de ruina—fazer portas, escadas, parapeitos, e grades, para se possa passear em volta do mesmo Castello com segurança e sua vidade—tomar communicaveis os pequenos Castellos com o grande Castello Central, fazendo-se neste diferentes andares, sendo o ultimo um terraço, que pela sua elevação apresentará a me-

lhor golpe de vista—reparar a Capella de S. João e fazer em fim tudo o mais que se torne util e conveniente na proporção dos meios que se forem obtendo.

A Commissão não poupará esforços para corresponder a confiança da Ilm.<sup>a</sup> Câmara sempre desvelada em promover os interesses e vantagens do Municipio. A mesma Commissão para dar aos Cidadãos desta Villa um testemunho fiel dos interesses que toma nesta empresa, não só concorre com seus trabalhos e fadigas, mas tambem subscrive com quotas pecuniarias, e espera que seus Conciudadãos Vimaraneses animados de igual interesse seguirão o seu exemplo.

Guimarães, 21 de Julho de 1850.

Presidente  
*Rodrigo Lobo Machado e Couros.*

Domingos do S. Miguel Durães.  
João Machado de Mello e Castro.  
Francisco d'Azevedo Yarella.  
Custodio José Fernandes Guimaraes.

«rões  
João Antonio Fernandes Guimaraes.»

Agora, e pelo mesmo preço, um alvitre:

Que aprontem as obras no proximo ano, lá para a data da batalha de S. Mamede, e servindo o Castelo de plano de fundo, de scenario imponente e majestoso, fora ou dentro, quer na lembrança das lutas intimas quer na recordação de guerrilhas em campo livre, façam que ali, alguém de nome, em apoteose, venha dizer do valor daquele monumento e do seu significado dentro da historia de Portugal, fazendo-nos viver aquella vida toda de entre as muralhas, ameias e torres, erguendo a nossos olhos as figuras mais prestigiosas do tempo, e assim terão dado uma lição de civismo, de passo que tornarão conhecida do povo a historia de Guimarães, ligada ao tão falado Castelo, velho Monumento Nacional.

ALBERTO V. BRAGA

## POR GUIMARÃES PELA PENHA!

Não ha nada mais grato e commovedor ao nosso coração, ao coração de vimaraneses, do que ver as obras da sua Terra, e os seus monumentos, apreciados pelos extranhos.

Esse momento chegou.

Guimarães, ha annos, tomou um impulso que o fez sahir d'um comodismo criminoso que, se continuasse, seria a sua morte.

Eramos uma terra fertil e rica, pelos seus recursos, mas que vivia atirracada, vivendo das recordações passadas, honrosas sem duvida, mas que não nos davam vida e força para nos collocarmos a par das outras cidades da importancia da nossa.

Tinhamos artistas, engenheiros e boa vontade, mas esse conjunto esbarrava sempre contra atavios insensatos, contra burocracias ócas, que nos iam definhando e amesquinhando.

Os filhos da nossa terra, que nos visitavam, nunca encontravam melhoramentos, como viam pelas terras aonde viviam.

Hoje não! Guimarães revolucionou-se, e, ainda ha dias nos dizia um vimaranesense que vive distante d'aqui:

«Agora sim! O Toural, de dia ou noite atira-os e convidava-nos ao passeio. Agora a minha terra já me não envergonha!»

E' isso um facto, mas precisamos de não estacionar. Ha muito mais que fazer, muito mais que trabalhar.

Na cidade ha agora quem trabalhe, embora precisa de o fazer sobre um methodo que possa de futuro satisfazer os fins.

Volvamos os nossos olhos para o monte sobranceiro á cidade.

Olhemol-o com orgulho, mas com carinho, com confiança e com amor!

Lemos com interesse uma Carta que o nosso bom amigo e illustre conterraneo o sr. Armindo Peixoto escreveu, sobre o assumpto, e não podemos deixar de lhe dar o nosso incondicional apoio.

O que a ex.<sup>a</sup> diz, envergonha-nos!

Não só não ha quem trabalhe ali, mas não deixam trabalhar os outros!

Perdoe-nos s. ex.<sup>a</sup> um reparo.

E' que, Guimarães, o Guimarães moderno, que trabalha, ao ver o sr. Armindo Peixoto collocar-se á frente d'aquelle monte, em s. ex.<sup>a</sup> poz todas as suas esperanças, e assim estimaria, que o grande amigo da Penha viesse dizer-lhe:

Meus amigos!—Retiro-me desgostoso e envergonhado. Quiz trabalhar, não me ajudaram. Quiz fazer pela Pe-

nya aquillo que o meu genio empobrecido, o meu caracter e bairri-mo tem feito em todas as empresas em que me metto.

Não me deixaram!

E Guimarães dir-lhe-ia: Fiquel Somos nós, todos aqueles que á Penha muito querem, que lho pedem. Ditem-se fóra os inercias, aquellos que alli são prejudiciaes.

E s. ex.<sup>a</sup> ficava! Ficava porque Guimarães escorraçava os seus velhos amigos, e entregaria a Penha a quem por ella trabalhasse.

S. ex.<sup>a</sup> falla claro, accusa. Guimarães secunda essas accusações. Não faz sentido, não se admite que nós, todos aquellos que queremos trabalhar, encontremos quem nos corte os vãos, quem tolha os nossos passos.

Fora com elles! Fora com aquellos que se dizem amigos da Penha, e tem sido os seus maiores inimigos, porque não tem dado áquelle monte a vida e a belleza de que carece.

A Penha, só por si se recomenda é certo; mas precisa que á mão de Deus, juntemos a mão do artista, do engenheiro, do trabalhador e do patriota!

Tenhamos orgulho, e tornemos a Penha, tão nossa, tão linda e formosa, tornemo-la o melhor, o mais apraxivel e o mais formoso monte de Portugal!

Que custa isso se já ha dinheiro para principiar? Que haja amigos da Penha!

Elles que appareçam!...

DA NOSSA TERRA

A ROMARIA

III

Ao fundo do adro, reticulando com o vértice do dietro direito da capelinha erguia-se caledo de fresco, o rústico albergue aonde nos tiramos acolher, até não poder inspirar receio a vinda para o ar livre.

Era lá que se hospedavam os clérigos pelo que, um dos da committa, entendeu designá-lo pelo titulo escandaloso de «Hotel dos Padres».

Apenas entramos, para prevenir qualquer desagradavel encontro com as penumbras e os refrigios, arruquei apressadamente de uma garrifinha de bagaciera que, por feliz precaução, viera a bordo do merendeiro, e sorvi de um traço uma pequena porção a qual, sem a menor cerimonia, desalmadamente me esbozeou a gula.

Figura 158 – Jornal “O Comércio de Guimarães”. Edição de 14 de Outubro de 1927

A VOZ DO PADOSSA. GUIMARAES HA 50 ANOS

Agosto—1885.

Em procissão de penitencia, pedindo o afastamento do colera, que se avizinhou, saiu da igreja das Capuchinhas para a da Oliveira, a Senhora da Penha.

Foi aceite o projecto do contracto do escultor portuense Soares dos Reis, referente ao monumento a D. Afonso Henriques.

Foam chamadas as reservas para reforçarem os cordões sanitarios que existiam na fronteira portuguesa.

A Camara cedeu a parte edificada do extinto convento de S. Domingos, para ali se instalar a Escola Industrial Francisco de Holanda.

O sr. Rodrigo José Leite Dias, farmacêutico, offerceu á Companhia dos Bombeiros Voluntarios todos os medicamentos que fossem precisos aos voluntarios feridos por simstro, continuando a fornecer-lhes gratuitamente até ao seu restabelecimento.

Córadoiro publico e pastagem de aves?

Quem possesse na 4.ª feira, pelas 9 horas da manhã, parte do terreno que enfrenta o hospital e as igrejas da V.O.T. de S. Francisco, veria que as ervas que o tapelão estavam cobertas de roupa, a côr.

Grande quantidade de galinhas pastavam tambem naquelle arrelvado.

Guimorões não é uma aldeia! Que a roupa se côre em sitios mais retirados e perto do rio, tolera-se, mas ali, não! Pedimos providencias.

Ferias Judiciais—principiam e terminam a 30 de Setembro.

A União.—Órgão Official do Centro Católico Portuguez e Revista Mensal de Documentação, e que nos visitou, publica no seu numero de Julho de 1935 a Constituição Política da Republica Portuguesa com as alterações aprovadas pela Assemblia Nacional. Cada exemplar, avulso, deste numero vende-se ao preço especial de UM ESCUDO na Administração do mesmo—Rua Capelo, 5-2.ª, E.—Lisboa.

As Talpas.—pedem a criação dum pólo da G. N. R. E' justo. Localidade pequena mas com vastos ramais, assiste-lhe o direito de ter um corpo de segurança que mantenha em ordem os desordeiros—quando os haja.

O Berço da Nação

Este nosso colega visitou-nos. Traz um fato alegre e bem confeccionado, e é o Arauto audaz dum grupo excursionista, que annualmente vai de local em local, a toda a parte, levar um pouco da nossa Terra, repercutir o echo de tudo quanto alimenta o seu orgullo.

O grupo excursionista «O Berço da Nação» inicia o seu passeio brevemente, devendo visitar grande numero de terras portuguezas, entre as quais Lisboa, Porto, Coimbra, Leiria, Curia, Bussaco, Caldas da Rainha, Ajuda-Barrota, Alcobaca, Fatima etc, etc.

o Infalivel

Outro colega ivmaranense, de rotapagens vistosas e louças, que veio visitar-nos.

Como o antecedente, é tambem o Arauto aguerrido dum valoroso grupo excursionista, que ha sete anos iniciou os seus passeios annuaes—dias de sonho e encanto, de extase e prazer—que em peregrina devoção patriottica os

AO PIANO...

(Burra velha...)

Com alma inexpressiva arrisca um fá, Fazendo retrocesso para ré... E apos segundos ela aponta um lá, Batendo mai os tempos com o pé!

—Na música estudava-se o bi à-bá, Preciso é começar desde né-né... Quem não fizer assim jamais será Submisso á afinação do almiré!

... Sempre indecisa ela abemola um sí, E com a dextera sustentada um ni, Que a esquerda em harmonias deixa nu...

Fôra de tempo segue ao sol e dó! —Se a música souhou ao ser Avó, Neia não passa do—a—e—l...—o—u!

Costa Guimarães

Horario do Trabalho

Vai ser submetido ás entidades officiaes um novo horario de trabalho, discutido e aprovado em sessão camarária de 15 de Novembro p. p.

A trovada — que tantos estragos e sustos causou nas vishnhaças, andou a rondar-nos, lez-nos ouvir o ribombár do trovão, mas afastou-se, dando-nos apenas, como refrigerio, umas gotas de agua.

Em Setembro vai-se andando e vem-do.

Sessão solene

No dia 18 proximo deve realizar-se na Associação dos Bombeiros Voluntarios desta cidade, uma sessão solene, para a apposição de medalhas aos seus estimados Comandantes, Patrao Honorario e varios bombeiros. Diremos depois do que constará.

BAIRRO ECONOMICO

A folha official inserir um despacho que autorisa a Repartição das Casas Economicas a pôr á ordem do Ministerio das Obras Publicas, pela Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, a importancia de 500 contos por conta dos rendimentos do Fundo das Casas Economicas para ser empregada na construção de um bairro de casas economicas nesta cidade em comparticipação com a Camara Municipal.



Sol, Ar puro e....

FARINHA LACTEA NESTLÉ

tornam as creanças

Robustas e alegres.

Vende-se a quinta das Lameiras

Paga 22 carros e tem boa casa de senhorio. Trata o solicitador Augusto Silva.

VENDE-SE

Uma porção de madeira. Nesta redacção se diz.

leva a percorrer as principais cidades e vilas de Portugal.

Os grupos excursionistas de Guimarães, tem duplo fim—o tornar conhecida a sua e nossa Terra, pelo que se servem de jornais que editam e distribuem gratuitamente.

—Aos bravos rapazes dos dois grupos excursionistas agradecemos os exemplares oferecidos, desejando-lhes boa viagem e as melhores impressões.

Bombeiros Voluntarios das Talpas

Foi nomeado 2.º comandante dos Bombeiros Voluntarios das Talpas, o nosso amigo e estimado empregado da Companhia de Fiação e Tecidos de Campeios, o sr. Emilio Castelar.

Apezar da honra com que acaba de ser distinguido, nao lhe damos os parabens.

E' que nos habituamos a vê-lo na nossa Corporação, sempre, o primeiro entre os primeiros, e custam-nos ver afastar-se das suas fileiras um soldado que sempre accorreu ao chamamento do dever.

...ele está tambem no lugar que vai ocupar, e que, temos a certeza elevará ao nivei para que foram creadas estas Corporações.

Se o auxiliarem, lá e cá, ele será sempre a sentinela vigilante.

Agradecimento

Maria Margarida Costa e seus filhos, julgam ter agradecido ás pessoas que por ela se interessaram a quando da operação a que foi submetida na Casa de Saude das Amoreiras em Lisboa.

Como porém possa ter havido qualquer falta involuntaria, veem por este meio reparar-la, a todos testemunhando o seu reconhecimento.

Guimarães, 8 d'Agosto de 1935.

Guimarães vai ter mais policia?

Está a proceder-se a uma remodelação para o aumento á custa da região central, dos effectivos policiaes das cidades alentejanas, havendo tambem o proposito de interessar o districto de Braga nessa remodelação.

E para que bem se conheça as necessidades do aumento, s. ex.º Coronel sr. José Martins Cameira, Ilustre Comandante Geral das Policiaes, tem visitado as diversas esquadras servidas pelo Corpo de Segurança Publica do districto. Para esse effeito esteve s. ex.º tambem em Guimarães. Não sabemos as impressões colhidas, mas consta que no espirito de s. ex.º nasceu a imperiosa necessidade

de Guimarães possuir um Corpo Policial mais numeroso, para que bem possa fazer cumprir a lei.

Conservação de Monumentos Nacionais

Foi autorizado o dispêndio de 7.500\$00 com a Torre de Menagem do Castelo de Guimarães e 5.000\$00 com a Citania de Brietões.

A Patrulha de Combatentes

Em saudável peregrinação tem andado pelo paiz uma patrulha de três combatentes, na missão nobre de visitarem os monumentos aos Mortos da Guerra erguidos, visitando tambem as Ligas dos Combatentes.

Hão-de tambem vir a Guimarães, terra que á Guerra levou milhares de filhos seus, e que na tremenda conflagração perdeu vidas preciosas.

E' de lamentar que não esteja, pelo menos, escolhido o local aonde deve erguer-se o Monumento, para que os bravos soldados possedem ali desfolhar flores, cuja seiva cimentasse os seus allicerces.

PRECISAM-SE TECELÕES

Habilitados em Jacquard. Rua Saraiva de Carvalho, 60—LISBOA

Agradecimento

A familia do saudoso Acacio Machado da Silva Faria Oliveira, vem por este meio agradecer muito reconhecida a todas as pessoas que assistiram ao seu funeral, realisado no Cemiterio Municipal desta cidade. Guimarães, 8 de Agosto de 1935.

Propriedades

Vende-se uma propriedade em S. Tomé de Abação, suburbios da Penha, com ótimo panorama.

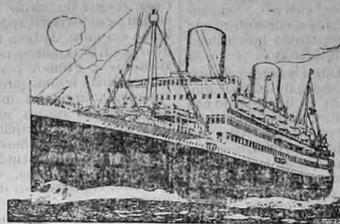
Tem casa de senhorio e caseiro, ambas de pedra, pagando dois carros de medidas.

Falar ao solicitador Augusto Silva.

No proximo domingo estará aberta a farmacia DIAS MACHADO.

MALA REAL INGLEZA

Royal Mail Lines, Limited



Paquetes a sair de Lisboa

(1) HIGHLAND CHIEFTAIN—Em 7 de Agosto Para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

(2) ALMANZORA—Em 13 de Agosto, Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

(3) HIGHLAND PRINCESS—Em 21 de Agosto, Para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

(1) Aceitam-se passageiros de 1.ª, Intermediaria e 3.ª classes (2) " " " 1.ª, 2.ª e 3.ª classes.

Na agencia do Porto podem os snrs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes mas para isso recomendam toda a antecipaçaõ. Dirigir aos unicos Agentes no Norte de Portugal:

Tait & Co. Gramas: Tait—Porto (Fone n.º 7)

19, Rua do Infante D. Henrique—P O R T O

Ou aos seus correspondentes nas provincias

Tait & Co

Figura 159 – Jornal “O Comércio de Guimarães”. Edição de 6 de Agosto de 1935

# O COMERCIO DE GUIMARÃES

Fundado por Antonio Joaquim de Azevedo Machado

JORNAL REGIONALISTA

O jornal mais antigo do Distrito, Redacção, Adm., composição e impressão R. D. João I.º, 59-61

Proprietaria, Narciza de J. F. Machado

DIRECTOR E EDITOR

Representação exclusiva de publicidade para LISBOA e PORTO — **Agencia Havas** VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Publicação — A's Sextas-feiras

EDUARDO DE AZEVEDO MACHADO

## DIA II DE NOVEMBRO O ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO

Passa hoje, precisamente, o 20.º aniversário do Armistício da Grande Guerra. Lembrar esta data, é recordar o dia memorável de 11 de Novembro de 1918, dia que foi de intensa alegria para todo o mundo e, muito especialmente, para as nações que há quatro anos se batiam, embora em campos opostos.

No decurso de vinte anos, muito se tem escrito sobre esta data, parecendo que nada mais há a dizer; não é, bem, assim. Pelo menos, há falta de promotores inéditos, há o dever de recordar, o mais sentidamente possível, essa data histórica passada em terra estrangeira. «O Comércio», «ba-luart» da «Ala dos Mortos» e que aos mortos do bravo 20 tem dedicado o melhor do seu direccional esforço, não podia deixar passar em silêncio a data do 20.º aniversário do Armistício, como não tem deixado esquecer as datas que se relacionam com o 12 de Março e 9 de Abril de 1918, duas páginas dos mais evocativos feitos do regimento que, de Guimarães, partiu para a guerra.

A sua memória querida e santa tem merecido e continua a merecer, a «O Comércio», a mais sincera atenção e o mais fervoroso carinho, por parte dos que viveram a guerra e lutaram seus companheiros. A batalha de Flandres, desde

o mar a Vpres, em 29 de Setembro, foi a precursora do Armistício; foi nesse dia que o inimigo propoz a intervenção de Wilson. Com o raiar do dia 11 de Novembro de 1918, calaram-se as baterias, emudeceram as metralhadoras, arrefeceram as espingardas, os aviões recolheram aos hangares, as unidades navais dirigiram-se para as suas bases e os corações dos combatentes, nesse dia memorável, respiraram fundo! Chegára, enfim, a hora de libertação para os prisioneiros em terra estrangeira. Era a paz que se avizinhava e, com ela, o socego para muitas almas e a alegria para muitos corações; era, também, a paz para os mortos, cujas espuloras não seriam, já, desventradas, podendo eles dormir, descansadamente, o sono eterno na terra que lhes recebeu o último olhar!

No dia de hoje, pois, «O Comércio», associa-se ao jubilo dos vivos e curva-se, respeitosamente, ante a memória dos mortos da Grande Guerra.

Quando Guimarães tiver o seu Monumento de pé, o dia do Armistício ficará mais fortemente vincado, para maior honra e glória da Terra que é o espelho das mais altas virtudes civico-religiosas.  
Lx.º, Novembro, 1938.  
Manuel de Guimarães

### VITÓRIA SPORT CLUB

Recebemos o que segue: «O regresso ao Vitória do jogador Zefério Duarte, a que só muito constrangida accedeu a Direcção, efectuou-se em condições de se manter, íntegra, a dignidade dos dirigentes e o prestigio da colectividade.

Sócios e amigos do Club, dos de todas as horas, e por isso merecedores da maior consideração, fizeram tão porfidias instancias nesse sentido, que não poderia, sem menosprezar quem tantos e tão valiosos serviços tem prestado ao Vitória, indelger-se-lhes a pretensão.

Aliás, essas pessoas são fiadoras morais da conduta futura, pessoal e profissional, do referido jogador».

Pela Direcção do Vitória  
O Presidente  
José Pinto Rodrigues.

Nem um só momento duvidamos que nesta questão, bem la-

mentavel, tivesse sido salvaguardada a dignidade e o brio do Club desportista vimaranense, e por esse motivo, no relato do desfecho, não fizemos, nem tentávamos fazer, a menor alusão ao aparecimento do referido jogador.

De resto, conhecemos as demarches feitas, e compreendemos o objectivo a que obedecemos.

### LEGIÃO PORTUGUESA

Reassumiu as funções de Comandante Distrital da Legião Portuguesa o illustre official sr. Tenente-coronel Carlos Henriques, que tinha abandonado aquele cargo, por ter sido transferido para Chaves, de onde regressou.

É de esperar que este patriótico organismo, sob a chefia do seu devotado Comandante Distrital, entre numa fase de grande actividade, para que possa exercer a missão que o Chefe lhe impoz e a Nação de si exige.

### Bilhete postal

A uma leitora.  
Não tentes desculpar-te, nem te ruborises. Eu sei... fraquezas que o coração acalenta... Um dia adoeceu-te, repentinamente, uma pessoa de família. Nova, rica e noiva, não houve médico que não conselhasse. A infeliz, com um mal desconhecido, definhava dia a dia. Exgotados os recursos humanos e desfeitas as tentativas que engrinalhavam a corbelha da nossa infeliz amiga, no teu espirito surgiu a dúvida: ...¿quem sabe se foi salguem» que lhe quiz mal?  
Havia, em tuela oculta, uma mulher de virtude.  
— Se fosse lá?

acompanhada de uma serva dedicada, assiste de casa tarde da noite.

Cautelosa, inquieta, com o coração oprimido e a alma atormentada, temias as sombras e revoltavaste contra a tua própria consciência, que um dia, implacável e severa, te acusaria!

A tua doente morreu, porque tinha que morrer, e a tal mulher que te apontaram como uma «acerdotissa, aivou-te a boisa!

Diz-se que as credencas medram só em cérebros incultos. Mentira! Tu és instruída e também caiste no logro!

Se a polícia, pedesse adivinhar as horas a que... elas dão consulta, quanta surpresa nos não reservaria a colheita!

Mas, porque revivi uma página dolorosa da tua vida?

E' que, nas ultimas semanas tem-se verificado horrosos casos sacrilegos, em cidades e povoações importantes, casos que tem por fim fornecer «material» a essas creaturas que deviam ser banidas da sociedade.

O que é lamentável é que vemos nesses envolvidos pessoas crentes e bem collocadas, e que não hesitam, ante engenhosas intrujices, praticar os mais sacrilegos crimes!

As mulheres de virtude, que se anicham por toda a parte, outro poder não tem senão o de conseguirem intrujar a humanidade, e para isso servem-se de todos os embutes, com o fim único e exclusivo, de viver à custa dos parvos.

Sim, minha amiga! Dos parvos que, como tu, acreditavas um dia que houvesse poderes humanos que conseguissem vencer o Destino e impôr-se à vontade de Deus!

... contra os quais é impossível lutar!

A policia exerce aturada vigilancia em redor dessas anzinhas que tem arruinado tanto lar e desgraçado tantas famílias.

Dêmos-lhe todo o nosso apoio, para que os lamentáveis casos que se passaram há dias em Lisboa e Coimbra, não consigam infiltrar-se na sociedade, atormentando mais, se isso é possível, espiritos pusillímites, a quem a dore e o desespero apagam a noção da sua própria dignidade.

Maria Eduarda

## AS MURALHAS DE GUIMARÃES

Na memorável sessão de propaganda eleitoral, promovida pela União Nacional concelhia, tive o ensejo de me referir muito ao de leve, a um facto quasi desconhecido, que tanto honra e nobilita a velha cidade de Guimarães, herco querido da nossa Nacionalidade.

É sem duvida este episódio, pela sua grandeza e heroidade, que melhor sabe traduzir a alma vimaranense, sempre sequiosa de glória e levantados sentimentos Patrios.

As minhas palavras causaram certa surpresa, ao narrar um dos factos mais brilhantes da história de Portugal, passado a dentro das venerandas muralhas do seu burgo.

Guimarães deve sempre olhar com simpatia e respeito para essas velhas muralhas, o mais nobre pergaminho da sua fidelga e nias tradição.

Foram ellas o teatro de uma façanha que salvou o brio Nacional, nessa infeliz guerra de D. Fernando I com Castela.

E assim, vou mais uma vez narrar os factos, servindo-me do relato interessante de Manuel Pinheiro Chagas — autor brilhante da História de Portugal Popular e Ilustrada.

D. Fernando I teve o louco acôrto de invadir a Galiza com um exercito incapaz de resistir a D. Henrique de Castela, que nessa altura cercara Samora — ajudado pelo grande condestável Bertrand Duguesclin e os seus francezes.

D. Fernando I, levantado o cerco de Samora, reconhece a superioridade do seu adversário, e fôz ateado, enquanto este, sempre victorioso, entra em Portugal, devastando terras e saqueando vilas, na sua marcha sobre Braga, que é obrigada a capitular.

D. Henrique II, assim victorioso, avança sobre Guimarães, onde encontra tenaz resistencia. Os muros do burgo estavam

capazes de sustentar um assedio, e os burguezes comandados por um valente cavalleiro, Gonçalo Paes de Meira e seus filhos, resistem heroicamente ao ataque de D. Henrique, que é obrigado a recuar, seguindo pesaroso e triste pela Provincia de Trás-os-Montes, que lá devastando e saqueando.

Contingia Pinheiro Chagas: «era a segunda vez que Guimarães via um rei Castelhano retirar-se diante das suas muralhas inabalaveis, deixando-a immaculada e incolume.

Da primeira vez salvara-a a corajez de Egas Moniz, da segunda vez salvara-a a corajez dos seus habitantes.

E o rei que partia com a vergonha do successo era Henrique II, o vencedor de Montiel!!!

E aqui, junto dessas venerandas muralhas, viera quebrar-se a furia impetuosa do condestável Bertrand Duguesclin, um desses vultos homericos da idade Media, a quem a antiquidade grega daria a purpura olimpica dos semideuses.

E assim termina o episódio Pinheiro Chagas: «Honra pois á velha cidade, que hoje, reclinada tristemente no sombrio coxim dos seus verdejantes arvoredos, ergue a fronte descorada, mas onde scintilla ainda, como relampago fugaz, um reflexo da sua glória antiga.»

Vimaranenses: nesta hora que passa, de um profundo sentimento Nacionalista, guardai estas palavras do gran de historiador como mais um pergaminho de uma tradicional nobreza, da galhardia íntepida do vosso amor á Patria. Vós, os filhos da cidade sublime que fundou a mais historica das Nacionalidades — Portugal Eterno, das conquistas e descobertas de D. João I e Manuel o Venturoso.

Guimarães 7 N. 1938.

Francisco de Melreles

### E' verdade, sim!

— que anda a proceder-se aos estudos para a instalação de um campo de Aviação em Guimarães.

E só se não fará, se as entidades competentes não julgarem o local apropriado.

Como se tem noticiado e é sabido, o local preferido é o vizinho monte de S. Pedro, que nos dizem possuir os requisitos necessários.

### As obras a fazerem-se

Como os nossos leitores sabem, pelo desenvolvido relato feito pela imprensa, a Camara Municipal de Guimarães vai contrair um emprestimo para realisar obras importantes, que beneficiarão a cidade e o concelho.

Vão demoir-se algumas casas, indubitavelmente.

Aos nossos leitores damos porém a boa noticia de que já há pedidos de terreno para construir novas casas nas Avenidas a abrir, e, se assim não fosse, a ex.ª Camara Municipal as mandaria construir, para que não se agravasse o problema da falta de habitação.

Estamos ainda áquem, muito áquem, dessas construções, mas de antemão lembramos á ex.ª Camara Municipal, a necessidade de mandar vigiar as construções a fazerem-se, para que não se observe, como para os lados dos Novos

Paços do Concelho, o gento e a arte, de cada qual, á exhibir-se...

Hoje, e felizmente, terminou o compadrio. E' necessario que a ordem e a disciplina se exerçam em todos os factores, cortando o que não presta e acarinhando as boas iniciativas.

As novas construções a fazerem-se, tem que embelezar as artérias que vão servir.

### HOMENAGEM A BERNARDINO JORDÃO

A Associação Commercial de Guimarães, tendo em attenção os beneficios que a abertura do Teatro Jordão traz para a cultura da nossa Terra, em sua ultima sessão, resolveu promover uma homenagem em honra do nosso amigo o sr. Bernardino Jordão, oferecendo-lhe, no dia da inauguração do seu Teatro, um banquete, que terá lugar no Hotel do Toural.

A inscrição está aberta na sede da Associação Commercial de Guimarães.

### Missa de sufragio

Foi muito concorrida a missa de sufragio que os operarios da importante Casa Alberto Pimenta Machado (secção de marcenaria e serração) mandaram celebrar na 2.ª feira passada, sufragando a alma da veneranda mãe de seu devotado Chefe e Amigo, o sr. Alberto Pimenta Machado.

Figura 160 – Jornal “O Comércio de Guimarães”. Edição de 11 de Novembro de 1938

## DEUS OPTIMUS MAXIMUS

Como provar que Deus não é infinito, se o amor, a razão e a beleza, não podem dimanar da Natureza, pois tudo o que ela encerra é finito ?

E crer que Deus existe não é mito É possuir a máxima certeza, Ter no âmago a chama sempre acesa : É Deus que a faz arder, fogo bendito !

Se não podemos compreender a vida brotando da matéria inorgânica, Nada se explicará no mundo externo.

Mas se Deus é infinito, Ele é a partida da força criadora e titânica Que mostra o seu poder supremo e eterno.

MARÇO, 1940

RODRIGO FÉLIX.

### DA NOSSA CARTEIRA

Continua ainda retido no leito, embora tenha experimentado melhoras do forte ataque de reumatismo que o tem flagelado, o nosso particular amigo e dedicado colaborador o sr. Francisco Martins.

Desejamos o seu rápido restabelecimento.

—Esteve em Guimarães, dando-nos o agradável prazer da sua visita, o estimado vimaranense e nosso presado amigo o sr. Rodrigo Pacheco Barbosa, residente na Figueira da Foz.

—Com um forte ataque reumático, guarda o leito o nosso presado amigo e estimado colaborador o capitão sr. Manuel José da Silva.

O desejo do seu rápido restabelecimento.

—Esteve gripado mas já se encontra restabelecido, tendo assumido as funções do seu elevado cargo, o nosso presado amigo o sr. José de Oliveira Pinto, estimado Delegado do Governo em Guimarães.

—Já vimos, restabelecido, o nosso presado amigo e importante industrial o sr. Antonio José Pereira de Lima.

—Na sua casa, em S. Torcato, tem estado bastante enconcomada, a veneranda Mãe do nosso presado amigo o sr. José Fernandes Ribeiro Gomes.

Desejamos o seu restabelecimento.

—Acompanhado de sua dedicada moirado, encontra-se entre nós a nossa estimada patriciã a sr.<sup>ma</sup> D. Paula Caçador.

### Vão demolir-se parte das antigas Muralhas da Cidade?

Como é sabido, para proceder ao alargamento da rua dos Palheiros, demoliram-se alguns prédios que faziam enosto ao pano de uma parte das antigas muralhas da cidade.

Desaparecidas as casas, as muralhas abriram fendas e tentam arrastar uma casa que lhe fica contígua.

Foram imediatamente tomadas as precisas precauções, esperando-se autorização da Direcção dos Monumentos Nacionais, para se proceder como for necessário.

### BENEFICENCIA

Do nosso presado amigo e estimado industrial o sr. Sebastião de Freitas, para sufragar a alma de seus pais, cujo aniversário recordou com a celebração de uma missa, como já noticiamos, recebemos 10,00 para os pobres contemplados por este jornal.

Contemplamos cinco, em nome dos quais rogamos a Deus o descanço das almas a sufragar.

### Visitai a «Feira de Paris» 11 a 27 de Maio de 1940

A mais importante do mundo e na qual se encontram representadas todas as indústrias. Descontos nos Caminhos de Ferro aos comerciantes, industriais e artistas.

#### INFORMAÇÕES :

Rossio, 93, 3.º — LISBOA  
Telef. 20174

#### PEDEM-NOS

—peçamos às exm.<sup>as</sup> autoridades, lembrem aos zeladores e empregados camarários, que as contratações só podem fazer as suas compras a determinadas horas, isto para evitar que quando o publico venha ao mercado, veja os melhores géneros na mão de quem os sabe revender por alto preço.

### Associação F. F. Op. Vimaranense

(SOCORROS MUTUOS)  
Reuniu no passado dia 19, a Direcção da Associação F. F. Op. Vimaranense, sob a Presidência do sr. Presidente, estando presentes o secretario, tesoureiro, e demais Directores.

Aberta a sessão pelas 21 horas, foi lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior.

Presente o Req. de Tutelagem n.º 195, com a informação do sr. Tesoureiro, sendo deferido; presentes petições do cobrador José Oliveira, e do socio n.º 9955, as quais depois de devidamente analisadas, foi resolvido submettelas à proxima Assembleia Geral. Presente um officio de José da Costa Alves, pedindo para ser admitido como Cobrador desta Associação, sendo deferido, depois de cumpridas as formalidades estatutárias. Igualmente foi presente um officio do socio Antonio Almeida oferecendo os seus serviços como contratado para a Secção Funerária, ficando para estudo.

Seguidamente foi resolvido mandar-se imprimir varios impressos para os serviços da secretaria, sendo marcada a Assembleia Geral Ordinária para o proximo dia 14 de Abril, pelas 9 horas, em 1.ª Convocação, com a seguinte Ordem do Dia: — 1.ª — Leitura da acta anterior; 2.ª — Aprovação de contas do 1.º trimestre; 3.ª — Apresentação à Assembleia Geral das petições requeridas à Direcção sobre uns subsídios, sendo marcada o dia 21 de Abril para a 2.ª Convocação, começando meia hora depois da marcada, com qualquer numero de socios presentes.

Como nada mais houvesse a tratar, foi a sessão encerrada pelo sr. Presidente, pelas 22 horas e 15 minutos.

Ler a nossa 4.ª página

### «O Comércio de Guimarães» nesta data solene do ano, a todos os seus bons amigos, colaboradores, assinantes, anunciantes e colegas, envia o seu amigo cartão de BOAS-FESTAS

#### A VISITA PASCAL

No próximo domingo, os rev.<sup>mas</sup> párocos das freguesias de Nossa Senhora da Oliveira e S. Paio, iniciarão a visita Pascal às 10 horas da manhã, e o rev.<sup>mo</sup> pároco da freguesia de S. Sebastião, sairá às 9 horas, iniciando a sua visita pelo Largo da República do Brazil.

É esta uma das cerimónias mais festivas e simbólicas da Pascoa.

#### Porque encareceu o pão de milho?

O pão de milho, encareceu, em todas as padarias de Guimarães, 10 cont. em quilo.

Porquê, se o milho se vende ao mesmo preço? Se sem carne ou doces, pode-se viver; mas sem pão, não, e o seu preço, na verdade, não é nada convidativo.

#### Dr. Antonio Carneiro

De visita a seu extremoso pai o nosso amigo o sr. Antonio A. da Silva Carneiro, com sua ex.<sup>ma</sup> Esposa, esteve entre nós o nosso presado amigo, ilustre contrereiro e integerrimo Magistrado, o sr. dr. Antonio A. da Silva Carneiro Júnior.

#### Sociedade M. Sarmento

A sua Direcção Foi reeleita a Direcção desta prestimosa colectividade vimaranense, que é composta dos cavalheiros abaixo :

Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Major Mario Cardoso, Antonio Lopes de Carvalho, Alberto Vieira Braga, Alberto da Costa Guimarães e Francisco P. Mendes. A ilustre pleiade de vimaranenses acima, que tão levantadamente vem prestigiando a primeira colectividade cultural da nossa Terra, o nosso respeitoso cartão de cumprimentos.

#### Necrologia

Após dolorosos e prolongados sofrimentos, e vítima de uma enfermidade para a qual a sciencia não encontrou ainda lenitivo, confortada com todos os sacramentos da Igreja, faleceu na sua residencia, ao Largo do Retiro, a estimada proprietária a sr.<sup>ma</sup> D. Elisária Alves de Castro, irmã extremosa da sr.<sup>ma</sup> D. Antonia, D. Maria e D. Custodia Alves de Castro, e do saudoso solicitador vimaranense o sr. Jeronimo de Castro, e José de Castro, tambem já falecido.

A extinta possuia um excelente caracter e preclaras virtudes, tendo sua dedicada familia exgotado todos os meios de a salvar.

Morreu rodeada dos seus e com o pensamento em Deus. Era a extinta, tia dos nossos presados amigos os snrs. Aprijo, Alvaro, Augusto e Alberto Neves de Castro, e das dedicadas esposas dos tambem nossos amigos os snrs.: João Antonio da Silva Guimarães, João Pedro de Sousa Baptista, Alberto da Silva Reis, Joaquim de Sousa Dias e Rogério Crespo.

A falecida, nas suas disposições, contemplou a Santa Casa da Misericórdia e outras casas de Caridade de Guimarães.

Os seus funerais effectuaram-se na 4.ª feira na Igreja da Misericórdia, tendo assistido aos mesmos, diversas pessoas das relações da estimada familia em luto.

A esta, em especial a suas extremosas irmãs e sobrinhas, o nosso cartão de muito pezar.

### A Semana Santa em Guimarães

Como dissemos, foram modestas as cerimónias da Semana Santa, em Guimarães.

Ontem, como de costume, esteve exposto o Santíssimo, em todas as Igrejas e capelas, sendo grande a afluência de fieis.

Por motivo da pavimentação das principais ruas da cidade, não saiu a Procissão do Ecce Homo.

Hoje, às 15 horas, haverá a costumada Via Sacra, e amanhã, sábado, celebrar-se-ão nas diversas Igrejas, Missas solenes de Aleluia.

#### VISITA ILUSTRE

O ilustre escritor e jornalista frances George Suarez, e sua ex.<sup>ma</sup> Esposa, que há dias estão em Portugal, acompanhados pelo sr. Pereira de Carvalho, ilustre Delegado do Secretariado da Propaganda Nacional, visitou na 4.ª feira a cidade de Guimarães, onde, decerto, colheu boas impressões.

O ilustre escritor, muito categorizado e conhecido, falando aos jornalistas, em Lisboa, disse: Quando sai de Paris, o nome de Salazar era-me tão familiar como se tivesse vivido muitos anos em Portugal.

#### Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães

Como já noticiamos, a Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, completa no dia 25 do corrente, 37 anos de vida, que outros tantos são, de lutas, de canceiras, de louros e dissabores.

Solenizando essa data, sempre festiva, a mesma colectividade promoverá uma festa comemorativa, que terminará por um jantar de confraternização, a realizar na Pensão de Guimarães, pelas 20 horas.

Agradecemos o convite que recebemos.

—Segue o programa do concerto que a mesma banda realiza no dia 25, às 17 horas, no Jardim Publico.

#### I.ª PARTE

1) D. Pepe, Marcha, Mineiro; 2) Flôr Campesina, Overture, G. Reis; 3) Alma de Diós, Zarzuela, Serrano; 4) Musica Classica, Fantasia, Chiapi.

#### II.ª PARTE

5) O Moleiro de Alcalá, Opera, X. X.; 6) A Moreninha, Fado-Canção, X. X.; 7) Marques da Mata, Marcha; 8) Hino da Fundação, S. Paranhos.

#### Pela Polícia

##### Prizões

Foi preso nesta cidade, Manuel José Correia, o «Cartolinha», solteiro, maior, da cidade de Braga, por, nesta cidade, pretender vender o producto de um roubo praticado numa relojoaria daquela cidade.

O preso foi entregue à P. I. Criminal de Braga, onde se encontra o processo pendente.

—Por danos, num poste da iluminação publica, sito na Rua Paio Galvão, foi preso Domingos Antonio Mendes, motorista, da cidade de Chaves.

—Por ter cometido o delito de atropelamento de um menor, na

freguesia de Conde, deste concelho, de nome Francisco de Paria, de 6 anos, foi preso e entregue ao poder Judicial, onde prestou fiança, Alfredo da Silva, motorista, desta cidade. O atropelado faleceu no hospital, para onde foi conduzido.

##### A sóco e a tamanca

Adelaide da Silva, solteira, operaria fabril, da rua da Liberdade, desta cidade, queixa-se contra uma tal filha da Noémia, da rua de D. João I, que por ciúmes a agrediu violentamente a sóco e com um tamanca.

##### Burla

José de Oliveira, casado, negociante de suínos, da freguesia de Airão, deste concelho, queixou-se contra Antonio da Silva, das Caldas das Taipas, por burla.

##### Queixas

Antonio Pereira de Campos, solteiro, proprietario, desta cidade, queixou-se contra varios individuos da freguesia de Silveiras, deste concelho, por tentativa de assalto à residencia de uma irmã do queixoso, senhora que vive só.

—Beatriz da Silva Antunes, da rua da Arcêa, desta cidade, queixou-se contra seu marido, Jeronimo Lopes, por abandono de lar e falta de sustento para 4 filhos de tenra idade.

—Joaquim Pereira, casado, lavrador, da freguesia de Ponte, deste concelho, queixou-se contra varias pessoas, da mesma freguesia, por furto de cereais e convivencia nos mesmos furto.

—Joaquim Volante, casado, industrial, da freguesia de Meão Frio, deste concelho, queixa-se contra varios individuos da mesma freguesia, por agressão.

—Rosa dos Santos, solteira, costureira, da freguesia de Arosa, deste concelho, queixa-se contra Amélia Figueira, casada, doméstica, da freguesia de Castelões, deste mesmo concelho, por furto de um cordão de ouro.

#### Pela G. N. R.

##### Valentinos

Dentro do seu estabelecimento, situado no lugar de Santo Amaro, freguesia de Mascoteles, foi agredido a murro por Maria do Carmo Sequeira e irmã Amélia do Carmo Sequeira, e Maria Dias, as primeiras moradoras na referida freguesia, e a última, acidentalmente, na freguesia de Urgez, todas deste concelho, Manuel Alves, casado, comerciante, morador no referido lugar e freguesia.

##### Desordeiros

Na freguesia de Fermentões, envolveram-se em desordem, José Martins, sapateiro, Antonio da Silva, cutileiro, Rita Martins, Candido Martins, Manuel Ribeiro, todos deste concelho, ficando feridos gravemente, Antonio da Silva e José Martins, tendo um dos feridos dado entrada no hospital da Misericórdia.

##### Nas tabernas...

Na freguesia de Caldeias, numa taberna, envolveram-se em desordem, José da Silva, casado, cutileiro, e Alvaro Marques, tambem casado e com a mesma profissão, resultando ficar gravemente ferido o José da Silva, por tequele o ter agredido com uma caneca.

Sendo transportado ao hospital, ali faleceu.

### TEATRO MARTINS SARMENTO

DOMINGO, 24, às e 15 21 1/2 horas, o filme

## Cavalgada de Amor

com CURINNA LUCHAIRE — SIMONE SIMON e JANINE DARCEY.

Segunda-feira, 25

## Nápoles em Fôgo

Figura 161 — Jornal «O Comércio de Guimarães». Edição de 22 de Março de 1940

Monumento aos Mortos da Grande Guerra

Continúa de pé — e sabe Deus por quanto tempo ainda — uma das grandes aspirações da maioria absoluta, dos vimaranenses.

Há muito que o Monumento devia estar levantado; vinte e dois anos são decorridos depois que a Grande Guerra acabou. Neste longo período — longo em demasia — várias tentativas se fizeram, com maior ou menor retumbância, mas nenhuma delas floriu, infelizmente.

O insucesso é de espantar, tanto mais que o esforço dispendido foi enorme; poetas e prosadores a balançaram-se a essa Obra; figuraram no orçamento camarário verbas para esse fim; creou-se um imposto sobre a carne, para vários fins, incluindo o Monumento; organizaram-se comissões para angariar donativos e, como o Monumento ainda não se levantou, é de presumir que as verbas que lhe foram destinadas tivessem aplicação diferente, o que, a ser assim, é devesa lamentável. Alguem tem obrigação de pôr o caso a limpo e de atender o clamor publico que se arrasta pela imprensa vimaranense, há largos anos e que até, já tem merecido remoqueos — justos remoqueos — da imprensa de concelhos vizinhos! Guimarães, Berço da Nacionalidade, há muito que devia ter pago esta dívida de gratidão; não o fez em ocasião própria; descurou a melhor oportunidade, que era a do primeiro ciclo das Festas Centenárias, na nossa Terra.

Essa oportunidade — embora tardia — podia salvar a honra do convento. Pois não a salvou e, não a salvando, azaçou-a à memória dos mortos da Grande Guerra, não se compadece com a demora havida, porque, tanto uma, como outra, redundam numa falta, evidente, de civismo. Não seria o primeiro nem o segundo monumento que se fazia com o auxílio do Estado e a comparticipação do desemprego. O Monumento de Oeiras, por exemplo, foi um deles. Porque é que, em Guimarães, não se faz o mesmo?

Lx.º, Dez.º, 1940. Manuel de Guimarães

Revista «Turismo» Número especial dedicado à Braga

Está publicado mais um excelente número da Revista «Turismo» dirigida pelo Sr. António Pardal, que insere valioso documentário gráfico sobre a linda região do Minho, especialmente a cerca do distrito de Braga.

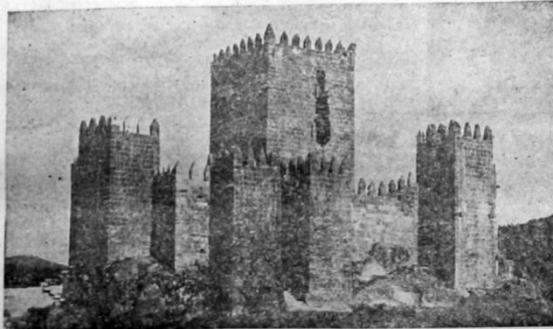
Entre a variadíssima colaboração, destacam-se artigos dos srs: Dr. Alberto Feio, Jorge Bragança, Júlio Quintinha, Amílcar Mendonça, Cláudio Bastos, António Correia de Oliveira, Padre Joaquim Macedo, Dr. Nuno Simões, Albino Bastos, Pedro de Menezes, Eduardo Salgueiro, Santana Quintinha, Dr. Américo Durão, Jorge Ramos e Rodrigues Laguna, que fez larga reportagem sobre o grande espírito de iniciativa e actividade do benemérito industrial bracarense, Sr. Júlio de Amorim Lima.

Número impresso em luxuoso papel, ostentando na capa uma bela ilustração em fotografia de arte do distinto fotógrafo Alvaro, impõe-se entre as publicações turísticas do País.

Aniversário das Almas

Foram muito concorridos os aniversários que se realizaram na igreja de S. Pedro, pelas almas do Purgatório.

O Cruzeiro da Independência chama ardente da fé civica do povo, inaugurar-se-á em GUIMARÃIS no proximo dia 8



O CASTELO DE GUIMARÃES

junto ao qual, os Escutas do Império Português, no dia 8 próximo, realizarão as cerimónias Eucarísticas que fecharão as Comemorações do Ano Aureo.

A Cidade prepara-se festivamente para inaugurar com brilho o Cruzeiro da Independência, que, como temos noticiado, é erigido pelos Escutas de Portugal. Drapejam ao vento bandeiras da Fundação; ha entusiasmo, e tudo nos prediz, mais uma manifestação civica e patriótica a emoldurar as paginas brilhantes dos nossos feitos.

No dia 7, ás 21 horas, sairá da Igreja de S. Francisco uma imponente Procissão de Velas, que acompanhará ao Castelo a Imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Seguirá pelos largos de S. Francisco e 28 de Maio, Touroal, (nascente) ruas de S.º Antonio, dr. Joaquim de Meira e Conde D. Henrique. Após a chegada da Procissão ao Castelo, será o SS. exposto na Torre de Menagem, sendo feita, ás 22 horas, a Adoração Solene, com uma alocução

feita pelo Rev. Joaquim Antonio Alves, Assistente Regional Adjunto de Braga. O S.S. ficará exposto até ás 7 horas da manhã do dia 8, fazendo os Escutas Velada de Armas.

Dia 8. As 7 horas, missa resa da e Comunhão dos Escutas, na Igreja de S. Miguel do Castelo.

As 8 horas: hastear da Bandeira Nacional na Torre de Menagem e da bandeira do C. N. E. nas Ameias.

As 10 horas: Missa Campal junto do Castelo, havendo uma alocução feita pelo rev. P.º Queirubim de Sousa.

As 14 horas: Desfile dos Escutas pelas ruas da Cidade.

As 15 horas: Inauguração do Cruzeiro, com a assistencia do Chefe do Distrito, Câmara, Autoridades, L. P. e M. P., organismos Catolicos e Corporativos, Escutas, etc. etc.

As 21 horas: No templo de S.

Francisco, sermão pelo rev. Manuel Dias da Costa, Abade da Foz, Té-Deum e Benção Eucarística.

No acto inaugural do Cruzeiro, serão recitados, pelo distinto poeta Sr. Jerónimo de Almeida, versos da sua autoria, alusivos áquele acto.

—Após a concentração dos Escutas na Parada dos Bombeiros Voluntários, será feito desfilie pela Rua de Paio Galvão, Touroal, Largo 28 de Maio, Ruas de S. Damaso, Alberto Sampaio e Condéstavel Nun'Alvares.

Se o mau tempo o não permitir, a Procissão das Velas será substituida por uma Adoração Solene das 22 ás 23 horas, no templo de S. Francisco, e a Missa Campal por Missa rezada, á hora marcada, na Igreja da Oliveira.

Oito séculos de PORTUGAL

Cruzeiro da Fundação Te levantou Portugal! Tu és padrão imortal Da nossa Restauração!

—Quatro lutas... nossa glória! Em Sam Maméde e em Ourique Nosso Rei Iben Enrik Começou a nossa História!

De Aljubarrota e Atoleiros Vão vencidas as Castelas!

Com a Cruz nas Caravelas Partem nossos marinheiros!

Índia!... Brasil!... Trofeu! Portugal grande Nação!

Alcácer — a perdição — Nossa Pátria envolta em véu!

Doze lustros... cativoiro!

Mas contra a dura oppressão O povo aclama João Quarto, tal como o primeiro!

E Portugal — o Guerreiro — (Pósto em pé — em oração Á Virgem da Conceição) Vence... expulsa o estrangeiro!

Pela Cruz — signo e fanal Da sua velha Bandeira — Oraças á Virgem Padroeira — Nova glória a Portugal!

Nobre Nação Portuguesa És do mundo exemplo e luz!

Pelo signo de Jesus Tu subiste a tal grandeza!

Nas lutas de hoje, incruentas, Padroeira Imaculada, Proteges a Pátria amada E em paz, Virgem, a sustentas!

Cruzeiro de Portugal —Cruzeiro da Fundação— Da nossa Restauração Tu és padrão imortal!

Guimarães, 1.º de Dezembro de 1940 Eugenio Vaz Vieira.

SANTA LUZIA

E' no proximo dia 13, como já dissemos, que na Igreja de S. Damaso, se realisa uma festividade em honra da milagrosa Imagem que ali se venera.

Haverá de manhã, missa cantada a voz e órgão, e de tarde, Té-Deum e sermão pelo estimado paroco de Serzedelo.

A' noite, a Imagem estará exposta á veneração dos fieis. —Tambem no mesmo dia se festeja Santa Luzia, imagem que se venera na tipica capelinha sita á rua de Francisco Agra.

A Imagem está exposta todo o dia e parte da noite, realisando-se em redor da sua capelinha, o conhecido arraijal das passarinhas.

Nova «plaque»

—que a Administração Geral dos C. T. T. teve a gentileza de nos enviar, nos diz que sob a égide do Estado Novo, se acaba de inaugurar, em Extremoz, mais um novo edificio, de linhas sóbrias e elegantes.

Agradecemos a oferta.

DA NOSSA CARTEIRA

De 6 o 14 de Dezembro fazem anos as ex.ªs srs.ªs:

Dia 6 — D. Gracia Correia Leite de Almada.

» 8 — D. Maria da Conceição Flores.

» 14 — D. Utelinda Candida da Cunha Fernandes.

De 5 a 14 os srs:

Dia 5 — Alberto Costa.

» 6 — Dr. Leopoldo Martins de Freitas.

» 8 — Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves.

» — Manuel de Freitas.

» — P.º Antonio Teixeira de Carvalho.

» 13 — Eustáquio Ramos Martins Fernandes.

» 14 — Francisco José Ribeiro.

A's ex.ªs senhoras e cavalheiros acima, os nossos respeitosos cumprimentos.

—Vimos nesta cidade o nosso presado amigo e illustre conterraneo o sr. dr. Maximiano Pinto Simões.

—No sabado passado regressou de Lisboa, onde tinha ido de visita á Exposição do Mundo Português, o nosso bom amigo e estimado industrial nas Taipas, o sr. José de Oliveira.

—Tem passado ligeiramente emcomodado, a aveludada esposa do nosso amigo e estimado proprietário o sr. Francisco Teixeira Mendes.

Desejamos as suas melhoras.

—De Pedreira Longra regressou, com sua esposa, a esta cidade, o nosso amigo e estimado proprietário o sr. Joaquim Teixeira da Costa.

A Cesar o que é de Cesar

Sentir-me-ia apoucado se não fizesse justiça a uma pessoa que serviu com admirável dedicação, quando seu vogal-secretário, em determinado organismo desta cidade.

Refiro-me ao Senhor António Maiheiro Rodrigues, possuidor de excelentes qualidades de trabalho e de intelligencia, a quem muito lhe deve a quele Organismo, onde desenvolveu uma politica de verdade, aquella politica seguida pelo insigne estadista — Dr. Oliveira Salazar —, cujos feitos estão sobejamente evidenciados.

Conheço o Senhor Maiheiro ha pouco tempo, mas o necessario para apreciar os predicados que o caracterizam, fazendo justiça ao sacrificio que dispendeu para bem do Corporativismo, pois está presente em todos, o carinho que então dispensava ás classes trabalhadoras e a seus filhos.

E' contra os meus principios lisonjeat, seja quem fór, pois a propria Providencia se encarrega de fazer justiça aos homens que desinteressadamente defenderam e continuam defendendo as doutrinas do Estado Novo, mas é meu dever, visto que milito nas mesmas ideias, resaltar o esforço empregado pelo visado, em prol do I. N. T. P., esforço que se evidenciou no meio dos vimaranenses.

Oxalá que o exemplo daquele bom vimaranense e devoto do nacionalista se encontrasse bons imitadores, e que a semente que com tanto sacrificio e entusiasmo lançou á terra produza os melhores frutos.

Nesta época egoísta que se atravessa, fica-se de bem com a consciencia quando pode prestar-se justiça a quem dela é merecedor.

Almeida Lopes

MISSA DE SUFRAGIO

A familia do saudoso extinto o sr. Antonio da Silva, manda celebrar no dia 12 do corrente, na paróquia de S. Sebastião, pelas 9 horas, a missa do 30 dia do seu falecimento.

Pela Policia

Na Esquadra Policial queixaram-se:

—José Isaac Correia, casado, maior, residente na rua Gil Vicente, contra Manuel Teixeira Branco e outros, moradores na rua de S. Damaso, por não terem cumprido um contrato de mobílias;

—Joaquim de Azevedo Araújo Campos, proprietário da freguesia de Gondal, contra Jeronimo Mendes Ribeiro, e outros, da mesma freguesia, por danos;

—Antonia Maria da Cunha, casada, doméstica, contra Ana Pereira, desta cidade, por insultos e difamação;

—João de Faria, casado, proprietário, da freguesia de Ponte, contra Manuel Ribeiro, casado, lavrador, da freguesia de Vermil, por furto.

Foram presos:

—Para averiguações de furto foi preso Jacinto Ribeiro, casado, sapateiro, residente na rua Padre Antonio Caldas, desta cidade;

—Por exercer a mendicancia publicamente, foram presos José Gonçalves e Graça da Silva, da freguesia de Rendufe, deste concelho;

—Por falsificação de documentos, foi preso Martiniano da Costa, solteiro, maior magarefe, residente na vila de Vizeia, deste concelho.

—Encontram-se depositadas no Posto Policial uma argolla com nove chaves, que foram encontradas perdidas numa rua desta cidade.

Ler a nossa 4.ª página

Figura 162 — Jornal "O Comércio de Guimarães". Edição de 6 de Dezembro de 1940